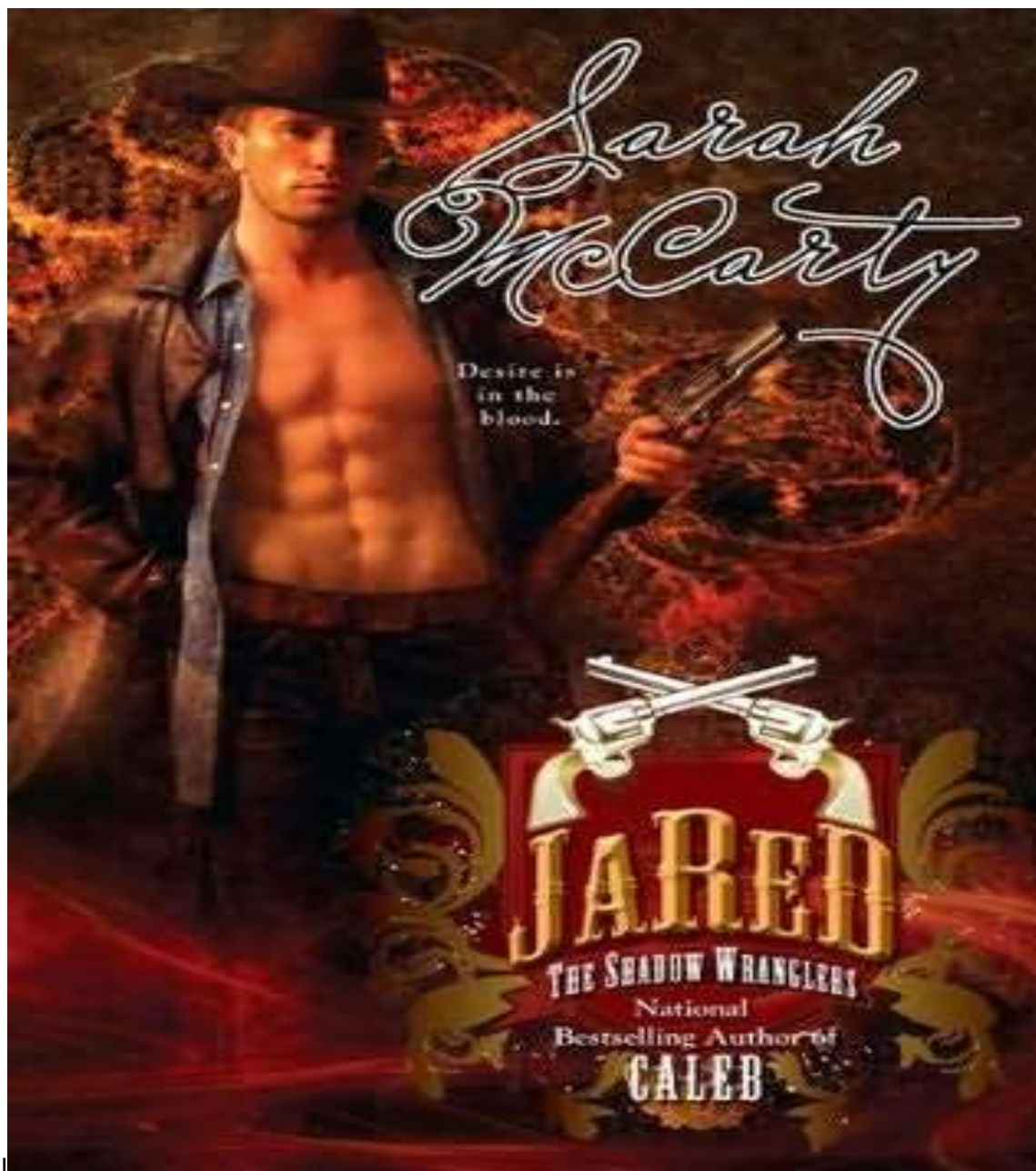




Sarah McCarty
Shadow Wranglers 2
Jared

TRADUÇÃO DO INGLÊS
Envio do arquivo: Gisa
Trad e Revisão Inicial: Kimie
Revisão Final: Lucilene
Formatação: Kimie
Tiamat - World





Jared Johnson sempre foi uma força a ser contida, inicialmente, como um bandido e agora como um vampiro. Preso em uma guerra entre imortais, ele não tem tempo a perder, mas quando uma vampira é atacada, ele não pode simplesmente ir embora. Ele espera uma despedida rápida, mas o que ele recebe é uma mulher vulnerável, que o intriga e o seduz, e ao mesmo tempo guarda segredos que a mantém refém.

Raisa pode não ter extrema força física, mas ela foi capaz de sobreviver como um vampiro mais do que a maioria, mantendo a si mesma. Mas isso está prestes a mudar. Forçada a aceitar a proteção de Jared, Raisa encontra cada vez mais dificuldade para resistir ao seu fascínio proibido, mantendo o segredo que poderia destruir a ambos.

Comentários

Comentário da Revisora Kimie: Um romance denso, em que a fragilidade mascara força e perseverança. Fortes emoções que conduzem num ciclo de acontecimentos que revelam segredos que podem afetar o futuro.

Comentário da Revisora Lucilene: Muuiitooo bom, só me fez ficar ansiosa pelo Jace.

Para minha mãe:

Minha amiga, minha inspiração, e a pessoa que sempre insistiu que qualquer sonho chegaria se eu quisesse muito, o suficiente para trabalhar para ele. Obrigado, mãe.

CAPÍTULO 1

O cheiro do medo veio a ele no vento. Cheiro de uma mulher. Duro e picante, sujou a noite ao redor dele. Jared deslizou seu rifle fora de seu ombro, adrenalina correndo através do seu sistema, alimentando a raiva inquieta que parecia estar sempre com ele esses dias. O metal frio escorregou em sua palma. Ele fechou os dedos ao redor da coronha em um gesto tão familiar, que era mais reflexo do que planejado. A imortalidade não tinha feito nada para amenizar seus instintos de sobrevivência e 249 anos de vampirismo nada fizeram para mudar o seu código de honra. E no seu mundo, os homens não ficam de lado quando uma mulher estava sendo agredida.

O perfume veio novamente, desta vez misturado com o cheiro de luxúria vampiro. Ele recuou do vento, deslizando nas sombras, protegendo a sua energia enquanto olhava para os intrusos. Esta era a terra Renegada. As pessoas nesta área eram a sua responsabilidade. E se algum filho da puta pensava que ele iria aterrorizar uma mulher sob sua proteção, ele teria um outro pensamento logo.



Um traço de energia de mulher sussurrou em seus sentidos. Intensamente feminina. Intrigante, mas assustadoramente fraca. Ela estava protegendo a si mesma, mas sem qualquer grau de habilidade, o que significava que ela era ou recém-convertida ou inexperiente. Mais do que provável o primeiro. Nos últimos seis meses, todas as mulheres vampiros conhecidas tinham sido recolhidas pelos Renegados para proteção ou caíam vítimas do Santuário para experiências.

O Santuário acreditava que apenas um determinado tipo de vampiro deve sobreviver no futuro, tinha lançado os imortais em uma guerra civil. Se a situação não estivesse sob controle em breve, iria colocar em perigo o mundo mortal, e poderia ser catastrófica para todos. Especialmente desde que a gravidez de sua cunhada tinha aberto um novo mundo de possibilidades para os líderes do Santuário: o de melhorar seus números através da criação específica de imortais, que até a gravidez de Allie tinha-se acreditado ser impossível.

Ele balançou a cabeça na idiotice de tudo. As leis da natureza estavam ali por uma razão. Elas criavam harmonia e manipulá-las não era o caminho a ser trabalhado que o Santuário queria. Especialmente se eles comessem a brincar com os mortais, e palavra, era o que estava acontecendo agora. Vampiros eram parte da cadeia alimentar e, quando uma fonte de alimento era aniquilada por doença e manipulação, ninguém iria sobreviver. Não que um fanático do Santuário pudesse ser convencido disso. Eles estavam definidos em sua crença que a sua supremacia justificava o que eles fizeram. Infelizmente para eles, os Renegados não estavam tão convencidos da superioridade do Santuário. Renegados acreditavam na escolha.

Um grito fraco veio do outro lado da campina. Resvalando para as sombras das árvores, Jared sondou a área com sua mente. Cem metros à frente e ligeiramente à direita, três vampiros, dois machos e uma fêmea, estavam juntos. Os homens sem energia irradiada em todos, mas a mulher estava emitindo sinais frenéticos à beira do pânico.

Jared encurtou a distância com cuidado, escorregando para a sombra de uma árvore, vestindo a ilusão da próxima, misturando a sua energia com a energia da planta, escondendo-se atrás de um espelho da árvore. Como a cena surgiu, ficou claro por que a mulher estava radiante de pânico. Os dois vampiros machos estavam jogando um jogo de gato e rato com ela, distraíndo-a para atraí-la para fora da proteção insuficiente de um grupo de árvores que tinha em sua volta, construindo o seu medo, provavelmente sair com ele enquanto ela descobria suas presas.

A mão livre de Jared cerrou e estendeu em um hábito que restou de seus dias de fora da lei. Apesar de ter lutado com garras, energia mental, e armas especializadas agora, o pequeno ritual de flexionar os dedos ainda centralizava seu foco. Algumas coisas simplesmente se prendiam em um homem, mesmo na imortalidade. Ele se deslizou mais profundo para as sombras em torno da clareira onde os dois vampiros machos tinham a pequena fêmea encurralada. Ela estava de costas contra uma árvore e estava falando rápido, mas ele não achava que as ameaças e chantagens iriam manter os dois longe por muito tempo. Eles estavam com fome e tédio. Nunca uma boa combinação em um vampiro.

A pior combinação de membros do Santuário. Esse grupo tendia a pensar que tinham o direito de se entregar a seus instintos mais básicos. E aqueles caras eram definitivamente do Santuário. Ele nem sequer precisava ver as insígnias indicadoras em suas camisas, branca brilhante com sua visão noturna para saber isso. O fato de pensarem que seus impulsos davam-lhes o direito de encurralar uma mulher na terra Renegada, esta perto de D'Nally, uma fortaleza



lobisomem, dizia tudo o que precisava ser dito. Eles não eram apenas arrogantes, eles eram estúpidos. E esse tipo de estúpido merecia morrer.

Um dos homens agarrou o braço da mulher. Sangue espirrou quando ela cortou com suas garras. A maldição do homem quase ofuscou a ameaça da mulher.

— Toque-me novamente, e eu vou te machucar.

Embora tivesse sérias dúvidas que a mulher tivesse músculos para devolver a ameaça, o fato de ela estar jogando ameaças ao invés de gritos impressionou bastante Jared. A escória do Santuário era conhecida por sua perseguição obstinada de seus objetivos ao invés de sua compaixão. Ele teve apenas um vislumbre dela antes que os homens se movessem. As duas maiores impressões eram uma riqueza de cabelos amarelados e esbelteza. Muito magra, o que fez seu ataque em cima da mulher ser mais desprezível e torná-los mais na necessidade de aprender uma lição.

Ele lançou os seus sentidos para fora da cena, sondando profundamente na energia masculina, encontrando o pisca nas bordas do que a mulher tinha uma marca que a fraqueza indicava. Jared sorriu enquanto ele deslizava para mais perto. Isso é o que ele queria. Apenas uma pequena abertura. Um toque de oportunidade. A lua deslizou de uma nuvem, banhando a cena com luz branca e suave. Deixou sua mente vagar ao longo dos feixes, um silvo de energia, invisível a todos. Eles não deveriam tê-lo sentido, nenhum deles deveria senti-lo, mas a mulher olhou para cima e os olhos grandes viraram infalivelmente em sua direção antes de olhar longe.

Fique longe.

O sussurro em sua mente era suave e doce, levemente acentuado, surpreendentemente feminino, como nada que ele já tinha percebido antes, sintonizado especificamente para o seu padrão cerebral. Ele seguiu o caminho intrigante único de volta à sua fonte, enviando calma.

Fique quieta.

Ela não respondeu a seu pedido, apenas reduziu a seus atacantes, indo para suas gargantas com um desespero que vibrou fora junto com sua ordem.

Corra.

Novamente a intrusão em sua mente. Ela estava cobrindo-o. Jared sorriu para o esforço generoso equivocado e colocou a sua arma de lado. Seria um dia frio no inferno antes de um Johnson fugir de uma luta, especialmente contra dois pequenos insignificantes como eles. Seria um dia ainda mais frio no inferno antes que ele deixasse uma mulher indefesa e sozinha para lutar como melhor podia com a mente dele sobre a economia de seu próprio rabo.

Ele conseguiu sair das sombras em uma explosão de energia, girando em torno de outros vampiros com um impulso mental. Fraco. Nenhum desafio em tudo. Ele cortou suas gargantas com uma eficiência impiedosa, segurando-os presos enquanto ele ia para seus corações.

Oh, não os faça ver suas próprias mortes.

A súplica feminina rompeu suas barricadas novamente, carregado com a compaixão que tinha há muito tempo abandonado. Ele olhou por cima do ombro. A mulher ficou olhando para ele, o rosto vincado com horror e desgosto. Com um comando mental, ele virou-se para longe. Ela lutou, mas não era tão forte como ela gostaria. Com as costas para ele, ela sussurrou:

— Eu ainda vou saber.



Ele não queria ser prejudicado por uma consciência de 1,50m. Droga para o inferno, ele não seria, mas o horror e a aceitação no pensamento da mulher não iam embora, e no próximo segundo, ele bloqueou o conhecimento dos vampiros e se entregou aos golpes de mata-los. Os corpos bateram no chão, com pancadas discordantes. A mulher deu um pulo. Ele pegou a mão enluvada dela e puxou-a para longe da árvore.

— Eles iam estuprá-la.

A declaração saiu mais dura do que ele pretendia, alimentada pela falta de lógica da sua posição. Os homens não mereciam sua misericórdia.

— Eu sei, mas não há nenhuma necessidade de crueldade. — Sua voz tinha a mesma suavidade de seus pensamentos.

Era completamente fora de lugar entre a violência residual e o luar frio da realidade posta na cena sangrenta. O aborrecimento construído junto com a frustração enquanto a mulher tropeçava quando ele a puxou muito forte. Ele não precisa dessa complicação, não precisava ser lembrado que tinha uma consciência. Durante os últimos cem anos ele tinha sido bastante contente com o foco sobre o certo e o errado, e deixar a classificação das repercussões para os outros.

— Desculpe. — O fato de ele se sentir obrigado a desculpar-se o frustrou ainda mais.

— Está tudo bem. — Ela saltou sobre um arbusto levantado, os pés em botas afundando na neve.

Ele franziu a testa. Ela deveria ter deslizado sobre a superfície da neve. Ele nunca conheceu um vampiro que não podia levitar tão facilmente como ele respirava. Ele checkou sua energia novamente e teve a mesma leitura que antes. Fraca.

Ele mudou o aperto em seu braço, apoiando-a enquanto ela lutava com seu equilíbrio. Tinha se passado um longo tempo desde que ele tinha tocado nada além de outros vampiros do sexo masculino ou lobisomens. E, a maioria, principalmente no campo de batalha. A delicadeza da mulher deslizou através de sua consciência, lembrando-o de outros tempos, outras vidas.

Ele suavizou seu aperto, toda a sua educação batendo à tona. As mulheres eram delicadas, gentis, e deveriam ser protegidas contra a dureza da vida, sempre que possível. Embora essa mentalidade tivesse saído de popularidade desde seus tempos, esta mulher trouxe isso de volta com um ímpeto. Outra coisa que ele não gostou. Especialmente porque, se ele mencionasse, ela provavelmente arrancaria sua cabeça.

Mantendo o seu corpo entre ela e os cadáveres, Jared dirigiu a mulher de volta a poucos metros de onde ele havia deixado sua arma. Quando ela teve que olhar por cima do ombro, ele empurrou-a para frente, dando-lhe nada para olhar.

— Eles estão mortos? — ela perguntou enquanto ele agarrava a arma.

— Completamente mortos.

Houve um pouco de hesitação e, em seguida:

— Obrigada.

Ele aceitou, mantendo-a dentro de seu aperto, porque tinha a sensação que ela fugiria se ele não o fizesse.

— Você está horrorizada sobre a maneira como você foi salva.

— Não havia necessidade de ser cruel.

Ele olhou para ela, então, erguendo a sobancelha.



— Eles não estavam exatamente convidando você para um chá.

— Você não gosta deles sendo cruéis comigo.

Ela falou com um sotaque que ele não poderia definir.

— Você tem esse direito.

— Porque eu era menor e não tinha nenhuma defesa.

— E você é uma mulher.

Ela deixou de lado esse ponto.

— Eles não eram páreos para você.

Ele balançou a cabeça, facilmente vendo para onde ela estava indo.

— Eu acho que é quase o mesmo.

— É a mesma coisa. — Com uma contração dos lábios, que ele supunha ser um sorriso para aplacá-lo, ela puxou o braço livre. — Obrigada por poupar-lhes o último momento.

A forma do seu braço esquerdo deixou uma marca de energia em suas mãos. Ele torceu os dedos em torno dele.

— Não há de que.

A lua escondeu atrás de uma nuvem. A visão dele mudou de foco. Mesmo na aridez de preto e branco, ela era uma mulher deslumbrante, com maçãs do rosto salientes, testa alta, nariz estreito, e lábios carnudos. Muito cheios, lábios muito adoráveis. Mas ela era magra. Muito magra, e a magreza acentuava a aparência eslava de seus traços, que combinava com o sotaque de sua voz.

— Você não é daqui.

— Não originalmente.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Você está muito calada para uma mulher que acaba de ser resgatada.

Ela olhou para os homens. Esfregou a palma da mão sobre sua coxa coberta pelo jeans.

— Eu devo estar em estado de choque.

Ele tinha a sensação de que seria necessário muito mais do que tinha acontecido para chocar a bonita pequena vampira. No entanto, a visão dos homens mortos a aborreceu. Sua inquietação irradiada fora dela, em ondas.

— Se você não continuar olhando para eles, seu estômago não se revoltaria tão forte.

— Eu não estou olhando para eles. Estou procurando além deles. — Ela acenou com a mão.
— Minha bagagem está lá.

— Uh-huh. — Ele viu a mochila de couro marrom justo do outro lado da árvore. — Fique aí, e eu vou buscá-la.

Ele tinha feito metade do caminho para a mochila, quando ela levitou. Ela estava tentando mascarar sua energia, mas não suas passadas. Ele pegou a mochila e jogou-a sobre seus ombros, franzindo a testa. O mais básico das habilidades dos vampiros, era deslizar sobre a terra. Não deveria haver qualquer passada. Dirigiu-se atrás dela, diminuindo a distância com facilidade. A áspera e dura respiração interrompida a cada passo frenético. Sua carranca cresceu mais profunda. Sua pequena vampira era anormalmente fraca. E ele deixou seus sentidos aflorarem, companhia estava por vir. Reencontrando-se com ela, não foi difícil, agarrá-la e prendê-la sob o braço sem dificuldades, embora o grito dela estivesse perto de estourar seus tímpanos.



— Silêncio. — advertiu ele enquanto os colocava em uma explosão de velocidade.

— Ponha-me...

Ele colocou a mão sobre sua boca.

— Temos companhia.

Ela ficou absolutamente imóvel no seu aperto.

— Me coloque para baixo.

— Você está muito fraca.

— Mas...

— Fique quieta!

A patrulha estava apertando, tentando cercá-los. Ele testou as mentes daqueles que vinham com eles. Dois eram fortes, um meio, mas o quarto era fraco por estar muito tempo sem alimentação. Jared virou nesse sentido, enviando uma sugestão em profundidade à mente do vampiro, mandando-o embora em busca de um barulho que não existia. Tendo a mulher, ele não poderia saciar sua necessidade de competir. Silenciosamente, apenas mais uma sombra na paisagem, ele atravessou o buraco que ele tinha criado para a armadilha. Ele diminuiu o ritmo para um trote mais fácil uma vez que eles eram claros, concentrando-se contra a sua vontade sobre a mulher que ele carregava. Sua energia era como nada que ele nunca sentiu antes. A ligação com a dele em pulsos lento antes de liberar. Testando, persistindo, tentando até.

— Nós estamos seguros?

— Nós os perdemos.

— Então, você poderia me colocar no chão?

— Por quê?

— Porque eu vou ficar doente.

Os vampiros não ficam doentes. Ele pegou uma curva à direita na capa de abrigo dos arbustos e a colocou para baixo. Eles estavam longe o suficiente à frente dos outros que poderiam poupar o tempo. Ela balançou. Ele firmou-a com uma mão em seu braço. Seus dedos reunidos ao redor da curva. Ele era um homem grande, mas não tão grande que ele estava acostumado a ter que acontecia.

— Quando foi a última vez que você comeu?

Ela se inclinou, apoiando o braço contra uma árvore.

— Vampiros não comem.

— A força do hábito. — Ele mudou seu fraseado. — Quando foi a última vez que você se alimentou?

Ela acenou fora a sua preocupação, sua mão indo para seu estômago.

— É apenas a tensão.

— De quê?

Ele não poderia ter se ofendido com o olhar que ela atirou nele. Foi uma pergunta muito estúpida.

— Acho que por quase ser levada em cativeiro e estuprada pelos vampiros do Santuário. Isso acaba com os nervos de qualquer um.

Ela assentiu com a cabeça e vomitou, um som horrível, violento. A sua mão deslizou sobre a árvore. Ele adiantou-se, envolveu o seu braço ao redor de sua cintura e segurou a cabeça dela.



Mesmo quando ela tentou afastá-lo, ela estava vomitando novamente. Nada veio. Ele quase perdeu a maldita própria refeição enquanto os espasmos continuaram. Ele abriu a palma da mão sobre seu estômago. Ela era pequena demais para suportar isso.

— Calma — ele murmurou no ouvido dela. — Basta tomar respirações lentas.

— Eu posso lidar com o vômito.

— Eu não acho que posso.

Ela atirou-lhe um outro olhar.

— Ninguém está pedindo para você fazer isso.

Certamente ela não esperava que ele apenas fosse embora e a deixasse ao seu sofrimento?

— Eu salvei a sua vida, você é minha responsabilidade agora.

Seu torso curvou-se, mas ela não vomitou.

— Conveniente.

Ele sorriu.

— Funciona para mim.

Ela ficou lá por mais uns minutos, ombros curvados, tórax levantado. Quando não ocorreram mais espasmos, ela se endireitou. Ele soltou a mão de sua cabeça, mas não muito. Apenas ao lado de seu rosto. Ele afastou alguns fios de cabelo para longe. Ela descobriu suas presas para ele. Ele tinha o desejo irracional de beijá-la. Em vez disso, ele deu um passo para trás.

— Está melhor?

— Sim, obrigada.

— Então vamos embora.

Ela estendeu a mão. Ele levantou uma sobancelha para ela.

— Minha mochila?

Ele bateu a correia.

— Eu a tenho aqui.

— Eu posso levar a minha própria mochila.

Ele escutou a floresta. As manchas de silêncio indicando a procura dos outros, trabalhando em círculos cada vez mais amplos.

— E eu posso levá-la se você não conseguir se mover. Aqueles dois tinham amigos.

— Eu não vou com você.

— Uma mulher sozinha não está segura aqui.

— Eu não estou segura com você, tampouco.

Ele parou e se virou.

— Você está tão segura como você nunca vai conseguir.

Suas mãos espalmadas em seus quadris.

— Por quê? Porque o grande vampiro macho mau bateu nos os outros dois vampiros?

Ele deu dois passos de volta e agarrou a mão dela, a impaciência em sua rejeição de sua proteção enrugando sua voz.

— Porque eu sou o grande, mau vampiro, que pode bater todos os outros vampiros que querem você como petisco pessoal.

Ele deu um arranco, e ela tropeçou em sua direção. Ele manteve a velocidade. Ela trotou atrás dele, colocando tanta resistência quanto podia em cada passo.



— Se você não cooperar, eu vou agarrá-la e carregá-la novamente.

As garras dela se afundaram em seu pulso.

— Eu não quero ir com você.

— Eu não me importo.

Ele não a estava deixando para os abutres do Santuário. Ele olhou para trás e, com uma onda de energia, criou um pequeno redemoinho para apagar suas trilhas na neve. Se aqueles que os seguiam encontrassem o local, e fossem bons rastreadores, eles sentiriam a energia remanescente, mas teriam que ser bons.

— Levite.

— Você levita.

Ela estava determinada a ser difícil. Ele puxou-a para ele. Ela desembarcou contra o peito com um “ooh” e um flash de garras.

— Maldito gato.

Ele girou em torno dela, envolveu o seu braço em torno de seu torso, prendendo seus braços para o lado dela, pegou-a, e se dirigiu ao oeste. Após cinco minutos andando nessa posição, ela cedeu.

— Tudo bem — ela suspirou. — Você venceu.

Ele não parou. Ele não confiava nela por um minuto. A mulher passou o tempo todo bufando, sua energia girando com a concentração, o que significava que ela provavelmente estava planejando, também. Ele viveria o tempo suficiente para saber que um exterior bonito não significa uma cabeça vazia. A mulher de seu irmão era um exemplo. A mulher era tão doce como açúcar por fora, mas por dentro havia uma vontade de ferro e um cérebro mais afiado.

— Vou lhe dizer. Os outros homens se separaram, um está se dirigindo em sua direção. — Ele parou. — Você pode montar nas minhas costas.

— Eu não penso assim.

— Então fique onde está. — Em um par de milhas que ele iria perder a seu rastro e, então a deixaria.

— Eu não gosto de você. — informou a ele em tom gelado.

— Você não tem que gostar de mim, pequena vampira. Tudo que você precisa fazer é viver.

— E se eu não quiser?

Ele quase perdeu o passo.

— Eu tenho certeza que você descobriu agora que, como vampiros, não temos muita escolha.

Ela sempre teve uma escolha. Raisa orgulhava-se de criar opções onde não existiam, mas agora, a única coisa que ela poderia fazer para lidar com o grande vampiro era chutá-lo entre as pernas. Frustração nunca criou suas melhores ideias. Ela tentou um tato diferente.

— Por favor, me coloque para baixo?

Ele olhou para ela e diminuiu. Ele tinha lindos olhos. Mais verde do que a avelã e brilhante com a força da personalidade por trás deles. Havia uma centelha de sua energia. Uma suavidade? Ela tentou de novo.

— Por favor.



Ele parou. O lento deslizar de seu corpo foi mais sedução do que libertação. Conscientização estremeceu ao longo dos sentidos dela.

Ela levantou os olhos enquanto as botas afundavam na neve. O homem não era apenas grande, era enorme. Ele tinha que ter mais de 1,80 metros de altura, com ombros largos que apenas gritava "me dá uma razão". O casaco de couro que ele usava não fazia nada para reduzir a imagem de poder e de massa. Ele usava o chapéu Stetson na cabeça, sem qualquer afetação. O mesmo com o rifle em suas mãos e as botas de cowboy arrastadas em seus pés. Não era um recém-chegado ao Oeste, então. Com uma velocidade surpreendente, um cabo de energia disparou dele e a cercava, pegando nessa vibração de consciência. Ela instintivamente pegou-o, muda, e enviou-o de volta. Não era um recém-chegado ao vampirismo, também, se ele era tão adepto a leitura da mente. Droga. As coisas teriam sido mais fáceis se ele fosse novo.

— Sempre temos uma escolha. — disse a ele.

Ele provavelmente teria olhado mais convencido se ela não tivesse tropeçado, então.

Com um puxão fácil que falava de um homem familiarizado com a sua força, ele salvou-a de sua própria torpeza.

— Uh-huh. Bem, não hoje.

Sim, hoje em dia. Todos os dias, para essa matéria. Até que ela encontrasse o homem que ela tinha sido enviada para encontrar, a sua única opção era continuar a procurar. E para evitar ser capturada, quer pelo Santuário ou pelos Renegados, uma vez que ela "acidentalmente" desviou o curso do jogo para ela. Apenas vinte e quatro horas fora do complexo e ela falhou nisso.

Ela puxou a mão. O homem não a deixaria ir, nem sequer pareceu notar que ela estava tentando se livrar. Ela disse a Miri que ela não ia ser muito boa nisso, que ela precisava colocar sua fé em outra pessoa. Miri não tinha sequer hesitado, apenas deu-lhe o "olhar", disse-lhe as informações que ela precisava e, em seguida alegremente colocou todas as suas esperanças desesperadas nela. Raisal suspirou. O que aborrecia era ela ser a mulher do ultimo recurso.

— Eu não tenho tempo para seu ego.

Ela cortou o estranho em seco. Seus olhos brilhavam de debaixo da aba do seu chapéu. Ela teve que inclinar a cabeça para trás para encontrar o seu olhar. Demais conversas deste tipo e ela desenvolveria uma cãibra na parte superior junto com outras dores e dores, que iam ser suas companheiras diárias. Os cantos da boca larga dele contraíram-se.

— Você tem algum outro lugar que você precisa estar?

— Sim.

— Onde?

Ele só tinha de ser o tipo que obrigasse uma mulher a confessar. Ela empurrou o cabelo do rosto, fazendo uma careta quando seus dedos imediatamente prenderam num nó. O Santuário foi sobre ela no intervalo do Crepúsculo, muito antes que ela tivesse uma chance de trançá-los.

— Não é educado bisbilhotar.

O olhar dele seguiu as mãos dela, demorando-se no local onde os dedos se entrelaçaram.

— Apenas me considere do tipo rude.

Desta vez o toque de sua energia a fez piscar. Agora que ela não estava lutando por sua vida, apenas correndo com ele, poderia apreciá-lo. Foi profundo e denso, muito poderoso, com uma



tendência a selvageria que a intrigou. Ela testou a impressão que ela tinha em sua mente do homem que tinha de encontrar. Eles não coincidem. Graças a Deus.

O alívio por trás do "graças a Deus" a fez piscar novamente. Ela nunca tinha feito um agradecimento a "Deus", momentos antes, e que foi totalmente uma confissão de uma mulher que tinha 270 anos. Ela olhou para o homem novamente. Sua impressão inicial era ainda grande, mas agora que ela demorou-se até que ela pudesse apreciar a forma como os poderosos ombros assentavam-se sobre um peito igualmente poderoso. Agora, através da abertura do casaco, ela podia apreciar o nivelamento de seu abdômen debaixo do verde floresta da camisa, para não mencionar o seu caminho que o jeans mostrava, nos mínimos detalhes, seus quadris magros e bem musculosas coxas. E o que ele tinha no meio de tudo...

Ela lambeu os lábios. Uma das melhores invenções nos últimos duzentos e cinquenta anos foi o blue jeans. Não havia nada, absolutamente nada, mais lisonjeiro para o físico de um homem do que um jeans desgastado. A risada atraiu seu olhar para cima. O homem estava olhando para ela, vendo-a admirá-lo. O rubor iniciou-se em seus dedos e continuou a subir, não importando o quão duro tentou suprimi-lo. Até o momento que ele empurrou o chapéu para trás, revelando um rosto bonito e quadrado com surpreendentes olhos cor de avelã, o rosto dela estava pegando fogo.

— Posso tomar isso como não acha minha grosseria desagradável?

O calor em seu olhar deslizou em sua energia. Com um impulso de poder, cercou-a. Em vez de encontrar a intrusão desagradável, ela encontrou-se inclinando em direção a ele, abraçando-o. Raisa puxou um pouco. Ela não tinha tempo para isso.

— Sua grosseria é censurável.

— Mas meu corpo não é?

Não havia nenhuma ajuda para isso. Ela teria que blefar seu caminho através do constrangimento.

— Você tem que saber que você é um homem bonito.

— Nunca fere ter isso reforçado.

— Eu não estava fazendo isso.

— Mas?

— Eu tenho coisas para fazer que não incluem você.

— Bem, agora isso vai ser um problema.

— Por quê?

Ele olhou por cima do ombro. Ela sentiu sua energia se aproximar e investigar. Ela comparou a dela com a dele, mantendo sob seu radar. Com sua fraqueza debilitante, que era sua única maneira que podia dar ao luxo de investigar. Ela sentiu a patrulha do Santuário, ao mesmo tempo em que ele o fez. Eles estavam de volta junto aos corpos dos dois primeiros, porém não seria por muito tempo. Logo eles estariam vindo atrás deles. No entanto, a patrulha foi suficientemente longe para trás que, se ela poderia fugir do desconhecido, ela seria capaz de desaparecer. O aperto do homem apertava sua mão.

— Porque eu decidi mantê-la.

Ele decidiu. Oh, pelo amor de Deus! Ela plantou seus pés.

— Olhe, senhor...?



— Jared. — Com um simples puxão de braço, ele a empurrou para frente.

— Olhe, Jared. — Ela se esforçou para encontrar o tom mais persuasivo da voz enquanto ela desajeitadamente trotava ao lado dele. Ela não estava acostumada a correr enquanto estava levitando, e ela não conseguia acertar o ritmo. Ela vasculhou em seus dedos com a mão livre. Ela conseguiu o trabalho de seu dedo mindinho livre. Deu-lhe esperança.

— Você não pode simplesmente decidir manter uma pessoa.

— Não. Eu não posso. — O olhar que ele lançou a ela foi além de divertido. — Mas a lei do vampiro diz que eu posso manter uma mulher sozinha que precisa de ajuda.

A lei Vampiro era totalmente arcaica e machista, e ela não dava a mínima, mas esta argumentação não estava levando-a mais longe do que um puxar de sua mão.

— A minha necessidade de ajuda já passou. — Ela enxotou-o junto com uma onda de seus dedos. — Você pode ir tratar de seu negócio sem ter que se preocupar comigo.

— Bem, senhorita...?

O arco de sua sobrancelha não era apenas um persuasivo, ele era tão sexy, extremamente. Por que ela tinha que conhecer este homem aqui? Agora!

— SLOVENSKI. Raia SLOVENSKI.

Aquela sobrancelha se contraiu de novo. Seu nome e seu sotaque sempre marcando-a como uma estrangeira nesta terra.

— Bem, Raia, a maneira que eu olho isso, teremos bastante tempo para discutir o início e o fim das minhas obrigações, logo que eu leva-la a um lugar seguro.

— Mas...

— Nada de mas. Tudo o que você tem que decidir é se você quer correr, — ele estendeu a mão — ou ser carregada.

Ela enrolou o braço em torno de suas costelas, onde ainda se sentia a contusão de seu último carregamento. Alguma escolha. Suportar a dor de seu transporte ou a dor da exaustão. No final, a sua dignidade tomou a decisão por ela. Ela colocou a palma da mão na dele, um trinado minúsculo de prazer no contato cortando através de sua energia enquanto ela dizia:

— Eu vou correr.

Mas ela estaria definitivamente discutindo as terminações das suas obrigações mais tarde.

CAPÍTULO 2

Era quase nascer do sol antes que Jared encontrasse uma caverna segura na extremidade posterior do território D'Nally. Por ele, não iria se preocupar tanto sobre onde ele passaria o dia, mas ele tinha Raia com ele, e isso significava precauções extras. Havia muito poucas mulheres de sua espécie, e que o Santuário fazia a elas era horrível demais para arriscá-la de alguma forma. Poucas mulheres, mesmo aquelas imortais, sobreviveram às manipulações genéticas, nem aos estupros repetidos do Santuário que as colocava em sua busca da sua raça superior. E mesmo se uma mulher sobrevivesse fisicamente, sua mente seria uma bela pasta.

Jared tinha encontrado mulheres nos seus dias de mortal que tinham sido atacadas por homens, e quando ele conseguiu se distanciar de suas emoções o tempo suficiente para levá-las



para casa, ele não conseguia alcançar o mesmo com as mulheres torturadas do Santuário. Não era possível bloquear a sua energia, não poderia ter passado o "se ao menos", que poderia ter vindo em conjunto de modo a que ele poderia tê-las salvo. É por isso que ele fazia alguns dessas missões de salvamento possíveis.

Ele olhou para a mulher. Ela estava sentada no chão, as costas contra uma rocha perto da parede, cabeça para baixo, procurando algo em sua bagagem. Tanto quanto qualquer um sabia, todas as mulheres tinham sido recolhidas por um lado ou outro, no ano passado. Retardatárias ocorriam, mas eram poucas e distantes entre si, a maioria delas protegidas por famílias fortes ou os seus homens. Ela puxou uma escova de fora da mochila. Era uma vagabunda muito bonita para ser sozinha.

— O que aconteceu com o seu povo?

Raisa parou a escova no meio dos cabelos longos. As mechas brilhavam como luz solar contra o negro de sua gola. Os dedos dele se agitavam enquanto os destaques ondulavam com as passadas da escova, como a dança da luz solar na água. Ele apostava que o cabelo dela seria sedoso ao toque, macio de encontro a sua pele.

— Eu não tenho nenhum.

— Você está sozinha? — Ele não podia conceber isso.

Ela encolheu os ombros e retomou a escovação.

— Por enquanto.

Algo primitivo saltou dentro dele e cada músculo retesou com a insinuação de que ela poderia estar procurando um protetor. Ele se encostou na parede da caverna.

— Bem, por agora, você pode considerar-se comigo.

Ela parou de escovar, respirou fundo e segurou um segundo antes de liberá-lo. Seus lábios formaram palavras silenciosas em um ritmo medido. Ela estava contando, ele percebeu. Até dez, a forma que os lábios entreabriam a última palavra, revelando o branco perolado de seus dentes e a simples sugestão do canino.

— Estou feliz que você mencionou o assunto.

Ele diria que ela estava tão longe de estar feliz como uma mulher poderia.

— Eu irei embora ao cair da noite.

Não é provável.

— Para onde?

Ela lambeu os lábios, um hábito nervoso que ele apostaria que ela deixaria, se ela soubesse o quanto a traia.

— Meu destino.

Era a mais fraca desculpa que ele tinha ouvido.

— Você não mente muito, não é?

Um piscar, que foi tão revelador quanto o lambeu dos lábios prefaciou o seu.

— O que o faz dizer isso?

Ele ajustou a sua posição contra a parede, diversão tirando o stress de seu cansaço. Ela tinha um rosto muito expressivo.

— O fato de você telegrafar cada mentira antes de você dizê-la.

— Bem Falso.



Falso?

— Então, exatamente onde você planeja se dirigir amanhã? — Ela não respondeu imediatamente, provavelmente porque ela não poderia sair com uma resposta sobre o pânico caótico de sua energia. Ele suspirou. — Se você está trabalhando em outra mentira, você pode desistir.

Seu rosto não era a única coisa expressiva sobre ela. Seus grandes olhos castanhos encontraram os dele, entregando um soco que ele sentiu em seu intestino. A mulher não tinha a menor ideia para onde estava indo ou o que ela ia fazer.

Ela fez uma pausa, a escova alcançando pouco acima do ombro em uma pose inconscientemente feminina que empurrava a curva delicada de seu peito contra a frente de sua gola. Normalmente, ele se inclinava para mulheres curvilíneas, mas havia algo em Raisa que aperfeiçoou sua atenção para um fio da navalha, aguçou seu apetite, o fez querer envolver aqueles seios pequenos em suas mãos, enquanto ao mesmo tempo enviava todos os tipos de proteção, possessivo desejos num galope louco.

Ela cortou-lhe um olhar sob a espessura de seus cílios. Mesmo que o brilho, cheio de raiva auto-dirigida, enviasse um sussurro de prazer ao longo da energia dele.

— Eu devo tomar esse olhar como discutindo o assunto?

Ela retomou a escovar os cabelos.

— Eu estou.

— Bom, então eu vou preparar as coisas para dormir.

Ela não disse uma palavra enquanto ele se dirigia em direção ao fundo da caverna, mas sua energia arrastou-o em uma atração sedutora, tentando-o a virar-se, para responder ao desafio que ela apresentava. Para reclamá-la. Se ele pensasse que ela tinha alguma ideia do que ela estava projetando, ele iria voltar para onde ela estava sentada e a ensinaria tudo o que ela precisava saber sobre ele. Jared suspirou. Ele não achava que Raisa estava mesmo ciente de quantas vezes sua mente tocou-lhe, muito menos como sua energia gostava de deslizar entre as bordas suaves de seu inconsciente, em um gesto reconfortante. Maldição do inferno.

Com um aceno de sua mão, ele removeu a ilusão de uma parede. O lugar seguro estava exatamente como ele havia deixado. Pequenas, seguras e bem fora do caminho do sol, eram o lugar perfeito para um homem se esconder até que as coisas estivessem a salvo. Infelizmente, isso realmente significava para uma pessoa, e mesmo tão pequena quanto era Raisa, ficaria bem apertado colocar os dois lá dentro. Ele sorriu interiormente, imaginando o quão apertado um ajuste ia ser. Ela foi obrigada a retroceder acima de um alarido.

Ele olhou para trás ao redor do canto. Raisa ainda estava escovando os cabelos, os fios longos puxados por cima do ombro em um derrame cor de mel, olhar tão doce quanto o doce, ele se lembrava. Um embaraço impedia as cerdas. Ela franziu a testa e puxou o nó. Os dedos dele se curvaram em torno do desejo de retirar a escova da mão dela e assumir a tarefa. Cabelo como o dela exigiria muita manutenção. Grossos e crespos, provavelmente embaraçavam muito. Ela puxou a escova novamente. A mulher não tinha paciência que um marido teria para o trabalho.

Ele voltou à caverna principal. Ele não precisava olhar para o céu além da entrada para saber que o amanhecer estava chegando. Ele podia sentir isso em seus ossos. Ele apanhou a arma. Raisa não olhou para cima até ele chegar ao seu lado mesmo que ela soubesse que ele estava lá.



— É hora de descansar.

A escova diminuir o ritmo. Sua sobancelha arqueada.

— Com o Santuário nos nossos calcanhares?

— A menos que você possa andar no sol, não vejo uma escolha.

Ela olhou para ele primeiro e depois para o fundo da caverna. Seus lábios franzidos.

— Eu posso ficar de guarda.

— Não há necessidade

Se alguém perturbasse os alarmes que ele tinha fixado ao redor do perímetro da caverna, ele iria acordar.

Ela colocou a escova na bolsa e jogou seu cabelo para trás sobre seu ombro enquanto ela fica em pé. Ela estava vestida inteiramente de preto, o que lhe dava a ilusão de se misturar na escuridão da parede atrás dela.

— Você que gosta de surpresas interrompendo o seu sono?

Ele levou seu inventário da cabeça aos pés, começando com a massa espessa de cabelo dela, para baixo sobre os ombros delgados e seu pequeno corpo compacto; coxas e pés pequenos encerrado em botas pretas. Ela era o tipo de mulher que fazia um homem pensar em termos de proteção e de reivindicação. Ele trouxe de volta o seu olhar para o dela.

— Às vezes.

O rolar de seus olhos o fez sorrir.

— Oh, esqueça!

Ela pegou sua mochila e olhou em volta.

— Então, onde estamos nos escondendo?

Apontou para as costas.

— Ao virar da esquina.

Com um fácil contorno, ela fugiu em torno dele e foi em direção à caverna. A caverna não era tão grande. Não demorou muito tempo para chegar lá, apenas cinco passos, mas para ele era difícil se concentrar. A mulher tinha uma maneira de andar que era atrevida e convidativa, mas totalmente sob controle. Ela era definitivamente uma mulher confortável em sua própria pele. Seu interesse se aprofundou.

Assim que ele se colocou ao lado, ela inclinou a cabeça em direção ao interior.

— É isto?

— Sim.

— Nós não caberemos lá dentro.

Ele não perdeu a ênfase que ela pôs na palavra nós.

— Vai ser apertado.

— Uh-huh. Eu diria mais como obsceno.

Mais uma vez aquela vontade de sorrir externa contraiu o canto dos lábios dele.

— Necessidade não permite a modéstia.

— Nem luxúria.

— Luxúria? — Ele riu e inclinou o rifle dentro da abertura antes de alcançar a alça de sua mochila. — Tem sido um longo tempo desde que eu ouvi uma palavra como essa.

Apertou a mão para baixo em sua bolsa.



— Tem sido um longo tempo desde que eu tive a oportunidade de usá-la.

— Agora que... — Seus músculos não eram páreos para o dele. A bolsa saiu de seu ombro. Ele jogou-a para a entrada da pequena caverna. — Eu acho muito difícil de acreditar.

— Acredite. — Ela empurrou os cabelos para fora de seu rosto. — Eu acho que nós precisamos voltar ao plano A. Você descansa em sua caverna aconchegante, e eu vou ficar aqui e manter a atenção para o problema.

Com seu cabelo fora do rosto, ele podia ver facilmente as manchas azuis sob os olhos e as linhas de tensão ao lado de sua boca, junto com uma palidez não natural para sua pele. Ele não a deixaria em qualquer lugar.

— Você não está bem.

— Estou bem.

— Quando foi a última vez que você comeu?

— Ontem.

Ele ergueu o queixo dela para cima.

— Eu não vou tolerar você mentindo para mim.

Ela não cedeu um milímetro, apenas acompanhado o olhar com olhar.

— Sua tolerância não é a minha preocupação.

A coisa primitiva despertou novamente. Apertou-lhe o queixo entre os dedos, tendo dificuldade em manter o rosnado do seu tom.

— Agora é.

— Por quê?

— Até que alguém assuma a responsabilidade de mim, você é minha.

Seus dedos em volta do pulso dele. Seus grandes olhos castanhos ainda não recuaram dos dele. Ele sentiu a picada de suas garras. Uma pequena ameaça feminina que colocava uma faísca com a emoção primitiva rodando e pairando.

— Então, você só vai ter que ajustar seu medidor da verdade ou cale-se.

A picada de suas garras misturava com a excitação quente que subia por ele em seu desafio.

— Você se alimentou ontem?

— Eu já respondi a essa pergunta.

Ele olhou nos olhos dela e sondou em sua mente. Ele encontrou uma imagem de um homem de meia-idade em roupa camuflada de caça e, em seguida ela fez sua mente ficar fechada.

Ele passou o dedo sobre o lábio inferior cheio.

— Então você o fez. Quantas vezes você precisa se alimentar?

Se ela precisava se alimentar, muitas vezes, isso ia complicar as coisas. Ele tinha uma missão para completar e uma quantidade limitada de tempo para fazê-lo.

— Depende.

— Do quê?

Ela puxou o queixo em sua mão antes de mergulhar de volta à caverna. Curvando-se para pegar sua mochila, ela o presenteou com uma outra visão de seu corpo, que ele profundamente apreciou. Ela se virou de volta. Ela notou a direção do seu olhar. O toque dos lábios foi irônico.

— De nenhum de seus negócios.



Ele entrou na câmara, envolvendo-a de volta enquanto ele selou-a com uma manipulação de energia e luz.

— E eu já disse, tudo sobre você agora é meu negócio.

Ela olhou debaixo do braço dele e lambeu os lábios. Evidentemente, ela estava apenas começando a acreditar que ele quis dizer isso. Ele apontou para o chão.

— Deite-se.

Ela tomou meio passo para trás na parede.

— Eu não penso assim.

Ele quebrou o aperto de morte sobre o pacote, estabelecendo-se que ao lado deles.

— Relaxe. Eu não tenho paciência para brigar com você, agora. Eu preciso do meu descanso.

O olhar que ela lhe enviou era de ceticismo puro.

— Eu posso ver que você está em perigo de colapso.

Embora ele não parecesse estar, ela estava.

— As aparências podem ser enganadoras.

Ela não parecia aliviada. Ele testou os limites de sua mente. Estava fechado. Seu olhar deixou-o saber que ela sabia o que estava fazendo, enquanto ela dizia.

— Você vai ter que me convencer da sua exaustão da maneira antiquada.

Ele deliberadamente focou em seus seios, que subiam e desciam com cada respiração rápida.

— É um convite? Porque eu tenho a minha mente acertada para o sono, mas se você quiser um desvio sob os cobertores, eu posso trabalhar o interesse.

Não haveria nenhum trabalho para ele. Na realidade, ele estava surpreendentemente pronto. E ele não gostou. Ele pensou que erradicara suas emoções ao longo dos últimos cem anos, estabelecendo-se a uma calma tranquila sobre o transtorno da conversão. E ele não gostou do fato de que essa pequena vampira poderia perturbá-lo com nada mais do que a sua presença. Ele não tinha a intenção de sentir novamente. Nunca.

As mãos dela apertaram nas laterais do corpo.

— Você está sendo desagradável.

Ela disse aquilo com precisão rigorosa, cada sílaba colorida com aquele sotaque intrigante que dizia que o Inglês não era o seu idioma nativo. E, diabos, se não o fazia se sentir culpado por sua rude resposta anterior. Ele suspirou, tentando ignorar a picada de sua consciência.

— O que eu estou é cansado, então o tempo que você tomar para pegar no sono, eu estou disposto a atirar-me sobre isso. — Sentou-se no chão duro. Ele confiscou sua mochila, mexeu o conteúdo ao redor até que parecia uma espécie de travesseiro, e deitou-se de costas. Ela ficou em cima dele, trabalhando a boca, olhos brilhantes pequenas chamas de vampiro. Sua energia amarrada com a sua própria agitação. Ele manteve seu sorriso para si mesmo.

— Boa noite.

— Essa é a minha mochila.

Olhou-a por debaixo de seus cílios.

— A menos que tenha alguma razão para que não possa fazê-la de travesseiro, fique onde está.

— É minha.



Ele deu de ombros.

— Você não está usando-a.

As mãos abertas e, em seguida, apertou os punhos.

— Isso não lhe dá o direito de tomá-la.

Ele puxou o chapéu sobre os olhos para esconder o seu sorriso. Não, não, mas como ele não achava que ela estaria saindo sem ela, usando-a como um travesseiro era uma outra maneira de assegurar que ela ficaria onde estava.

— A lei mais antiga do mundo me dá o direito.

— E isso seria?

— Poder faz o direito.

Ela gaguejou e mexeu. Ele podia ouvir sua respiração raivosa e o deslocamento de seus pés.

— Se você me chutar, eu vou beijá-la.

O movimento parou.

— Você está louco.

— Não, apenas cansado.

Ele estendeu a mão e pegou a mão dela. O grau de pureza de seus ossos afiava seu desejo. Ela era completamente o oposto dele. Toda suavidade e conversa. Ele puxou-a. Ela caiu de encontro a ele com um grito de indignação.

— Boa coisa que nenhum desses cães de caça do Santuário está em qualquer lugar aqui perto, ou seríamos isca de laboratório na certa, com você fazendo todo esse barulho.

Na realidade, ele bloqueou o som da câmara com uns discretos pequenos dispositivos de Slade. Para um ex-bandido e vagabundo de sela, seu irmão acabara por ser um bom cientista.

— Poderia ser preferível.

Isso não dignificava isso com uma resposta. Ela girou e se contorceu pelo que pareceu uma eternidade, provocando a sua libido com a sensação de seus seios e quadris esfregando contra seu peito e quadril. Seu pênis endureceu. Seus sentidos focaram. Ele prendeu a respiração. Ela continuou balançando. Ele xingou baixinho na quente, doce tortura.

— O que esta fazendo?

— Tentando ficar confortável. — Outra contorção e ela pegou algo e atirou-o. Ele ricocheteou na parede e bateu com a bota. Uma pedra.

É evidente que ele não ia conseguir dormir até que ela estivesse parada. Ele angulou o braço sob sua cabeça. Sua mão caiu naturalmente para a base de suas costas, o rosto para o espaço de seu ombro. Sua respiração bateu no peito em baforadas úmidas, ele podia sentir através da sua camisa de algodão fino. A excitação começou a formar uma grossa explosão em seu sistema. Merda, iam ser longas oito horas.

Ela empurrou a seu lado.

— Esta não é exatamente uma melhora.

Ele não poderia concordar mais com ela. Com seu pequeno corpo sexy agasalhado ao seu, as chances de ele conseguir um descanso decente se situavam entre o zero a nada.

— Duro.

Ela girou para um lado e por um minuto ou dois, e então ela levantou-se em seu cotovelo a seu lado.



— Eu preciso do meu cobertor. — Esticou-se na frente do rosto dele, seu aroma único o cobriu, junto com seu corpo, enquanto procurava na mochila. Ela bateu o torto chapéu com o cotovelo enquanto ela puxava.

— Você não pode simplesmente ajustar a temperatura do corpo? — perguntou ele, empurrando o chapéu para trás.

— Eu não sou boa nisso.

De onde estava sentado, ela não era boa em um monte de coisas que eram comuns em um vampiro.

— Então, um cobertor não vai cobrir isso. — A caverna era escura e úmida, o piso frio. Se ela não poderia ajustar a temperatura do corpo, ela seria um pingente de gelo pela manhã.

Ele rolou para o lado dela. De lá, ele só teve uma questão de ancorar a sua coxa e, em seguida, rolando para trás, dando-lhe um pequeno golpe com o braço direito para colocá-la o resto do caminho em cima dele. Ela desembarcou um pouco mais alto do que ele havia planejado. Seus seios pressionados em sua bochecha. Ele deslizou para baixo, fixando sua mandíbula contra o impulso de abrir a boca contra a suavidade e testá-lo com suas presas. Raisal ofegou. Antes que ela pudesse explodir em indignação, ele colocou suas mãos sobre seus quadris e puxou-a para baixo. Com uma mão, ele apertou o rosto em seu peito, deixando-a dar pontapé e lutar enquanto ele chegava em sua cabeça. Levou vários puxões, mas ele finalmente teve o cobertor para fora. Era lã macia e de uso frequente. Jogou-o sobre ela, lançando seu rosto para dobrá-la em torno dela.

— Aí está! Agora você pode dormir.

Ela resmungou, sua raiva palpável.

— Este não é um passo para cima.

— Você está quente.

— É ultrajante.

Ele colocou o chapéu sobre os olhos, deixando ângulo suficiente para que ele pudesse esgueirar-se sobre os picos dela. Ele se encontrou vendo as expressões de perseguição em toda a sua face encantadora.

— Por quê?

— Eu nem sei seu nome completo.

Ele lhe deu uma cotovelada de lado, passando a ponta afiada do osso do quadril dela fora de seu pênis. Duas torções o fizeram ranger os dentes e as curvas suaves de seu corpo moldadas aos planos duros dele.

— É Johnson. Jared Johnson.

— Bem, Jared Johnson, eu não consigo ver onde você poderá obter um pouco de sono me esmagando contra você.

Esmagando? Outro sorriso puxou-lhe os lábios. Como se não foi o suficiente ela para esmagar uma mosca. Ele acariciou o cabelo para o lado do rosto dela.

— Estou cansado o suficiente para dormir através de um estouro de cavalos bravos. Eu acho que posso controlar.

Ela estava cansada, também. Ele podia sentir o cansaço arrastando por ela. Ajeitou o cobertor por cima de seus ombros. Um arrepio passou por ela. Ele levantou o calor de seu corpo



para aquecê-la rapidamente. Ele não podia mantê-lo assim para sempre, mas ele poderia por tempo suficiente para aquecê-la.

— Então talvez você pudesse simplesmente fechar os olhos e deixe-nos ter algum olho fechado?

Ela olhou para ele durante um minuto, muito desconfiada, mas depois ela aceitou, ele não ia deixá-la deitar no chão e o calor em torno dela tomou a decisão de suas mãos. Sua cabeça relaxou contra seu peito.

— Você é um homem muito estranho.

Ele envolveu a cabeça dela na mão, apenas no caso de ela ter o desejo de lutar.

— O cansaço faz isso com um homem.

Com uma astúcia que assustava, ela disse:

— Eu acho que é mais do que cansaço.

Ele não queria que ela o analisasse, ou sentisse pena dele, ou qualquer das outras emoções que as mulheres gostavam de trazer para o momento.

— Confie em mim, eu só estou cansado.

— Eu não acredito nisso. — Ele notou, por todas as suas crenças, ela não estava se afastando. O calor foi ficando definitivamente com ela, drenando a tensão de seus ossos. Uma pontada de culpa cutucou sua consciência. Ela deve ter sentido frio o tempo todo que ele a carregou.

— acredite em mim, eu estou cansado até os ossos.

Cansado de lutar contra o que ele tinha se tornado, cansado da saudade por quem tinha sido uma vez. Cansado de estar sozinho.

— Bem, Jared eu-só-estou-cansado, prepare-se. — Ela sufocou um bocejo atrás de sua mão.

— Porque pela manhã...

— Você quer dizer noite?

— Achei que era mais fácil só pensar a noite como de manhã depois que me transformei.

— Isso poderia funcionar.

Ela assentiu com a cabeça.

— Eu pensei assim. — Outro bocejo. — E na parte da manhã, nós iremos por caminhos separados.

Não está em seu estado atual, e não sem alguém para protegê-la. Ele segurou-a enquanto os minutos passavam, contando suas respirações, medindo a perda de tensão em seus músculos pelo número de membros que relaxavam contra ele. Primeiro os ombros e coxas, panturrilhas, em seguida, e finalmente as mãos. Ele cutucou a mochila debaixo da cabeça, movendo os blocos em uma posição melhor. Era uma coleção de formas estranhas.

— O que você tem aqui?

— Minhas coisas.

— Qualquer coisa frágil?

Uma pausa, como se tivesse a pensar nisso.

— Não.

— Bom. — Ele deu uma sacudida na mochila, reinstalando o conteúdo, e colocando de volta.

— Assim está melhor.



Ela estava quase dormindo. Ele deveria deixá-la ir, mas ele gostou da intimidade do momento com ela deitada confiante em cima dele, permitindo-lhe cuidar dela. Tinha sido um longo tempo desde que ele sentiu esta proximidade. Um longo tempo desde que ele tinha uma mulher dependendo dele. Ele descobriu que queria prorrogá-lo.

- Raissa?
- O quê?
- O seu nome tem um significado?
- Em sua linguagem, significa luz.

Ele continuou a acariciar seus cabelos, deixando seu nome e seu significado fixarem em sua mente. Raissa. Luz. Isso, ele decidiu, um nome bonito para uma bonita pequena vampira condenada a viver no escuro.

CAPÍTULO 3

Eles estavam sendo caçados.

Jared abriu os olhos e olhou para o teto da caverna, os seus sentidos queimando com o conhecimento que veio a ele em um impulso de energia. O fato de mal ser o crepúsculo significava que os caçadores eram lobisomens. Essa era uma vantagem. Vampiros favoreciam um confronto muito enganador.

Raissa dormia em cima dele, uma curvatura suave, docemente confiante, de peso completamente inconsciente. Ele gentilmente colocou-a para o lado. Ela gemeu assim que seu ombro bateu no chão frio, mas não acordou. Só estremeceu e puxou o cobertor sobre ela.

Sentando-se, ele franziu o cenho para ela. Ela devia estar acordada, seus sentidos gritando a mesma advertência quanto os dele. Mas ela não acordou, o que só destacava ainda mais porque ela precisava de proteção. Ele levantou a cabeça suavemente e colocou a mochila sob sua bochecha antes de ficar de pé. Com uma manipulação sutil de energia que não foi além de uma ilusão, ele removeu a barreira de dissimulação. Raissa murmurou. Jared olhou para ela. Ela estava franzindo a testa em seu sono, parecendo completamente irreal sob o cobertor. O desejo de retornar a ela era esmagador. A necessidade de limpar a careta do rosto dela quase uma compulsão, que não fazia absolutamente nenhum sentido. Ele mal conhecia a mulher.

Seu olhar persistente sobre ela, ele flexionou os dedos, soltando os músculos antes de chegar à sua espingarda e sair da caverna.

Levou apenas um segundo para restaurar a barreira, desta vez com um tempo limite para a duração. Apenas no caso de ele não fazê-lo de volta. Ele não estava realmente preocupado, mas sempre havia uma chance de algo inesperado poder dar errado, e Raissa parecia ser o tipo que faria uma puta tempestade se ela fosse enterrada para a eternidade. Ele sorriu enquanto a ilusão caía de volta no lugar, irracionalmente divertido com o pensamento de sua raiva, os olhos castanhos estalando com que o fogo interior que ele sentia nela e toda a paixão que ela reprimia furiosamente livre. Ele apostava que ela seria o tipo que trazia o intelecto de um argumento. O tipo de manter um homem nos seus pés.



Ele deslizou para frente da caverna, permanecendo fora da luz desvanecendo-se, fazendo um balanço da situação em que ele estava. A noite ia caindo com nítidas promessas de neve, madura com a energia de quem o seguiu. Eles não estavam fazendo nenhuma tentativa para esconder a sua presença, o que só serviu para torná-los suspeitos. Ou eles eram extremamente arrogantes ou eles achavam que ele era estúpido o suficiente para ser tão facilmente enganado. De qualquer forma poderia trabalhar para ele.

Ele esperou dez minutos, até que a luz tinha se desvanecido ao ponto de que seria apenas um desconforto na pele, antes que ele escorregasse para fora da caverna. Quando ele tinha dois quilômetros de distância, ele lançou a simples sugestão de sua energia, mantendo o seu caminho para oeste, em direção ao coração das montanhas, longe da civilização. Se eles fossem espertos, e ele estava certo, pelo menos, de que um deles era acima da média no departamento de cérebros, a firme determinação de seu caminho os levaria a pensar ao longo das linhas do por que ele estava indo tão intencionalmente nesse sentido e perceber a sua presença como uma ameaça potencial para o complexo secreto que o Santuário tinha lá. Que os manteria longe de explorar a área onde ele tinha escondido Raisa.

Um eco de sua energia foi devolvido a ele. Eles estavam mordendo a isca. O que quer que tivesse no complexo devia ser poderosamente importante para que estivessem atrás dele só porque estava indo naquela direção.

Jared teria amado realmente verificar a combinação. Essa era a sua principal razão para estar aqui, mas com a complicação de Raisa, ele não se atrevia a arriscar. Ele tinha o dever, em primeiro lugar, de levá-la para a segurança. Ele apertou o botão em seu telefone celular que enviou o único sinal muito curto para ser rastreado, que dizia que estava abortando sua missão, mas que era seguro para alguém tentar. Se os três principais líderes do Santuário iam realmente se reunir aqui nos próximos dias, os Renegados necessitavam saber disso. Pegar os bastardos em um lugar seria um longo caminho para acabar com a guerra civil que começou há seis meses.

Não havia nada como um bando de imortais dando um chique de perturbar o caminho natural das coisas. E as coisas foram ficando muito chateadas. Se eles mantivessem isso, os mortais descobririam que eles não estavam sozinhos no mundo, que seus contos de Halloween eram realmente a realidade, e então não haveria inferno. E havia muito mais numerosas mortais que imortais. Com as taxas de nascimento lobisomem próximas de zero e conversões à direita e não à esquerda, os imortais se aproximando rapidamente de qualificação para a lista de espécies ameaçadas de extinção. Que foi um inferno de uma nota irônica quando um corpo pensava nisso.

Jared deslizou as sombras da linha das árvores, diminuindo o ritmo, permitindo que os caçadores o alcançassem, sentindo-os ferver de alegria quando reconheceram que estavam diminuindo a distância. Eles estavam muito confiantes, provavelmente baseando-se no fato de que havia quatro deles e só ele para ser o fator decisivo na batalha. Seus dedos flexionaram. Esse excesso de confiança seria a morte deles.

O pinga do pesar que lhe bateu com o pensamento não tinha lugar em sua vida. Era um mundo matar-ou-morrer, ainda mais agora que antes, com muito sobre a linha de perder tempo com a consciência. Especialmente agora que a gravidez de sua cunhada era conhecida. A raridade da gestação tinha alimentado as últimas rodadas de sequestro e experimentações do Santuário. Antes eles estavam brincando esporadicamente com a possibilidade de criar a vida, algo que



raramente aconteceu com pares acasalados de lobisomens e nunca com os vampiros, mas uma gravidez real entre os vampiros tinham levantado seu fanatismo a um passo de febre, inspirando reivindicações que eram uma sinal do criador de que seu tempo estava aqui.

A gravidez de Allie estava aumentando a esperança e pânico entre os Renegados vampiros e os lobisomens também. Esperança, porque não havia nada mais desanimador do que um futuro sem filhos e família para construir, e pânico, porque a gravidez havia ocorrido quando ela tinha sido apenas metade convertida. Se essa informação saísse, nenhuma mulher, seja imortal ou mortal, estaria a salvo do sexo masculino do Santuário. Sua convicção de que os genes eram o alicerce para uma raça superior que garantiria que cada fêmea fértil seria impregnada, ou iria acabar uma concha quebrada com DNA ferrou-se e uma mente fragmentada. Jared tinha visto algumas dessas mulheres. Isso o tinha deixado, junto com o resto dos Renegados, prometendo impedir que acontecesse a mais alguém. Eles podiam ser uma espécie em extinção, mas isso não lhes dava o direito de prender e destruir os outros para atingir seus objetivos.

Ele checkou seu caminho de volta. O inimigo estava a seguir, o original de quatro e dois outros que tinham sido mascarados antes. Ou o cansaço ou a hipótese deles não tinha escondido a sua presença como deveriam. Ele balançou a cabeça. Assumindo que a distância máxima de observação era uma constante para todos os vampiros foi estúpido. Cada vampiro tinha competências e habilidades diferentes, fazendo uma suposição perigosa perspectiva. Ele fez uma nota para passar por cima de novo com seus próprios homens.

Parecia ser humano e natureza do vampiro para se tornar complacente e complacência foi o número uma fragilidade que Jared contou com mais batalhas para vencer, principalmente porque ele era um homem doente. Ele pode esperar séculos para se vingar. Foram, em um caso. Seu aperto apertado sobre a coronha de seu rifle. A vaga imagem tinha da mulher que tinha transformado Caleb, fraturado e fragmentado em uma mistura quase indistinguível de energia e de recursos, subiu em sua mente. Ele fez questão de nunca ferir uma mulher, mas quando visse a cadela fria, ele ia jogar fora seus escrúpulos. Ela levou tudo com ele e seus irmãos, colocando-os por esta estrada, para esta guerra.

Se a vampira desconhecida tivesse andado longe de Caleb aquela noite duzentos e cinquenta anos atrás, Jared teria se casado com Diane, teria tido um menino de olhos castanhos Johnson e queixo quadrado, talvez até um par de filhas com personalidade brilhante de Diane e de cabelo loiro. Envelheceria para estragar sua esposa e seus netos, morreria no final de um ciclo de vida natural, e até agora apenas ser tanta poeira no chão.

Ele facilitou o controle sobre a espingarda quando o estalo de madeira chegou aos seus ouvidos. A única coisa que ele sempre quis foi uma vida normal. Perder seus pais em uma idade adiantada tinha feito a ligação entre os irmãos fortes, mas também tinha feito sobreviventes rígidos. Eles cresceram duros e independentes de tudo, exceto um ao outro, mas sempre que tinha montado por meio de uma cidade e Jared tinha visto os homens com suas esposas e filhos, ele sentiu a dor da fome que, dentro da vida familiar normal ele tinha perdido. Às vezes, tudo o que ele ia manter era a determinação para recuperá-la.

Ele esteve à beira de fazer exatamente isso quando Caleb o tinha convertido. Ele sabia que, por direito, ele deveria culpar Caleb, mas não podia. Ele entendeu muito bem o seu irmão, sentiu a unidade esmagadora de emoção vampiro que obscureciam a razão até que um organismo



aprendesse a controlá-lo. Não, Caleb não tinha culpa, mas ele culpava a cadela que tinha convertido Caleb quando ele estava no seu estado mais fraco.

Aquele não era o tipo de coisa a fazer com o corpo de uma pessoa. Era como mau como o que fez o Santuário para as mulheres, e quando ele encontrasse a cadela, ele iria mostrar-lhe o que significava trair um Johnson.

Após um salto médio sobre uma pedra grande, Jared sentiu. A onda de energia que interliga as outras seis. E atravessar seus escudos com a eficiência de uma faca bem afiada. Cada sinapse no cérebro dele agarrou a atenção, sintonia fina com o choque do contato com a doce vibração feminina. Raisa.

Maldição! Como ela conseguiu passar a barreira? Ele aterrissou sem jeito do outro lado da pedra e puxou para cima, apagando suas pegadas da neve enquanto ele mentalmente elencava para mais informações. Não houve variação na energia dos homens que o procuram. O que significava que eles não sabiam que a mulher os seguira. Ele franziu a testa, a força do sinal quase ensurdecendo-o. Como eles poderiam não ter conhecimento?

Junto com a consciência veio um retinir de discórdia emocional tão estranho que ele levou um momento para colocar que veio com ele. Pânico. E raiva. Pânico pelo fato de seis vampiros estarem entre ele e Raisa, a raiva, com o risco que ela criou para si mesma por não seguir a ordem mental que ele tinha colocado no seu subconsciente para ficar parada.

Recolhendo suas emoções sob controle, Jared expulsou uma pista falsa de energia, enviando-os para frente na direção que ele havia ido, escorrendo para fora com um padrão de repetição que respondia com a energia de sondagem por isso iria sempre ficar à frente, desaparecendo à distância, mantendo a ilusão de distância entre o perseguido e perseguidor.

Ele colocou o seu chapéu de forma mais firme em sua cabeça. O inimigo provavelmente descobriria isso eventualmente, mas até então ele estaria muito longe, e Raisa com ele. E se ele conseguisse tempo para brincar em bater nela, enquanto ele estava, ele estaria entregando-se com o prazer. O tolo estúpido.

Jared circulou em volta e voltou, dobrando sua velocidade, tendo especial cuidado para mascarar sua presença, lutando contra a necessidade de abandonar e proteger a si mesmo a fim de proteger Raisa. Ele estava longe demais para projetar um escudo de energia em cima dela, mas tudo nele de primitivo, tudo regido por um vampiro, ordenou-lhe que tentasse. Para protegê-la a todo custo. O desejo foi difícil de ignorar.

Ele estava tão concentrado em Raisa que ele quase atropelou um dos vampiros do Santuário. Jared parou a apenas 1,50 metros de distância. Foi um erro de novato e se a sua proteção natural não tivesse sido um reflexo do que um esforço consciente, ele estaria morto. Em vez disso, ele não foi detectado, a 2 metros de distância de seu inimigo. Seus dentes explodiram em sua boca. Suas garras estendidas. O homem estava estudando a neve, seguindo o rastro de energia que Jared havia previsto, sua carranca, indicando o seu nível de concentração.

Seria tão mais fácil matá-lo. Um golpe das garras de Jared atravessaria em seu pescoço e sua cabeça se separaria de seu corpo, e haveria menos um fanático desordenado no mundo. A sede de sangue aumentou. O vampiro do Santuário olhou para cima, sentindo a ameaça.



Jared controlou a energia, controlou a selvageria que queimava por dentro. Matá-lo só alertaria os outros, e até que Raisa estivesse em segurança, ele não correria o risco de um confronto. Mais uma coisa a acrescentar à lista de coisas que ela lhe devia.

Ele deslizou por trás de uma árvore, à espera do homem suspeito. Após alguns segundos, o homem continuou. Jared fez uma outra nota à sua lista mental. Capacitar os homens para confiar em seus instintos. Em sua experiência, eles nunca estavam errados, e se esse homem tivesse confiado no seu, Jared não teria sido capaz de escorregar para trás de sua linha. Considerando que o prêmio foi o deslizamento de custeio do Santuário, baseando-se apenas no que poderia ser visto ou sentido, obviamente, era um hábito maldito cara em que para saciar. A energia de Raisa aumentou seu apelo, chegando a ele, escorregando ao longo dos canais invisíveis para gancho de profundidade, levantando o vampiro e uma resposta primitiva. Seu pênis endureceu, juntamente com sua raiva. Jared ficou onde estava, deixando outro vampiro do Santuário deslizar, mantendo a sua posição através da pura força de vontade enquanto a tempestade de dentro durou a ação. Assim que o último da patrulha estava a uma distância segura, ele saiu do esconderijo, estrias de volta em direção a esse apelo feminino, cada batida do seu coração, a cada passagem de sua respiração, que se misturam com uma sede feroz pelo domínio.

De repente, ele estava lá. A grande força negra bloqueando seu caminho. Raisa engoliu seu grito e mergulhou enquanto Jared estendia a mão para o seu braço. Ele a tinha antes que ela estivesse na metade do movimento, os dedos magros envolvendo em torno de seu braço, a força pura por trás do aperto fazendo sua tentativa de fuga risível. Raisa com muito cuidado mudou o seu peso em suas botas e ajustou a mochila em seu ombro. Só quando ela tinha o brilho selvagem dos seus sentidos sob controle, ela olhou para cima em seu rosto.

A raiva de Jared bateu como um golpe forte o suficiente para que ela recuasse longe antes que ele se controlasse. Ela já não era uma serva que tinha que temer a ira de um homem. Ela olhou para seu rosto. Foi um longo caminho, e quando o seu olhar chegou lá, tudo que ela podia fazer era piscar. Não é um pedacinho da raiva que sentia por ele ter saído mostrava-se em seu rosto. Cada ângulo magro, cada plano rígido foi fixado em uma parede impassível de neutralidade. Aparentemente, ele era um mestre em esconder suas emoções, mas o homem estava com raiva, tão selvagemmente.

Raisa alfinetou um sorriso no rosto e fingiu que não sinta a energia violenta fervendo em torno dela, sondando as bordas, procurando por fraqueza.

— Oi!

Jared arrancou-a para a sombra das árvores.

— Você pequena gata do inferno, tem um péssimo hábito de não ficar onde eu a deixei.

— Eu fiquei claustrofóbica naquela pequena caverna.

E ela tinha esperança de sair do seu alcance, antes que ele voltasse.

— Uh-huh. Claustrofóbica ou não, aquela barreira deveria tê-la segura por pelo menos mais seis horas.

Bem, pelo menos ela sabia que ele não tinha a intenção de enterrá-la viva, que tinha sido seu primeiro pensamento horrorizado quando ela acordou sozinha na caverna, bloqueada em pedra.



— Bem, isso não aconteceu.

O aperto em seu braço diminuiu. Ela deu um passo para trás, resistindo ao desejo de esfregar as palpitações estranhas persistente lá. Seu olhar caiu para o braço, os potentes olhos azul-verde dele se estreitando.

— Eu machuquei você?

Estava tentada a dizer sim, só para ver o que ele faria.

— Não.

— Como você passou pela barricada?

— Eu abri. Não foi difícil.

As sobrancelhas dele arquearam e agarraram as chamas cintilando na borda do seu olhar fervente.

— O quê? — ela perguntou. — Você não gosta de ouvir você não é todo-poderoso?

— Eu não me importo de ouvir tudo.

— Então, qual é o seu problema?

— Esta proteção não era frágil.

Ela deu um passo para trás, colocando uma certa distância entre ela e toda a energia que fervia. Jared teve uma estranha curiosidade de ir com o rosto estranho, estranho poder e força natural. Mesmo para um vampiro. E ela o intrigava. Isso não era bom. Ela não precisava dele fixando-se nela. A obsessão do Santuário era ruim o suficiente, mas com Jared ela seria a complicação final de uma vida já complicada além da crença.

Ela estendeu o seu pequeno sorriso e arregalou os olhos apenas uma fração, indo para insípida.

— Você está certo. Era uma barreira maravilhosa, bem construída e complexa.

O único problema era que ele tinha deixado suas impressões sobre todas as partes importantes. Ele realmente precisava trabalhar em limpeza.

A sobrancelha direita de Jared subiu.

— Você não seria por acaso estaria brincando comigo, não é?

— Absolutamente não. — Ela estava embalando-o em uma falsa sensação de segurança. — Isso vai contra todos os meus princípios.

— Então por que exatamente você está louvando uma barreira que obviamente não funcionou?

Ela procurou ao redor por uma maneira de escapar. Havia mato dos dois lados, um prado de atrás Jared, e um penhasco atrás dela.

— Porque você é maior do que eu, mais rápido do que eu. — ela respondeu com sinceridade. — E eu estou esperando que se eu deixá-lo em um bom humor, seremos capazes de apertar a mão e nos separar como amigos.

— Sério? — Havia algo na voz dele, e ele não estava fazendo seu descanso mais fácil. — Você acha que com um pouco de lisonja vai conseguir isso?

Ela encolheu os ombros.

— Não faz mal tentar.

Esse "algo" se espalhou para uma nota, ela reconheceu que ele balbuciou:

— Não, não.



Humor. O homem irritante tinha um senso de humor, e sua honestidade foi aparentemente acariciá-lo.

— Mas neste caso, você está fadado ao desapontamento. — Seu sotaque um pouco esticado para acomodar a sua diversão. — Nenhuma quantidade de apaziguamento, honestidade ou a doçura feminina vai me convencer a deixá-la empreender a viagem sozinha.

Deus, ele ainda estava preso por isso. Bateu as mãos nos quadris. Isso foi realmente demais.

— Quem na terra o designou meu tutor?

Ele nem sequer ter uma respiração entre a sua pergunta e sua resposta.

— O Conselho Renegado.

— Você é um Renegado? — Ela deu um passo para trás. Um rápido olhar sobre o ombro mostrou um tiro certo para o precipício.

— Sim.

— Bem, eu não sou, o que significa que o seu Conselho não tem qualquer influência sobre mim.

— Infelizmente, uma das desvantagens de ser mulher é que você é do Santuário ou é Renegada com nenhum ponto no meio.

— Eu não concordo com a sua filosofia.

Outro olhar discreto e outro passo. Nem todos os vampiros podiam voar. Tão grande como era, ele foi contra a lógica que Jared podia. Essa habilidade parece ser relegada para o menor ser invertebrado, vampiros leves. Ela não podia voar, entretanto, mas ela pode ser capaz de enganá-lo sobre a fronteira.

— O acordo não é necessário. — ele disse a ela, puxando a sua energia em foco apertado.

— Isso diz você. — Era agora ou nunca. Os arbustos sobre a beira, queimados pelo inverno, pareciam que podia conter ser peso. Ela reuniu sua força e mudou sua mão para pegar a mochila.

Jared acenou com a mão em direção ao precipício.

— Você nunca vai fazer isso. Eu terei você em duas passadas.

Um pequeno arrepio primitivo de consciência passou por ela ao uso da palavra "terei". Havia algo tão elementar na forma como ele disse isso, uma dica de posse que não estava acertando o seu senso de independência com a nota de discórdia devida. Bom pesar, tinha o Santuário confundindo-a mais do que ela estava consciente? Tinha tomado as manipulações mental mais profundas agarre do que ela pensou?

— O que há de errado? — Ele deu um passo em sua direção, chegando, uma carranca no rosto. Com um piscar de olhos ela percebeu que havia projetado sua aflição direto para os braços de sua energia.

Ela puxou as emoções rebeldes de volta.

— Eu não gosto da sua atitude.

O queixo dele angulou para baixo, a sombra do chapéu escondendo a cor dos seus olhos, deixando apenas as cintilações de energia nas bordas de sua íris dançando como chamas na escuridão.

— Esse pânico foi um conjunto muito mais profundo do que incômodo.

— Talvez você devesse tentar olhar da situação através dos meus olhos. Um vampiro auto-proclamado-grande me sequestrou...



— Salvei você. — ele corrigiu, as chamas em seus olhos cada vez mais perceptíveis.

Como se ela se importasse se ele ficou chateado com este ponto. Homens com tanta arrogância quanto Jared realizadas em torno merecia tê-lo mudar agora e depois.

— Como eu estava dizendo, eu fui sequestrada, presa em uma pequena cela sem ar...

— Não era sufocante.

Ela acenou para sua interrupção.

— A realidade é que eu tenho problemas com pequenos espaços.

— Eu não notei nenhum problema na noite passada.

Ela respirou um suspiro e envolveu seus dedos de volta em torno da cinta.

— Você realmente não pode deixar de discutir, não é?

— Não quando você mente para pintar um quadro mais favorável de si mesmo.

Não era mentira. Normalmente, ela entrava em pânico quando fechada, mas a noite passada não tinha entrado. Ela não sabia o porquê disso mais do que ela sabia que estava indo salvar Miri, mas ela descobriria. Ela sempre descobria. Ela suspirou e agarrou a mochila.

— Onde você tem estado toda a sua vida? Manipular a realidade é que as pessoas fazem quando estão contando uma história.

— Você pode ficar com a verdade ao dizer esta.

Ventos sopraram sobre o morro, soprando o cabelo dela em torno de seu rosto e um arrepio na espinha. Porra, ela odiava o frio.

— Qual é o ponto?

Ele deu um passo, fechando a distância que tinha tomado suas três passos.

— A alegria de contar uma história é a magia da fiação do conto, não no número de exageros você pode criar.

Ela observou cautelosamente enquanto ele chegava por cima do ombro dela.

— Então você diz. — Sua mochila virada aberta. — E quem pode dizer que eu estava exagerando? — ela perguntou, torcendo o pescoço para ver o que estava fazendo. O cobertor deslizou do bloco. Ele caiu ao redor de seus ombros, compreendendo embalagem e todos os que ele desenhou em torno dela.

— Sei.

— Isso é porque você tem mais de 1,80 metros e mais músculos do que... — Ela reconsiderou terminar essa afirmação.

— Mais músculos do quê?

— Do que uma mulher de 1,50 metros de altura de peso não revelado.

A contração dos lábios foi definitivamente de diversão.

— Agora há uma outra diferença em como eu ia contar a história. — Ele apertou as bordas do cobertor em suas mãos. — Eu uso a palavra insuficiente para descrever o seu peso.

Ela agarrou as bordas, equilibrando-se no rescaldo do motim dos seus sentidos na sua proximidade.

— Ninguém pediu a sua versão.

As bordas dos lábios curvaram-se para cima, desta vez alcançando um sorriso. E novamente ela piscou. Essa sugestão de maciez teve a sua expressão de durão francamente desagradável ao sensual com apenas um pequeno deslocamento do músculo.



— Noite de Sorte a sua que eu estou oferecendo de graça.

Certo. Sua noite de sorte. Até agora ela teve que escolher seu caminho para fora de uma armadilha da ilusão, iludir uma equipe de patrulhamento dos vampiros do Santuário, e agora ela tinha a sua doce maneira de falar fora das garras de um demasiado belo-para-seu-próprio-Renegado bom benfeitores. Sim, a sorte foi que ela tinha. Má sorte.

— Eu sou uma mulher muito sortuda.

A cabeça de Jared inclinou para o lado enquanto ele dava um passo para trás.

— Agora, porque eu me sinto minhas suspeitas na qualidade quando você começar a concordar comigo?

— Provavelmente porque você não estava treinado adequadamente como um bebê.

O sorriso se espalhou para um sorriso. Novamente ela piscou. O sorriso de Jared foi positivamente letal.

— O que você faz tanta certeza disso?

Ela abraçou o cobertor para ela enquanto o chocalho de árvores anunciava o vento vem.

— Sua natureza tensa e controladora.

Seus olhos se estreitaram enquanto o vento soprava em torno deles. Embora ela tentasse escondê-lo, ela sabia que ele não tinha perdido seu arrepio.

— Bem, desde minha natureza tensa e controladora e eu vamos ser amigos seu peito para as próximas duas semanas, é melhor você se acostumar com isso.

— Duas semanas? Eu não posso ficar com você por algumas semanas! Eu tenho uma vida para viver.

A mão dele sob o queixo, levantando o rosto dela com um despir rápido desvanecimento da lua.

— Ninguém está impedindo a sua vida, só que você está vivendo com ele. — Ele inclinou a cabeça para a direita, os músculos facilmente oprimir sua teimosia.

— Você não tem direito

— Já passaram mais de meus direitos.

Ela puxou o queixo.

— Enquanto atropelava os meus.

— Tempos difíceis exigem adaptações difíceis. — Seu polegar pressionou os lábios e se retirou. Ele assistiu ao local para um batimento cardíaco e, em seguida derrotou o seu olhar com o dele. — Você está anêmica.

— Então?

Ele franziu a testa.

— Você sabia?

— Sim.

— Por que você não me contou?

— Porque não é incomum.

Sua carranca aprofundou.

— Por quê?

Ela revirou os olhos e empurrou o queixo de seus dedos.

— Se eu soubesse disso, eu poderia consertá-lo, não posso?



Ele pegou o queixo de novo.

— Você precisa se alimentar.

— Não, eu não preciso. — Ela tinha acabado de ter vômitos e dor da última alimentação. Ela não estava a passar por isso novamente até que ela estivesse absolutamente bem.

— Você é fraca.

— Somente em relação a você.

— Você me enfraquece.

Ela tinha uma solução simples para isso.

— Deixe-me para trás.

Seu domínio sobre o queixo apertado de dor próximo.

— Como isca para o Santuário? Eu não penso assim.

— Como você sabe que eu não sou um deles?

Isso o fez parar. Ele apareceu para debater a questão de dois segundos e depois deu de ombros.

— Eu não sei, mas se você é ou não, é irrelevante. Você vai comigo. — Largou a mão em seu ombro, seu plano de frustrado. — No entanto, ele traz a questão de que você está fazendo aqui no meio do nada, sozinha.

— Bem, eu não começar no meio do nada. Eu tive ajuda para chegar aqui.

— Até os homens que eu vi você com ele.

— Sim.

— Eles tiveram algum tipo de fetiche de siga seu líder. — Ela lançou-lhe um olhar. — Não ao contrário de você mesmo.

Ele sorriu e, depois, quando ela começou a tremer, ele a puxou contra ele. Bochecha encostada naturalmente contra o peito. Deus, ele era grande. E quente. Como ela estava em seus braços, lutando para manter-se de aquecida dentro, ele parecia ficar mais quente. Em um minuto ela percebeu que ele estava. Ele foi regular sua temperatura corporal. Elevando-o para ela. Ele colocou as mãos sob a camisa. Seu abdômen sugado em um suspiro rápido.

— Me desculpe

— Nada de se desculpar. Eu só esqueci de quanto frio uma mulher pode ter nas mãos.

Quando ela tentou retirá-las, ele sacudiu a cabeça.

— Fique até aquecer.

Foi a coisa mais doce que alguém já havia feito por ela em mais de duzentos anos. Tentou pensar no momento como uma forma puramente clínica, tentou pensar em seu estômago como impessoal lareira, mas quanto mais tempo ela ficou lá no ar frio da noite, mais consciente de si, ela se tornou. Os cumes do músculo sob suas mãos, a masculinidade crua ele exalava a cada respiração, seu calor, o sorteio do seu poder. Jared dos Renegados, ela decidiu, era um homem muito perigoso. Ela retirou as mãos de sua pele.

— Todos quente?

Ele não era mesmo a respiração pesada. Aparentemente, ela não tem o mesmo efeito sobre os sentidos que ele tinha na dela.

— Sim, obrigado.

Ele agarrou a arma.



— Então vamos lá.

— Vamos para onde?

Ele apontou a noroeste com o rifle.

— Até o morro.

Morro? Era uma montanha!

— O que tem lá em cima?

— Alimentação.

Ela olhou para a encosta e depois volta para ele.

— Não há nenhuma necessidade de escalar a montanha por minha causa.

Ele pegou seu braço e virou na direção que ele queria que ela fosse.

— Há várias necessidades.

— Não vai fazer diferença.

— Isso eu vou ter que ver por mim mesmo.

Ela fincou em seus saltos.

— Eu não vejo porque nós temos que ir para cima para que você possa provar um ponto.

O canto de sua boca se contorceu.

— Porque essa é a maneira que eu estou indo.

Era o caminho oposto que ela deveria ser a posição.

— Eu não posso ir com você.

Ele não olhou para trás, apenas continuou a andar.

— Eu não sabia que eu estava lhe dando uma escolha.

Ela preparava o pé sobre um tronco, agarrando seu pulso com a mão livre para maior resistência.

— Você tem que...

Ele bateu seu cargo sem sequer tanto como um puxão em seu braço.

— Por quê? Você tem um homem para voltar?

O impulso de seu poder era mais forte, de repente, vindo para ela de vários ângulos, para testar a verdade.

— Sim.

O rosnar cercava, girando em torno dela. Ela não conseguia ver nada. Ela deu um passo mais perto de Jared, buscando a floresta. Então ela olhou para cima. Os olhos de Jared estavam vermelhos, brilhantes, com calor e energia. E raiva. Oh inferno. Ela deu um passo cauteloso para trás, observando-o atentamente. Ela podia ter justo saltado da frigideira para o fogo.

CAPÍTULO 4

O jantar foi servido.

Raisa respirou. Como jantar, não foi ruim. Jovem, saudável, bem fisicamente, a mulher teria sustentado um vampiro normal para um bom mês. Mas Raisa não poderia obrigar-se a dar o passo que iria aproximá-la o suficiente para provar a jovem excursionista.



Ela apontou para o homem, obviamente o namorado da mulher, que Jared também mantinha preso.

— Por que não posso tê-lo?

Essa escolha de palavras dela não foi a melhor, foi evidente pelo ruído profundo que emanou do peito de Jared. Jared tinha feito um monte de resmungos desde que ela anunciou que ela tinha um homem esperando por ela. Raisal não tinha certeza de que ele estava consciente de fazer o barulho, mas a cada vez que ela dizia algo que tocava seu crescente sentimento de possessividade, ele rosnava. Ela empurrou os cabelos para fora de seu rosto.

— Vou tomar isso como um “não”.

— O sangue da mulher é bom.

E isso era exatamente o problema. O sangue da mulher era bom. Então foi a mulher. Raisal tinha vasculhado em sua mente o momento que Jared a trouxera para eles. Ela nunca se alimentou de pessoas boas. Parecia moralmente errado para ela. Como tirar proveito de inocentes.

— Não podemos procurar alguém?

— Você precisa de sangue agora.

— Na verdade, eu estou bem por algumas semanas mais.

— Não, você não está.

Como ele não ia ouvir mais nada sobre o assunto, ela não iria discutir com ele. Ela acenou para o casal, tentando outra tática.

— Se nos alimentamos deles, isso irá arruinar completamente sua lua de mel.

— Eles têm uma vida inteira para compensar isso.

— Mas uma mulher só tem uma lua de mel. — Ela olhou para o jovem casal. Ambos tinham cabelos castanhos, pele fina, e aquele brilho saudável que vinha de um estilo de vida ativo. Eles não tinham dinheiro, mas muito amor. Ambos iam para a escola, trabalhavam em dois empregos para sobreviver, e no meio do estresse de suas vidas, eles tinham se casado, com um sorriso nos lábios, a esperança em seu coração. Este fim de semana nas montanhas era tudo o que podiam pagar, e eles não se importavam. Para eles o tempo juntos era um presente precioso que eles apreciavam. Deus, como seria apaixonar-se assim. Ela inclinou a cabeça e sorriu para a magia disso.

— Ela vendeu seu iPod para lhe comprar as luvas.

— Só porque ele deu as dele para ela.

Era tão doce. Quando ela era humana, ela teria dado tudo para um homem a pensar assim nela. Droga, como um vampiro, ela ainda seria, mas os homens eram vampiros possessivos e insensíveis, mais interessados em dominar a tratar uma mulher com ternura. Lágrimas embaçaram seus olhos.

Jared balançou a cabeça e olhou para a ponta de seu nariz.

— Você se envolve muito com suas refeições.

Ela passou as costas da mão pelos olhos.

— Eles são humanos, como nós fomos uma vez.

— Mas nós não somos mais. — Sua mão no meio das costas a empurrou para frente. — Então tudo isso é sentimentalismo por nada.



Talvez para ele. Ela pulou para o lado e encarou-o, levantando uma mão para mantê-lo afastado dela.

— Eu não vou fazê-lo. Este fim de semana é tudo que eles poderiam pedir, e eu não vou estragar para eles, tomando o seu sangue e deixando-os fracos.

— Droga!

Raisa cruzou os braços sobre o peito. Suas maldições não tiveram efeito sobre ela. Sua obstinação, aparentemente, não tinha nada sobre ele. Ele agarrou o jovem por trás do pescoço, transportando-o para ele, o desespero que sentiu por ela evidente no movimento rápido. Obviamente, ele pensou que se ele drenasse o macho, ela veria as coisas à sua maneira.

— E você não beberá deles também. — ela apontou rapidamente enquanto Jared angulava sua cabeça para a mordida, seus dentes brilhando ao luar. Suas sobrancelhas subiram, mas ele parou.

— Eu não vou?

Ela lambeu os lábios e jogou seu palpite.

— Não, você não vai. Você não precisa do sangue. A única razão pela qual você está fazendo isso é porque você está tentando me forçar, mas mesmo que você o sugue tão seco que ele ficará inútil na cama por uma semana, eu não beberei dela, assim seu plano é completamente ilógico. — Ela esperou um segundo para que ele absorvesse antes de acrescentar: — E você não é um homem ilógico.

Ele se endireitou lentamente, seus olhos brilhando com faíscas de frustração.

— Eu não sou?

Ela segurou sua base enquanto a energia dele chicoteada ao redor dela, fervilhando com a frustração que ela podia ver na face dele.

— Não.

— E você está tão preocupada seriamente sobre estes dois terem a lua de mel perfeita que você está disposta a se colocar em risco?

Ela acenou a última parte com um rápido movimento de pulso.

— Eu disse a você, beber de qualquer um dos dois não vai mudar nada. Se você não fosse tão teimoso, você poderia aceitar isso.

— Eu poderia?

— Sim. — Ela pulou o aviso em sua voz, apressando-se para a vitória. Ele estava se enfraquecendo. Ela apenas sabia disso. — Quanto à lua de mel deles, você não foi casado em sua vida anterior? Ou pelo menos noivo? — Um floco de neve caiu e, em seguida, outros enquanto ela procurava em seu rosto por algum abrandamento. — Você não se lembra da antecipação do casamento, a emoção sem fim de saber que finalmente vocês iam ficar juntos?

Outro grunhido retumbou.

— Você está misturando os séculos. Estes dois estão transando como coelhos por anos.

Os flocos de neve, brilhando quase prata com a sua visão noturna, reuniram-se e caíam em espiral de brilhante beleza grupal.

— Mas só haverá uma primeira vez depois de terem se prometido um ao outro. — disse ela baixinho, o rosto de Jared desaparecendo de foco, lembrando-se de volta a sua própria vida anterior. — Apenas uma primeira noite do resto de suas vidas...



Ela piscou enquanto o vento soprava em torno deles, chicoteando os flocos de neve em projéteis picantes. De onde tinha vindo? Tão rapidamente como a tempestade começou, parou.

— Você é uma maldita romântica.

Ele fez o som tão ruim.

— Então?

— A vida não é romântica.

— A minha é.

Ele afastou-se do rapaz. Ela não soltou sua respiração até que a mão dele caiu ao seu lado.

— É por isso que você é um vampiro de merda.

— Eu agradeceria se você observasse sua linguagem.

Para sua surpresa, o olhar dele se contorceu. Com o quê? Vergonha?

— Sinto muito. — emendou. — É por isso que você é um condenado vampiro.

Ela optou por ignorar o sarcasmo e concentrado na concessão feita. Em seus dias, um homem observava sua linguagem em torno de uma mulher e das pistas no discurso de Jared, ele vinha de um tempo similar.

— Desculpas aceitas.

O músculo em sua mandíbula se marcou. Ela levou os dois passos necessários para chegar ao seu lado. O homem tinha feito concessões importantes para ela, poderia fazer uma para ele. Ela colocou a mão na sua manga, a pele do seu antebraço felizmente quente.

— Obrigado por não estragar a lua de mel deles.

Ele olhou para a mão em seu braço, e depois para o casal cativo. Ele sacudiu a cabeça novamente e suspirou:

— Devo estar perdendo minha cabeça.

— Você é apenas um bom homem.

— Eu não sou nem um homem, nem bom, Eu sou um “f...” — Ele cortou-a com um outro brilho. — Um condenado vampiro.

Ela acariciou sua manga.

— Eu sei! — Pegando sua mochila, ela perguntou: — Podemos ir?

Ela fez isso do outro lado da clareira, longe o suficiente do barulho da corrente sobre as pedras era um pano de fundo melódico para a neve caindo suavemente pelo tempo que Jared apanhou as coisas. Dois agarres e teve a mochila fora de seu ombro e sobre o dele. Ela agarrou o cobertor, que escorregou de seus ombros, dando um vislumbre do casal com o canto do olho enquanto ela o fazia, e parou. Apesar do frio, apesar da tenda em perfeito estado a poucos metros deles, eles estavam rasgando as roupas um do outro, seu desejo de um para o outro tão rico, que ela corou. Enquanto ela tirava o cobertor por cima do ombro, Jared voltou para o lado dela, cheirando com impaciência. O casal tinha se abraçado quando eles foram em cima deles, mas não foi nada assim. Houve mais hesitação, insegurança.

— O que você fez? — Jared deu de ombros e engatou o cobertor para cima, amarrado-o como se a necessidade dela por isso fosse culpa dela, que em seus olhos, provavelmente era.

— Você queria que eles tivessem uma lua de mel inesquecível, eu assegurei isso.

— Ao dar-lhes um nível de desejo falso? — Aquele não era um direito mais do que tomar o sangue de inocentes. Apesar de um vampiro ser incrivelmente forte mentalmente, influenciar a



mente só durasse pouco tempo e quando o desejo falsamente induzidos desbotava, o casal iria passar sua vida se perguntando onde ele tinha ido.

Ele agarrou sua mão e virou-a a distância.

— Não. Eu só melhorei a técnica dele.

Raisa fincou seus pés. Jared parou, exasperação dominando a emoção sob a sua cara feia enquanto ele a enfrentava.

— E agora?

— O que você quer dizer, você melhorou a técnica dele?

Pela primeira vez, Jared não encontrou seu olhar.

— Há muita informação sobre transas lá fora, para uma criança nos dias de hoje.

— Em comparação com o meu tempo quando não havia nada?

Ele arqueou as sobrancelhas, toda sua arrogância de volta.

— Fale por si mesma.

— Eu falo. — Ela tocou o braço dele. — Então você o ensinou?

— Apenas corrigiu algumas noções erradas.

— E ela?

— Apenas removi umas poucas inibições absurdas.

Ela ia perguntar quais, e então decidiu que não queria saber. Ela tinha mais do que sua parcela de inibições, e se ela corasse na hora errada durante a explicação, Jared teria algo para atormentá-la por vários dias.

— Isso foi tão incrivelmente doce.

— Só um meio para um fim. — Com um empurrão de seu queixo, perguntou: — Podemos seguir em frente agora?

Se Jared queria que ela acreditasse nisso ou não, ele era um bom homem. Se ele não tivesse feito, ele não teria escutado a sua argumentação e, certamente, não teria ajudado o jovem casal da maneira que ele tinha. Havia tão poucos homens bons deixados no mundo. Um bom deveria ser sempre recompensado. Ela olhou para a inclinação, o seu coração afundou-se na inclinação. Ela odiava subir, mas como recompensa por ele ter cedido aos seus desejos, ela não iria dizer uma palavra de reclamação por todo o caminho até a condenada montanha.

— É claro.

A mulher não sabia como calar a boca. Jared rangeu os dentes um contra o outro.

“Por que ele teve que escolher o caminho mais alto?” se infiltrou em seus escudos mentais.

Era parte da interminável ladainha que ele tinha sido forçado a enfrentar desde o primeiro indício de uma inclinação. Não importava como ele tentasse bloquear Raisa, a sua energia parecia encontrar um caminho, em sua sondagem até seus pensamentos invadirem os seus. Ele diria-lhe para parar se não fosse pelo fato de que ela parecia totalmente alheia de que ela o estava projetando.

E que tinha sido divertido se para a última milha chegando com todos os adjetivos que ela poderia pensar para descrever a sua bunda. Ele nunca soube que mulheres admiravam traseiros de homens, mas Raisa havia elevado sua apreciação disso numa arte. E essa valorização foi a única coisa a impedi-lo de agarrá-la por não parar de reclamar na última hora.



Ele suspirou enquanto os passos atrás dele paravam. Ele se virou. Raisia estava equilibrada do outro lado de um tronco, olhando para ele como se fosse uma cobra enrolada pronta para atacar. Flocos de neve brilhavam em seus cabelos avermelhados como uma coroa de fadas quando ele captou: *Vou castrá-lo. Mais um tronco como esse no caminho e — zaz, zaz —, seus dias de excitação estão terminados.*

Apesar da gravidade da ameaça seus lábios se contraíram.

— Algum problema?

Só outro monstruoso tronco para eu levantar minhas pernas, seu monstro sádico.

Em contraste com a maldade de seus pensamentos, seu sorriso era doce de doer.

— Não mesmo.

Doendo? Ele tocou a mente dela, deslizando através do caminho da sua projeção para o futuro. Suas pernas não estavam apenas doendo, elas estavam tensas e tremendo de exaustão. E ela não havia dito uma palavra. Nem uma palavra maldita. Ela escondeu suas emoções, suas dores, seu cansaço profundo e encheu a cabeça dele com as conversas sem importância sobre sua bunda e seu ódio da direção para cima.

— Filho da puta!

Ele estava ao seu lado antes de a maldição terminar, pegando a queda de lágrimas nos olhos esgotados antes que ela piscou-os e ergueu o queixo. E esse doce, totalmente encantador, totalmente enganoso sorriso curvou seus lábios.

— Desista. — Ele poderia sacudi-la por ter sido tão tola. Agarrando-lhe o braço, ele a obrigou a sentar-se no tronco. — Por que diabos você não me disse que você se machucou?

— Porque eu não queria um sermão.

— Bem, prepare-se. Você vai ter um — um diabo de um.

Ele ergueu a perna direita, a raiva, principalmente de si mesmo, colocando muita força por trás da manobra. Ela caiu de volta. Ele pegou o braço dela e puxou sua frente. Ela não parou quando ela ficou de pé, não parava de vir até seu antebraço apoiado em seu ombro enquanto ele trabalhava e massageava os músculos delgados em torno de seu joelho direito. Inferno, não havia nada à sua substância, não, não força, apenas um sentido de humor maluco, e um sorriso que poderia derreter calotas polares. Encontrou um nó e cavou seus dedos polegares nele. Seu estremeecedor gemido passou em seus ouvidos.

— Oh, isso parece bom.

Cerca de um milhão de outras maneiras para fazê-la sentir-se bem encheram a cabeça dele, nenhuma delas apropriada, e certamente nada que um homem faria com uma mulher que esperava que ele observasse sua língua perto dela. A mão dela deslizou por cima do ombro e caiu da testa para sua clavícula, dando-lhe mais do seu peso. Ele mudou seus pés para aceitá-la mais facilmente. Ela estava mais do que esgotada. Ela estava acabada. Ele voltou sua atenção para a outra perna, encontrando o mesmo tremor, os mesmos nós, a mesma delicadeza feminina. E além de não reclamar de ter que subir, ela não tinha dado qualquer indicação sobre a angústia que ela estava sentindo. Ou ela era a mulher mais obstinada e abnegada do mundo, ou isso era normal para ela. Ele voltou por tudo que ela tinha dito a ele, o último remanescente em sua mente.

— Na verdade, eu estou bem por algumas semanas mais.



Um vampiro era mais forte após a alimentação, os resultados se mantendo por uma semana ou duas e depois desaparecendo ao longo dos próximos.

— Você está tentando me dizer que isso é você em seu mais forte?

Ela não levantou a cabeça.

— Finalmente, o cara pega uma pista.

O músculo na mão se contraiu, e ela aspirou em uma respiração assobiando. Isso não fazia sentido. Ele massageava a cãibra.

— Você se transformou recentemente?

— O que te faz dizer isso? — Era um gemido vibrante.

Ele controlou o impulso da luxúria produzido pela traiçoeira inspiração, mantendo sua voz indiferente com esforço quando disse:

— Minha cunhada teve problemas no início.

— Seu irmão é casado? — Ele virou a cabeça, e seu cabelo roçou o rosto dele. Ele aspirava o cheiro persistente de madressilva.

— Você parece chocada.

Ela empurrou o cabelo para trás. A esta distância ele podia ver a mancha preta e cinza acrescentando dimensão aos olhos castanhos. Ele sempre foi parcial para os olhos castanhos.

— Eu nunca conheci um vampiro acomodado.

— Talvez você não tenha encontrado os vampiros certos. — Ele pegou alguns fios de cabelo preso aos lábios e soltou-os. Sua pele era muito lisa, mas gelada. — E isso não responde à minha pergunta.

Ela suspirou e sentou-se em linha reta. Sentia falta do calor de seu corpo, a responsabilidade de levar o seu peso.

— Sim. Tem sido sempre assim.

— E quanto tempo isso foi?

— Cento e nove mil, quinhentos e quatro dias.

Ele riu da maneira brilhante como ela anunciou.

— Não é que você está contando.

— Minha vida deu uma guinada para baixo depois disso. — Ela encolheu os ombros. — E sobre você?

— Um pouco menos de tempo como um vampiro. E, ser transformado definitivamente mudou minha vida.

Aqueles dedos longos elegante tocaram seu braço.

— Para o bem, eu espero.

Ele parou quando ele percebeu que realmente não tinha sido ruim. Ele ainda tinha seus irmãos, ainda tinha que trabalhar com os cavalos que ele amava, e quando ele tinha a dizer adeus ao século e a mulher que ele amava, ele teria que fazer isso de qualquer maneira. Algo que Allie tinha lhe apontando incansavelmente durante os últimos seis meses. Ela tinha um problema real com a hostilidade entre ele e Caleb, e simplesmente não conseguia aceitar que eles estavam confortáveis com ela. Desde o dia que ela conheceu seu irmão, ela controlava o relacionamento deles. Ela ficaria feliz de saber que sua persistência estava dando resultado.

— As coisas foram bastante sossegadas, se quer mesmo saber. Apenas alguns tropeços.



Ele se endireitou.

Ela olhou para ele.

— Que tipo de tropeços?

— Meu irmão e eu tivemos problemas.

Ela franziu o cenho.

— Isso não é bom. Você os resolveu?

— Nós estamos trabalhando nisso.

— Você tem sido um vampiro de quase tanto tempo como eu, e você está apenas trabalhando nisso?

Ele deu de ombros, sentindo um súbito injustificado desconforto com sua carranca.

— Ela nunca foi uma prioridade antes.

— Como poderia não ser?

Ele estendeu a mão. Ela pegou. Ele a puxou para cima.

— Você parece Allie.

Essa carranca atraente aprofundou junto com seu sotaque.

— Quem é essa Allie?

— Minha cunhada.

A carranca desmarcada.

— Então eu não me importo com a comparação.

Isso despertou sua curiosidade. Por que não?

— Porque você a admira.

— O que faz você pensar isso?

— A forma como a sua expressão suaviza quando você fala com ela. Ela é uma pessoa divertida?

Ele se levantou.

— Ela é uma coisa bonita, com mais coragem do que uma mulher deve ter e um senso de humor que mantém a todos ao seu redor a rir.

— Você gosta dela.

— É difícil não o fazer. — Inclinou-se para pegar seu rifle. — Ela faz meu irmão feliz.

Casca pulverizada fora da árvore sobre a cabeça de Raisa. Uma explosão de som arrastou as lascas do tronco. Um forte braço puxou-a para baixo. Ela caiu de costas, caindo sobre uma pedra, a queda do vento batendo nela. Ela não conseguiu voltar mais cedo do que Jared se jogou sobre ela, esmagando seu peito, seu ombro pressionando em sua mandíbula. Acima de sua cabeça, ela viu mais casca lascada fora da árvore e ouviu outra explosão. Um floco de neve pousou em seu olho. Ela piscou. Parecia que amanhecia.

— Bom Deus! Alguém está atirando em nós!

Ela empurrou os ombros de Jared. Ele empurrou para trás.

— Fique aí, sua pequena idiota.

A próxima bala atingiu mais abaixo do tronco. O próximo não falharia. Empurrando-a tornou-se frenético.

— O tolo nessa situação seria o colocar-se como prática de alvo.

— Role.



Seus braços ficaram sob ela, e então se foi para baixo e para baixo até que rolaram na sombra das árvores. Ele tomou o pior de tudo nos cotovelos e joelhos, protegendo-a com seu corpo grande enquanto o eco do tiro reverberava em seguida. Antes que ela pudesse recuperar o fôlego, Jared levantou-se pela metade, sacudiu a metade atrás de uma árvore. Ele entregou-lhe o rifle. Com os dedos fechados em torno da culatra, ele disse uma palavra:

— Fique.

E então, com a graça de animal, ele girou ao redor, desaparecendo nas sombras.

Ela podia sentir a sua energia ventilando para fora, envolvendo a floresta ao seu redor, sentir a sua hesitação, ele descobriu que ele estava procurando, sentiu a tensão afinar o fluxo, e então ele estava dirigindo fora, perpendicular ao local de onde os tiros vieram, facilmente rastreáveis a ela. Mas, então, todos estavam facilmente acessíveis a ela. Ela tinha talento para seguir a energia que os outros não podem ver ou sentir. Ela enviou um pensamento no seu encalço.

Tenha cuidado.

Sua resposta foi curta e ao ponto.

Fique quieta! E então, como se em desculpas para a dureza da recomendação, veio um golpe de calma.

Raisa suspirou. Ele era um homem muito bom, e se as coisas eram diferentes, ela poderia ter permanecido apenas na sua empresa para a singularidade da experiência, mas Miri estava confiando nela. Miri, com sua incrível força e convicção absoluta de que seu companheiro poderia salvá-la da tortura do Santuário se Raisa apenas pudesse encontrá-lo e deixá-lo saber que ela vivia.

Por um momento, Raisa sentiu o peso da responsabilidade caindo sobre ela. Ela não sabia nada sobre ser um herói, não sabia nada sobre esta guerra em que havia se visto envolvida. Ela passou os últimos duzentos de seus quase trezentos anos de vampiro experimentando com a mudança dos tempos e culturas. Saboreando a liberdade de aprender tudo o que havia sido negado como escrava virtual. Entre evitar as perseguições lascivas dos vampiros patifes do sexo masculino que a viam como uma oportunidade a ser explorada, e o era.

Ela aprendeu desde muito cedo que ela era diferente, sem as competências que põem os vampiros do sexo feminino em situação de igualdade de gêneros com os machos. Sangue era seu reforço, mas apenas de forma marginal, e cada vez que ela bebia ela ficava tão doente há por tanto tempo que ela adiava fazê-lo até que não havia outra escolha. O melhor que discernir, era que era alérgica a sangue. Animal ou humano, não fazia diferença. Quanto mais bebia mais doente que ela ficava, mas se ela não bebesse nada, ela ia morrer mais depressa. E ela não tinha chegado ao ponto onde o suicídio parecia bom.

Ela pegou a espingarda. Com um último olhar na direção que Jared havia ido embora, ela disse um adeus e desceu a montanha, tomando cuidado para mascarar sua presença. Seus músculos ainda estavam cansados, mas desde que "para baixo" estava trabalhando em um novo conjunto de músculos, fez bom tempo. Parte de sua observação para outra energia, parte dela ficou trancada para Jared. Ela só precisava ter certeza que ele estava vivo. Ela tropeçou quando sua energia foi cortada. Uma interrupção abrupta da esperança.

Não. Ela encostou-se à árvore, enchendo de ar os seus pulmões só para tê-lo escapando em um soluço. *Ele não podia estar morto. Ele não podia.*



— Eu não estou, mas em cerca de cinco minutos você vai querer que eu esteja. — Jared! Ela virou-se. Ele ficou entre dois pinheiros imponentes, parecendo tão escuro e tão imponente como a floresta enquanto ele olhava para ela. Arrancou o rifle para cima, bateu a culatra em seu ombro, esperando que ele acreditasse que ela iria realmente matá-lo. Ela não podia deixá-lo tirá-la de sua missão. O santuário tinha de acreditar que ela estava fazendo o que tinha ordenado que ela fizesse. Caso contrário, iriam matá-la, e se ela morresse, assim também, a esperança do resgate de Miri.

— Fique para trás.

— Eu não penso assim. — Com seu chapéu puxado sobre a testa, os olhos ainda brilhando vermelho do calor da batalha, Jared se mostrava como o perigoso bandido que era. — Abaixa a arma, Raisa.

— Não. — Ela não queria magoá-lo, especialmente quando o via dessa forma, o crepúsculo enfatizando a largura dos ombros. A lua crescente lançava uma luz fraca que brilhava ao largo das partes desbotadas nas coxas da calça jeans e chamou a sua atenção para os músculos fortes sob a flexão com o passo que ele dava em sua direção. Ela apertou o dedo no gatilho.

— Não me faça atirar em você, Jared.

— Você não vai atirar em mim.

— Eu não gosto disso, mas eu vou.

Outro passo.

— De todos os modos, o que a faz pensar que uma pequena bala irá me ferir?

— Porque você a trouxe para caçar vampiros do Santuário. Eu acho que deve ter alguma eficácia contra os vampiros.

— Não é apenas bonita, mas inteligente. — Outro passo. Sua energia estendeu a mão e rodeava-a calma e suave, acenando. O bastardo.

— Você não pode me enganar.

Sua cabeça inclinada para o lado.

— Eu não sabia que eu estava tentando. Se você puxar o gatilho, assista o recolhimento.

— Obrigada.

Ela não podia deixar que ele se aproximasse. Ela procurou cima e para baixo de seu corpo grande, procurando um alvo. Sua cabeça foi para fora. Ela nunca poderia atirar em qualquer um no rosto. Isso deixou seu torso ou pernas. Baixou o cano. Sobre o peito largo, abaixo da linha central do seu abdome, hesitante, quando ela chegou ao cóis da calça jeans. Desgastado quase branco, que seguia as linhas de seus quadris estreitos e pernas fortes, com detalhe de amor. Jared era um homem, um vampiro em excelentes condições, e isso se mostrava na forma grácil como se movia e na forma em que os músculos bem definidos de suas coxas pressionavam contra o claro jeans azul de sua calça. Ela abaixou a arma um pouco mais, dobrando sobre os vincos da calça jeans até chegar as pontas de suas botas arranhadas. Talvez se ela atirasse no pé, ele seria mais lento.

— Desista, Rai. Você não tem isso em você de atirar em ninguém.

Ela trouxe a arma para trás tão lentamente, contando o tempo de batimentos cardíacos, sua coragem em respirações. Ela não podia se dar ao luxo de ser seduzida por um rosto bonito e modo bonito. Ela tinha que ir embora, terminar o que tinha começado. Bloqueou a energia de Jared,



assim ela saberia se ele se movesse. Ela fechou os olhos e lembrou-se um dos poucos momentos felizes de sua infância, antes que a fome já havia tomado seu pai e risos de sua mãe. Antes que a fome se tornasse sua companheira e uma perda constante. Lembrou de volta para quando ela finalmente dominou a natação depois de meses de tentativas. Tinha sido uma aluna lenta, mas todos os dias quando ela saía, sua mãe lhe dava um abraço de incentivo, e no dia que ela, finalmente, finalmente, remou quatro cursos para a praia, a mãe tinha levado o rosto entre as mãos e sussurrou com orgulho em cada palavra.

— Eu lhe disse, Raisa, você pode fazer qualquer coisa que quiser se quiser se for forte o suficiente.

Com as palavras da mãe ecoando em sua cabeça, ela abriu os olhos e olhou para um ponto sobre o ombro de Jared. Coragem jorrou com a memória.

— Você está errado. Eu posso fazer qualquer coisa
Antes que ele pudesse responder, ela puxou o gatilho.

CAPÍTULO 5

JARED lançou-se sobre Raisa antes que a bala o acertasse. Durante um crítico segundo, a incredulidade que ela houvesse puxado o gatilho nublou sua percepção de que ela havia apontado por cima do seu ombro. Atrás dele houve um baque, na frente dele Raisa, o rosto branco como uma folha, o horror em seus olhos enquanto ele voava para ela. Ela largou a arma e atirou os braços para proteger o rosto. Ele a levou para baixo fácil, torcendo para absorver o choque do impacto, tirando-a do caminho, no caso do que ela tinha atirado ainda estar em movimento.

Ele ficou em pé, girando em torno enquanto o fazia, garras de comprimento total, dentes totalmente estendidos. Lançou a sua energia, sentindo uma ameaça, não a encontrando, mesmo que ele podia ver claramente que diante dele, na neve, jazia um homem, um were, derramando sangue de uma ferida grande no ombro e se espalhava sobre o solo congelado em uma mancha escura. Flocos de neve caíam na poça de sangue, desintegrando-se no calor. Seus sentidos deveriam estar gritando. Eles não estavam. Isso não era bom.

Jared pegou o rifle, recarregou e colocou-o no colo da Rai. Seus dedos fecharam reflexivos em torno dele. Encontrando o olho arregalado dela, ele ordenou:

— Se alguma coisa se mover, puxe o gatilho.

Ela piscou.

— Mas e se...

Ele a cortou.

— Não há *ses*. Puxe o gatilho, e eu vou resolver tudo o que precisa ser resolvido mais tarde.

Outra piscada e depois os lábios incríveis firmados. Um aceno rápido, e ela colocou os cotovelos debaixo dela. Satisfeito que Raisa faria o que ele disse a ela, Jared voltou-se para o seu atacante. O invasor que não deveria ter atingido dentro de cem metros dele sem a sua presença ser detectada por sua energia.

— Eu o matei? — Rai perguntou.



Ela não parecia muito animada com a perspectiva. Lembrou-se do horror nos olhos dela e da maneira que ela pediu pelos vampiros que a tinham atacado. Ao contrário dele, matar o que precisava matar não era algo que ela provavelmente fazia em uma base diária.

— Não. — Ele cutucou o paralisado lobisomem com seu dedo. — Apenas o acertou.

— Acertei-o? Como eu poderia apenas acertá-lo de tão perto? — Ela parecia tão horrorizada e decepcionada em uma respiração.

— Talento, raio de sol. Puro talento.

— O que significa isso? — Ela tinha uma propensão para se preocupar com as coisas erradas na hora errada.

— Nada para você começar a se melindrar, assim fique quieta um segundo e deixe-me me concentrar.

— E em que, exatamente, você precisa concentrar-se?

A borda a sua voz e o tique nervoso de sua energia o advertiu que ela ia ser toda suave para ele outra vez.

— Nada que você precisa se preocupar.

O som que ela fez foi uma versão refinada de sua própria descrença.

Ele deu outra cotovelada no lobisomem.

— Frustrante não é? — perguntou para o quimicamente congelado lobisomem. — Ter sua própria tecnologia usada contra você?

O lobisomem não podia responder, imobilizado como ele estava pelo agente paralisante carregado na bala, mas a antipatia que rolava dele em ondas falava volumes.

— Slade pensou que o coquetel do Santuário devia ser melhorado um pouco para incluir lobisomens em seus efeitos. — Inclinou-se e começou a verificar os múltiplos bolsinhos do casaco de camuflagem do homem. — Eu não posso dizer que eu discordo.

— Quem é ele? — Rai perguntou.

— Apenas um muito amigável lobisomem, bombom.

Ele a deixou fervendo com o novo apelido, enquanto puxava a pistola do coldre preso ao ombro do were.

— O que você vai fazer com ele?

— Matá-lo, eventualmente.

Ela engasgou, mas silenciou por um segundo. Um fio de energia provocou sua mente, batendo suavemente. Quando ele não respondeu a batida, ela deslizou dentro, utilizando-se de que maneira pura, ela tinha de contornar a sua defesa. *Você não pode matar um homem indefeso.*

Ela estava errada. Ele poderia facilmente matá-lo. O desgraçado definitivamente planejava matá-lo, então provavelmente estuprá-la. Com a sua fraqueza, ela não teria nenhuma chance contra a fera.

Fique fora disso, querida.

Você vai continuar me chamando de nomes bobos toda vez que eu falo com você quando você não quer?

Ele encontrou um pequeno dispositivo eletrônico no bolso esquerdo da calça do lobisomem. Esse era o plano.

Não vai me deter.



Ele não imaginava que iria. É por isso que eu decidi me divertir vendo quantos eu posso vir a lidar, bochechas doce.

Ele sentiu o movimento enquanto a mão dela ia para o seu rosto. *Com um brilho de diversão ele acrescentou:*

Essas não são as bochechas que eu estava me referindo, a propósito.

Outro suspiro e depois mais um pouco de silêncio antes que ela respondesse. *Você é ultrajante.*

Não. Enfiou o aparelho no bolso. *Apenas um conhecedor de bundas bonitas. Muito como as suas mesmo.*

Silêncio mortal. Ele não sabia que ele podia sentir um rubor, mas Raisa estava chegando em voz alta e clara sobre a conexão entre eles, uma onda de calor e desconforto feminino estranho enquanto ela descartava a possibilidade de que ele ouvira sua ladainha mental na subida da montanha. Ele sorriu. Ela era uma coisa bonitinha. E, finalmente, abençoadamente silenciosa.

Ele removeu as facas do tornozelo do lobisomem.

— Então, imbecil, me diga o que você está fazendo aqui, e porque você pulou sobre nós?

Não é de surpreender que o lobisomem não respondesse. A sonda de sua mente não revelou nada além do fato perturbador que ele estava caçando Raisa. Jared virou o lobisomem e procurou em seus bolsos traseiros. A dobra de papel no bolso direito encontrou os dedos lá. A tensão mental do lobisomem aumentou.

— O que é isso?

Jared puxou-o livre, aberto, e congelou. Era um retrato de Raisa. Não a Raisa que ele conhecia com a inteligência afiada e otimismo terminal, mas uma mulher com baixo relevo, com os olhos cheios de dor que irradiava raiva, mas a mesma Raisa.

— O que é isso? — perguntou ela.

Ele não respondeu, apenas redobrou o papel e colocou-o no bolso e perguntou-lhe:

— Você não deveria estar mantendo um olho para fora para seus companheiros?

— O que faz você pensar que há mais?

Apontou para o homem abatido.

— Os lobos viajam em grupos. — o tremor do lobisomem confirmou o que ele suspeitava. Havia mais.

— Ele é um were?

— Sim.

— Isso é melhor do que um vampiro, certo?

Era a opinião de McClarens e D'Nallys.

— Isso me disseram.

E ele havia encontrado alguns lobisomens que envergonhariam a todos, exceto a alguns poucos vampiros por sua habilidade em combate e astúcia. Derek McClaren para um, e Ian e Creed D'Nallys para um outro casal. Jared se levantou. Ele tinha cerca de vinte minutos de efeito paralisante a partir da bala dele ter que começar a assistir a sua volta. Ele foi para o lado de Raisa. Seus grandes olhos castanhos o estudaram com cautela. A foto em seu bolso ondulava com a incriminatória insistência.

— Por que eu não pude senti-lo?



Ele puxou o pequeno dispositivo eletrônico de bolso.

— Eu suspeito que isso pode ter algo a ver com isso.

Ela pegou-o dele, segurando-o na palma da mão aberta por um momento antes de fechar os dedos sobre ele. Seus olhos assumiram que o olhar distraído que disse que ela estava se concentrando interiormente.

— Tem uma vibração estranha para sua energia.

— Você pode sentir alguma coisa?

— Sim, agora que eu estou segurando-o.

Ele pegou o aparelho da mão dela. Ele segurou-o por uns bons dois minutos, concentrando-se, mas sem sucesso. Ele não sentiu nada. Absolutamente nada, o que era incomum. Tudo tinha alguma energia residual da sua função, as pessoas que tocaram, fonte de seu poder. Mas este dispositivo estava em sua palma como morto.

— Tem certeza que você não está imaginando coisas? — ele perguntou, dando ao objeto um aperto.

Ela cortou-lhe um olhar aborrecido.

— Positivo.

— Não precisa ficar mal-humorada. Basta fazer uma pergunta.

Ela olhou para o punho fechado dele.

— Eu sempre fui sensível à energia.

Isso era possível. Cada vampiro, quando se transformava, desenvolvia alguma habilidade especial, geralmente um aumento de algo que já tinha. Ele nunca conheceu outro vampiro dotado com a capacidade de ver e jogar energia, mas isso não significava que eles não existissem. E Raisa aparentemente era um deles. Essa energia única que fluía em torno das bordas da dele, escorregando nas dobras com facilidade familiar, acalmando as bordas cruas. Muito familiar e com muita facilidade. Se ela poderia fazer com sua energia que ele poderia fazer com a dele, ele precisava de uma certa distância entre eles até ele descobrir como ela estava envolvida com o Santuário. Ela pode ser uma colaboradora do Santuário. Isso certamente explicaria sua resistência a matar guerreiros do Santuário. Ou ela poderia ser apenas uma vítima com um coração mole, seu vampiro sussurrou, desconfortável com tudo o que a colocou fora de sua aceitação.

Jared tirou sua energia para longe de Raisa. Não foi tão fácil como deveria ser. Um silvo de dor veio dela para ele. Ele não tinha nenhuma razão para a culpa que ele folheava. Ela agarrou o dispositivo novamente. Ele balançou a cabeça e colocou-o no bolso da camisa.

— Eu vou guardar isso para Slade verificar.

Ele pegou a mochila dela. Sua energia fluía ao seu redor, buscando uma leitura de suas emoções. Ele bloqueou.

Nenhuma dor, ele pôde sentir dentro dela ante seu movimento se mostrou em sua voz quando perguntou:

— E sobre ele?

— Eu vou cuidar dele em um minuto.

Seus lábios deslizavam entre seus dentes, pressionando a plenitude cheia, aprimorando a atenção dele. Ela tinha uma boca magnífica, lábios cheios por trás dos quais ele podia ver até os dentes brancos. Sua boca realizou um apelo que ele não podia se dar ao luxo de ceder.



— Você não pode matá-lo.

Ele atirou-lhe um olhar.

— Por que não? Ele ia me matar.

A mandíbula dela flexionou. A carne em torno de seus dentes brancos brilhava o brilho do esmalte dos dentes pressionando para ele.

— Não está certo.

— Você está preocupado com a minha alma ou a sua?

— Eu não entendo?

Ele caminhou até onde o seu cobertor caiu, amassou-o e jogou-o para ela.

— Justo o que eu falei. Qual é a sua preocupação sobre a forma como aquele pedaço de merda morre? Ele queria me matar, estuprar você, de modo que o que importa como ele encontra o seu fim?

Ela enrolou o cobertor em uma bola. A neve, caindo mais pesada agora, enquanto a tempestade se formava, abrigando-a em uma rodada de enxurrada.

— Porque nós não somos eles. Não matamos, porque isso atende às nossas finalidades, ou torna a vida mais fácil.

— Fale por si mesma.

— Faço isso.

— E o seu ponto seria?

Sentou o seu peso em seus sapatos, ombros eretos.

— Eu não posso deixar você matar a sangue frio, não importa o que ele pretendia fazer.

— Você não pode?

— Não.

— Como você pretende me impedir?

— Eu vou começar apelando ao seu barômetro moral, e então eu vou recorrer a métodos físicos.

Ele balançou a cabeça, maravilhado com o ego da mulher. Ela mal chegava ao centro de seu peito e era tão grande ao redor como uma caricatura. Ainda por cima haviam manchas escuras sob os olhos, sua pele era branca pastosa, e cada vez que o vento soprava ela estremecia. E ela iria lutar fisicamente com ele?

— Vá em frente, então, e dê-me seu melhor tiro. — Ele pegou o rifle dela. O fato de que ela nem sequer tentar segurar mostrou a ele como ela foi mal preparada para uma batalha. Ele olhou para o lobisomem antes de olhar incisivamente para ela. — Você pode querer virar as costas para que seus escrúpulos não sejam ofendidos.

— Por quê? Se eu deixar você fazer isso, virar as costas não vai aliviar a minha culpa.

— Mas pode poupar sua sensibilidade.

— Obrigada, mas não, obrigada.

Ele se pôs em alerta contra a energia que irradiava dela. Não foi fácil. As mechas suaves de súplica feminina caíram nitidamente entre a sua mais escura raiva, envolvendo em torno das bordas, puxando longe da queimadura negra de raiva e na zona cinzenta da sua consciência.

— Desista, Raisa.

— Você fica me dizendo isso.



— Porque é sua única opção.

Ela balançou a cabeça, a mão completamente insignificante em comparação com as dobras do cobertor fechadas em seu punho apertado. Era uma pequena mão branca e delicada. Não era particularmente bonita, não particularmente elegante, apenas uma mão normal pertencente a uma mulher normal, então não havia absolutamente nenhuma razão para o seu olhar ser trancado no mesmo ou por um sentimento incômodo de ter residência em seu intestino.

— Eu tenho outros. — Ela caminhou em sua direção, seus passos cuidadosamente medidos, o seu olhar fechado sobre o lobisomem. Quando chegou a dois passos do homem, Jared colocou-se em seu caminho. Ela não diminuiu a velocidade, não olhou para cima, apenas pisou em torno dele e continuou. Ele estava dividido entre agarrar o braço dela e esperar para ver o que ela faria. A curiosidade venceu.

Ela parou a meio caminho entre ele e o lobisomem e se virou, ainda segurando o cobertor na frente dela como um escudo, o queixo em um ângulo que definiu como teimoso.

— Vamos embora.

— O quê? De repente você está com pressa para ir comigo?

— Considerando a alternativa, absolutamente.

Os olhos dela estavam suspeitamente úmidos. A sensação de desconforto no estômago se intensificou. Culpa. Ela estava realmente fazendo-o se sentir culpado por fazer o que precisava ser feito. Filha da puta. Em quatro passos rápidos ele estava ao seu lado e ao lado do lobisomem, suas garras estendidas. Ele só precisava de um golpe para separar a cabeça de seu corpo. Em um movimento igualmente rápido, Raisal estava agarrada ao seu braço como uma sanguessuga, seu estômago curvado perigosamente perto das bordas afiadas de suas garras. Ele xingou e retraiu-as de imediato, agarrando-a pela parte de trás do seu casaco e segurando-a. Choque era a emoção predominante em seu rosto enquanto ele a advertia:

— Você nunca vai fazer algo tão tolo novamente.

O rugido em sua ordem permaneceu em seu peito. Ela esteve perto, maldição, de conseguir seu abdômen definitivamente aberto. Ele colocou-a a uma distância segura para o lado. Ela caiu em seus pés, um pequeno gato elegante que correu entre ele e sua presa novamente.

— Não, Jared.

Seus dentes estalados em sua persistência. Ele manteve sua voz, mesmo que possível, ele expôs os fatos.

— Não é a sua decisão.

Ela estendeu os braços, como se a largura de 1,50 metros do músculo delgado fosse uma barreira para qualquer coisa que ele quisesse fazer.

— Você não pode fazer isso.

Ele tomou um fôlego, o cru estalido das emoções dela agitando as suas próprias. Ele não gostava dela tão perto do paralisado lobisomem. Congelado ou não, o outro homem representava perigo, e os instintos de Jared exigiam que ele ficasse entre Raisal e qualquer ameaça, não importava o quão leve.

— Se eu não fizer isso, em cerca de vinte minutos ele vai estar em nossas bundas nos caçando.

Os braços dela abaixaram.



— Nós nos distanciaremos dele.

— Uh-huh. — Ela estava louca? Ele observou o lobisomem. Na primeira contração muscular do músculo, ele estava morto. — Você está muito fraca.

— Então você pode me deixar para trás.

A loucura começava a cobri-la. Levantou a cabeça de um golpe.

— Nenhuma possibilidade no inferno.

— Essa é a minha escolha.

Ele balançou a cabeça, acrescentando um impulso mental para sua declaração plena. Isso foi decidido no minuto que ele pôs os olhos nela.

— Não, não é.

Raisa abriu a boca para argumentar, e então congelou. Ela se virou para a direita e, em seguida com a mesma rapidez para a esquerda, levantou o queixo, seu foco a intensificação de um aumento sutil de energia.

— Oh diabo.

— O quê?

— Eles estão vindo.

— Quem? — Ou talvez ele devesse ter perguntado o quê?

— Mais lobisomens.

— Quantos?

Ela fechou os olhos e se concentrou. Abriu-os, ansiedade sombreando seus grandes olhos castanhos enquanto encontravam os dele.

— Cinco.

Merda!

— Oh diabo! Significa que estamos prestes a ter até os joelhos de inimigos?

— Sim.

— Oh diabo — significava que uma mulher quebrou a unha, correu um fio de sua meia. Isso não significa que eles estavam prestes a ser atacada pelo Santuário.

— Eu realmente preciso ensiná-la a xingar.

Ela agarrou sua mão.

— Nós temos que sair.

Eles não podiam ir a qualquer lugar até que ele determinou o caminho a seguir. Ele examinou e nada detectou.

— Tem certeza de que seus nervos não estão agitados?

— Eu não sou do tipo nervoso.

Não, ela não era. Ela puxou o braço em uma tentativa desesperada para pegá-lo em movimento. Quando ele não se mexeu, deu outro puxão e resmungou.

— Eu posso senti-los.

— Eu não posso.

— Eu não posso ajudá-lo se os seus sentidos não estão tão desenvolvidos como os meus.

Seu primeiro instinto foi o de negar a pretensão, ninguém tinha melhores sentidos do que ele, mas depois ele parou. Raisa nunca tinha sido nada exceto brutalmente honesta. Mesmo quando estava ao seu detrimento. Extremadamente. E não havia nenhuma maneira que ela



pudesse esconder a angústia que emanava em ondas sobre ela em pestanejos de energia nervosa surgindo da direita e da esquerda. Ou ela era uma atriz muito boa ou ela realmente poderia sentir o que ele não podia.

Merda! Eles estavam a dois bons dias de corrida de um conhecido reduto Renegado, o que só deixava uma opção. A entrada secreta da porta de trás dos D'Nallys. Usando o que era tão provável conseguir matá-lo em pé aqui esperando o problema aparecer. Merda, mais uma vez. Ele virou a arma contra o lobisomem, e disparou.

Raisa gemia como se tivesse tomado a bala. Tolinha de coração mole. Ele agarrou a mão dela e saiu correndo, arrastando-a atrás dele, chamando por cima do ombro enquanto ele o fazia.

— E você pode parar de choramingar por esse pedaço de espuma. — Isso irritou o inferno fora dele que ela perdesse simpatia com aquele lobisomem. — Eu só o feri a fim de mantê-lo fora de nosso rastro por mais algumas horas.

Desde que a dose dupla de agente paralisante não parasse seu coração, mas ela não precisa saber disso.

— Um lobo a menos para se preocupar. — ela ofegou.

Maldição, ela já estava sem fôlego.

— Sim.

Ele examinou a floresta ao seu redor. A queda de neve espessa obscurecida pelas sombras. Ele ainda não conseguia sentir nenhuma energia, mas os cabelos na parte de trás do pescoço se levantaram em alerta.

— Onde eles estão?

Ela não hesitou.

— Três atrás e um à esquerda e outro à direita.

Demais para arriscar uma luta direta. Pelo menos com Raisa com ele. Ela era muito vulnerável ao ataque, e ele não confiava em sua capacidade de luta através da distração se a ameaçarem.

Jared teve uma acentuada à esquerda, posição em declive, sabendo que os lobisomens estariam esperando que se dirigissem ao reduto Renegado mais próximo conhecido do outro lado da montanha. O “Oh, graças a Deus, para cima não” de Raissa o fez sorrir. No meio de tudo de ruim, ela pode fazê-lo sorrir.

— Você é uma mulher estranha.

Havia hesitação nela

— Obrigada. — um brilho em sua energia que o fez pensar se ele feriu seus sentimentos. Disse a si mesmo que ele não se importava. Disse a si mesmo que era bom distanciar-se até que ele sabia por que o lobisomem do Santuário estava com um retrato dela no bolso. Mas quanto mais ele ficava sem o toque suave de sua energia, mais irritado ficava. Ela tropeçou. Ele só percebeu isso quando houve um forte puxão no braço. Ele olhou para trás e para baixo. Ela estava de lado na neve, pendendo de sua mão, ombro contra um tronco, uma expressão aturdida no rosto. Agarrando-a sob seus braços, levantou-a da neve amaldiçoando sob a sua respiração enquanto ela estremecia e esfregava as mãos.

— Você está bem? — ele perguntou num sussurro mal discernível.

Ela assentiu com a cabeça, os dentes tagarelando.



— B-bem.

Ele removeu a neve dos cabelos e roupas. Ela havia perdido seu cobertor no meio do caminho. Nesse ritmo, ela não iria sobreviver à noite. Ela iria sucumbir ao frio ou aos lobisomens.

— Temos que nos manter em movimento. Há uma passagem segura à frente.

Ela assentiu com a cabeça como se ela não estivesse nas últimas.

— Prossiga.

Esfregou as mãos entre as dele.

— Vou aquecê-la quando chegarmos lá.

Ela assentiu com a promessa.

— Eu vou e-esperar q-que v-você f-faça i-isso.

Maldição, ele não gostava disso. Ela estava congelando, frio drenando o pequeno pedaço de força que lhe restava. Ele não sabia se poderia fazê-lo mesmo que ele a carregasse. Ela tocou o braço com a mão. Essa energia enredou-o novamente.

— Eu vou fazer isso.

Ela tinha escapado dentro de sua mente novamente. Ele colocou sua mão sobre a dela. Seus dedos eram como blocos de gelo.

— Eu sei que você vai.

Se o matasse, ele tinha certeza disso.

Ele estudou o terreno sobre o ombro dela. Tanto quanto ele podia ver através da névoa de sopro de neve, a sua trilha atrás deles era clara. Ele não insultou Raisa novamente, perguntando se ela tinha certeza de que estavam sendo seguidos. Seu intestino estava em pleno acordo.

Ele olhou para ela. Maldição, a cabeça mal no centro de seu peito.

— Apenas lembre-se, quanto mais rápido você correr, mais rápido você vai se aquecer.

Ela lhe deu um leve sorriso e um assentimento com a cabeça. Não havia nada a dizer. Ele colocou seus dedos em torno de seu braço e começaram a correr, arriscando-se a gastar a reserva de energia para levar os dois. A trilha da caverna estava a apenas cinco quilômetros de distância. Se eles chegassem lá, sem serem detectados, estariam bem. Desde que os D'Nallys não cortassem suas gargantas por entrarem no seu território sem um convite, assim. Ele não disse isso a Rai. Ela tinha o suficiente em sua mente apenas para tentar manter-se. Duas milhas de corrida, Rai agarrou sua camisa e puxou.

— Algo está errado. — ela suspirou.

Ele continuou correndo, levantando-a quando seus pés se enroscaram com os dele e ameaçou a levar os dois para baixo.

— O quê?

— Eles viraram.

Ele parou.

— Eu não entendo.

Ela envolveu a mão em seu estômago segurando ao lado, uma careta no rosto dela enquanto ofegava roucamente. Ele teve que esperar para que ela conseguisse ar suficiente para sua resposta.

— Eles viraram logo, como nós fizemos.



— Você quer dizer quando eles nos rastrearam? — Merda, se eles tivessem um rastreador que poderia fazer isso, ele e Raisa estavam em sérios apuros.

A agitação da cabeça dela foi imediata. Os fios de seu cabelo úmido agarravam-se ao rosto lavado. Seus olhos estavam brilhantes e febris, pegando as sombras profundas de seus cabelos encharcados de neve.

— Não. Eles viraram... quando nós fizemos... como nós fizemos.

Filho da puta.

A mão dela foi para o bolso da camisa dele, dando tapinhas no bojo lá quando ela soltou a respiração.

Entendimento queimou imediatamente.

— Um dispositivo de rastreamento? — perguntou ele.

Ela encolheu os ombros, ofegou um pouco, e então disse em uma longa expiração.

— Eu não sei. Eu não estou familiarizada com este tipo de coisa, mas há um constante refluxo e fluxo de sua energia.

Como talvez fossem os sinais dos outros dispositivos. Ele pegou o pequeno aparelho e virou-o. Não havia uma chave ou alavanca em qualquer lugar. Era apenas uma pequena caixa preta selada aparentemente inócua. O que era muito ruim, porque Slade iria importuná-lo como o inferno e voltar para obter mais detalhes sobre isso. Raisa olhou por cima do braço, respirando um pouco mais fácil com o resto.

— Será que tem um interruptor?

Ele teve um sentido ridículo de desapontamento quando ele lhe disse:

— Não.

Ela mordeu o lábio e pensou por um minuto. Esse foco distante interior entrou em seu olhar. Então ela piscou e focalizou sobre ele, aquela boca tentadora que sempre parecia à beira de convidar para um beijo inclinado para cima nos cantos. Ela pegou o controlador de suas mãos, virando-o nas dela.

— Você acha que eles estão tão confiantes de que nós não sabemos que este é um transmissor que eles vão seguir este sinal onde quer que vá?

A compreensão de onde ela chegaria foi imediata. Ele envolveu seu rosto frio em suas mãos e beijou-a duro e rápido, ela abriu a boca assustada com a promessa de seu gosto nos lábios.

— Eu disse inteligente antes? — Ele pegou o aparelho da mão dela enquanto ela estava lá piscando para ele. Inferno, um homem acharia que ela não estava acostumada a ser beijada. Jared sorriu e balançou a ponta do nariz dela. — Você, raio de sol, é uma maravilha.

Enquanto ela olhava, sem piscar, não mover-se, exceto o rosa de sua língua saindo para tocar em seus lábios onde ele havia estado, Jared convocou um cervo da floresta. Uma corsa respondeu à sua chamada. Ela tinha os olhos tão suaves quanto os de Raisa e de forma tão doce. Ele segurou-a no encaixe enquanto ele acenava para Raí.

— Dê-me seu sutiã.

Ela segurava o peito como se ele tivesse justo exigido as suas joias.

Ele pegou o aparelho e disse:

— Eu preciso de algo para amarrar isso com ela. — Ele acenou novamente com os dedos. — Dê-me seu sutiã.



— Vire as costas.

Ele ergueu a sobrancelha para ela.

— Não é possível para você apenas tirá-la de debaixo da sua camisa?

— Eu não sou tão coordenada.

Ele virou as costas.

— Agora isso é decepcionante de ouvir.

Pano deslizou ao longo da pele com um sedutor ruído que enviou sua imaginação a galopar. Seu “viva com isso” enquanto seu sutiã bateu por cima do ombro dele o fez sorrir novamente. A peça estava carregada com o cheiro do seu corpo. Um perfume floral debaixo de um aroma rico, aquele que fez o seu vampiro sentar e tomar nota. Ele pegou a peça de vestuário fora de seu ombro. Era simples algodão. Nada extravagante. Nada como o que ele compraria se ela fosse sua. Ela era definitivamente uma mulher de seda-e-paetês, se ele já tinha visto uma. Ele grampeou o dispositivo em uma das alças, ignorando o senso de conexão que ele tinha de segurar a peça macia. Ele se aproximou da fêmea. Rai estava ao lado dele, com as pernas mais curtas dando dois passos para um seu.

— Você tem a impressão de que eu preciso de ajuda?

— Eu só queria ter a certeza que você não ia colocá-lo muito apertado.

Ele inclinou um olhar para ela, vendo a maneira que ela estava mordendo o lábio inferior.

— Se cair, não vai nos fazer muito bem.

Embrulhou a alça ao redor do pescoço do cervo. Apesar de a fêmea estar encantada, Rai afagou-lhe o pescoço suavemente.

— Mas não precisa ficar nessa por muito tempo. Quero dizer, se não cair, eles vão pegá-la, e eles vão ficar com raiva.

E eles tinham que ter raiva do cervo e que a incomodava.

— Eu só vou prender um gancho, enfraquecer o material, e plantar uma sugestão para que ela esfregue-o fora.

Raisa assentiu com a cabeça, a altura elevada para a sua energia cair fora como o relevo fluía através dela. Ele balançou a cabeça enquanto prendia a roupa na fêmea. Ela tinha que ser a mulher mais macia que ele nunca conheceu. Completamente inadequadas para a vida de um vampiro, mas ela tinha sido uma mais do que ele. Pasmou a mente. Ele bateu o veado na coxa e enviou-o para cima ao leste.

Raisa esfregou as mãos para cima e para baixo em seus braços.

— Eu espero que ela vá ficar bem.

Ele pegou o rifle.

—Faria melhor você esperar que eles caíam nesse truque.

— Eu sei! — Ela ainda estava olhando para o cervo. —Só que parece tão equivocado usar algo tão doce e indefeso.

— A vida nem sempre é justa.

Verdadeiro Ela tomou uma respiração profunda que raspou com cansaço. Como a corça delimitada fora de vista, ela estendeu a mão.

— É melhor começar.



Sim. Ele pegou a mão dela na sua. Seus dedos mal abarcaram a palma da sua mão. Uma mulher como ela não deveria estar aqui no deserto, correndo por sua vida. Ela devia ser guardada em algum lugar seguro, longe de qualquer ameaça, mantida confortável e alegre, fazendo coisas que não teria imposto a sua força. Ela deve ter alguém olhando por ela, facilitando seu caminho. Um pai, um irmão, um marido.

Allie chamaria essa visão machista e ultrapassada, mas ele não poderia ajudá-la. Isso veio naturalmente para ele, proteger as mulheres, lhes mostrar cortesia. Ele tinha sido criado em uma época quando as mulheres eram mimadas e acarinhadas. Não importava como os séculos mudaram, ele não conseguia sacudir esse aspecto de sua educação. Até Raisa, ele não tinha percebido o quanto ele tinha perdido a aceitação de uma mulher de seus cuidados.

— Você está pronta? — perguntou ele. Outra respiração profunda e ela balançou a cabeça. Ele puxou Raisa ao seu lado e desceu a montanha, tendo mais de seu peso do que ela queria dar a ele, acalmando seu protesto mental que ela era muito pesada com um roçar de calma. Sua recompensa foi a do envoltório, calmante viciante de sua energia ao redor dele. Ele levitava-os sobre uma árvore caída. Ela estremeceu contra ele, enquanto o vento chicoteava uma barragem picada de flocos de neve em seus rostos. Tudo de proteção e que sua cunhada iria chamar-aliado do sexo masculino arcaico subiu à tona.

A camisa de Raisa estava molhada. Sua pele fria. Se ele não conseguisse abrigar Raisa em breve, ela iria acabar uma caricatura de si mesma, congelada. Ele estendeu os dedos sobre sua cintura, apreciando sua maciez, mesmo enquanto ela decididamente pôs um pé na frente do outro. A mulher era uma massa de contradições. Ela enfrentou os lobisomens do Santuário sem alterar-se, no entanto falhava em matar e terminar o trabalho quando sentia remorsos na consciência. Saltava quando pensava que ela estaria imóvel, lamentava-se quando ele pensava que estaria calada, e exibia uma determinação incrível, quando outras mulheres teriam fugido. Ela era imprevisível, doce, imprudente, e tão intrigante como todos que saem de lá. E ia levá-la diretamente em um covil de homens famintos por mulher. Ele balançou a cabeça. Este definitivamente não se transformaria no seu dia.

CAPÍTULO 6

Os D'Nallys não os mataram, mas eles estavam inteiramente demasiadamente apaixonados por Raisa para a paz de espírito de Jared. Pelo menos os homens. Jared sentiu outro rosnado retumbar em seu peito enquanto mais um bem musculoso e bem favorecido D'Nally pisou em seu caminho, e murmurou uma saudação a sua pequena vampiro. Seus dentes doíam com a necessidade de afundar no homem que pegou a mão de Raisa na tradicional saudação de um macho para uma fêmea não emparelhada disponível. A única coisa que segurou Jared de cortar o membro foi a maneira como Raisa recostou-se contra ele para evitar o contato. Colocou-a sob seu ombro e rosnou para sua escolta armada.

— Nós estamos indo para algum lugar em especial, ou você está nos levando para um passeio em torno do complexo?



Creed, o líder de sua escolta, enfiou a arma em seu braço. Testa arqueada e o canto de sua boca se contraiu, mas além de "Um lugar especial", Creed não disse mais nada.

O homem era duro por todos os ângulos, eriçado pelo crescimento de um dia de barba, mas no minuto em que Raisa tremeu, os olhos castanhos se estreitaram e ele parou. Como se em sincronia, o resto dos quatro guardas parou. A inspeção visual a que Raisa foi submetida foi tão intensa quanto qualquer uma que seu irmão Slade daria. Raisa arrastava os pés. O toque da sua energia era hesitante. Ele a pegou no seu, o seu envolvimento em torno dele em um golpe suave enquanto ela olhava de volta para o lobisomem. Nada em sua expressão deu a incerteza, que ele podia sentir através de seus traços. Ela estremeceu de novo, e o grande lobisomem virou a cabeça, o amarelo salpicado dos olhos castanhos estreitado sobre Raisa.

— Ela não está bem?

A questão não era inesperada. Vampiros saudáveis não sentiam frio.

— Particularmente, não.

As sobrancelhas foram arqueadas para baixo. Ele tocou o ombro de Raisa.

— O que há de errado com ela?

O rosnar retumbou da alma de Jared. O lobisomem removeu sua mão.

— Ela está fria.

Um pequeno sorriso brincou na boca Creed enquanto ele encontrava o olhar de Jared.

— Você vai ter que fazer melhor do que rugir se você deseja manter os machos longe dela.

A mão de Rai envolveu em torno da parte de trás de sua coxa. Luxúria e ira territorial espalharam-se através dele, eriçado por seu pedido instintivo pela proteção dele.

— Ela está sob minha proteção.

O sorriso Creed foi indulgente.

— A extensão do seu pedido será observada, mas como ela não usa sua marca, cortejar é permitido.

— Tão lisonjeiro ser cortejada soa. — Rai saltou, — Eu não estou no mercado.

O sorriso de Creed, quando se dirigiu a Raisa, foi muito suave, uma emoção na qual Jared não teria acreditado que o idiota no primeiro comando de Ian fosse capaz.

— Mas agora vamos levá-los a um lugar um pouco mais quente, não é? Você não gostaria de encontrar pretendentes com os lábios azuis e dedos congelados.

Isso irritou o inferno Jared pois, ao invés de derrubar a proposta, Raisa sorriu aquele sorriso doce e agradeceu o bastardo arrogante. Logo antes que ela estremecesse. A carranca de Creed voltou. Ele apontou os homens para frente. O ritmo era visivelmente mais rápido do que antes. E quando outro esperançoso intensificava na frente deles, foi um cotovelado de lado muito suavemente pelos guardas. Desta vez, o som que retumbou no peito de Jared foi um grunhido de satisfação. Rai protestou e moveu-se para ver se o homem que desembarcou em sua bunda num banco de neve estava tudo bem. Jared verificou o movimento instintivo. O lobisomem, vendo que Jared não ia deixá-la correr para seu lado, levantou-se com um reflexo fácil de músculo que revelou a sua simpatia pela candidatura para o que era. Um tiro de aviso para Raisa.

— Você está muito mole. — Jared informou Raisa quando o rapaz tocou a testa em uma saudação irônica enquanto Jared se apressava por ela. — Se você não endurecer, este lote vai correr direto sobre você.



Raisa olhou por cima do ombro.

— Eles não têm o que empurrar.

Tanto quanto lhe dizia respeito, a escolta não tinha empurrado o cachorro atrevido o bastante. Ele ainda estava sorrindo e ainda esperançoso.

— Se você não o quer em sua cama à noite, eu sugiro que você pare de incentivá-lo.

Raisa ofegou. Creed riu. Sua mão apertou a de Jared.

— Eu estava apenas...

— Jogando charme para ele. — Jared terminou por ela.

Ela parou tão de repente que, se ele não tivesse o braço ao redor de sua cintura, o lobisomem atrás deles teria colidido nela com o joelho. Como foi, ele teve que carregá-la a dois passos antes que ela recuasse em ritmo.

Seu "Eu não estava jogando charme para ele" era tão duro como o seu corpo.

— É uma cultura diferente, raio de sol. O que você acredita ser como uma atenção inocente, pode acabar se encontrando deitada de costas com um marido que não esperava.

Sentia-se iniciar o medo de Rai. Bem como a aversão de Creed.

— Entre nossa espécie, a sua preocupação pode ser confundida com interesse. Mas os D'Nallys reconhecem que estranhos têm maneiras diferentes. — explicou Creed, com delicadeza ímpar que Jared não confiava em sua voz. — Você não tem que ter medo de estupro, pequena vampira.

Raisa não relaxou, seus olhos dispararam de homem para homem em seus cílios, como se esperasse que um deles pulasse sobre ela a qualquer momento. Os rosnados baixos da escolta, cada um destinado a Jared, pontuava cada passo que dava. Os D'Nallys não gostavam da implicação. Jared ignorou as ameaças, também, satisfeito com que Raisa refreasse a potente feminilidade dela no momento. Ele não dava a mínima se o D'Nallys se ressentiam disso.

Creed parou em frente de uma casa grande de troncos grandes e janelas, e abriu uma porta da frente ornamentada e esculpida. O ar quente do interior fluíu sobre eles.

— Os D' Nally oferecem o conforto de sua casa.

Jared assentiu com a formalidade adequada.

— Obrigado. — Com a pressão na base da sua coluna, ele empurrou Rai através da abertura, o desejo de deixá-la quente e mais forte do que a necessidade de levá-la longe dos outros machos. Creed parou antes que ele pudesse seguir.

Jared olhou para a mão no braço dele e depois para o lobisomem. Não havia nenhuma suavidade na cara do homem agora, apenas o apego ao implacável com o propósito de que o clã era conhecido.

— Não a assuste novamente.

— Não me diga como lidar com minha mulher.

Creed sorriu obscuramente, revelando seus caninos afiados e a agressão tão inerente à sua natureza.

— Ela não é sua.

Jared entrou no espaço do outro homem e descobriu seus dentes de volta em um sorriso igualmente selvagem, o poder de Creed reunia-se com o próprio. Ele tirou a mão que estava em seu braço, restringindo-se de quebrá-lo com força de vontade.



— Ela não vai ser sua.

Creed mudou sua aderência ao rifle.

— Enquanto ela estiver aqui, ela também está sob proteção D'Nally, sujeita às leis da matilha, e seus desejos não serão desconsiderados por vocês.

— Eu nunca pensei que seria.

— Você também não será permitido abusar dela.

— Avisá-la sobre seus costumes, não é um abuso.

— Você a assustou desnecessariamente. Você sabe que a lei da matilha sempre dá à mulher uma escolha.

— Até certo ponto. — Jared sabia que uma vez que uma mulher se deitasse com um homem, mesmo que apenas ele sentisse o vínculo, toda a escolha era feita. A mulher tornava-se sua exclusiva responsabilidade.

Creed inclinou a cabeça.

— Mas até que ponto ela vai ser protegida no seu direito de escolha.

— Protegida de quê?

— Vampiros machos são conhecidos por seu acasalamento indiscriminado. — os lábios de Creed enrolaram em desgosto. — Ela é uma mulher que pensa em termos “felizes para sempre”. Isso vai ser respeitado.

Era um aviso. O rosnar rasgou da garganta de Jared sem pensamento. Ninguém lhe dizia o que fazer com sua mulher.

Creed voltou, com um sorriso zombeteiro nos lábios.

— Enrede tudo o que quiser, mas ela é uma mulher cuja compatibilidade para se acasalar foi sentida por todos. Se ela se tornar companheira de alguém, ela não vai nos deixar.

Muito bom. Só o que ele precisava. Lobisomens em uma missão de acasalamento.

— Ela não é um modelo de perfeição. Ela é contrária como eles vêm.

Como um, os lobisomens ao redor sorriram, sorrisos puramente masculinos de antecipação, fazendo Jared perguntar-se se sua escolta havia sido eleita aleatoriamente ou de homens mais cobiçados da matilha. Creed não era exceção.

— Então ela deve se encaixar nas leis da matilha.

Merda!

Mataria todos os malditos que estavam na matilha antes de ele deixá-los por suas patas nela, Jared decidiu enquanto Raisa saía do banheiro envolta em um roupão felpudo demasiado grande e pesado, vapor ondulando ao seu redor, enquadrando-a em uma nuvem perfumada.

— Aquecida? — perguntou ele, mantendo sua voz tão neutra quanto possível, o que era tudo menos neutra. A mulher mexia todas as arestas de sua personalidade.

Ela assentiu com a cabeça e apertou o pescoço do roupão fechado.

— Sim, obrigada.

Seus cabelos ainda úmidos, caindo em torno de seu rosto muito fino em uma massa suave de ondas. Assim secas, seria aquele emaranhado de cachos de mel silvestre que um homem tentava envolver os dedos na massa entre o amarelo e a cor marrom. Seus lábios eram macios, mas não relaxados, refletindo a tensão que ele podia ver em seu olhar sombreado.



— O que há de errado?

Ela atravessou o quarto, os pés descalços fazendo fios de som enquanto ela ia para onde ele estava na frente do fogão à lenha.

— Vamos ficar aqui por muito tempo?

— Por um pouco, por quê?

Ela encolheu os ombros.

— Eu só estava pensando.

Cansaço e nervosismo saiam dela em uma ondulação.

— Você não estaria, por acaso, se sentindo um pouco caçada?

Ela atirou-lhe um olhar assustado e um sorriso triste.

— Difícil de acreditar, mas até o Santuário me fez sentir menos perseguida.

Jared poderia entender isso.

— Os D'Nallys é um clã bastante intenso.

— Eles não têm qualquer mulher de sua própria raça?

— Sim, mas não é assim tão simples.

Ele puxou uma das cadeiras wing-back mais perto do fogão. Ela piscou-lhe o sorriso e um toque suave de energia.

— Obrigada.

Ela manteve o roupão fechado em torno de suas pernas quando ela sentou-se, negando-lhe um vislumbre de algo diferente do que as pontas de seus rosados, levemente enrugadas dedos pelo banho. Após anos de assistir e apreciar a mostra mais evidente de carne feminina, ele tinha esquecido de como erótica a modéstia de mulheres poderia ser. A expectativa de talvez um vislumbre daquilo que sempre foi escondido, a tentação da possibilidade de obter um relance da mulher, um pouco de tornozelo, talvez pegar uma dica da curva de cima de um seio, um braço nu, uma covinha do joelho...

Saudade bateu-lhe como uma marreta. Ansiando por um tempo quando as coisas eram mais simples, quando ele entendia as regras e estava confortável com elas. O decote do traje ondeou enquanto Raisa se colocava de volta no banco. Jared pegou sua respiração enquanto o vale de sombra entre os seios dela tornou-se visível, um doce espaço, que estava a apenas uma profundidade suficiente para o seu beijo. Em ambos os lados, os pequenos montes inchavam em uma extensão creme firme. Sua boca salivava. Se ele a beijasse lá, ela teria gosto de sabão e limpeza, mulher disposta. Seus dedos contraíram enquanto ele olhava. Ela tinha uma pele muito branca. Ela brilhava quente na luz suave do quarto. Como o melhor creme.

O olhar de Raisa o seguiu. Ela suspirou e apertou a gola fechada. Cor subiu-lhe à garganta. O movimento levantou a parte inferior do roupão, foi de embasbacar. Jared conseguiu um vislumbre de coxas e joelhos frágeis lisos com covinhas pequenas e, em seguida, ouviu um outro suspiro. Sua mão desceu e chicoteou essa lacuna fechada. Ele olhou sem entender por um segundo, o seu sangue pulsando em suas veias, seus caninos estendendo, atingindo sua energia para ela. Tudo porque ele teve um vislumbre de seus joelhos. Filho da puta.

Jared balançou a cabeça e saltou do sofá. Raisa sentada, segurando seu roupão fechado nos joelhos e no peito, olhando-o com o olhar, atento que ela usara durante a caminhada através do



complexo D’Nally. Ele achava que ela não respirou durante as três passos que o levaram de volta ao seu lado.

Quando ele entregou-lhe o chá, ele percebeu que seus pés não tocam o chão quando ela sentou-se. Como o inferno poderia uma mulher tão pequena levantar tanta confusão dentro dele?

— Você está me olhando engraçado.

— Só admirando a vista.

— Não há muito a ser admirado.

Ela rebolou em torno de seus quadris. O verde da floresta trouxe o castanho dos olhos dela, a riqueza de sua pele, a espessura de suas pestanas enquanto abanava o rosto em um piscar lento. Ele empurrou uma mecha de cabelo selvagem fora de sua testa. Estava enrolado em volta de seus dedos.

— Há todos os tipos de raio de sol bonito.

— Bem...

Ela enganchou um dedo em torno do fio de cabelo e puxou-o da mão dele.

— Que tipo de beleza não é tão simples para os lobisomens? Porque eles estão focando em mim?

— Porque você cheira bem.

Sua mão aberta sobre o peito.

— Eu cheiro?

— Para um lobisomem, algumas mulheres cheiram como o céu na terra.

Ela olhou para a janela e a porta, e depois de volta para a janela.

— Por quê?

— Ninguém vai machucar você, Raisa. Os lobisomens são realmente rigorosos sobre isso, e mesmo que seja um bando de sangue quente impetuoso, possuem suas tradições, querida.

— Isso não é uma explicação do por quê.

— Lobisomens não são felizes a menos que estejam acasalados. Se alguma vez houve uma espécie que anseia ser feliz para sempre, essa é uma.

— Então por que eles não apenas se casam?

Seu sotaque voltou. Ela devia estar muito nervosa.

— Porque, quando acasalam, a compatibilidade é determinada por mais do que apenas necessidade mental. Há uma compatibilidade química que tem de existir. Se um lobisomem não achar seu par perfeito, eles vivem sozinhos.

— Muitas pessoas vivem sozinhas.

— A posição social dos lobos, bem-estar emocional, tudo depende do seu acasalamento, por isso, quando uma fêmea viável entra em seu meio, tendem a começar a prestar atenção.

Ela dobrou as pernas embaixo dela.

— Viável.

— Solto.

— Como eles sabem que eu estou solta?

— Você não usa o perfume de outra pessoa.

Ele esperou ela processar isso, o que isso significava. Quando ela o fez, seu rosto ficou vermelho chamejante.



— Há algumas coisas que eu nunca vou me acostumar nesta vida.

Jared sorriu, lembrando a sua própria frustração, quando percebeu que os lobisomens sabiam que ele não a tinha marcado como sua.

— Eu sei o que você quer dizer.

Os lábios dela deslizaram entre os dentes.

— É por isso que você vai ficar aqui comigo, não é?

— Uma razão. — Os outros motivos de ele estar com ela eram muito reveladores.

Uma batida soou na porta. Jared endireitou-se, os seus sentidos a lhe dizer que estava do outro lado da porta e agressão territorial subiu para frente.

— Fique aqui.

Raisa assentiu com a cabeça, os olhos arregalados. Jared cruzou a porta, escancarou-a, e olhou para o homem parado lá.

— Que diabos você quer?

O homem do outro lado do batente rivalizava em altura e arrogância com Jared. Tinha também os mais chocantes olhos âmbar brilhantes que criavam um contraste profundo quando emoldurados por seus longos cabelos escuros. Ele irradiava poder e agressão. Raisa lembrou do que Jared disse sobre o seu perfume. Ela apertou a toalha mais sobre ela, não querendo que qualquer sopro perdido fugisse. O estranho franziu o cenho para Jared.

— Eu pensei que você fosse avisado para não assustá-la mais.

O ombro de Jared flexionou sob a camisa que ele trazia ao tentar fechar a porta.

— Eu não sou o único a assustá-la.

O homem parou a porta com a palma da sua mão.

— Você não consegue ter tudo do seu jeito, Jared.

— Eu não vejo porque não. Ela é minha mulher. Eu a trouxe aqui.

— Mas ela não é sua pela lei da matilha ou pela lei vampiro, o que significa que ela pode escolher.

— É tarde, Ian. Ela está exausta e não tem humor para isso.

Ian passou por Jared.

— É por isso que estou aqui. Para ver se ela precisa de alguma coisa.

Raisa engoliu enquanto a porta se fechava e o homem de olhos âmbar atravessava o quarto, Jared perto. Ela estava presa em um quarto com duas das criaturas mais dominantes na terra verde de Deus, e que pensavam que ela cheirava bem. Ela começou a se levantar. O homem levantou a mão, impedindo o seu esforço.

— Não, fique à vontade.

Não era uma questão de conforto — era uma questão de vantagem — e com ela sentada e ele em pé, ele a tinha toda. Ele ficou ao seu lado antes que ela pudesse se levantar, prendendo-a na cadeira. Ela dominou o início de seu medo. Calma acariciou ao longo do seu medo. Jared. Ela agarrou-se a sua energia enquanto o grande lobisomem se postava diante dela e erguia seu queixo.

— Eu sou Ian D'Nally. Líder dos lobisomens D'Nally.

Negar suas boas maneiras não era tão fácil como deveria ser.

— Raisa Slovinski. Você tem uma bela casa. Obrigada por compartilhá-la.



Ele procurou o rosto dela, esfregando o polegar no rosto. Atrás dele, ouviu um estrondo. Jared. Ela enviou sua energia ao longo dele. Eles não podiam se dar ao luxo de afastar os lobisomens. Ela recolheu a partir das bordas da mente de Jared que este era o único lugar seguro por dias, então ela mordeu a língua quando Ian inclinou a cabeça para a direita e depois à esquerda.

- Por que é tão fraca?
- Eu não sei.
- É uma coisa recente?
- Não.
- Você vivia sozinha?
- Sim.
- Por quanto tempo?

Isso estava começando a soar como um interrogatório.

- Quase trezentos anos.
- Acho difícil de acreditar.
- Eu não ligo para o que você acredita.

Ian sorriu, e uma clara atitude possessiva entrou em seu toque.

- Você deveria. Como você chegou na minha montanha?
- Eu fui arrastada para cá.
- Por quem?

Este era definitivamente um interrogatório. Raisia encontrou o olhar de Ian diretamente.

- O que lhe dá o direito de questionar-me sobre qualquer coisa?

O homem sorriu, revelando os dentes caninos brancos e maiores do que o normal.

- Menina, eu posso fazer o que quiser. Eu sou o D'Nally.

Ela empurrou o queixo fora do alcance de sua mão.

- Que não significa nada para mim.
- Se você se acasalar com alguém do meu grupo, isso significa tudo para você.
- Eu não vou acasalar com qualquer um de vocês.

Em vez de furioso, ele balançou a cabeça.

— Isso é, naturalmente, sua escolha, mas não acho que um simples "não" vai desencorajar os meus homens. Sua chegada causou mais do que algumas lutas já.

- Pelo quê?
- Pela oportunidade de cortejá-la.

Ela não achava que ela disse mais do que um "obrigada" na forma de incentivo.

- Eu não posso ajudá-lo se os seus homens são instáveis.
- Não, você não pode, mas você deve compreender que a consideram como um prêmio que vale a pena lutar.

Ela não queria ser um prêmio.

- Você disse que eu sou fraca. — ela apressou-se a apontar.

Ian olhou para Jared antes de se por em pé.

- Então, caberá ao seu companheiro ser forte por você.
- Ela não precisa de um lobisomem.



Ian deu de ombros.

— Ela precisa de um homem. Tão fraca como ela é, ela é um alvo fácil para o Santuário.

Ela abriu a boca para protestar. Jared apertou seu ombro, cortando o que ela ia dizer.

— Ela me tem.

— Mas você não é seu companheiro.

— Você nunca pensa em outra coisa? — Raisa perguntou, irritada.

Ian balançou a cabeça.

— Não muito. Para sempre é muito tempo para estar sozinho.

Sim, era. Por um momento, Raisa compartilhou a solidão que ela viu nos olhos grandes do lobisomem, em seguida Ian piscou e ela estava sozinha em suas emoções enquanto a expressão dele recuperava a impassibilidade dura e esses olhos incríveis esmaeciam ao âmbar naquele rosto extremamente masculino.

— As mulheres devem ficar loucas com você.

As palavras saíram de repente. Ian riu, e Jared resmungou. Raisa queria que um buraco se abrisse no chão. Ian tocou seu rosto.

— Você estaria querendo entrar na competição?

— Não, não. — Jared grunhiu.

Quem diabos ele estava a dizer-lhe o que fazer? Raisa inclinou a cabeça para o lado e sorriu para Ian. Ele era um homem bonito, com uma gentileza que a atraía.

— Se as coisas fossem diferentes, talvez.

Tão rápido, o líder se foi descontraído e a intensidade de Ian se estreitou com uma precisão laser, fixando-a na cadeira.

— Diferente como?

Ela tinha a impressão de que não importa se ela lhe disse que queria a lua entregue a seus pés, ele daria a ela. A mão de Jared desceu sobre o ombro, quente e dura. Possessiva. Na frente dela, Ian estreitou o olhar sob o gesto. Perigosas luzes começaram a acender nas profundezas.

— Ela é uma forasteira, Ian. — Jared disse cuidadosamente.

Ian piscou e sorriu um sorriso que nada fez para acalmar os nervos de Raisa porque ela podia sentir que a sua incrível vontade fervilhando por trás da fachada polida. O lobisomem poderia ser um inimigo mortal.

As costas dos dedos de Ian passaram por seu rosto.

— Mas um melhor amigo.

Foi a vez dela piscar. Ele havia lido sua mente? Lobisomens podiam fazer isso?

— Sim. — Ian olhou para Jared, seus longos cabelos caindo sobre seu ombro direito. — Ela não tem controle de seus pensamentos ou de sua energia. Isso é perigoso.

— Eu sei!

— Ela precisa ser ensinada.

— Eu não acho que isso é uma questão de ensino, mas de força.

Ian considera-a por um momento.

— Você pode estar certo. Ela é muito fraca.

Raisa recostou-se nas almofadas, querendo distância da agressividade de Jared, do interesse de Ian, apenas querendo... distância. Profundo em seu abdômen, ela sentiu a primeira onda de



fome, seguida rapidamente por um toque de dor. O esforço dos últimos dois dias estava cobrando suas reservas. Ela rangeu os dentes contra a agonia a vir, mesmo mantendo a sua voz e seus padrões de pensamento equilibrados enquanto o desespero agarrava dentro dela.

— Ela está sentada bem aqui.

— E muito bonita também. — Ian concordou com uma arrogância irritante antes de voltar sua atenção para Jared. — Ela não pode ter permissão para sair sem um protetor. Ela iria causar problemas com os homens. Tanta incontida feminilidade seria muita tentação.

Feminilidade incontida?

— Eu vou lidar com isso. — Jared respondeu.

Ela quase teve um torcicolo no pescoço tentando ver o rosto de Jared. Ele era incrivelmente alto, de pé, enquanto ela estava sentada.

— O que quer dizer lidar com isso?

— Teria que ser de acordo com a lei da matilha para que ela seja respeitada. — Ian continuou como se ela não tivesse falado.

Houve apenas uma pausa. Os músculos da mandíbula de Jared flexionaram e apertaram, e um sorriso puramente masculino inclinou os cantos de sua boca generosa.

— É claro.

Raisa não gostou do som do "É claro!" Ela gostou menos ainda da satisfação de seu sorriso. Antes que ela pudesse perguntar o que tanto queria dizer, Ian estava ajoelhado em frente a ela novamente.

— Nesse meio tempo, Miss Slovinski...

— Raisa. — ela corrigiu.

Jared resmungou sua insatisfação. Ele vibrou sob da cadeira para trás e em sua coluna. Ela o ignorou. Ela nunca tinha crescido para aceitar ser tratada formalmente como natural. Ela não era melhor do que ninguém e não estava à vontade fingindo que ela era.

Ian inclinou a cabeça, um pequeno sorriso brincando na boca.

— Ah, mais esperança, para os desesperados. — Seu olhar para Jared foi nada menos que um estímulo. — Se você não for cuidadoso, meu amigo, você pode encontrar em mim o seu primeiro desafiante.

— Estou ansioso para isso.

A agressividade de Jared rolou em ondas duras que caíam nas ondas igualmente duras de agressão saindo de Ian. Meu Deus, ela estava cercada por testosterona desenfreada.

— Entretanto, Raisa... — Ian pressionou seu polegar para o interior do seu pulso direito, enviando o perfume poderoso, que dá vida para cima. — Eu lhe ofereço o meu sangue.

A fome aumentou, como sempre fazia na visão do sangue fresco. Morrendo de fome, secas células apertadas numa agonia de esperança de que desta vez iam ser alimentadas, que não seria apenas outra provocação inútil. Jared xingou. A energia dele se desenrolava ao redor dela, empurrando a cabeça dela. Ela a bloqueou, seu mundo se reduziu para aquela mancha rubra, a antecipação crescia quando a primeira gota caiu em uma promessa categórica de salvação, crescendo até que foi demasiada grande para equilibrar-se na carne escura do were. Ela escorregou para dentro do seu punho em uma atração poderosa. Ela inclinou-se, ou talvez Ian trouxe-lhe o braço mais próximo...



— Maldição, Ian, isso não faz parte do jogo. — resmungou alguém através da neblina.

— Tudo é justo neste jogo, meu amigo.

— Então você não se importaria se eu arrancar sua cabeça.

— Pelo o prazer da mordida dela, eu vou arriscar. — O sangue rico se aproximou e junto com ele um perfume masculino que não era desagradável. — Alimente-se, pequena. Pegue o que eu ofereço livremente.

O argumento, a ordem, corria no fundo de sua necessidade. Tudo o que ela podia ver era a oferta, tudo que ela podia sentir era a esperança. Ela nunca tinha se alimentado de um lobisomem antes. Talvez fosse diferente. Mesmo possível. Fome floresceu a uma demanda inexorável entrelaçamento apertado que seu estômago em agonia de dor. Ela engoliu em seco e dobrou, fechando os olhos contra a choramingar. Ian e Jared xingaram em sincronia. Braços chegaram ao seu redor, a apoiando, uma energia incrível envolveu-a em conforto — Jared. A gota de sangue manchava contra os lábios dela. Rico, vital, e errado. Oh, Deus, errado.

Ela virou a cabeça. Outra dor bateu, sugando o ar de seus pulmões em um gemido longo. Mãos acariciavam sua cabeça. Uma mente empurrou na dela, e depois outra, deslizando através da dor fragmentando, acabando.

Alimente-se.

A ordem veio simultaneamente. Ela poderia ter sido capaz de resistir a um deles, mas os dois juntos era demais, manipulando os seus músculos e instintos, forçando-a a fazer o que eles queriam. Ela mordeu, alimentando-se como exigiam, ao mesmo tempo gritando um protesto, sabendo que eles não eram enquanto o sangue rico deslizou para baixo de sua garganta. Sabendo o preço que ia pagar por ousar a esperança.

Eles a forçaram a tomar quatro goles antes que seu corpo se rebelasse, tudo o que esperou implodir numa agonia de queimar. O sangue correu na boca, garganta, estômago como um tanque de ácido. Errado. Tão errado. O grito silencioso jorrou de sua alma, se espalhando, uma palavra na crista da onda: errado.

Mais xingamento veio com ela a partir de um fundo, bem distante, lambendo as chamas queimando-a de dentro para fora, e então ela estava livre. Livre de seu controle, a sua presença mental, mas não das suas consequências.

Atirou-se ao lado da cadeira enquanto a náusea apertava seu estômago. Uma mão na cabeça dela a impedia de se lançar para o chão. Violenta e terrível, a náusea atravessou-a rasgando em espasmos que não conhecia o termo, somente continuou arranhando seu estômago por muito tempo após a última gota de sangue ter sido expulsa.

A mão deslizou em seu estômago e ela foi levantada. Ela urrou com a agonia pura.

— Jesus Cristo, Raisa.

Mais agonia e, em seguida, ela estava em suas mãos e joelhos, o corpo grande de Jared por trás dela, a mão sobre a testa para manter a cabeça batendo no chão. Sua energia sondou o montão de reação, acariciando uma mancha aqui, uma mancha ali, procurando, procurando, encontrando. A dor parou com uma rapidez que a deixou ofegante. Ela entrou em colapso, com os braços e as pernas tremendo, seu corpo tremendo. Ela foi levantada e se virou. Ela teve um vislumbre de expressão sombria de Ian antes de Jared entrar em exibição. Estava branco, rígido, com emoção, as linhas de branco gravado ao lado de seus olhos e boca. Chamas queimavam em



seus olhos. Ele parou a dor terrível. Ninguém jamais havia feito isso por ela antes. Ela tentou levantar a mão, mas não conseguiu mais do que um centímetro do chão. Caiu para trás.

— Obrigada.

Foi um segmento desprovido de som, rouca de seu vômito, e de nenhuma maneira refletia a profundidade da sua gratidão. Não teve nenhum impacto sobre a expressão de Jared, apenas parecia ricochetear na parede de seu controle. Ela suspirou, uma tristeza irracional invadindo a paz momentânea. Ela gostava mais quando ele sorria. Ele era incrivelmente atraente quando ele sorria.

Como se ouvissem seus pensamentos, os lábios de Jared balançaram numa paródia triste do que ela imaginava.

Durma. O comando implacável subiu em sua mente, expulsando todos os outros pensamentos, tomando posse. Como o último eco atingiu o canto mais profundo de sua consciência, o mundo foi diminuindo para um profundo, calmante negro.

CAPÍTULO 7

— Eu acho que isso responde a qualquer questão de compatibilidade. — disse Ian, de onde ele se ajoelhou ao lado de forma imóvel de Raisa.

Jared cuidadosamente ergueu-a contra o peito, não querendo perturbar a calma que ele forçou em seu corpo da mesma forma que ele forçou a agonia em primeiro lugar, pensando que ele conhecia melhor do que ela, sobre o que ela precisava. Porque ele se convenceu de que ela tinha se recusado a se alimentar de um estranho por senso de escrúpulos.

— Sim.

Ele não conseguia mais sair, lutando como ele estava a chamar a agonia para fora de seu corpo no dele. Ele nunca se sentiu assim antes, era uma besta selvagem uivando os buracos vazados em suas entranhas. O suor escorria na testa e escorria em seu rosto em vermelhas trilhas de culpa. Ele não conseguia esquecer a palavra que sua mente tinha projetado na primeira amostra de sangue de Ian. Errado.

— Isso é ruim? — Ian perguntou.

Jared concordou.

— Eu não sei como inferno ela tem sobrevivido.

Ela era tão pequena e delicada. Uma mulher à moda antiga de seu tempo, que, se ela não tivesse sido transformada teria passado a sua vida sob a proteção de um homem. Ela era o tipo de mulher que um homem protegia, mimava, estragava. Protegia. Só que ele era o seu protetor e ele falhou com ela.

Ian pegou a mão de Rai. Ele equilibrou a palma na mão dele e tocou-lhe o polegar para ventilar os ossos delicados sob sua pele um segundo antes de dizer:

— Eu não acho que ela está sobrevivendo.

— Eu não quero ouvir isso.

Ian colocou a palma da mão dele em seu abdômen.

— Ela está morrendo, Jared. Apenas o faz da maneira mais difícil.



Através de inanição lenta. Tudo em Jared se rebelou no pensamento.

— Não.

— Eu não sou mais a favor dele do que você é, mas não há nenhuma mudança da realidade.

— Ela não vai morrer. — Ele não deixá-la morrer. — Eu vou ajudá-la.

— Acha que Slade pode ter uma ideia do que está acontecendo com ela?

Jared apertou sua mandíbula contra a próxima onda de dor, grato por não ser tão ruim quanto o primeiro.

— Ele tem ideias sobre todo o resto. Isso não vai ser diferente.

Jared não iria permitir que fosse.

— Como inferno você acha que ela sobreviveu por tanto tempo?

Jared relaxou os músculos do queixo, deu uma lenta, respiração profunda, e enxugou o suor de sangue escorrendo de seu olho.

— Com força de vontade.

— Ela tem isso.

— Sim. A dor está passando agora. Vou colocá-la na cama.

Com um arco provocante de uma sobranceira, Ian perguntou:

— Precisa de ajuda?

Jared resistiu à vontade de acertar os dentes demasiados bonitos do lobisomem.

— Não.

Deveria ter sido difícil ficar em pé com uma mulher nos braços, mas não era, principalmente porque o peso dela não era nada. Ela era muito magra, muito doce, muito perto da morte.

Errado. Mais uma vez a palavra brincava em sua cabeça. Se havia algo errado, algo, alguém, em algum lugar devia ser o certo. A convicção crescia enquanto Jared carregava Ralisa pelo quarto e colocava-a na cama grande. A cama de Ian. Novamente, tudo nele se rebelou. E, novamente, o sentimento de possessividade jorrou, primitivo e abrangente. Ela não pertencia ali. Ela não pertence a Ian. Ele não sabia muito sobre ela, mas ele sabia disso.

Veio o pensamento de sua cunhada. Allie era compatível apenas com o seu companheiro.

Isso não fazia a diferença.

Mais e mais, Rai fez esta afirmação, uma certa desesperança coloriu a frase, que só podia significar uma coisa. Ela sabia que estava morrendo. Mas como? Será que ela já tinha um companheiro e o tinha perdido? Mais uma vez, que a reação negativa violenta dentro dele que ele teve de reprimir. Ele desatou o seu roupão e retirou com eficiência calma, antes de dobrá-la sob os lençóis. Ela ficaria horrorizada se soubesse que ele estava fazendo isso, e ele era antiquado o suficiente para perceber que na sua modéstia, para entender de onde veio. Eles cresceram na mesma época, compartilharam o mesmo senso de certo e errado. Colocando o cabelo atrás da orelha, os dedos permaneceram lá na promessa de silêncio antes de puxar o lençol sobre seu ombro. Ela podia confiar nele para cuidar da parte dela.

Ela estremeceu, e ele arrastou o cobertor extra do pé da cama e puxou-o sobre ela, também. Tocou a lã macia. Era estranho para lobisomem ter tantos cobertores. Seus corpos naturalmente se adaptavam à temperatura. Não é bem como um vampiro, mas suficientemente bom. Somente os seres humanos necessitavam de muitos cobertores. Ou imortais com um metabolismo ruim.



Será que Ian, juntamente com a habilidade de ler mentes, teria habilidades pré-cognitivas? Uma amante humana? Jared balançou a cabeça. Dos dois, o último era o mais provável.

Se ele tivesse uma amante humana, era uma perspectiva de risco, a qualquer momento, mas, sobretudo nestes tempos conturbados. O Santuário teria como alvo de interesse qualquer fêmea de qualquer lobisomem ou vampiro. Só as mulheres acasaladas poderiam engravidar, portanto, o Santuário tinha seu radar incidido nas mulheres e seus companheiros. E a interação hormonal desconhecida que tão raramente resultou em prole.

Jared acariciou o cabelo de Raisa. Todos os ricos e âmbar amarelos presos nos cachos brilhavam em um padrão de flutuação contra os lençóis brancos. Ela parecia um anjo. Puro, branco e frágil. Um anjo que necessitava de muita proteção. E, segundo o costume lobisomem, ele se ofereceu — ofereceu a ela seus músculos, sua habilidade como lutador e a sua orientação em troca do direito de mantê-la segura. Em alguns aspectos a sociedade dos lobisomens era muito primitiva, com poder de fazer direito. Sempre que um homem assumia o papel de protetor, ele se oferecia para colocar-se entre a mulher e todos os estranhos, mantendo-se o direito de defesa somente através de sua derrota de todos os desafiantes. Se o protetor de uma mulher perdesse um desafio, o vencedor da luta se tornaria seu novo protetor. Um protetor não tinha os mesmos direitos que um companheiro, mas ser um protetor dava a um homem a capacidade de manter os outros longe da mulher sob seus cuidados. A vantagem real na sociedade lobisomem. A próxima carícia terminou no canto da boca sedutora. Jared sorriu. E agora a vantagem era sua.

IAN foi sobre ele, logo que ele entrou na sala, dois copos nas mãos.

— Ela está melhor?

— Ela não está com dor, se você quiser chamar isso de melhor.

Ian entregou-lhe um dos copos. Ele acenou em agradecimento enquanto o perfume do bom uísque picava o nariz.

— Neste momento eu estou chamando-o de um inferno de uma melhora.

Assim como Jared. Ele passou a mão pelos cabelos.

— Eu também.

— Onde você a encontrou?

— A meio caminho da montanha. Um par de vampiros do Santuário a tinha encurralado.

O lábio de Ian levantou em um rugido, sua herança muito evidente naquele momento.

— Eu vou ter a cabeça das sentinelas que lhes permitiram o acesso.

Jared se deixou cair em uma cadeira e tomou um gole de sua bebida. O álcool queimou todo o caminho até seu estômago.

— Eu não tenho certeza que você pode culpar as sentinelas.

— Por quê?

— Porque eles têm um novo dispositivo. Algo que mascara a sua energia.

— Merda! Combine isso com o spray que mascara o perfume e eles têm uma vantagem real.

— Sim.

— Eu gostaria de saber quem eles contrataram para serem capazes de chegar a estes dispositivos muito inteligentes.

— Assim como Slade.



— Eu aposto que ele vai queimar a bunda por isso.

— Sim.

— Será que você consegue manter o dispositivo?

— Eu tive que jogá-lo. Rai sentiu um dispositivo de rastreamento nele.

— Raisal sentiu isso?

— Ela pode não ter controle de sua energia, mas ela tem uma afinidade com toda a energia.

— Melhor do que você?

— Aparentemente, sim.

Ian assobiou.

— Você não percebeu isso?

— Nem um pouco. — Jared tomou outro gole e saboreou a queimadura. Ela misturava muito bem com a sua frustração. — Não importa o quão duro eu me concentrasse.

Ian jogou para trás o resto do seu copo.

— Isso não é bom.

— Não. Não é, mas poderia haver uma possibilidade de o dispositivo ainda estar na montanha. Nós o prendemos em um cervo e a enviamos para noroeste. — Ele mentalmente alimentados Ian com a impressão de energia do cervo para monitoramento.

Ian terminou a sua bebida.

— Eu vou enviar alguns homens até a montanha para procurá-lo.

— Bom. E até Slade encontrar uma maneira de derrotá-lo, eu sugiro depender mais dos métodos tradicionais de controle de ratos e usar mais homens na patrulha.

— Concordo. — Ian caminhou e passou para o decantador. Ele pegou outro copo e depois segurou a garrafa em uma pergunta silenciosa.

Jared balançou a cabeça. Ele podia processar um copo, expulsá-lo através de seus poros como faria com qualquer veneno, dois ele teria vomitando, e sua experiência vicária do recente surto de Rai era demasiado recente para ele ir lá, mesmo para o melhor beber uísque que ele tinha provado em cem anos.

— Não, obrigado.

Ian retomou seu assento.

— Uma vantagem de ter mais homens em patrulha é que haverá menos aqui para desafiá-lo pelo direito de protetor sobre Raisal.

— Eu não tenho medo de um desafio. — Ele realmente dava boas-vindas à oportunidade de tomar soltar o seu temperamento.

— Tenho certeza que você não tem, mas eu não acho que você compreender o quão atraente o cheiro dela é para um lobisomem. Eu não acho que muitos dos desafios serão feitos.

Desafios feitos refere ao pseudo-desafios feitos por lobisomens macho para impulsionar o amor de uma mulher independente.

Merda!

— Uh-huh. — Ian ergueu o copo num brinde. — E por falar em merda, quão comprometida está a sua missão agora?

Jared não estava surpreso, Ian sabia o motivo de ele estar na montanha. Dentre os renegados, a cadeia de comando era Caleb, Jared, e, em seguida, Ian. A coesão que tinham



conseguido era a única vantagem que tinham contra muito numerosos do Santuário. Sem mencionar as contas bancárias do Santuário, que lhes permitia fabricar todos os tipos de dispositivos interessantes para complicar a vida dos Renegados. Dispositivos como o mascarador de energia.

— Suspensa, até que me ocorra algo para Rai.

— Se as informações estão corretas, esta será a primeira vez que os líderes do Santuário estarão juntos.

— Eu sei! Poderia ser uma oportunidade única na vida para pôr fim à guerra civil para sempre.

— Eu sinalizei para Caleb enviar mais alguém.

— Eu odeio apontar o óbvio, mas você pode deixá-la aqui e então ir.

— Eu poderia, mas se eu o fizer, eu, sem dúvida, voltaria e encontraria Rai casada contra sua vontade.

— E isso preocupa você?

— Ela está sob minha proteção.

Aquele sorriso irritante curvou os lábios de Ian.

— Essa é a única razão?

— É a única razão em que você precisa se concentrar.

Ian balançou a cabeça.

— Você continua dizendo a si mesmo que, e quando o fizer, os meus homens vão manter Raia ocupada.

Jared apenas apostava que sim.

— Você realmente não se opõe ao casamento entre uma vampiro mulher e um lobisomem?

— Honestamente? — Eu não seria contrário a um de meus homens encontrar a felicidade com ela. Houve tão poucos acasalamientos no século passado, qualquer possibilidade traz uma esperança selvagem. E, como ela não é daqui, não haveria lutas de poder.

— Você acha que um lobisomem iria desistir da família e da posição na matilha para se casar com Rai?

— Eu posso pensar em vinte de meus homens, que ficariam muito gratos pela oportunidade. Muito bom. Só o que ele queria ouvir.

— Eu não vou deixá-la ser atropelada.

Ian deu de ombros despreocupadamente.

— Então é melhor você cuidar dela.

O que significaria que teria que deixá-la aqui, ou ficar com ela.

— O inferno de uma escolha.

Ian se levantou. Seu copo colocado sobre a mesa com um clique decisivo.

— Mas pelo menos você tem o prazer de fazer isso.

Jared levantou-se, também.

— É verdade. Onde está ficando?

Ian dirigiu-se para a porta.

— Com um amigo.

Uma amiga, Jared não tinha dúvidas.



- Eu aprecio você desistir de sua casa para a nossa visita.
 - Os D’Nallys só estendem a melhor hospitalidade aos companheiros em potencial.
 - Ela não está aqui para procurar um companheiro.
- Ian colocou a mão na maçaneta.
- Mas ela poderia estar.
 - Não, ela não poderia.

Abrindo a porta, deixando uma onda de ar frio e neve ventando voar, Ian olhava por cima do ombro e sorriu aquele sorriso arrogante de sua maldição.

- Como eu disse, essa decisão não é sua.

Inferno como não era. Jared bateu com o copo na mesa com tanta força que a sacudiu. Ele firmou o móvel, enquanto a raiva rolava por ele. Rai era sua responsabilidade, e nenhum maldito lobisomem ia torcer as regras para enganá-la em algo que ela não queria. Ele foi até a janela e puxou as cortinas. Quando ele chegou à última na sala, ele olhou para fora. O complexo D’Nally era compacto, organizado, com registro de pequenas estruturas estabelecidas nas praças com ruas entre elas. A maioria das casas estava escura agora. A maioria dos lobisomens, com exceção da lua cheia, os moradores tendem a estar na luz do dia. Corridas noturnas eram divertidas, mas não um modo de vida.

Jared olhou ao redor, apreciando os muros altos que estavam como sentinelas gritantes contra o céu noturno, protegendo os habitantes da aldeia. O primeiro D’Nally tinha escolhido bem quando ele tinha escolhido este vale escondido. A abundância de terras e a vida selvagem, com água fresca e muros altos em todos os lados, era difícil de detectar e havia pouco perigo de um ataque. Especialmente agora que Slade tinha fabricado alguns dispositivos para continuar a proteger a privacidade dos lobisomens.

No entanto, a contínua evolução tecnológica poderá em breve colocar em risco os lobisomens. Eles caçavam pelo cheiro e energia. O Santuário já tinha encontrado maneiras de contornar a ambos. Se o Santuário encontrasse a entrada secreta para este lugar e pudesse camuflar a sua energia enquanto estivesse atacando, o elemento surpresa poderia dar ao Santuário a borda que precisava para dominar o clã feroz. Isso não poderia ser permitido. Não havia muitas matilhas como os D’Nallys. Antiquada, com um senso de honra que era tão profunda como a sua história passada, fizeram inimigos mortais e amigos leais. Eles viram o certo e o errado em preto e branco, algo que Jared apreciava juntamente com o fato de que quando foram forçados a tomar uma decisão, um D’Nally sempre fazia a coisa certa.

Uma luz se acendeu em uma casa na rua. Uma luz cinza pálido infiltrou entre as nuvens e as borda dos picos elevados. A alvorada estava por vir. Ele abaixou a luz de bloqueio de máscaras e puxou as cortinas fechadas sobre elas. Ele desceu as barras reforçadas nas portas dianteiras e traseiras antes de ir para o quarto de reposição. Um farfalhar de lençóis e um gemido chamaram-no enquanto ele passou a porta do quarto principal onde dormia Rai. Ele tocou a madeira lisa, enviando sua energia através dele, buscando a borda da de Raisa.

A dor?

Dura e rápida, a realidade amarrada a ele. Ela estava com dor. Ele abriu a porta, seu vampiro crescendo. Raisa jogada sobre a cama, uma carranca no rosto, as mãos crispadas em torno de seu



estômago. Ela se virou de costas, quase caindo fora do colchão, outro gemido deslizando de seus lábios. Seus pés desenharam-se lentamente em direção a seus quadris, fazendo uma tenda de cobertas. As espessas mechas do cabelo obscureceram o lado direito do rosto da sua exibição. Ela não abriu os olhos. Ou ela estava tão exausta que, mesmo a dor não poderia acordá-la ou ela estava tão acostumada com a dor que já não registrava como anormal o suficiente para acordá-la.

O que tornava a sua vez de franzir enquanto ele se aproximava da cama. Quando ele a colocou na cama, ele havia colocado-a no meio. Agora, ela se agarrava à borda, como se o meio fosse um lugar a ser temido. Ou, ele reconsiderou, como se temesse os preciosos segundos que iria demorar para chegar lá até a borda, caso ela precisava de uma saída rápida. Ele tirou o cabelo atrás da orelha, a ponta dos dedos remanescentes na curva exterior, seguindo o ponto próximo ao topo. Sua carne estava fria ao toque. Ela se contorceu na cama e engatou mais para o lado dela. Bochecha se colocou na curva da palma da mão dele, como se tivessem sido feitos para aquele lugar.

Jared enfiou a mão debaixo das cobertas, abaixo dela, a carne macia de seu abdômen. Ela estava mais quente lá, mais suave, a falta de musculatura reforçando sua vulnerabilidade. Ian estava certo. Ela precisava de um marido.

Ele esfregou o dedo em toda a extensão do andamento de seu abdômen. Sua pele era muito diferente da dele. Como era sua energia. Mais suave do que agressiva. Suave, ao invés de ásperas e irregulares. Ele abriu a palma da mão sobre a barriga dela, enviando sua mente para a dela, deslizando através das rachaduras em suas defesas, deixando as emoções verterem através dele, buscando a fonte de sua dor.

Fome. Estava com tanta fome que muitas de suas células clamavam por alimento. Junto com o grito atual tinha impressões de outros episódios do passado. Milhares de gritos anteriores por alimento que foram ignorados. Ele não sabia como ela viveu com o grito constante, sem ficar louca. Mas pelo menos ele sabia por que tinha tanta compaixão pelos outros. Viver com essa agonia por 270 anos era o suficiente para fazer alguém simpatizar com quase tudo.

Alisou o polegar sobre sua sobrancelha.

— Rai?

Ela balançou a cabeça contra o seu convite e empurrou a mão dele, enrolando todo o caminho para o lado dela, com as pernas arrastando a extremidade oposta do cobertor para o meio da cama em uma pilha azul amarrotado enquanto ela puxava os joelhos em seu peito. Enquanto Jared observava, um estranho sentimento de impotência, fazendo companhia a ele no escuro, um tremor a sacudiu da cabeça aos pés. Estava fria e doendo. Ele não sabia o que podia fazer com o último, mas ele sabia que poderia fazer algo sobre o primeiro. Ele chutou as botas e desabotoou a camisa. Tirando suas meias, ele levantou as cobertas e deslizou por baixo, deslizando o braço sob sua cabeça, aconchegando contra suas costas. Ela resmungou um protesto. Ele ergueu o calor do corpo, dobrando as coxas com o dela, dando-lhe, pelo menos, uma coisa que ela desejava. Calor.

Durma.

Ela gemeu e se aconchegou no travesseiro. Jared abriu a palma da mão sobre a barriga dela, deixando-a fluir dor nele, seguindo o caminho de volta à fonte, encontrar os pedaços de debilitar a



energia batendo para fora chamadas de socorro e de bloqueio deles. Ele suspirou de alívio para a direita junto com ela enquanto a rigidez começava a deixar seus músculos.

— É isso aí, raio de sol. Relaxe.

Ele sentiu o toque da fome através dela, pedindo socorro. Tudo nele passou a responder. A batida do seu coração soava mais alto em seus ouvidos, a corrida de seu sangue sentiu mais quente nas veias dele. Cada uma de suas respirações contra seu pulso chicoteava toda a sua carne como isca.

Errado.

A palavra sussurrada por sua mente em uma memória. Uma advertência. Uma pista.

Ian tinha sido errado para ela. Os homens de que tinha se alimentado antes tinham sido errados. Isso não significa que todo homem estava errado. Apenas os que ela tinha tentado até agora. Esfregou seu rosto na artéria no interior de seu pulso enquanto o seu calor permeava o frio em torno dela. Seu pulso centrou nesse ponto, ansioso, querendo, latejante, em convite. Sua pressão coronária aumentada, levando mais sangue através de suas artérias e veias. Mais do que suficiente para alimentá-la. Seu corpo estava pronto, mais do que pronto para suprir o que ela precisava.

Jared repousou a cabeça sobre o travesseiro atrás dela, dobrando as pernas sob as dela, protegendo-a com sua força. Ele respirou fundo. Ian estava certo. Rai tinha o cheiro incrivelmente doce, como no primeiro dia do verão. Como flores silvestres em flor. Como a tentação. Como a esperança.

A ponta afiada da dor cortava para fora dela para ele. Ela gemeu e empurrou a mão, a perna dele. Seu rosto se afastou do seu braço. Uma gota de sangue apareceu em sua têmpora. Era natural e justo ele beijá-la. Seu gosto se propagou através de sua boca. Se ela cheirava a um dia de verão, ela tinha gosto de uísque de Kentucky. Quente e com um chute potente que teve as pernas de um homem para fora sob ele. Ele queria mais.

Errado.

O aviso sussurrou em sua consciência. Raisa tinha enfrentado um inferno já uma vez esta noite, quando ele forçou-a a tirar sangue de Ian. Ela nunca iria sobreviver a esta tortura por duas vezes em uma noite. Outra pérola de sangue jorrou em sua têmpora. Suor Vampiro. Stress Vampiro. Agonia Vampiro, e ela vinha enfrentando isso sozinha por mais de dois séculos.

Seu coração torcia. Ela nunca deveria ter estado sozinha. Nem por um ano, um mês, um dia. Ele segurou-a para ele enquanto ele se aproximava, lábios persistentes na pele frágil, com o rendilhado das veias abaixo. Mas ela não estava sozinha agora. Seus braços estavam ao seu redor, a sua força a protegia. Outra gota de suor brotou. Mais de seu gosto espalhado através de sua língua. Excitação se juntou a necessidade de ouvir em seu sangue. Não havia necessidade de ela sofrer, enquanto ele estivesse aqui. Quanto mais tempo ele a manteve, mais profunda a convicção cresceu. Quanto mais tempo ela estremecia e doía, mais seu vampiro rugia. Ela precisava, e ele precisava dar. Era o certo.

Certo.

Sim, o pensamento ressoou em sua mente. Os lábios dela tremeram contra o seu braço, a centímetros de uma artéria. Ia muito bem. Ele pressionou para cima. A ponta de sua presa picou sua pele, não a uma profundidade suficiente para extrair sangue, apenas o suficiente para alertar



o vampiro em ambos. Ele ajeitou o braço para que os seus lábios estivessem posicionados diretamente acima da artéria.

— Jared?

Seu nome suspirou entre os lábios, contra o seu pulso, fazendo-o ficar rígido.

Raisa estava acordando, passando a dor do seu subconsciente para a mente consciente. Na meia-vida entre o sono e a vigília, seus instintos assumiram. Ele sentiu sua língua lambendo delicadamente, seus dentes passar inquisitivamente antes testado, cerrados, preparados para penetrar.

Errado. Isso era errado. Ele pegou o ombro dela e apertou de volta. Seu angustiado "Não" enquanto ela rolava para se afastar do seu sangue raspou a consciência crua.

— Fácil, raio de sol, apenas dê-me um minuto.

— Tão faminta.

— Eu sei!

Um puxão e ela estava rolando em sua direção. Seu ombro ficou preso em seu peito. Ele levantou-a, dando-lhe espaço para enfrentá-lo. A massa de seu cabelo caiu entre eles, bloqueando a boca de sua pele. Ele afastou os cabelos do rosto. Os cachos selvagens apenas recuaram, ficando entre sua carne e sua boca quente e lambendo as barreiras de seda que eram demasiado macias, muito delicadas para sua pele hiper sensível que queria a mordida afiada, dura de suas presas. Ele reuniu-os em um rabo de cavalo solto na mão, escorando a boca contra seu peito.

Sua energia aumentou e diminuiu, escurecendo as bordas com pânico, ela se tornou mais consciente.

— Eu não posso.

— Sim, é possível e você pode! — Ele arqueou o pescoço para trás. Seus dentes delicados como o resto dela, piscou um branco brilhante. — É certo.

Ela balançou a cabeça.

— Ele nunca está certo.

A curva do lábio inferior, acenando.

— Mas isso é.

Seus grandes olhos castanhos arregalaram quando ele levantou a cabeça, beijando a carne gorda antes de executar a sua língua sobre os dentes, detendo-se sobre as presas femininas, sentindo as ondas de choque passarem por ela enquanto ele o fazia.

— Saboreie como é certo.

Ele selou sua boca com a dela, a sua energia para a dela, sem fazer o menor caso do seu medo, buscando o instinto básico que floresciam em todos, vampiro, weres ou humanos. O instinto que cancelou o medo da dor e fracasso. O instinto de sobrevivência. O dela era muito forte e ficou mais forte com cada pincel de sua língua, cada impulso de sua crença.

— Certo, raio de sol. — Ele reiterou.

— Oh Deus! — O sussurro desesperado escapou seus lábios selados. — Não faça isso comigo.

— Eu não estou fazendo nada. — ele sussurrou de volta. — Somos nós juntos.

— Você está fazendo até contos de fadas.

— Os contos de fadas são bons. Eles sempre terminam em felizes para sempre.



— Não para mim.

Desta vez, para você.

Ele não sabe como ele sabia disso, mas ele estava certo.

Ele arranhou a unha do dedo mindinho em seu peito. O sangue subiu imediatamente. Raisa choramingou quando o odor rico e vivificante se misturou com o odor do seu desejo. Ele instigou a sua boca para o peito, escorando-a com seu punho em seu cabelo, sua crença. Sua língua tocou sua pele logo abaixo do corte, um passo hesitante em direção a confiança. O fogo queimou fora do lugar. Sua necessidade gritou. Seu vampiro rugiu.

Com um impulso de energia, ele implantou a ordem em sua mente. *Tome de mim.*

Com um gemido indefeso, ela o fez. Aqueles dentes afundaram eroticamente profundos, extraíndo dele tudo o que doía a dar, deixar que ele fornecer para suas necessidades da maneira que um homem deve sustentar a sua mulher, que substitui a dor com prazer, fome com sustento.

Sua cabeça caiu para trás quando ele fundiu sua mente com a dela, para ouvir esse eco de agonia, pronta para afastá-la se ele ouviu isso, mas depois de engolir, engolir, segundo após segundo, havia apenas o grito exultante de suas células em que finalmente, tem o alimento de que precisavam.

Jared abriu a palma da mão em sua cabeça, apoiando Raisa enquanto ela se alimentava, seu pulso e encontrar a taxa de correspondência dela, retardando dela quando ela ficou muito rápida, firmando-a através da experiência inebriante, aceitando o golpe de sua energia através de seus nervos, suas mãos sobre suas costas enquanto ela tomava-lhe o que ela precisava.

Sim, querida. Alimente-se.

Sentia tudo o que ela pensava, tudo o que ela experimentou. Alegria e entusiasmo enquanto a sua força derramava nela. Espanto que, pela primeira vez desde que ela tinha virado vampiro, ela sentiu o resplendor de poder que acompanha a transformação. E então ele ouviu, que pequena voz calma em sua cabeça tinha sido temer, o que confirmou o seu pior medo. Em um comunicado suave colorido com a implantação de seu sotaque, ele sussurrou, *Certo.*

Tanto quanto Jared quis argumentar, ele não podia. O que quer que houvesse entre eles estava certo.

CAPÍTULO 8

Se ela não tivesse cuidado, Rai estava indo encontrar-se em apuros. Jared limpou a neve na parte de trás do seu pescoço e virou-se para encontrar Rai em pé a poucos metros de distância, outra bola de neve nas mãos. No começo da noite escura, o rosto estava rosado com a saúde, os olhos brilhantes de malícia. Sua energia estirou-se para chegar até a dele, vibrando com a saúde renovada que seu sangue lhe havia dado, quente com um crescente respeito.

Ao seu redor estavam quatro lobisomens do sexo masculino, um dos quais era Creed. Cada um deles com um sorriso orgulhoso. Creed conseguiu um trenó. Jared mentalmente deu-lhe um "Foda-se." Ele não gostava de sua presença em torno de Raisa mais do que ele gostava da maneira como ela o fazia sentir. Desconfortavelmente possessivo, na borda, feliz.

— Ela está caindo de amor por você.



Jared se virou para Ian, ignorando o movimento de energia de Rai que indicava decepção em sua recusa a jogar.

— Eu sei!

As sobrelhas foram se arqueando na secura do seu tom.

— A maioria dos homens acharia isso uma coisa boa.

Jared deu de ombros.

— Ela só pegou no sentimento bom pela primeira vez.

E ele não era estúpido o suficiente para acreditar que isso significava mais do que ele disse, mas ele queria.

— Você não acha isso importante que ela pode ter apenas o seu sangue?

Ele não estava tentando. Havia muito sobre Ralisa que ele não estava tentando atribuir demasiada importância. A mulher estava experimentando o caminho que sua vida devia ser pela primeira vez. Só porque ele era quem tinha lhe dado o sangue que lhe permitiu fazer não lhe dava direitos especiais sobre ela. Exceto que em sua consciência, seu vampiro sussurrava um mental *sim, sim*.

Ele disse que o que ele disse a si mesmo a cada minuto desde que ele tinha lhe dado o seu sangue. A mulher tinha o direito de se sentir bem sem um homem pressionando-a.

— Eu pensei que você queria falar.

O olhar de Ian abandonou Ralisa e se concentrou nele.

— Eu quero.

— Sobre o quê?

— A reunião.

— Ainda está acontecendo?

— Sim.

Por mais que tentasse não conseguia afastar a sua atenção de Rai. A necessidade de tocá-la visualmente era tão forte como era tocá-la mentalmente, fisicamente.

— Mesmo lugar?

— Assim se comentam.

Ele tinha estado tão ocupado com Ralisa que não tinha verificado com Caleb, uma anomalia que teria preocupado seu irmão.

Quando ele assistiu Creed subir no trenó, viu como Rai se aconchegava na frente dele, imaginou o prazer do were quando esse traseiro tão bonito sentou-se entre suas coxas. Rai riu enquanto ela perdia o equilíbrio. O lobisomem a capturou, com sua força a endireitou facilmente, não desenrolou os braços em torno dela enquanto gesticulava para que os outros empurrassem. Ralisa gritava de emoção cheia de bom humor enquanto o trenó partia ladeira abaixo.

— Você está ouvindo? — Ian perguntou.

Jared forçou-se a prestar atenção.

— Sim.

— Caleb está preocupado com você.

— Eu vou chamá-lo depois.

— Bem. E caso você esteja interessado, há rumores de que o encontro será um dia a partir de agora.



Merda! Isso chamou a sua atenção. Ele teria que voar por uma noite inteira para chegar lá. Para que isso acontecesse, ele teria que estar em plena força, que ele não estava após a alimentação de Rai na noite passada.

— Vai ser difícil só ficar ali, muito menos sem ser detectado.

— Caleb quer saber se há alguma chance de apoiar Jace.

Caleb iria. O homem não sabia o significado da palavra impossível, e ele sabia bem como Jared a beira que Jace estava caminhando agora. Nenhum dos irmãos sabia o porquê, mas algo estava comendo Jace, fazendo-o correr mais riscos do que o habitual. E isto era dizer muito para o seu selvagem irmão.

O trenó bateu numa pedra enterrada na neve e foi transportado por via aérea. Rai gritou mais de medo do que emoção. Ian agarrou seu braço, ele ficou tenso.

— Creed não vai deixá-la se machucar.

— É melhor ele não o fizer. — O controle ténue que ele tinha sobre o seu temperamento não resistiria se Rai fosse ferida. O casal caiu através da neve, e foi óbvio Creed que levou algumas contusões. Rai apareceu, limpando a neve de seus olhos, seu sorriso vindo claramente a ele no ar da noite.

— Se você pode recuperar Jace, você vai ter que sair imediatamente para fazer a reunião. — Ian continuou.

Jared não conseguia tirar os olhos de Raissa, não podia evitar sua mente alcançar a dela. Ele não achou que foi por acaso que ele encontrou um muro de resistência. Raissa estava aborrecida por ele ter recusado seu convite para brincar.

— Sim.

— Se você levar Raissa com você, ela vai estar em risco.

— Eu sei! — Ele sondou sua mente novamente. Desta vez ele tinha uma fúria mental antes que a porta fechasse. Irritação contraiu.

— Ela é bem-vinda para ficar aqui, enquanto você cuida dos negócios.

— Obrigado.

Apesar de sua determinação, sua mente se estirou mais uma vez em busca da dela, buscando incansavelmente a conexão, necessitando, ele admitiu com pesar, que o toque feminino dela acalmasse as bordas primitivas de suas emoções, as bordas irregulares de sua energia.

— Tenho certeza que o meu povo vai dedicar-se a fazer a sua estadia um prazer.

A diversão na voz de Ian era difícil de perder. Jared suspirou. Não havia chance no inferno que o lobisomem não percebesse sua distração.

— Eu aposto que eles serão.

Ian olhou para o pequeno grupo.

— Ela é uma mulher muito bonita. Um pouco antiquada em seus modos, mas isso só aumenta o seu atrativo. Uma mulher que pode defender-se sem aumentar a dominação natural seus próprios sem aumentar a dominância natural de um were é praticamente irresistível.

Jared sabia exatamente o que queria dizer Ian. Essa combinação exclusiva de força e espírito que prometia paz e aceitação chamou-lhe bem. Ele observou que os homens ajudaram a Raissa a se levantar. Ela aceitou sua ajuda, como lhe é devido, aceitando a sua agitação sobre ela, sem qualquer insulto ao seu orgulho. E por que não ela? Na época ela tinha sido criada, era



exatamente o que ela tinha sido treinada para fazer. Para ser objeto de atenção de um homem, para oferecer-lhe força e apoio, sem vê-lo como uma distração para ela própria. Para os lobisomens ultra-dominante era o tratamento final.

— Ela é muito especial.

Creed limpava a neve do casaco de Raisa, sua mão se via maldito perto da curva macia de sua bunda. O rosnado surgiu de sua própria vontade, mentalmente e fisicamente fechando a distância entre eles. A cabeça de Raisa estalou para cima, sua mente imediatamente alcançando a sua, olhando para a ameaça.

— O quê?

Creed deu uma olhada. O sorriso de seus lábios curvados foi nada menos do que um desafio enquanto ele escovava, novamente, a arrogância do gesto aumentada pelo fato de que não havia nenhuma neve à esquerda. E desta vez a palma da mão acariciava a parte superior do traseiro.

Jared sustentou o olhar, enviando um comando para Rai. *Venha cá.*

Raisa franziu a testa, disse algo a Creed, e depois obedeceu, levitando pela neve com facilidade. O entusiasmo com que respondeu ao seu comando acalmou um pouco a sua frustração. A frustração Creed em sua obediência à ordem de outro homem, de Jared especificamente, reduziram sua raiva.

— Se você a marcou — disse Ian prosaicamente. —, você não precisa se preocupar com os homens de cortejá-la em sua ausência.

Jared não precisava de lembrete. Ele estava tendo um momento bastante difícil resistir à demanda de seu vampiro em marca-la, sem Ian adicionando combustível para o fogo com a lógica. *Não se meta onde não é chamado.*

— Você está na terra D'Nally. Tudo aqui é meu negócio.

Rai foi a poucos metros de distância, uma pitada de ansiedade em seu olhar.

— Não é isso.

Sua energia alcançou o primeiro lugar, suave e doce, encontrando rapidamente a turbulência da sua ira e alisando sobre ele, infundindo sua marca particular de calma. Dois passos adiante e ela estava na frente dele, seu cabelo avermelhado derramando sobre os ombros com todas as cores da luz do sol. Em sua cabeça estava um chapéu preto de malha. Aquele que não estava lá quando ela saiu de casa esta manhã. Tão perto, ele não poderia confundir o cheiro agarrado a ela. Definitivamente masculino. Seu rugido retumbou passando de seu controle. De Creed.

Raisa passou a língua sobre os lábios.

— O que há de errado?

O brilho da umidade deixada pela passagem de sua língua prendeu seu olhar.

— Eu tenho que sair.

Saiu mais brusco do que ele teve a intenção, mas tinha que ir, não só para apoiar Jace, mas para ficar longe de seus instintos básicos que parecia dominar sempre que ela estava ao seu redor. Os instintos que levaria longe de sua escolha.

Ela piscou e disse:

— Eu vou arrumar minhas coisas.

— Você vai ficar aqui.



Teimosia não começaria a descrever sua carranca ou o impulso da emoção que apoiou seu “Não”.

- Não.
- Você não pode vir comigo.
- Você não pode me deixar para trás.

O pânico em sua construção. Ela estava com medo de ficar sem ele. Medo por ele. Arrancou o chapéu da cabeça. Os cachos nasceram para a vida, saltando em sua cabeça antes de se estabelecer em torno de seu rosto.

- Eu voltarei.

Isso não a acalmou. Suas mãos apertaram ao seu lado. Um segundo passou. E depois outro. De repente, ela disse:

- Você está indo para uma missão.

Ele não tinha sequer sentido a sonda. Ele amassou o chapéu de sua mão.

- Sim.
- Eu posso ajudar.

Nenhuma maneira no inferno que ele estava deixando-a ficar perto de qualquer membro do Santuário.

- A única coisa que você poderia fazer é descansar.
- Estou mais forte agora.

De seu sangue. Porra, era malditamente excitante saber que podia provê-la a esse nível.

- Não está tão forte.
- Você não sabe disso.

Ele roçou a palma de sua mão em restos de neve úmida em sua bochecha.

- Eu não vou colocar você em perigo.
- Você estará em perigo.

Como se houvesse alguma comparação.

- Eu sou treinado para isso. Você não é.
- O que eu devo fazer quando você se for?
- Os D’Nallys estarão honrados para estender-lhe abrigo. — Ian ofereceu.

Rai olhou de Jared para Ian e depois de volta a Jared novamente. Sua energia se retirou, e sua expressão fechou. A frieza resolvia entre eles quando ela acenou para Ian.

— Como é conveniente você fornecer um lugar para ele abandonar-me. — Ela estendeu a mão para Jared. — Eu poderia ter meu chapéu, por favor?

- Não. E eu não estou abandonando você.

— Chame como você quiser, isso equivale à mesma coisa. — Ela estalou os dedos. — O chapéu, por favor? Devo devolvê-lo.

Seu Inglês estava deslizando. Um sinal certo de que ela estava nervosa.

Ian tomou o chapéu, caprichosamente impedindo a construção de argumentação.

- Eu vou ter certeza que estará de volta para seu dono.

— Obrigada. — Com uma última olhada furiosa a Jared, Raisa girou sobre os calcanhares e se afastou. Movendo esse pequeno traseiro apertado com um desafio feminino do qual todo ele exigia responder.



— Aquela mulher pede apenas um homem para reclamá-la.

A admiração de Ian não era o que Jared precisava ouvir. Raisa não estava pedindo nenhum homem, só ele, e estava ficando difícil pra resistir.

— Bem, não serei eu.

Ian inclinou a fronte.

— Você está deixando-a aqui para ser reclamada?

— Sim.

— Você é um idiota.

— Sem dúvida.

Mas ele não era um idiota, e tirando partido de gratidão Raisa para dar-lhe de volta a sua força o faria em um. Ela alcançou o grupo dos homens. Eles a aceitaram facilmente em seu meio. Isso não incomodava tanto quanto o fato de que ela se sentisse tão confortavelmente lá, aceitando a sua atenção, sorrindo para as suas palavras. Ele mudou de ideia sobre uma coisa. Ela poderia fazer o que diabos ela quisesse quando ele não estivesse aqui, mas enquanto ele estava, não era divertido um monte de lobisomem com tesão.

— Para onde vamos? — Ian chamou.

— Definir algumas regras básicas.

— Quer ir de novo?

Raisa forçou um sorriso quando Creed pegou sua mão e se dirigiu até a colina.

— Ok, mas desta vez eu vou dirigindo.

— De jeito nenhum.

— Eu não posso fazer pior do que você. Você nos levou para fora da borda.

— Foi uma pedra na neve, e você não se machucou. Eu a protegi.

Sim, ele tinha. A partir do momento que ela chegou, ele se colocou como um homem que ela podia confiar, protegendo-a dos outros lobisomens, de Jared, e de suas próprias expectativas estúpidas. Ele desejava que ela pudesse sentir por ele o que ele precisava.

— Ainda não muda o fato de que você arruinou o trenó.

— Apenas uma queda, coisa doce. — Ele a arrastou com ele. — Confie em mim neste momento, e eu prometo que nós vamos fazer isso e chegar lá embaixo ilesos.

Raisa olhou para cima da colina. Ela não teve coragem de dizer a Creed que estava cansada, que a energia do sangue de Jared estava escoando. Principalmente porque ela não queria acreditar. A subida pareceu muito mais íngreme do que tinha no início da noite, a luz do luar refletindo as rochas cobertas de neve em carretéis de branco, destacando o preto mais profundo das sombras. Ela marcou um ponto de um terço do caminho até a colina. Ela poderia fazer isso. E quando ela fizesse, ela iria escolher um novo. Um pé de cada vez.

Creed olhou para ela.

— Tudo bem?

Ela assentiu com a cabeça e deu o primeiro passo. Hoje foi o melhor dia da sua vida física, e apesar de estar resultando emocionalmente esgotante, ela não queria que acabasse. Um terço até a colina, pouco menos que sua marca, ela teve que parar. Ela reconheceu a tensão, a tensão horrível, que se reuniu em seu estômago. Prendeu-se perfeitamente imóvel, esperando contra toda a esperança de que ela estava errada, que talvez ela tivesse apenas uma distensão muscular,



que isso não estava acontecendo de novo. Ela não poderia voltar à forma que tinha sido antes. Ela não podia.

— Raisa?

Ela puxou a mão de Creed. A primeira dor bateu forte, mais difícil do que nunca, brilhantemente impressionante de fora da sua complacência, fazendo-a dobrar-se. O suor escorria de sua testa, desceu por suas têmporas e caiu na neve, estragando a superfície branca com manchas vermelhas.

Merda! Os braços de Creed vieram ao seu redor, fortes e quentes.

— Jared, venha aqui!

Com a mão de Creed cobrindo a dela, ela ouviu a mensagem para Jared. Sentiu a sonda da mente de Creed nas bordas da dela, surpreendentemente forte e muito experiente pelo modo como encontrava as aberturas no seu controle. Sua propagação da palma em seu estômago, apoiando-a enquanto ele sussurrava em seu ouvido:

— Você tem fome.

Ela agarrou seu pulso, incapaz de se afastar ou atraí-lo quando outra câimbra chegou após a primeira.

Nunca tinha começado tão difícil antes. Ela tinha tido semanas para atingir esse nível de dor. E agora, apenas doze horas depois de tomar sangue de Jared, ela ficou nessa condição? Oh diabo, ela estava em tantos problemas.

A próxima dor a deixou pendurando-se nos braços de Creed, muito envolta na agonia que a consumia para apoiar-se. O outro braço de Creed se apoiou contra sua boca.

— Alimente-se.

Ela balançou a cabeça.

— Não é possível.

— Sim, é possível e você pode! Basta morder um pouco.

— Não seria um pouco. — ela suspirou.

— Eu sou um homem grande. — Seus lábios roçaram seu ouvido, provocando arrepios sedutores. — Eu posso te dar tudo que você precisa.

A tentação estava lá. Bem como o medo. E se ele a deixasse doente? Pior, e se ao tomar seu sangue não ficasse doente como o de Jared? E se diminuísse a sua capacidade de ficar sem comida cada vez menor?

A seguinte dor se formava. Suas presas se estenderam. Ela abriu a boca. O que importava? Qualquer coisa era melhor que isso.

Com uma aspereza chocante, ela foi arrancada dos braços de Creed. Ela pousou suavemente em um banco de neve, olhando para o céu noturno.

— Tire as malditas mãos dela.

Jared. Ela empurrou-se para cima em seus braços. Não foi uma tarefa fácil com o desmoronamento de neve sob seus pés. Ele estava enfrentando Creed, o amplo conjunto de ombros refletindo a qualidade escura e ardente de sua energia. Jared era uma visão extremamente intimidante quando irritado. Mas na frente dele, Creed não estava olhando, com qualquer tipo de desleixo. Ele correspondia Jared em altura e largura, e na medida em que a agressão foi pura, ele também estava no par. Se as coisas chegassem a uma luta, seria cruel e



sangrenta e longa, porque os homens eram predadores letais, e ambos, a julgar pela forma como as suas chocavam uma contra a outra, estavam dispostos a lutar até a morte. Ela não podia deixar que isso acontecesse. Raia enfiou seus dedos em seu estômago, como se através da força física, ela conseguisse segurar a dor nas costas o tempo suficiente para funcionar.

— Quem diabos é você para me dizer o que fazer? — Creed rosnou.

— Seu protetor. — Jared resmungou de volta.

Creed suspirou.

— É assim como você chama?

O rugido de Jared vibrou para baixo de sua coluna vertebral.

— Sim.

— Se ela fosse lobisomem, o seu tipo de proteção não seria permitido.

Como um chute no estômago, entendeu o significado de Creed. O lobisomem pensava que ela era prostituta de Jared. De repente o interesse dos homens levou a uma luz completamente diferente.

— Raia não é um lobisomem. — Jared resmungou.

— Ela pode escolher ser.

— E depois?

Creed sorriu, seus caninos reluzentes.

— Então, você pode esperar o homem dela vir chamar.

— Você...

— Sim.

— Você não é compatível.

— isso você diz.

— É verdade, Raia? — Jared perguntou sobre seu ombro. — É compatível com o Creed?

Ela não era tola. Não havia mais em jogo do que uma simples resposta a esta pergunta. E tão louco quanto seu pensamento foi, ela não estava indo para lá agora.

— O que é verdade é que eu não vou ficar mais sentada neste banco de neve.

Neve espalhou enquanto Ian aparecia ao lado dela.

— Tampouco tem que estar.

Ela estendeu a mão. Ele tomou-a, puxando-a para fora. Ele não parou quando ficou em pé, mas deu um puxão adicional, varrendo-a em seus braços quando ela tropeçou.

— Os dois podem lutar pelos seus direitos até sangrar estupidamente, e se sobrar algo, você pode apresentar ao conselho.

Raia deslizou as mãos sobre os ombros de Ian, sentindo-se desconfortável fazendo isso. Ele não era o tipo de homem que inspirava toques calorosos.

— Relaxe. Eu não mordo vampiros muito pequenos quando estão para baixo.

— E quando eles estão bem?

Ele deu um sorriso perverso que fez seu coração palpitar, mesmo cansado.

— Então, cabe a eles.

Ela parou com as mãos a meio caminho de seu pescoço.

— Nossa!



— Você, porém, está segura. Nós estabelecemos a noite passada que não somos compatíveis.

Sim. Eles tinham. Ele se mexeu em seus braços. Ela agarrou no pescoço. Foi muito tranquilo por trás deles.

— Eles estão matando uns aos outros?

— Não.

Ela inclinou a cabeça contra o peito quando começou a formar-se outra dor.

— Eu não queria causar uma briga.

— Você não causou nada.

— Ah. — O grito pequeno escapou sua determinação em ser estoico.

— Quanto isso é ruim?

— Não é tão ruim assim.

O olhar que dirigiu a ela quando chegaram à varanda foi cético.

— Alguém já lhe disse que é uma péssima mentirosa?

— Já mencionaram uma ou outra vez. — Jared disse num sotaque baixo, inclinando-se em torno deles para abrir a porta. Seus olhos estavam mais verdes do que azul, e em torno dele, sua energia falhava com raiva mal contida. Enquanto o seu olhar encontrava o dela, a energia mudou de direção, atacando-a com uma velocidade estonteante. Ela se encolheu de volta contra o peito de Ian.

— Volte atrás de uma maldita vez. — Ian resmungou.

Jared abriu a porta.

— E deixá-la com você para que você possa brincar de cavaleiro de armadura brilhante? Eu não penso assim.

Ian o empurrou.

— Você é um burro.

— E você está ultrapassando seus limites.

— Eu sou o líder aqui. Eu não tenho limites.

— Você está segurando a minha mulher.

— Estou segurando uma mulher não reclamada que precisa se alimentar.

Ian a colocou no sofá. Ela se enrolou em uma bola fetal enquanto discutiam em torno dela.

Ian se ajoelhou ao lado dela.

— Eu ofereceria o meu sangue, se eu pudesse.

Ela agarrou sua mão, apertando em um esforço para conter o incontrolável. Seu "Obrigada" saiu em um gemido.

— Afaste-se dela.

A mão de Ian fez uma pausa em sua bochecha. Ele não se afastou.

— Você quer lidar com ele agora, pequena vampira?

— Ao menos que queira que eu destroce sua garganta agora — Jared rosnou —, você vai afastar-se dela.

A menos que ela quisesse derramamento de sangue, Raisa não viu que tinha muita escolha, por mais que a assustasse.

— Eu presumo.



Ian estudou seu rosto um segundo mais. Sua cabeça inclinada um pouco para o lado.

— Nesse momento, Jared está irritado com todos os homens ao seu redor, mas não vai machuca-la.

— Fale por si mesmo, maldito.

Ian balançou a cabeça.

— Ele também é um idiota. Ninguém irá culpa-la por jogá-lo a chutes.

Raisa podia sentir a frustração de Jared e sua necessidade. O golpeava em ondas implacáveis. Também podia sentir sua culpa porque ela sentia dores.

— Eu não quero mandá-lo embora. — Ela chegou por cima do ombro de Ian e estendeu a mão, palma para cima em um convite. Jared tomou, seu aperto surpreendentemente gentil quando ocupou o lugar de Ian, os músculos da coxa esticando o tecido da calça quando ele agachou. Sua mão deslizou sob o dela, embalando a convulsão dos músculos da barriga.

— Pensei que tínhamos terminado com tudo isso.

— Eu também.

Outra dor a bateu. Seu estômago contraído. Energia pulsante através de sua mão. Isso não ajuda. Ela virou o rosto nas almofadas e gritou sem fôlego, liberando a dor, frustração e inevitabilidade absoluta de sua existência.

— Venha aqui raio de sol — os braços de Jared a cercaram, puxando-a fora das almofadas e contra o seu peito. Fragmentos de dor lascada fora o nó no estômago, provocando as chamas de novo, a agonia queimando no peito, braços, pernas. Seus dentes doíam. Suas garras se afundaram nos ombros dele. Ele estremeceu. O cheiro de sangue contaminava o ar. Uma mão veio em sua linha de visão, fechando por cima do ombro de Jared. Ian puxou Jared de volta, ignorando o seu rosnar.

— Você não pode permitir a perda de sangue agora, Jared.

— Droga. — Ele rasgou sua camisa.

Ele levantou a cabeça.

— Eu posso. — Creed se voluntariou, encontrando seu olhar sobre o ombro de Jared. Pequenos movimentos vermelhos das chamas dançou em seus olhos.

— Você não é compatível. — Jared quebrou.

— Se abrir sua mente para a minha, também o fará seu corpo.

Jared ficou rígido.

— Tirem-no daqui para fora, Ian.

— A menos que o mate, eu não acho que isso é possível.

— Então, mate-o.

Creed aspirou.

— Não é tão fácil me matar, vampiro.

Raisa gemeu enquanto a energia dos dois machos vinha para ela. Ambos fortes, mas tão diferentes. Ela não teria a menor oportunidade de mantê-los fora de sua cabeça, e ela não sabia como iria lidar com o caos em cima do que ela já tinha sofrido, mas depois uma terceira intercedeu, deslizando entre ela e eles, formando um muro impenetrável para não tocá-la, ainda bloqueado Jared e Creed. Ela olhou para Ian enquanto os homens praguejam por serem bloqueados.



— Você pode lidar com eles mais tarde.

Sim, poderia.

— Obrigada.

Ele acenou com a mão.

— Por enquanto, você deve se alimentar.

Ela balançou a cabeça. O escudo de lan ondulado com desagrado.

— Lobisomens não permitem que suas mulheres sofram.

— Nem os vampiros. — Jared cortou.

Ela apertou a mão de Jared e respirou com cuidado. O cheiro da pele de Jared estava tão perto picante, previsto no masculino com o aroma de musk intrigante. Ela podia ouvir as batidas do seu coração. Com cada batida, o seu sangue fluindo em suas veias. Todo o sangue que ela precisava. Ela enrolou seus lábios para baixo sobre suas presas. Ela balançou a cabeça. Eles não entenderiam. Não.

— Sim. — os três homens responderam em uníssono.

— Por quê? — Ela engoliu em seco como o aperto de agonia facilitou a suportável. — Então eu posso sentir-se bem por um tempo ainda mais curto, na próxima vez?

— Eu não vou permitir que você sofra, Rai. — Jared resmungou.

Creed foi igualmente enfático.

— Você vai se alimentar.

Ela balançou a cabeça.

— Não é da sua conta.

Creed fulminou Jared.

— Um companheiro cuidaria melhor dela.

— Desde que ela não tem um companheiro, ela só vai ter que lidar comigo.

O tom de Creed foi implacável com determinação.

— Um lobisomem não esperaria permissão.

Tampouco ele, Jared decidiu. Outro tremor torturou Rai. Os músculos do abdômen arrancaram com a agonia interior que ela estava tentando proteger. Ao lado dele, Jared poderia sentir Creed e a impaciência de Ian, a sua necessidade instintiva de proteger uma mulher. Combinava a sua própria. E Creed, pelo menos, não ia durar muito mais tempo em um papel passivo. Ele sempre foi um homem cruel simples. E agora via Raia como sua companheira em potencial. Ele não seria capaz de deixá-la sofrer sem intervir.

Como sua mente me aceitou, portanto, assim fará seu corpo.

O vampiro de Jared uivou no pensamento do oferecimento de seu sangue para Raia. Ele dobrou a sua pequena cabeça bonita, onde os cabelos de sol derramando sobre a pele escura do were, esses cheios lábios abrindo-se, as pequenas presas perfurando antes que aceitasse a oferta.

Ela era sua. Somente o seu sangue deve passar nos seus lábios. Apenas os braços devem vir ao seu redor. Ele concentrou sua energia e propulsão por meio do escudo de Ian, estilhaçando-a, orientando os cacos de volta na mente dos dois lobisomens, forçando-os para trás enquanto ele impiedosamente mergulhou na mente de Raia. Dor saudou com fome voraz. Desespero arrastou na sua esteira. Ela achava que isso era tudo o que havia para ela. Os poucos minutos que ela tinha



tido prazer faziam parte de sua punição por seu passado. Outra explosão cegadora de dor bloqueou-lhe a memória pelo que ela pensava que merecia ser castigada.

Jared trouxe sua boca para seu peito enquanto ele perfurava a pele com sua garra, deixando a sua mancha de sangue em seus lábios.

O gemido dela vibrou contra seu peito. Ele não se preocupava com a resistência dela, ela tinha a necessidade de se proteger para o futuro que ela viu se aproximando. Tudo o que ele se preocupava, tudo o que seu vampiro exigia, foi que ela não sofreria qualquer direito mais agora. Ele iria forçá-la a aceitar qualquer coisa para que isso acontecesse. Nada mais importante do que isso. Com outro empurrão brutal através das camadas de nebulização, ele descobriu que parte primitiva espreita dentro de seu vampiro e trouxe à vida com uma palavra: Alimentação.

As presas de Raisa rasgaram, parando seu coração com o prazer de antecipação, enquanto esperava a segunda divisão antes de se afundar, e seus batimentos cardíacos decolaram, o sussurro de êxtase correndo do sangue dele para o dela e logo de volta quando a energia de Raisa se entrelaçava com a dele, fluindo com sua fome, indo mais profundo cada vez mais, sem retroceder depois que se misturavam. Ele passou os braços em torno dela, curvando o corpo sobre o dela, protegendo-a do olhar dos outros.

— É isso aí, raio de sol. Deixe-me fazer você se sentir melhor. Deixe-me cuidar de você.

O passado não foi além de sua própria mente.

Sua força construída como sua diminuiu.

— Ela consumiu o suficiente, Jared.

Considerando que o comentário de Ian parecia vir de longe, o protesto de Rai explodiu em sua mente com clareza cristalina.

Não!

Ele acariciou sua cabeça sobre o protesto selvagem.

— Tudo o que você quiser, raio de sol.

Ela poderia ter qualquer coisa que ela quisesse dele.

— Jared, isso é o suficiente.

Ele levantou a cabeça e rosnou para Ian. O alcance da mão de Creed era apenas um borrão de movimento, mas ele pegou-a, atacando com suas garras, rosnando com satisfação, quando ele conectou e o cheiro de sangue encheu o ar. Raisa precisava dele. Eles não iriam interferir.

— Fique longe.

— Eu não posso.

A mente de Creed escorregou pela fresta da ansiedade de Rai, fluindo com uma habilidade rara em um were. Mais energia misturada com Creed. Ian?

— Ela consumiu o suficiente, Jared.

A mente de Rai estava unida tão completamente com a dele que não pode deixar de ouvi-lo por casualidade. E mais uma vez veio o grito desesperado. Não!

Desta vez, porém, o toque de calma que encontrou não veio de Jared. Creed, reforçado por Ian, cobriu seus esforços e o silenciou. Algo que jamais seria capaz de fazer se Jared estivesse em plena força.

Você está matando-o, Raisa. Toma muito.

Não. Ele tem o suficiente.



Sim. Eu tenho bastante, Jared pensou. Ele sempre tem o suficiente para ela.

Não, ele não tem. Ele não foi reabastecido de última hora.

Ele dizia...

Ele jamais negaria. Duro, implacável, Creed se aproveitou da fraqueza de Jared para comandar a atenção de Rai.

Ele vai deixar você chupá-lo até secá-lo.

Sim, ele o faria. Qualquer coisa que ela precisava ele proporcionaria. Não importava o que custasse. Risa precisava ser forte para sobreviver. Jared a puxou mais perto, cortando Ian quando ele agarrou seu ombro, suas garras encontraram carne. Ian não o soltou.

— Você quer matá-lo, Risa?

Outro *Não*, mais selvagem que o anterior.

— Então deixe-o ir. — Creed sussurrou em voz alta e em suas cabeças. — Você precisa deixá-lo ir.

O vampiro de Risa lutou com todas as necessidades de consumo para o seu sangue, enquanto Risa lutava com cada pedacinho de sua humanidade. O grito que rasgou através dela quando ela retirou as suas presas ecoou o grito de seu vampiro. Ela não era forte o suficiente.

Jared apertou-lhe a cabeça em seu peito. Sua mão veio entre eles, pressionando de volta. Ela o tinha drenado ao ponto que ele não poderia nem mesmo ganhar essa pequena batalha.

Seus olhos encontraram os dele. Seu rosto desbotado dentro e fora de foco. Seus olhos arredondados, com horror.

—Oh!

Ele tocou o dedo em seu rosto, que florescia com o rosa de saúde.

— Da próxima vez precisamos de privacidade para fazê-lo direito.

Sua cabeça caiu para trás. Ela se remexeu saindo de seus braços. Sentiam-se vazios sem ela.

— Como você pôde deixar isso acontecer? — Sua energia saiu em disparada e crepitou para os weres.

— Nenhum de vocês exatamente nos deu muita escolha.

—Tolices.

Jared ouviu um grito e, em seguida, cheirava a promessa feminina rica do seu sangue. Ele pegou o pulso, ela levantou a sua boca, trouxe-a aos lábios. Ele permitiu-se um gole de sua inebriante riqueza, antes que ele selasse a ferida com um golpe de seu polegar.

— Não, bebê.

— Não me chame de 'Bebê'. — Ela empurrou-lhe o pulso em seu rosto. — Alimente-se.

Jared devia a Ian e a Creed o escudo que lançaram em sua mente e na dela. Os weres poderiam ser telepatas muito efetivos de perto, porém Creed e Ian eram assombrosos por serem lobisomens. Ele fez uma nota mental para informar a Caleb dessa particularidade.

Outro suspiro precedia seu afastamento do seu lado. Seu vampiro rosnou. Seu lado humano suspirou de alívio. Ele não sabia quanto tempo ele poderia resistir a Risa. Ela o afetava como nenhum outro.

— Obrigado.

— Agradeça-me mais tarde. Agora se alimente. — O perfume de Ian veio forte para suas narinas, o fascínio de seu sangue era potente. Jared resistiu. Tomar sangue entre vampiro e



lobisomem abria uma porta mental para o lobisomem às suas mentes. Os irmãos tinham concordado que sua lealdade aos lobisomens era demasiado instável para dar-lhes essa vantagem.

— Você sabe as regras.

— Fodam-se as regras. Não fará nenhum bem se você morrer. — Ian tinha um ponto.

— Além disso, se eu quisesse os seus segredos eu poderia tê-los agora. Os lobisomens D' Nallys não são comuns.

A face turva de Ian dentro e fora de foco. A mão de Raisal tocou o ombro de Jared. A pureza de sua energia fortificada dele.

— Alimente-se, Jared.

Ele balançou a cabeça:

— Fique fora disso, Raisal.

Esta foi uma decisão muito crítica a ser feita à pressa. A agitação de sua cabeça, que ele não podia ver, tremia-lhe o braço para baixo, comunicando-lhe através do seu toque.

Suavemente com pesar em sua voz, ela sussurrou:

— Eu não posso.

Usando sua habilidade de deslizar em sua mente, aumentando seu poder de Creed e Ian, ela o traiu com o mais simples dos comandos.

— Alimente-se, Jared.

CAPÍTULO 9

Ele não ia fazer a reunião.

Jared aceitou a realidade enquanto ele selava o ferimento no pulso de Ian, e com um único impulso expulsou os dois lobisomens de sua mente. Ele era o companheiro de Raisal, e ela era a sua primeira prioridade. Dentro dele, o vampiro rodava, solto e responsável, muito irritado e fora de seu controle, querendo só uma coisa — lidar com a mulher que o tinha traído.

Ele ficou de pé, segurando Raisal imóvel em um aperto mental. Ele fulminou os lobisomens com um olhar.

— Fodam-se fora daqui.

Nenhum deles se moveu. Ian falou.

— Ela fez o que devia, Jared.

— Ela fez o que quis, e ao inferno com as consequências. — Algo que ele estava começando a acreditar que era um hábito entre os vampiros do sexo feminino.

— Você se aproveitou.

— Do meu lado, mantendo-o vivo e reforçando nossa vantagem é uma situação onde todos ganham.

— Não para mim.

— Você só está chateado porque não fez do seu jeito. — Creed rosnou, aproximando-se de Raisal.

— Sim, é isso. — Ele chamou a atenção de Creed. — Não se incomode. Ela nunca vai ser sua.

— Ela não é sua, tampouco.



— Em poucos minutos ela será.

Creed zombou:

— Contra a sua vontade?

— Ela fez sua escolha. — Quando ela tinha tomado a escolha por dele, tinha feito sua escolha.

Ian apareceu ao lado de Creed.

— Sim, ela fez.

Creed girou em torno, enfrentando Ian.

— Isso claramente viola as leis da matilha.

— Ela não é sua, Creed.

— Ela poderia ser.

Os olhos de Ian encontraram os de Jared, e ele suspirou.

— Não, ela não poderia.

Creed mostrou suas presas para Jared.

— Machuque-a e eu vou atrás de você.

— Por que esperar?

Ian franziu a testa.

— Não provoque, vampiro, ou eu vou acabar com você.

— Você acha que pode?

— Eu acho que há muita coisa que você não entende, e até que o faça, você pode querer aceitar o meu apoio e parar de agravar esta questão.

— E se eu não me sentir assim?

— Então você vai morrer.

A declaração empurrou sua mente com uma força incrível. Jared piscou. Ian era um lobisomem de muitas surpresas. O senso comum guerreou com a demanda primitiva.

— Se quer a paz, tire-o daqui.

— Saia, Creed.

— Não.

Ian se virou lentamente, de cabeça baixa, ombros retos.

— Você me desafia

Creed não se voltou imediatamente, não se mexeu.

— A mulher vem em primeiro lugar.

Ian acenou sua preocupação com a mão.

— Ele não vai machucá-la.

Creed não se moveu e não tirou o seu olhar de Jared.

— Não se pode ter certeza.

Os lábios de Ian tremeram.

— Sim, eu posso. Olhe para ele, sem ciúme, e você verá o que eu vejo.

Por outro segundo, Creed ficou como estava, sacudiu a cabeça, em seguida, assentiu com a cabeça uma vez para Ian e recuou, com um sorriso sarcástico puxando os lábios, enquanto ele olhava para Jared.

— Você percebe, mais cedo ou mais tarde você vai ter que descongelá-la?



- Qual é o seu ponto?
- Ela não vai ser feliz.
- Dê o fora.

Ian agarrou o braço de Creed e puxou-o em direção à porta. Creed parou antes de passar.

- Basta lembrar, vampiro, se você se foder, eu estarei lá para pegar os pedaços.

Jared piscou suas presas.

- Como diabos você vai.

Ian empurrou Creed antes de acrescentar sua própria advertência sobre seu ombro.

- Não estrague tudo.

A porta se fechou silenciosamente atrás dos lobisomens. Jared deixou cair a barra do outro lado da porta. Ele não queria ser incomodado, e ambos, Creed e Ian, eram o tipo de perturbação. Certo de que a porta estava segura, ele se dirigiu para onde estava a congelada Rai, sua energia e seu espírito contidos em uma armadilha de sua decisão. Desamparada, vulnerável a qualquer vingança que ele queria exatamente.

Ele tocou uma onda perto de seu ombro. Este enrolou em volta do seu dedo em um abraço de seda, ligando-os juntos. Os tons amarelados captaram a luz do candeeiro de mesa, passando de escuro para claro enquanto ele puxava a mão. O anelzinho esticou, segurando até o último segundo, mantendo o contato mais do que ele poderia. Desafiando-o. Esfregou os fios entre os dedos. Ela tinha um lindo cabelo.

Jared olhou para o corpo dela. Tudo nela era bonito, um pacote pequeno perfeitamente formado para seu gosto. A camisa de gola alta preta e calças que usavam mal enfatizavam a feminilidade que irradiava dela. Ele trouxe o fim da onda para o canto da boca. Ela não piscou, não se moveu, mas a umidade reuniu-se em seus grandes olhos castanhos. O fio de cabelo caiu. Pegou-o com o polegar, prolongando o contato, a violência dentro dele rodando com a frustração.

Ele liberou-a de seu controle. Ela piscou os cílios espessos sobre os olhos. A cor rosa em suas bochechas. Cor saudável. Ainda segurando o fio de cabelo, ele tocou seu rosto.

- Você não toma as decisões de um homem, raio de sol, mesmo para salvar sua vida.

Seu momento de desorientação detonou uma explosão de raiva.

- Afaste-se de mim.

Ela deu um soco nele. Haveria acertado, se ela não tivesse puxado para trás no último minuto. Essa exibição de suavidade acabou com sua ira. Jesus, ela precisava de um guardião. Ele pegou seu pulso e puxou-a para seu peito.

- Como diabos você sobreviveu pelos últimos séculos?
 - Não é da sua conta.
 - Agora, é onde você está errada. Tudo que você faz é da minha conta. Ian a deu a mim.
- Ela puxou o braço, os cabelos saltando em volta do rosto.
- Eu não sou de Ian para ele dar.
 - Então que tal deixarmos que eu decida pelos dois?
 - Você não tem esse direito.



Ele pegou seu pulso antes que ela pudesse atingi-lo ao lado de sua cabeça. Ela imediatamente começou a chutar sua canela. Ele deixou-a chutar quatro vezes. Na quinta, ele disse,

— Ai.

Imediatamente, ela parou. Ele balançou a cabeça.

— Você, querida, tem um coração muito mole.

Isso a fez reagir.

— Eu não.

Para provar isso, ela chutou-o de novo, desta vez com tudo o que tinha escondido. Ele evitou o chute, o esforço rangendo solto em seu sorriso. Ela também tinha bastante temperamento.

Foi simples usar o seu ímpeto de virá-la. Cruzando os braços sobre o peito dela apertou-a contra ele. Ela lutou e chutou. Ele deixou que ela gastasse sua frustração, apoiando o queixo em seu ombro. Respirando profundamente o seu cheiro, seu vampiro rondou impaciente, esperando por ela para resolver. Esperando pela aceitação dela.

Finalmente, ela caiu de encontro a ele, empurrando quando sentiu sua excitação. Apertou a mandíbula e em seguida, ela inclinou-se para trás, deixando-o saber sem palavras que ela não se intimidava com ele. Seu sorriso se ampliou. Ela era toda fogo do inferno e da compaixão. E ainda que essa combinação se conflitasse, funcionava para ela.

— Eu salvei a sua vida. — ela murmurou.

— Sim.

— Duas vezes.

— Acho que significa que eu tenho você agora.

— Não é assim que funciona.

— É se eu digo que é.

Ela lhe deu uma cotovelada no estômago com força suficiente para levar ar de seus pulmões. Girando fora de seus braços, ela bateu as mãos para baixo em seus quadris.

— Este não é o século XIX! Você não pode simplesmente possuir alguém.

— Eu não estou possuindo alguém. Eu possuo você.

— Nunca.

Ele inclinou a cabeça para o lado.

— Isso soa pessoal.

— É claro que é pessoal. Estamos falando de mim.

— Bem, olhando por este caminho, você começa a me possuir.

Ela olhou para cima e para baixo, e conseguiu colocar uma quantidade justa de desgosto em sua voz.

— Supondo que eu queira.

Ele sorriu.

— Sim. Assumindo isso. — Foi fácil pegar a mão e puxá-la de volta em seus braços.

— Você...?

— Não.

— Você prefere Creed?



Ele a viu seus lábios formarem a palavra "sim", e, em seguida, ela balançou a cabeça, a honestidade interior expulsando sua raiva.

— Eu não quero ser possuída por ninguém. Eu tive o suficiente antes.

— Antes quando?

— Antes de me tornar um vampiro.

— Explique.

Ela suspirou.

— Eu era uma serva, que para uma mulher é o mais perto que você chega de ser um escravo e não usar o título. — Ela apertou as palmas das mãos contra o peito. — Não tenho qualquer desejo de reviver a experiência.

Ele abaixou a cabeça.

— Má sorte.

Destino, sorte, ou simplesmente má sorte tinha enganchado-os juntos. Agora ela precisava dele, e ele precisava dela. Sua suavidade, sua compaixão, e que a propriedade antiquada que o chamou como o mais doce mel.

— Nenhum de nós tem uma escolha.

— Nós podemos ir embora.

— Experimente. — Ele beijou sua bochecha direita e sua esquerda.

Ela não teria mais sucesso do que ele havia tido e só havia conseguido distanciar um pensamento.

— Deixe-me ir, e eu vou.

Mais tarde, ele descobriu o canto de sua boca. Seu vampiro sibilou com satisfação enquanto saboreava seu gosto com a língua. Picante e viciante. Ele enfiou a língua na fenda pequena, aproveitando sua consequente abertura para deslizar mais dentro do refúgio tentador de sua boca.

— Doce querida.

As mãos dela pararam de empurrar. Seus dedos se curvaram para dentro. Suas garras provocavam alfinetas diminutas quando colocou as pontas nele, seus lábios se separaram, sua respiração se misturando com a dele.

— Sim. Venha cá.

Ele enganchou o braço atrás das costas, encorajando-a a se arquear mais, aumentando sua posição enquanto os dedos dos pés cutucavam os seus.

— Jared.

— Bem aqui.

Suas mãos deslizaram até os ombros dele.

— Isso é muito errado.

— Nós vamos descobrir isso depois.

— Mais tarde será tarde demais.

Ele inclinou a boca sobre a dela, lambendo ao longo dos lábios suaves até que ela estremeceu.

— Abra...

— Pense, Jared. Você nem sequer sabe quem eu sou.



— Meu vampiro sabe.

— O vampiro é só tesão.

A palavra parecia incongruente vinda daqueles lábios.

— Você faz mesmo palavrões serem sexy.

— Eu não falo palavrão.

— Sim, você falou palavrão. — Ele estendeu a garra de seu dedo indicador e colocou-o na base do pescoço, picando o material da sua gola, agradando sua pele. Ela estremeceu, e sua boca tomou um sopro mais suave. — Toda sexy e sedutora. Eu acho que eu gosto quando você fala palavrão para mim.

Com um rápido movimento, ele cortou a gola aberta e deslizou as mãos sob o tecido elástico.

— Ah raio de sol, você é todo macia como seda.

Seus dedos cavados em seu pescoço, ela puxou-se para cima.

— Você não é suave. — Esfregou seus seios contra o peito em pequenos movimentos espasmódicos.

— Não, não sou suave em absoluto. — Ele envolveu sua nádega na mão. Exuberantemente feminino, a curva encheu a palma da mão. Ele estava tão duro que ele estava prestes a se quebrar em dois.

Ela resmungou e voltou-se contra ele.

— Você é muito alto.

Ela estava tentando entrar em seus braços.

— Então, vamos nos ajustar.

Ele levantou-a. Suas pernas imediatamente vieram ao redor da cintura dele, forte e magro, fechando-os juntos.

— Oh sim.

Ela espalhou beijos ao longo de sua mandíbula, no pescoço. E logo retrocedeu outra vez.

— Você faz amor tão bem quanto dá ordens?

— Melhor. — Ele pegou a cabeça dela na palma da mão, dirigindo os beijos na boca.

Seus dedos enfiaram através dos cabelos dele, deslizando até antes de envolver suas mechas e puxar. Seu "Prove" arrastou uma risada cheia de seu desejo.

— A qualquer momento.

Ela esfregou os seios lindos contra ele, o material escorregadio do sutiã facilitando o atrito.

— Eu estava pensando que agora era um bom momento.

— Eu não sou denso, querida. Eu tenho isso.

— Você não poderia prová-lo para mim.

Ele enganchou sua garra para trás no elástico da alça do seu sutiã e deu um golpezinho. A alça cortada deslizou por seu braço.

— Estamos com pressa?

— Sim.

Ele cortou a outra alça antes de andar de costas contra a parede, sorrindo enquanto ela estremeceu quando sua coluna fazia contato com a superfície fria. Ele alcançou a bainha de sua camisa e puxou-a até ficar presa sob os braços.



— Solte-se.

Ela balançou a cabeça.

— Você se sente muito bem.

— Eu vou sentir ainda mais contra você, sem a barreira das roupas.

Sua cabeça inclinou para o lado enquanto ela considerava a opção. Seus dedos deslizaram para trás sobre o pescoço, as unhas arranhando eroticamente sobre a borda de sua clavícula. Seus olhos, de fusão com a paixão com a cor de chocolate quente, reuniram-se aos dele. Com um sorriso de bruxa, ela ergueu as mãos sobre a cabeça, cruzando os pulsos e inclinou para trás, erguendo os seios para cima em direção a sua boca, figurativa e literalmente se oferecendo para o seu prazer.

Desejo caiu sobre ele com a força de um maremoto, quase acabando com seu controle. Seus caninos explodiram em sua boca, doendo com a necessidade de aceitar sua oferta. Ele traçou o tendão correndo ao lado de seu pescoço.

— Raio de sol perigoso. Muito perigoso.

Sua pálpebra abaixada sobre os olhos, acrescentando um desafio à sua expressão sensual.

— Temo que você não pode lidar comigo?

Ele apoiou o seu peso em uma mão. Com a outra ele levantou sua camisa para cima e acabou. O pescoço obliterou sua expressão de um batimento cardíaco. Quando ele puxou-o livre, ela ainda estava lançando esse desafio para ele por trás do escudo de seus cílios. Seus lábios se abriram em leve sorriso.

— Oh, eu posso lidar com você. — Enrolou a camisa mais em torno de seus braços, efetivamente aprisionando-os acima da cabeça. Seus seios, pequenos e com a ponta inclinada, tremeram quando ela tomou uma respiração rouca. Ele guardou o material entre seus braços, prendendo-os no lugar. Sua boca molhada, imaginando o quão doce essas pequenas pontas inchadas seriam para o gosto de sua língua. Como perfeito era o som de seus gritos para os ouvidos quando ele sugou e mordiscou-lhe as pontas apertadas. — Mas eu não estou com pressa.

Seu sorriso ficou ainda mais confiante. Ela passou a língua sobre suas pequenas presas sexy e arqueou para trás, empurrando a pélvis para baixo dele.

— Veremos.

Então eles fariam. Ele abaixou a cabeça. Ela encontrou-o no meio do caminho, pegando o lábio inferior entre os dentes, lambendo o forro interior com pequenas e provocadoras lambidas que o deixaram maluco pelo contato pleno. Embalando seus cabelos na mão, ele inclinou a cabeça, trazendo sua boca em sintonia com a dele, o seu rugido de frustração acrescentando mais um elemento intrigante para a paixão que arqueava entre eles.

Ele pegou o queixo em sua mão, e ela o puxou para mais perto.

— Devagar, querida.

Ela balançou a cabeça, lutando contra seu agarre.

— Você tem que se apressar. — Botões voaram por toda parte, batendo no chão em pequenos sons metálicos de emoção, enquanto ela rasgava a camisa aberta.

— Por quê?

— Você tem que se apressar, antes que se acabe.

Ele teve que pensar um segundo.



— Raio de sol, está preocupada por se apressar?

— Não para mim, você.

Agora, ela não estava fazendo sentido.

— Se esse é o problema, porque você está correndo?

— Eu não quero perder o sentimento.

Ele precisava de um segundo.

— Se você perdê-lo, vou ajudá-la a encontrá-lo novamente.

Ela balançou a cabeça, inclinando-se para lamber seu peito.

— Oh, eu sei como isso funciona. — Sua boca patinou para a direita, encontrando o seu mamilo com precisão infalível, dobrando-a levemente quando ele queria que ela mordesse. — Você dorme e eu fico observando você roncar.

Nenhuma maneira no inferno ele dormiria sobre ela, jamais.

— Eu acho que você está segura.

— Você não consegue dormir?

Ele pôs um fim à sua provocação, simplesmente levantando-a enquanto inclinava a cabeça para trás.

— Eu não ronco.

— Como isso é algum conforto.

Ele pegou o lábio inferior entre os dentes, puxando-o suavemente, medindo sua resposta com o aumento da sua respiração, o aumento do seu batimento cardíaco.

— Rai, tem sido um longo tempo para mim, por isso mesmo que se eu for rápido na primeira vez, eu garanto que eu estarei pronto para outra vez antes que você comece a perder a sensação.

Ela tinha um lado quase livre dos farrapos de sua camisa.

— Eu já ouvi isso antes.

A raiva cortou sua paciência.

— Se você não quer me ver como um bárbaro, é melhor não provocar a besta falando de outros homens.

— Provocar a besta?

Ela se torceu, então o mamilo roçou os lábios dele.

— Meu lado vampiro não gosta de ser lembrado que ele não é o primeiro.

Ela esfregou seu peito contra a boca num convite descarado.

— Se ele executar muito bem, talvez ele chegue a ser o último.

Sua risada atingiu seu mamilo. O pequeno bico ficou duro como diamante. Ele tocou sua língua na ponta plana, puxando para trás o seu gosto na boca, saboreando-o antes de responder.

— Isso, minha pequena vampira, está feito.

Ele pegou-a sob os braços, levantou-a e jogou-a sobre seu ombro. Seu grito o fez rir. Os punhos dela batendo-lhe na bunda tinham-no feito dar-lhe um tapa. Outro guincho, e então ele a lançou para o colchão.

Ela desembarcou sem jeito, com as mãos esticadas sobre sua cabeça, seu tronco arqueado, com os pés pendurados em direção ao chão. Ele tirou sua camisa e deixou-a cair no chão. Seus olhos se arregalaram enquanto ela tocava em seu peito. Sua língua saiu para brincar mais com aqueles lábios carnudos. Seu pênis pulou, dentro dos limites do seu jeans. Ele abriu-o e empurrou



para baixo, apenas lembrando-se de lançar as botas enquanto ela separava as pernas sugestivamente. Todo o tempo as mãos permaneceram ancorados acima de sua cabeça em um sinal visível de submissão a sua necessidade.

— Depressa!

Ele caiu em cima dela, se colocando entre as pernas, abaixando os quadris para o dela, seu estômago, o peito dele. Todo lugar que sua pele tocou em brasas, explodiu em chamas.

Abaixando a cabeça, ele beijou a bochecha dela, e em sua orelha e sussurrou:

— De repente, eu não estou com muita pressa.

— Maldição!

— Não xingue, raio de sol.

— Isso não foi um xingamento.

— É o mais próximo, e se eu tenho que vigiar a minha linguagem, você tem que vigiar a sua.

— Eu não estou provocando você.

Ele pegou os pulsos dela enquanto ela estava prestes a libertá-las, fixando-os sobre a cama.

— Mas você está me apressando.

— Eu só quero me sentir bem, também.

A verdade pendurou entre eles.

— Também? Raio de sol, nunca se sentiu tão bem como isso?

— Um pouquinho, mas depois acaba.

Tinham sido seus amantes idiotas?

— Bem, esta noite não vai acabar.

Não quando ele tinha uma mulher tão quente, ofegante e disposta debaixo dele, alguém que despertava seu senso de humor, tanto quanto sua paixão.

Dois cortes o livraram da constrição de sua calça. As rasgas e as afastou, junto com sua cueca. Seu pênis caiu sobre seu estômago em uma pequena palmada erótica. Ela ofegou e arqueou para cima.

— Estamos muito longe disso, querida.

O que chamou sua atenção. Ela sacudiu os cabelos para fora de seus olhos e perguntou:

— Nós estamos?

— Oh sim. Eu tenho um monte para saborear, tocar, beber e fazer antes. — Ela olhou-o com cautela. Roçou os lábios ao longo do seu pescoço, logo acima de sua jugular. Ela ficou tensa. — Isso não te interessa?

Ela baixou o queixo, bloqueando seu progresso.

— É claro que me interessa. Eu não estou apenas tentando começar minhas esperanças.

— É por isso que você está bloqueando os meus esforços para chegar mais perto?

Ela assentiu com a cabeça.

— Isso sempre é o que coloca um fim nisso.

O "nisso", ele imaginou, queria dizer tomar seu sangue. Era fácil entender por que os amantes anteriores tinham perdido a cabeça. Raisal era a mulher mais doce e mexia com a cabeça de um homem.

— Você está comigo agora.

— O que significa isso?



Com um simples toque de dedo e um sorriso, levantou o queixo dela, enfiando a boca no oco embaixo.

— Vá em frente, querida, espera receber o seu.

Ele tirou a camisa dos braços dela. Seus dedos flexionados. Ele podia imaginar como se sentiria em sua pele. Firme. Carinhosos. Provocantes. Ele alisou as pontas dos dedos sobre os braços superiores, arrastando-os sobre o interior de seu cotovelo, sobre o arredondamento do seu antebraço, para o interior sensível de seu pulso, cercando-o e levando os braços para baixo sobre seus ombros antes de voltar sua atenção para ela. Sua pele era tão creme claro com o menor sinal de tom pêssego. Seus lábios, cheios e sensuais, tinham a mesma coloração pêssego de suas curvas completas, e por cima desses traços escravos e das maçãs do rosto, aqueles olhos incríveis. Olhos que olhavam para ele com hesitação, paixão e esperança. Um inferno de um lote de esperança.

— Não precisa ficar tão ansiosa, Rai. Isso vai ser divertido. Especialmente para você.

— Por que especialmente para mim?

— Porque eu já passei cada minuto desde que a conheci imaginando que partes do seu corpo seriam as mais sensíveis. — Ele levou a sua orelha entre os lábios e chupou com cuidado. Seu suspiro e estremecer foram exatamente o que ele procurava. — O que faria você tremer. O que faria você suspirar. — Ele mordeu. — E aquilo que te fazer chorar em voz alta...

— Essa é uma boa. — ela ofegou e arqueou para cima.

— Sim. Eu diria que está aquecendo bem.

As pernas dela subiram em torno de seus quadris, e o quente e suave ninho de cachos abraçou a sua virilha.

— O que mais você esteve pensando?

Ele deslizou seus lábios pelo pescoço.

— Seus seios. Eu tive muitas fantasias sobre os seios pequenos impertinentes.

— Qual deles?

Ele sorriu. Falar transformou-a.

— Eu me pergunto como eles se sentem contra a minha língua. Se você prefere um leve toque, ou forte.

Ele fechou os lábios sobre o mamilo esquerdo e tomou um gole de ânimo leve.

Ainda segurando seu rosto com as mãos, mais o seguindo que o guiando, ela engasgou.

— Forte. Definitivamente forte.

Ele balançou a cabeça, não liberando seu seio, deixando-a experimentar a sensação nova, antes de dizer:

— Eu acho que é muito cedo para dizer.

Seus dedos em seus cabelos ondulados. Urgência subiu junto com a luxúria enquanto ela puxou seus cabelos, pedindo o toque forte do que pensou que ela precisava.

— Uma amante tão impaciente. — ele sussurrou contra o pêssego-rosa de sua auréola, beijando em torno da superfície enrugada, sorrindo quando se franziu com mais força, como seu mamilo cutucou seu rosto em uma demanda poderosa. Ele a levou para o calor de sua boca, sugando, em seguida, chupando e, finalmente, estabelecendo-se em mamar a sério, extraíndo dela um alimento intangível que fortalecia sua paixão, suas emoções, suas necessidades. A necessidade sexual de estar seguro, mas também uma necessidade de algo mais. Para ela. Para



vinculá-la com ele, marcá-la, possuí-la. Para seu próprio riso, seu espírito, e essa pequena língua descarada que o fazia rir ou gemer, dependendo de como ela a usava. Rai gemeu e arqueou. Ele levou mais de seu seio em sua boca, aplicando um pouco mais de sucção. Suas coxas convulsionando em torno de sua cintura, puxando-o mais perto.

É isso aí, meu bem. Bem-vinda a mim.

Depressa!

De jeito nenhum!

Não havia nenhuma maneira no inferno que ele ia se apressar na primeira vez.

Os calcanhares dela bateram em suas costas. *Esta não é a minha primeira vez.*

É nossa primeira vez. Sua frustração veio com ele em uma onda de energia, marcada pela ansiedade. Ela realmente estava preocupada com ele deixá-la para trás.

— Relaxe. Você vai ficar comigo o tempo todo. Tudo que você tem a fazer é parar de se preocupar e se concentrar.

— Sobre o quê?

— Isso.

Ele esfregou o mamilo com a língua. A faísca de sensação correu através dela em um brilho luminoso. Sua atenção voltada para dentro com uma sinceridade que pode ter assustado se ele não a tivesse entendido. Ela queria estar bem entre eles com o mesmo fervor que ele queria para ela.

— Nossa! Faça isso novamente.

Ele fez. Após a sensação em seu centro, sentindo a explosão do prazer que se irradiava para fora enquanto ele encontrava a sua marca, os ecos reverberando contra seu próprio desejo, jogando-o fora do centro. Ele nunca tinha estado com uma mulher que poderia entrar e sair da sua mente. Nunca havia antecipado o caos que infringiria ao seu autocontrole toda essa ardente necessidade feminina que se vertia sobre seu desejo.

Ela suspirou. Uma súbita dor veio dele para ela. Ele estava segurando-a muito bem. Facilitando a sua aderência, ele acariciava no momento de pânico, movendo-se para que pudesse beijá-la devagar e sem pressa, esfregando os lábios sobre os dela, ignorando o convite partiu dos seus lábios de investigação aprofundada das bordas, demorando-se nos cantos, quando ela se encolheu, tocando a carne sensível com a língua quando ela arqueou o pescoço, permitindo mais da carícia. Dando-lhe carinho quando ela pensava que precisava exigir. Passando sua língua sobre as marcas que havia feito com os dentes em seu lábio inferior. Substituindo a dor com prazer, até que, com um suspiro quebrado, ela levantou, forçando uma conexão que estava muito disposta a manter. Ela tinha o sabor mais doce que o vinho, mais potente do que o uísque, aditivamente perfeita. Ele precisava de mais, muito mais. Ele traçou a linha do queixo, em seguida a cavidade sob a orelha, a concavidade entre o pescoço e a clavícula, a curva alta do peito. Seu mamilo direito estava ainda enrugado, mas o esquerdo, nem tanto.

Ele envolveu o pequeno monte na mão, chamando a sua atenção.

— Pobre criança negligenciada. Ele precisa de alguma atenção, também.

Raisa e um entusiasta "Sim" chamou a atenção de seu vampiro e trouxe-o rugindo em frente. As palmas das mãos envolveram o seu rosto, suaves quando as suas eram calejadas, tão pequena e ainda capaz de segurá-lo de maneira que nenhuma quantidade de força podia manter.



Ele ia com ela, a luta contra a procura egoísta de seu vampiro de que retrocedesse para a borda da cama, alinhar seu dolorido pênis a assim poderia entrar nela até que explodisse.

Resistir era mais difícil do que deveria ser com o vazamento de imagens eróticas de sua mente para a sua, as imagens de sua boca em seus seios, entre as pernas. E por trás de cada imagem o desejo secreto que não queria conhecer. Ah inferno, que um só poderia ser o prego em seu caixão.

Deixou cair a testa contra o peito e, lentamente, espremido fora do âmbito de suas mentes, suportando os protestos de sua vampiro juntamente com o seu. Ele não poderia dar a ela o que ela precisava se seguia bombardeando-o com a sua alegria em cada carícia. Não quando seu próprio prazer estava prestes a detonar.

— Eu tenho um raio de sol.

O sobressalto que a atravessou fez que seu queixo se chocasse contra o peito dela. Raísa estava na borda, em muitos sentidos. Ela abriu as mãos.

— Me desculpe

— Não há necessidade de se desculpar. — Ele envolveu a mama direita, surpreso ao ver que sua mão estava tremendo. Porra, se ele não fosse cuidadoso, gozaria sobre ela como um rapaz imaturo. Um roçar de seu polegar sobre seu mamilo sensível a fez arquear-se sob seu toque. Ele abriu a boca, permitindo que fosse ela que pressionasse o mamilo dentro.

— Isto é bom, — ele murmurou antes de fechar os lábios ao redor do pequeno broto com fome. Muito bom, melhor do que qualquer coisa que ele tinha imaginado ou sonhado.

Seus seios eram pequenos, mas altamente sensíveis. Cada volta, roçar, e toque teve sua respiração capturada em sua garganta, seus quadris trabalhando contra ele, sua energia se esforçando para se entrelaçar com a sua.

Mais...

O pensamento desesperado deslizou nos escudos de Jared. Ele olhou para o rosto de Raísa. O desespero também estava gravado lá. Ele soltou seu mamilo com um beijinho.

— Eu te darei tudo que você pode tomar. Basta relaxar e deixar-me.

Seu lábio inferior deslizou entre os dentes.

— Você promete?

— Claro. Agora feche os olhos e deixe-me construir essa pequena sensação.

Seu "Não é pequena" trouxe o sorriso de novo junto com uma onda de luxúria. Por um segundo, ele quebrou, seus dedos beliscando seus mamilos duros em uma forte cadência, que alimentam as lambidas da sua língua em seu outro seio. Seus suspiros não fizeram nada para detê-lo, mas eles inspiraram um incentivo quente, brilhante para inspirar mais dos gemidos que rolou sobre ele no mais quente dos elogios.

Sim. Sim, sim.

Ela queria mais. Ele queria dar a ela, mas seu controle era precário neste primeiro momento. Ele beijou-a para baixo do seu torso, sobre o côncavo vazio de seu estômago, rolando o buraco do seu umbigo, encontrando o cabelo macio embaixo, pegando alguns fios em seus dentes, sorrindo quando ela gemeu antes de descer mais, permitindo que o odor de Raísa rodasse por ele em um potente estímulo antes de separar os inchados lábios externos e tocar com sua língua seu sabor íntimo.



— Oh meu Deus!

Essa foi sua reação, também, como sua propagação através de sabor na boca. Um tempero, viciante mel. Mais...

Sua mão desceu e vibrou entre sua boca e sua vagina. O rosnar jorrou de seu núcleo. Nada a separaria dele. Sua mão puxou de volta.

— Jared?

— Minha.

— Eu não tenho certeza.

— Eu sim.

Conseguiu saboreá-la outra vez, o que levou a outra e a outra vez. Sua língua deslizava em toda a carne úmida, reunindo o creme rico em um banquete vertiginoso. Ela cravou os tornozelos em suas nádegas. Sua respiração saía em fortes ofegos que ressoavam com o forte batimento do coração de Jared. Ele abriu suas dobras e encontrou o seu clitóris pequeno. Estava inchado e tão ansioso quanto o resto dela. Ansioso por seu toque. Ele se deteve sobre ele, deixando seus gritos e sua tensão alimentar o seu desejo. Testou-a com um dedo. Sua pequena vagina fechou-se sobre ele imediatamente. Um poucas ondulações de sua língua e sua vagina ondulou. Ela estava perto. Assim como ele. Ia levar pouco tempo para leva-la à linha de chegada antes dele.

Ele a lambeu delicadamente, segurando-a quando ela teria se apressado em um puxão sob o golpe inicial de sensação. E então ela foi puxando-o para ela, afundando os dedos pelos cabelos, suas garras em seu couro cabeludo.

— Oh Deus, oh Deus, oh Deus.

Ele estava lá com ela. Embalando-a em seus braços enquanto ela quebrava, beijou-a uma vez, duas vezes antes de subir em cima dela, empurrando sua vagina apertada com seu pênis, logo se deslizou dentro com cuidado ao longo das fortes contrações. Lutando pelo controle, contenção, e determinado a fazer esta experiência que ele tinha prometido. Um segundo orgasmo caiu sobre ela, pegando-a de surpresa. Correndo através de suas barreiras, sua energia envolvida em torno dele, puxando-o fisicamente e mentalmente, até que ele não poderia dizer onde terminava ele e começava ela.

Goze comigo.

A súplica quente o arrastou para a tempestade. O prazer de Raisa aumentava o seu, se misturavam, se uniam, intensificando-se até que não existiu nada, apenas os dois.

A necessidade o golpeou tão forte quanto o prazer. Ele se inclinou para baixo, o ritmo de seu pulso batendo em seus ouvidos, chamando-lhe. Ele raspou os dentes sobre a artéria. Sua cabeça caiu para trás.

Sim. Sim. Eles precisavam disto para completar o ciclo. Necessários à montagem. Ele mordeu. Seu grito ecoou em torno deles enquanto ele ia duro e profundo, enchendo-a com a sua semente enquanto ela o enchia com a sua essência. Sua. O pensamento atravessou-o enquanto ele a marcava como sua. Irreversivelmente, para sempre sua.



Os lábios de Jared roçaram sua têmpora.

— Como você se transformou?

— Ah, a grande questão.

— Mas tão fácil de responder.

Raisa aconchegou sua cabeça no ombro dele. Ela experimentalmente mordiscou seu lado. Não havia um grama de gordura nele. Apenas longos e finos feixes de músculos pesados unidos sobre os ossos fortes. Ela olhou para seu rosto. Ele estava olhando para ela, sua boca macia, sua expressão indulgente. Se a sua expressão era uma coisa a seguir, ele iria ser um amante muito generoso.

Os cantos de sua boca curvaram-se em um sorriso aliviado.

— Muito generoso.

Ela tentou colocar em sua voz ressentimento, mas não acho que ela foi muito bem sucedida.

— Você observou em minha mente.

Ele deslizou o dedo através de sua têmpora.

— Isso parece inevitável entre nós.

Ela deslizou a coxa para cima dele, a pele dele fazendo cócegas na parte inferior das dela. Um arrepio passou por ela, e ela beijou a ascensão de seu músculo peitoral, à esquerda do seu mamilo. Sua energia pulsante. A dela respondeu. Ela mordeu. Só um pouco. Ele estremeceu, e levantou seu eixo grosso e forte contra o estômago dela, a cabeça larga vibrando com a urgência entre eles, ajustando o ritmo de seu desejo.

Ela gostava disso.

— Você é um homem muito sexy.

Seu sorriso era muito sensual.

— E você, raio de sol, está ignorando a minha pergunta.

Ela avançou a mão sobre o peito para roçar o tapete através de pelos no centro, a compreensão, enquanto os fios envolviam em torno de seus dedos, porque ele gostava tanto de brincar com os cabelos dela. Havia algo intrinsecamente satisfatório em estar vinculado a ele, mesmo desta forma não substancial.

— Não parece uma necessidade estragar esse momento com o passado nojento.

— Então ele foi... nojento?

Uma nota em sua voz a fez olhar para cima.

— A conversão não era, mas o tempo antes era.

Seu braço apertou em torno dela. Ela esfregou o rosto em sua pele, aceitando o manto protetor de sua energia ao seu redor.

— Honestamente, Jared, ser um vampiro foi a melhor coisa que já me aconteceu.

— Você está me gozando.

— Não. — ela balançou a cabeça. — Antes de eu me transformar, eu era um instrumento de troca. Minha família era pobre. Meu trabalho como a filha era para elevar seu status. Eles me emprestaram para um parente nos Estados Unidos. — Ela estremeceu. — Isso, como se costuma dizer nestes dias, não era bonito.

— Sinto muito.

— Não há nada a ser desculpado. Foi há séculos.



Desta vez a sua simpatia foi redigida em um beijo, através do roçar de seu cabelo. Ela apalpou o peito e continuou.

— Mas quando me converti, eu estava livre. — Ela puxou os cabelos escuros sob os dedos, observando sua pele naturalmente escura ceder sempre tão levemente à pressão. — Eu nunca tive liberdade que eu fosse um vampiro. Mesmo que eu seja o mais repugnante vampiro da história, ser uma morta-viva me deixou ser livre pela primeira vez na minha vida.

A mão de Jared se aproximou dela, acalmando-a.

— E o que você fez com a sua liberdade?

Ela olhou para cima.

— A primeira coisa?

— Sim. A primeira coisa.

— Eu aprendi a ler. E então eu li e li e li. Eu acho que passei meu primeiro século de vida em bibliotecas. Livros bons, maus livros, livros infantis, ficção, não-ficção. Ah, foi uma festa para minha mente.

E um bálsamo para a alma dela ler sobre um mundo maior do que a necessidade imediata de sobrevivência a que ela estava acostumada. Ver que as outras pessoas pensavam com ela, havia formado completamente as filosofias que refletiam as medidas de relações sob as quais havia lutado para viver. Outras mulheres haviam estado onde ela tinha ido e haviam tirado algo de suas experiências. Tinha sido libertador, instrutivo, para não mencionar fascinante. Ela dobrou sua coxa superior e inclinou sua cabeça para trás.

— Você gosta de ler?

Seu sorriso era amável, deixando-a saber que ele estava em sua mente novamente. Ela suspirou. Talvez isso realmente fosse inevitável entre eles. Sim.

— Você tem um livro favorito?

— Minha leitura é mais para informações.

Ela apoiou-se sobre ele, sacudindo os cabelos de seu rosto. Luz das lâmpadas jogadas sobre suas feições duras, suavizando as bordas, trazendo o verde em seus olhos, destacando a inteligência.

— Oh, com quem você acha que você está brincando. — Ela inclinou a cabeça para o lado. O homem era muito curioso e inteligente para não gostar de ler. — Eu aposto que você é um homem do tipo de Tom Clancy.

Sua risada foi bonita de ver. E, estranhamente, parecia se encaixar melhor no rosto do que a severidade. Ela tocou no canto desse sorriso. Ele imediatamente virou a cabeça e pegou seu dedo em sua boca. A lambida quente de sua língua queimava em seu núcleo. Ela cruzou os braços sobre o firme peito, colocando as mãos em cima uns dos outros. Enquanto ela descansava o queixo sobre as costas dos dedos, ela teve um momento de insight repentino.

— Você costumava rir muito antes de você se tornar vampiro, não é?

Sua mão hesitou antes de descer pelas suas costas. Sua expressão foi de suave para duro no espaço de uma respiração.

— Eu não me lembro de muita coisa.

— Se você não quer falar sobre isso, você pode dizer.

Ele correu os dedos para trás, sob os cabelos dela até a nuca de seu pescoço.



— Eu não quero falar sobre isso.

Ela teve uma imagem do rosto de um homem, vagamente familiar, e, em seguida, um impulso de raiva com tanta força que a fez saltar.

O polegar de Jared estava posicionado no ponto de pressão em seu ouvido.

— Basta dizer, a minha conversão não foi uma experiência libertadora. Ao contrário da sua. E não pense que eu não percebi que você não respondeu à minha pergunta. Como você se transformou?

Ela não pretendia dizer. Não importava mais.

— O lugar que meus pais me enviaram era um saloon. Depois de todos aqueles meses de viagem eu cheguei para descobrir que o meu novo começo não era o que eu pensava que seria. O primo de minha mãe, Nicholai, que precisava de ajuda, estava realmente procurando por uma prostituta para pegar o negócio. Eu não estava de acordo com o plano. Discutimos a questão. Meus nervos estavam um pouco desgastados de semanas de enjoo. Eu não fui tão diplomática na apresentação da minha posição que eu poderia ter sido. Eu tinha o final ruim do argumento. Nicholai trouxe amigos para ajudar a convencer-me.

Seus amigos eram maiores do que Nicholai e tão maus quanto. Havia estado aterrorizada, e estranhamente determinada. Quanto mais eles batiam nela, mais ela se agarrava a palavra "não" até chegar o momento em que ela não sentiu mais nada e os braços deles se cansaram. Jared resmungou, e os músculos apertaram sob sua bochecha. Ele estava em sua mente novamente. Ela rapidamente fechou sua mente sobre as memórias e fez o seu melhor para aliviar a raiva que derramou-se dele em uma cachoeira de emoção.

— Um homem veio em cima de mim no beco onde eles tinham me jogado.

— Eles a jogaram em um beco?

— Eu não era muito boa para olhar antes que eles comessem a bater em mim. Eu estive doente durante toda a viagem. Eu não acho que minha aparência melhorou com os hematomas.

— Ela encolheu os ombros. — Acho que eles pensaram que eu era tão boa como morta.

Mais raiva saiu dele. Necessidade de mais violência.

— Os bastardos.

— Eles eram isso. — Levou tudo que tinha para conter o golpe de fúria de suas emoções. — De qualquer forma, ele me perguntou se eu queria viver. Eu disse que não. Ele riu e disse que achava que eu poderia ter uma mudança de ideia. — Ela encolheu os ombros. — Ele estava certo. Eu tive. Ele ficou comigo o tempo suficiente para dizer-me as regras e depois sumiu.

Jared abraçou-a muito apertado, como se a ameaça ainda existisse. Como se ele pudesse protegê-la da dor da memória.

— E a sua incapacidade de tomar sangue?

— Isso. — ela admitiu com pesar, — era uma das razões pelas quais ele passou. Eu acho que ele se sentia culpado por isso.

— Ele amaldiçoou muito bem.

— Por que você está tão bravo?

— Ele não tinha o direito de convertê-la contra a sua vontade.

— Você pensa seriamente que eu poderia ter compreendido o que ele estava me oferecendo?



— Era a sua escolha.

Ela encolheu os ombros.

— Bem, como tudo nesse momento em minha vida, ela foi feita para mim, e funcionou, eu estou bem com isso.

— Você não deveria estar.

— Foi o que aconteceu, eu não posso mudar, e ela deu-me oportunidades que eu nunca teria sabido de outra maneira. — Para dizer o mínimo. — E isso evitou que eu morresse em cima de um monte de lixo. Você sabe como lixo cheira muito no calor do verão?

Sua tentativa de leveza entrou em um ouvido e saiu pelo outro. O polegar de Jared veio sob o queixo e inclinou o rosto para o dele.

— Sinto muito que aqueles homens a tenham machucado.

Ele estava preso ainda no fato de que ela tinha sido espancada. A fúria que rolou por cima dele era tão forte como se tivesse acabado de acontecer. E isso lhe pareceu tão incrivelmente doce que ele estivesse com raiva em seu nome. Especialmente porque os homens estavam mortos há muito tempo e ela, obviamente, tinha superado. Ela esticou-se e beijou-lhe o queixo.

— Obrigada, mas já aconteceu há muito tempo.

Ele levantou sua boca até que pudesse encontrar a dele.

— Eu ainda não gosto disso.

Ela colocou os braços em volta do pescoço dele enquanto ele a rolava para debaixo dele.

— Bem, eu suponho que você poderia me beijar e fazer tudo melhor.

Sua cabeça inclinou para o lado, e baixou as pálpebras sobre os olhos, enquanto sua boca tomou uma inclinação marcadamente sensual.

— Eu suponho que eu poderia.

Às vezes as oportunidades simplesmente se deixavam cair no colo de uma mulher. Raisa saiu de sob os braços de Jared. Estar presa na casa de um líder da matilha, enquanto seu protetor/ e amante dormia o sono dos esgotados definitivamente se qualificava como uma delas.

Ela deslizou silenciosamente pelo chão, pegou a camisa de Jared da cadeira, e deslizou os braços nas mangas. A emoção em sua recém-encontrada força evoluiu através dela. Jared agitou-se. Ela suprimiu a emoção. O homem era muito ligado a ela, suas emoções constantemente batendo nela, e se ela não tivesse o cuidado de permanecer focada, ela estragaria tudo. Ela não podia permitir isso. Enrolou as mangas demasiado longas para cima. Ela tinha encontrado o escritório de Ian mais cedo. Se ela tivesse muita sorte, as informações que ela precisava para alimentar o Santuário estariam lá.

Jared mexeu-se novamente. Ela olhou para a cama. Se ele a pegasse, ele não ficaria feliz. Ele tinha um senso de honra que era muito profundo, e ele não iria nunca compreender por que ela precisava fazer isso. Especialmente porque ela não podia dizer-lhe. Não podia contar a ninguém, exceto ao homem misterioso que era o companheiro de Miri. Miri havia estado selvagem em seu desespero, quando ela tinha feito Raisa prometer não contar a ninguém. Ela devia a Miri sua vida e sua sanidade. Ela desejava manter sua promessa com ela. Ela saiu do quarto e desceu o corredor.



Raisa pausou na janela antes da porta do escritório de Ian. Lançou sua energia, mas não sentiu nada. Afastando a cortina, ela a levantou e espiou para fora. Luz fraca do dia queimou seus olhos. Nada se movia na varanda. Nenhum sinal de Creed ou Ian ou quaisquer outros lobisomens. Isso era bom. A dica do crepúsculo no céu não era boa, no entanto. Ela tinha apenas alguns minutos antes que Jared acordasse.

Era uma simples manipulação de energia abrir o bloqueio eletrônico. Com uma última olhada ao redor, ela entrou no escritório. Ela percorreu novamente por qualquer energia residual das câmeras. Não havia nenhuma.

A porta se fechou atrás dela. Não havia nenhum sinal de um computador, nenhum sinal de um laptop. Havia, no entanto, cinco armários de arquivo. Bingo! Ian devia ser do tipo antiquado. Ela fechou os olhos, sentindo quaisquer vestígios do toque do líder lobisomem, qualquer pista de onde ela devia começar a procurar. O arquivo de gabinete no canto direito mantinha um brilho fraco.

Desespero rastejou acima em seu lado cego. Tinha que haver algo lá dentro que ela pudesse enviar. Ela estava quase sem tempo. O Santuário exigiria um relatório e, se ela não tivesse nada de importância, eles iriam descontar em Miri. Não podia pensar na tortura que cairia para a mulher lobisomem. Eles podiam até matá-la. Depois de todas as suas experiências, o Santuário tinha desistido de criar maneiras de levá-la a conceber.

Raisa engoliu. Ela tinha de encontrar a informação. Ela precisava comprar tempo para encontrar o companheiro de Miri. Um homem misterioso que ela não sabia como encontrar além da impressão mental que Miri lhe dera. Alguém que ela não poderia sequer perguntar por medo de alertar o homem que atraiu Miri ao Santuário. Sua energia alcançou Jared em uma necessidade instintiva de conforto. Ela fez uma garra mental para ele, puxando-o para trás. Ela não poderia pedir a ajuda de Jared. Jared não podia estar aqui agora. Ela não poderia colocá-lo em posição de trair o seu amigo.

Ainda de pé, ela esperou para ver se tinha chegado a chamar-lhe. Não havia nenhum som do quarto, nem perturbação no campo de energia ao seu redor. Após um minuto, ela relaxou, agarrando a borda da mesa de apoio. Ela não foi talhada para isso. Tudo o que ela queria fazer era confessar tudo para Jared, dar o seu problema para ele como tinha sido educada a fazer, mas ela não podia. Não só as mulheres tinham evoluído o comportamento passado tão dependente, mas não havia nenhuma garantia de que ele acreditaria nela. Nenhuma garantia de que ele ia colocar a vida de Miriam sobre sua segurança. Não havia garantia de que ela podia confiar nele com as informações. E agora, salvar Miri era o seu único imperativo. Bem, isso e permanecer viva o suficiente para fazer isso acontecer. Ela aproximou-se do arquivo de gabinete.

Salvar Miri precisaria de preparação. Sua fertilidade comprovada, dava-lhe a honra de ser o número um no esperança no programa de reprodução do Santuário. Eles tomaram tudo de Miri em seus esforços para levá-la a cooperar, usaram Raisa contra ela, mas apesar de toda a fragilidade externa dela, Miri era uma loba resistente. Nada do que eles tinham tentado a tinha quebrado, mas esta última coisa que tinha feito... Raisa cerrou os punhos, lembrando a expressão abatida de Miri, a resolução fixa nos olhos febrilmente verde brilhante quando eles discutiram as opções da outra mulher. Isso só podia quebrá-la.



Raisa cerrou os punhos. Ela não ia deixar isso acontecer. Se ela tivesse que trair cada lobo e vampiro entre aqui e a perdição, ela pretendia encontrar este companheiro misterioso, e fazê-lo importar-se sobre Miri. Ela só precisava comprar tempo suficiente para localizá-lo.

O gabinete não estava trancado. Não era um bom sinal. Raisa atravessou rapidamente, velocidade de leitura, pastas e conteúdo acima. Nada. Nada do que ela poderia usar.

Ela se agachou e tentou o próximo e o próximo. Nada além de registros de nascimento, registros de saúde, obras, e um monte de outros dados mundanos que ela não poderia mesmo falsificar para fazer interessante. Ela precisava de algo para alimentar o Santuário antes do prazo.

Então ela viu. Um brilho fraco espreitando por baixo da extremidade traseira do gabinete. Um andar seguro? Ela levitou o arquivo de distância do local, grata pela força que o sangue de Jared lhe deu. Ela não achava que teria sido capaz de realizar qualquer missão que o Santuário mandou sem ela. Que fez pensar se eles realmente esperavam que ela sobrevivesse, porque sabiam que ela era fraca. Tinham utilizado contra ela, constantemente, zombaram dela, torturaram. Ela gostaria de voltar apenas uma vez, como era agora, e fazê-los comer a cada insulto zombeteiro. Que iria fazê-la sentir-se bem.

O assoalho se encaixava perfeitamente em conjunto. Se não fosse por sua habilidade de ver e manipular a energia, ela nunca teria sabido do rastro de energia, fina como um cabelo, que havia um painel no chão. Mas ela o fez, e ali estava.

As placas levantadas facilmente, flutuando para o lado antes que ela baixou silenciosamente para o chão. Abaixo estava um cofre. A cor estranha de energia cercava. Ela olhou para a energia com cautela. Ela nunca tinha visto coisas semelhantes, não podia ver um padrão na névoa brilhante vermelho-ouro. Ela agachou-se ali, dilacerado pela indecisão. Ela precisava de alguma coisa. Ela olhou para as janelas, sentindo a descida da noite. Lembrou-se do toque hábil de espírito de Ian nela. O flash nos olhos dele que ele tinha ligado. Ela olhou para a borda de ouro da energia em torno do seguro. Mesma cor.

Ela segurou a mão dela em cima do buraco. Nada. Tecnicamente, ela deve tocar a sua energia aos fios espalhando para fora do brilho e procurar pistas, mas o instinto a deteve. Ela estava olhando para uma armadilha, uma muito mais sofisticada do que ela já tinha visto em sua experiência limitada. Ela não podia fazer nada com isso. Lágrimas queimaram parte de trás de seus olhos. Ela levitou as placas de volta no lugar.

— Uma decisão sábia.

Ela virou-se tão rápido que ela desembarcou em sua extremidade. Jared estava na porta, braços cruzados sobre o peito enorme, nu e furioso. Ele iria matá-la por isso. Leis Vampiro e lobisomem exigiam.

Sinto muito, Miri. Eu não era boa o suficiente.

Ela nunca fui boa o bastante.

Jared afastou-se do batente e veio em sua direção um passo medido em um momento.

— Quem é Miri?

Ela não podia olhar para longe de seu peito enquanto ele se aproximava. Sua energia era toda sobre ele, demorando-se no amor brilhando nas pálidas mordidas visível para qualquer vampiro que quisesse olhar. Ela sabia o que ela estava arriscando quando ela tinha se deitado com



ele, mas ela também sabia o que ela era contra, e uma vez antes de morrer, apenas uma vez, ela quis saber exatamente o que ele tinha mostrado sua beleza e o poder de seu próprio corpo.

Ela o usou. Nenhuma maneira em torno dela, e agora ela tinha que pagar o preço. Raisal se concentrou na mordida de amor justo acima do seu peito esquerdo, entrecerrando os olhos para que aquilo fosse tudo o que pudesse ver, permitindo que se fizesse cada vez maior em seu campo visual, tão perto que estava ele, até que engoliu tudo, exceto os restos da paixão que haviam compartilhado.

Sua mão veio ao redor de sua garganta, não machucando-a, mas tudo o que tinha a fazer era fechar os dedos, e ele iria esmagar a garganta dela. E ela merecia. Ela fechou os olhos, ele levantou-a. Ela não queria ver o ódio e nojo na cara dele. Ela preferia muito mais a ternura e a posse em como tinha sido amá-la.

— Você não respondeu à minha pergunta.

— Alguém que prometi ajudar.

— A roubar Ian? Traíndo-me?

O que ele queria lhe dizer? Ele viu que ela estava fazendo. *Sim.*

Mantendo os olhos fechados, ela construiu sua imagem em sua mente, focalizando o seu favorito, os momentos que ele passou dentro dela, seu corpo no fundo dela, sua mente entrincheirada com a dela, seu rosto mostrava o mesmo carinho, a necessidade do mesmo, o mesmo desejo que explodiu dentro dela. Ela construiu a imagem e guardou-a como se fosse sua corda de salvação.

Como se ele percebesse que ela não podia falar com a mão em torno de sua garganta, Jared agarrou a frente de sua camisa com a outra mão, batendo as costas contra a parede. Sua imagem brilhou em sua mente quando ela bateu na parede com força controlada. A dor reverberou até sua volta. Não foi nada comparado à dor que sentia reverberando na fúria de Jared.

Ele pensava que ela o traiu.

— Por quê?

A questão a atravessava, atacando-a com desprezo e raiva. E ela não podia lutar contra isso. Ela o havia traído. Não importa o porquê, ela tinha, e ela merecia morrer por isso. Que estava certo, mas não era certo que seria Miri. Isso não estava totalmente certo.

— Eu não posso te dizer.

— Você apenas espera que eu vá junto com isso?

Luto e culpa ameaçaram seu escudo mental. Ela balançou a cabeça.

— Eu sei que você não pode.

Raisal empurrou a emoção de lado e focou na construção da imagem de Jared. Ele não tinha o cabelo longo. Era muito curto. Ela alongou as extremidades, concentrando-se em fazer cada mecha perfeita, sabendo que ela tinha tempo. Ele estava indo ser um longo interrogatório. Agora que Jared tinha a paixão sob controle, ele gostaria de saber o porquê. Sua honra insistiria em descobrir o que ele precisava fazer para proteger os lobisomens e seu próprio povo e contra a ameaça que ele tinha permitido em seu meio. Ela. Ela só esperava que ela pudesse ser tão forte quanto Miri.

— Quem é Miri? — ele perguntou de novo, obviamente pegando-se a esse pensamento.



Ela estremeceu ante a frieza do seu tom de voz e a impossibilidade de sua situação. Ela era uma ameaça patética. Ela ainda não tinha conseguido obter uma informação ruim antes que ela tivesse sido pega, mas Jared não acreditou nisso. Não seria capaz de acreditar que apenas no caso de que ele estava errado. No que se referia a guerras vampiras, até ela sabia que assumir que dizia a verdade poderia ser um erro mortal. O desespero rompeu seu lamento.

— Eu não posso te dizer.

Jared a balançou. Sua cabeça bateu contra a parede.

— Não adianta tentar isso, merda.

Ela piscou enquanto a energia veio em uma onda. Havia estado alcançando-o em busca de consolo, o instinto fazia caso omissa da lógica. Era mais patética do que havia pensado.

— Sinto muito.

— Não tanto como sentirá. — Ele sacudiu novamente. — E tire essa imagem maldita da sua cabeça.

Ela estava projetando seus pensamentos, também? Querido Deus, do que mais ela tinha perdido o controle? Ela verificou a energia radiante do implante que o Santuário colocou nela. Estava mascarado, exatamente o que ela tinha programado para ser. Aparentemente, seu subconsciente, quando equivocado, não havia perdido o foco das coisas importantes.

Ela não removeu a imagem, apenas bloqueou seu acesso a ela.

A maldição de Jared chicoteou ao redor dela, juntamente com sua energia, que estava derramando e deslizando contra a dela. Ele ia ter que fazer muito melhor se ele quisesse seus segredos. A tortura do Santuário tinha refinado suas habilidades. Se havia uma coisa que Raisa sabia fazer, era como direcionar e redirecionar uma sonda mental até que o intruso ficasse apenas com a imagem que ela queria que eles tivessem.

Para o Santuário, ela era uma loira não tão brilhante com padrões de pensamentos dispersos que eram facilmente manipulados. Para Jared... Ela suspirou. Ela não sabia o que era para Jared. Havia se equivocado algumas vezes nos últimos dias. Com certeza ela não iria fugir com a rotina de loira cabeça oca. Ela decidiu levar isso em etapas. A camisa estava cortando suas axilas.

— Se você não vai me matar, você poderia me colocar para baixo?

— Ainda não decidi o que vou fazer com você ainda.

Ela abriu os olhos, segurando a imagem mental que ela havia construído inteligentemente, ofegando enquanto ele encontrava seu olhar. Ódio, puro e simples, mortal e frio, soprou para fora nela. Ela apertou sua imagem mental como um cobertor de segurança e manteve a mesma voz calma. Quando confrontados com um predador mortal, era melhor não mostrar emoção.

— Então deixe-me esclarecer. Se você não vai me matar agora, você poderia me colocar para baixo? A camisa está ferindo meus braços.

Bem.

Ela não tinha dúvidas de que ele queria dizer. Era natural que ele gostaria de magoá-la do jeito que ela iria magoá-lo. Talvez mais, porque ela tinha batido em suas emoções e Jared não era um homem que permitisse que nada se aproximasse dele. Lágrimas queimaram seus olhos. Se ele tivesse ficado dormindo, ela não teria de machucá-lo assim. Ela piscou rapidamente. Seu olhar sondou seu rosto. Ele xingou, a balançou contra a parede e a jogou bastante longe do cofre.

— Não se mova, maldição.



Ele não precisava se preocupar. Ela não ia a lugar nenhum. Suas pernas tremiam tanto, que ela mal podia ficar em pé. Travou-se na borda da mesa. Ela viu quando ele reassentou as placas com precisão cuidadosa. Um par de segundos depois, a mancha de sua energia foi exterminada. Desta vez, ela piscou por outra razão.

— O que esta fazendo?

Jared levitou o arquivo de volta. Novamente, todos os vestígios da sua presença foram removidos. Ele se voltou para ela. Suas mãos apertadas. Ela fechou os olhos, preparando-se para a dor do golpe.

Mas a mão prendeu atrás de seu pescoço, arrastando-a contra ele.

— Não diga nenhuma palavra sobre isto a Ian, nem a Creed, nem a ninguém. Não pense nisto, não faça uma maldita coisa que seja uma pista sobre o que fez e que algo mais do que aparenta ser.

Ela lambeu seus lábios e seu coração correndo fora de controle. Ele a estava protegendo.

— E o que é isso?

Foi sem sentido, mas ela realmente queria saber como ele tinha visto.

— Uma pequena e doce vampira com um grande coração na necessidade de proteger.

Essas lágrimas malditas picado novamente. Essa foi uma maneira tão agradável de vê-la. A fazia parecer muito mais que a mulher fraca à mercê das circunstâncias, o que sempre acabava sendo.

— Obrigada.

Ele empurrou-a para a porta.

— Pelo quê?

Ela olhou para a implacabilidade rígida de seu rosto.

— Por me ver desse jeito.

— Eu nunca disse que eu fiz.

Sim, ele tinha. Pelo menos, por pouco tempo. Ele disse a ela, com cada toque e cada concessão aos seus pedidos, mas ela sabia que era melhor não esfregar isso na sua cara. Ela baixou o olhar. E respirou fundo. Ele foi despertado. Nossa!

Ela tropeçou na soleira. Jared agarrou seu braço e, em seguida, dirigiu-a pelo corredor. Em vez de ir para o quarto, ele empurrou-a para a sala. Ele continuou empurrando até que ela caiu, para frente sobre as costas do sofá, tão selvagemmente aliviada de que ele ainda a desejava que não registrou o golpe na porta até que ouviu um ofego e sentiu o golpe da luxúria de um macho estranho. A mão de Jared na parte de trás do pescoço dela a mantinha presa quando ela teria saltado para cima em linha reta. Seu corpo protegia o dela do olhar.

— Saia!

— Desculpe.

Do canto do olho viu a expressão dura de Creed e, em seguida, um divertido Ian antes que ele fechasse a porta. Jared apartou as coxas distantes e se colocou entre elas antes que ela pudesse fechá-las. Um trinado de medo e emoção foi embora dela enquanto seu eixo se acomodou em seu centro. Ela se preparava para o impulso doloroso que se aproximava, a sua necessidade de dominar e punir chocou-se sobre ela.

Oh Deus, assim não.



Seus pensamentos impulsionaram em sua mente com a brutalidade que esperava de seu corpo. Exatamente como este.

Só que ele não se moveu, não fez nada, apenas pairava sobre ela, o seu grande membro ameaçando-a com o desrespeito final, enquanto ele chupava respirações rígidas em seus pulmões.

E então ele se moveu, com a mão livre tocou em torno de seu peito, seus lábios na parte de trás do pescoço.

Minha.

Era um suspiro de aceitação que ela não entendia. Ela não podia ajudá-la a recuar quando ele deslizou a mão entre a gola da blusa e colocou seus dedos ao redor do mamilo dela, esperando a picada de dor, encontrando em vez disso um convite coberto de prazer. Ela não se moveu, não respirou, não fez nada além de congelar enquanto ele fazia isso novamente e novamente. Enquanto sua mente ficou congelada, seu corpo não. Ela amolecera e pulsava ao ritmo que ele definia, arqueando em seu toque, a suavidade que ele oferecia, dolorosamente grata pelo alívio, a oportunidade para fingir mais uma vez, respondendo a seu chamado com a resposta impotente que ele havia tirado dela desde o instante em que haviam se conhecido.

— Sinto muito.

A mão esquerda desceu de seu peito e foi para baixo, metendo-se entre o estômago e o sofá até que ela estava descansando na palma da mão. Seus dedos prensados em suas dobras lisas, encontrando seu clitóris e em seguida, esfregando com suavidade, persistente.

Isso não muda nada.

Eu sei.

Pode confiar em mim.

Não.

— Você vai

Ela poderia ter sido capaz de resistir, se ele tivesse sido rude, mas rodeado por sua dor, sua culpa, e a persuasão de seu toque, não tinha nenhuma possibilidade. Paixão subiu para o seu comando. Seu corpo amolecido, corou, e ele aceitou de bom grado em seu calor. Sua energia saltou sobre a sua, cercando-o no seu pedido de desculpas, a paixão dela.

Sua maldição explodiu na sala enquanto seu eixo deslizava em seu corpo, não com violência, não com reverência, mas com firmeza. Ela suspirou e, em seguida, arqueou-se para trás enquanto o dedo acariciava com prazer, conduzindo-a a buscar mais. Ela não era exigente, mesmo assim ela poderia levá-lo a trabalhar para ela.

O pensamento introneteu de novo, uma simples declaração de fato. *Você é minha.*

Sim, ela era, mas não era a mesma de antes. Havia paredes entre eles, a resistência à sua energia, mas havia paixão e ternura e talvez uma ligeira esperança de que eles poderiam se recuperar a partir disto. Ralisa deixou que a paixão a invadisse, a consumisse

Como brilhavam antes dela, ele se inclinou para trás, dominando plenamente com o seu tamanho do seu corpo e a força de sua personalidade. A posse carnal feminina que tudo dentro dela adorou. Seu pulso roçava a boca.

Alimente-se.

Ela sacudiu a cabeça e tentou girar-se, desejando a intimidade do peito. Uma queda do ombro dele evitou que se retorcesse instintivamente. Outra vez lhe golpeou a boca com seu pulso.



Alimente-se.

Ao mesmo tempo em que ele apertava o pulso contra sua boca, os quadris empurraram contra as dela de maneira compulsiva em busca da culminação. Os dedos eram igualmente desumanos, conduzindo sua paixão ante eles, sem lhe dar nenhuma outra opção exceto sucumbir. Seu clímax estalou por ela em uma série de gritos de energia brilhante, deles, dela, juntos, por um instante em perfeita harmonia.

O som nunca saiu de sua garganta quando o pulso foi empurrado na sua boca. Mordeu, o instinto a guiava agora. Convulsionou-se em torno dele, seu corpo dava puxões grosseiramente sob sua ordem, a boca trabalhava em sua carne. Os ecos do clímax desvaneceram-se quando o do Jared começou.

— Oh não, não, Raissa, — disse ele, quando ela teria tomado distância. Não era "Rai" ou "raio de sol", mas "Raissa". — Não vai foder tudo agora.

Ela viu a linha de suas próprias costas através dos olhos do Jared, sentiu como a imagem de feminina submissão guiava sua luxúria, como o tenso agarre por sua vagina queimava Jared com a mesma fricção que a queimava. Sentiu seus testículos apertar-se enquanto tomava seu sangue, sentiu sua satisfação quando o clitóris formigou sob seu toque. E sentiu seu próprio selvagem salto ao clímax enquanto ele puxava e estirava a protuberância ansiosa e manipulava suas emoções para que seguissem às dele.

Quando se introduziu nela uma vez mais, o "Deus, sim!" de Raissa ressonou em torno deles enquanto aceitava sua semente, seu domínio, seu direito total para fazer com ela o que desejasse. Porque lhe tinha traído quando tudo o que ele tinha feito havia sido ajudá-la. E porque tudo o que ele desejava dela era seu prazer.

Era sua companheira e o tinha traído. Devia-lhe isso. Devia-lhe tudo. Enquanto Jared lhe afundava as presas no ombro, mantendo-a sujeita durante o último jorro de sua semente, nutriu-se dela, completando o ritual. Ela se estirou para trás e envolveu seu rosto, lhe dando a suavidade que ele tanto necessitava, esperando seu rechaço, aceitando-o quando viesse. Ofereceu a si mesma outra vez com sua energia, escoiceando quando ele sem piedade a rechaçou.

Deixando cair a cabeça contra o respaldo do sofá, deixou que as lágrimas caíssem.

Quando ele terminou a alimentação, o ato que completava a união entre eles, e com o grande peito pressionando contra suas costas com cada fôlego, ela perguntou simplesmente:

—Por que?

CAPÍTULO 11

Ele a puxou e ajeitou a blusa sobre os quadris, a mesma eficiência calma em seus movimentos como em sua voz.

— Lobisomens cheiram as emoções.

Ela se levantou, seu corpo ainda trêmulo da posse dele, suas emoções ainda saltando entre a esperança e o desespero.

— E sua ideia é?

— Quero que farejem algo além da sua hipocrisia. Seu prazer funciona bem.



Ele estava usando palavras para magoá-la agora, para colocar distância entre eles, da maneira como ele não tinha sido capaz quando estava fazendo amor com ela, quando ele tinha feito para ela. Para um homem como Jared, que valorizava a sua força e sua honra, sua fraqueza para ela comeria dele. E ela podia esperar para pagar o preço.

— O seu não incomoda.

Ele acenou em direção ao seu quarto.

— Vista-se.

Ela não gostava de seu som.

— Por quê?

— Nós vamos embora.

Um surto de ressentimento desacelerou seus passos. Ela não era sua escrava. Ela não tinha que seguir cegamente suas ordens.

— Para onde?

— Casa. E o inferno que você não tem que seguir cegamente as minhas ordens. — ele rosnou, obviamente, lendo sua mente.

Ela parou na porta. Ele estava bem atrás dela.

— Deixe-me esclarecer. Eu não vou seguir cegamente suas ordens.

— Você não tem escolha.

— Eu tenho muitas opções. Você não sabe como eu posso ser teimosa.

Sua mão no meio das costas incitou-a para o quarto.

— Talvez você não me conheça.

O pensamento não a aterrorizou. Ela virou-lhe as costas. A raiva e outra emoção que ela não podia identificar e que ele não podia controlar, chocou-se contra ela, fazendo-a tropeçar com tanta segurança como se tivesse sido empurrada. Jared a agarrou pelo braço. A cabeça dela deu uma sacudida quando lhe deu um breve puxão. Outra réplica quente oscilou em seus lábios. Morreu depois de um olhar à expressão de Jared. Ela podia dirigir essa raiva, mas isso outro que havia sentido, dor, uma cegadora dor. Nenhum dos dois controlava isso. Instintivamente, estirou-se para ele, desejando tomar essa ferocidade nela, acalmá-la, tranquilizá-la. Com um frio que encerrou sua esperança em gelo, ele rechaçou seu esforço. O olhar do Jared se encontrou com o seu.

— Só um conselho, Raia: se você tentar qualquer um dos seus jogos em minha casa, não serei tão clemente.

Ela não vacilou. Tudo isso foi sua escolha. Ele tinha acasalado com ela, terminado o processo. Por muito que tinha sido incapaz de resistir a ligação, ela avisou a ele contra ela.

— Você não precisa me levar para qualquer lugar. Sua casa pode ficar contaminada.

— Você é minha mulher. Aonde eu vou, você vai.

— Então, você só vai ter de lidar comigo, com todas as minhas imperfeições. — Ela olhou incisivamente a mão em seu braço. — Você se importa?

Por um momento, a mesma indecisão que guerreava nela cintilou em seu olhar, então seus olhos obscureceram em pedras frias esmeraldas. Seus dedos circularam o braço com a mesma deliberação, o frio com que ele estudou-a. Ele observava cada dedo tocar o outro enquanto ele



completava o círculo, como se fascinado com sua capacidade de fazê-lo. Talvez até mesmo tentado por ela?

A tensão aumentou apertada entre eles enquanto ele levantou o braço e apertou seu aperto. Não o conhecia desse modo.

— Ou quebre-o ou me deixe ir. — Ela estava espantada com a calma como soou quando, na realidade, ela estava apavorada. Apavorada do que ele faria. Havia empurrando-o tanto que ele estava com o demônio no outro lado.

Um músculo saltou em seu maxilar.

— Não me tente.

Ela moveu uma fração de uma polegada mais perto. Em suas garras.

— Estou tentando.

Mais uma vez esse músculo deu um puxão. Jared levantou o olhar para ela.

— Por quê?

Não havia nada sutil na sonda de sua mente. Não havia nada sutil na forma como ela se abriu para ele.

— Eu prefiro saber o pior desde o início do que construir falsas ilusões. — O peso dessa verdade engrossava seu sotaque. — Acho que é mais fácil de lidar.

Foi sempre mais fácil não ter esperança.

— Desde que você não me ofereceu a mesma consideração, porque eu deveria oferecê-la a você?

Ela não teve que pensar muito sobre a resposta.

— Porque você é uma pessoa melhor do que eu.

— O que te faz ter tanta certeza?

Ela olhou para ele, em sua firme como expressão de unhas, os olhos de seu magoar-a-sua-alma.

— Porque eu o conheço.

— Se eu fosse você, eu não apostaria o que você acha que sabe de mim.

Ela relaxou seu controle, ignorando o seu rosnar. Ela o conhecia e do que ele era capaz.

— Mas você não é eu.

— Sorte para você.

Sim.

Embora ela não se sentia com sorte. Ela sentia como se tivesse perdido algo de valor inestimável. Ela tinha sido ferida muitas vezes em sua vida profundamente, de forma irrevogável, mas ela nunca antes tinha entregado esse tipo de dor a outro ser humano como Jared estava experimentando. Ela sempre foi a traída. Estar no outro lado da traição, mesmo que não tivesse sido sua intenção, era infinitamente pior.

— Por que vale a pena, eu não o usei.

— Uh-huh. — Ele empurrou-a para o quarto. — Você pode trabalhar em uma explicação convincente para combinar com essa mentira a caminho para o J. Circle. Agora, eu preciso tirá-la daqui.

Eu preciso tirá-la daqui.



Ela parou na porta do quarto e o olhou por cima do ombro. Ele estava protegendo-a. Ele pensou que ela o tinha traído, pensava que ela poderia estar em conluio com o Santuário, mas ele a estava protegendo da lei da matilha. Ela balançou a cabeça. E ele disse que ela era muito suave.

— Obrigada.

— Não há nada para me agradecer. — Ele ficou ali, braços cruzados sobre o peito, enchendo o espaço com a largura dos ombros e da fúria fria irradiando dele em ondas geladas. — Você não é a isca. Eu apenas prefiro ter as respostas que eu quero antes de lançá-la aos lobos.

Ela se apertou entre ele e a porta. Ele preferia morrer do que tê-la a pensar que ele estava sendo mole. Ela entendeu isso.

— Obrigada de qualquer maneira.

— Eu não quero gratidão.

Ele queria uma explicação que pudesse aceitar.

— Eu estava procurando alguma.

Rapidamente, a mão do Jared lhe cobriu a boca. O temor estalou nela quando jogou um olhar ao redor. Não viu nada, mas toda a linguagem corporal de Jared dizia que havia uma ameaça.

Não diga outra fodida palavra.

Ou talvez fosse apenas sua imaginação inventar desculpas para ele. Ela empurrou a mão dele.

Eu não gosto de sua língua.

E eu não gosto da sua moral. Acho que nós vamos ter alguns ajustes a fazer.

Ajustes significavam futuro. Será que isso quer dizer que ele não estava terminando com ela?

Por que não me deixe aqui?

Ela ergueu as sobrancelhas.

Porque você é minha.

Ela ergueu as sobrancelhas.

E eu cuido do que é meu.

Como se isso explicasse tudo. Tirou a mão.

— Embale tudo.

— Eu não entendo você.

Foi a vez dele de levantar a sobrancelha.

— Você não tem que entender, mas em cinco minutos nós estamos saindo, como você estiver.

Isso ela compreendeu. Lançou um olhar de desejo à ducha. De maneira nenhuma tinha tempo para isso. Conformou-se com uma limpeza apressada com uma toalhinha, escoiceando quando vislumbrou a cama desordenada. Quão diferente tinha sido o fazer amor antes. Quente, íntimo, um compartilhar e um misturar de tudo o que era apaixonado e selvagem. E então, o momento depois quando a encontrou no escritório de Ian. Estremeceu-se. Não tinha gostado quando Jared lhe tinha feito amor dessa maneira, com suas emoções contidas, lhe dando seu corpo, mas nada mais. Estavam casados. A escolha dele, mas ela não tinha lutado em contrário quando ele se moveu para o compromisso. Tinha desejado a vinculação. Quis acreditar que o para



sempre era possível para eles. Ainda o fazia. O qual significava que ela era uma sócia nesta relação. O qual significava que tinha algo que dizer. O qual significava que daqui haveria emoção entre eles, o que fosse, mas nunca essa fria distância.

Ela pegou suas roupas do chão, vestindo-a rapidamente. Ela enfiou um lápis e papel em sua bolsa, junto com um conjunto extra de roupas que as mulheres weres lhe deram. Ela perdeu preciosos segundos à procura de suas luvas e chapéu. Ela encontrou as luvas debaixo da cama e, finalmente, lembrou que Jared tinha se livrado de seu chapéu.

Raisa olhou as janelas cobertas de geada. A noite parecia ser muito fria. Felizmente, o sangue de Jared iria segurar o suficiente neste momento para que ela pudesse continuar a regular a sua temperatura até chegar a onde quer que o J Circle fosse.

Ela caminhou de volta para o quarto. Jared estava ao lado da cama, completamente despreocupado com a sua nudez. Despreocupado com ela. Ela poderia ter acreditado nesse seu ato de extrema indiferença quando ele começou a vestir-se, exceto pela maneira que sua energia seguia esticando-se em busca da dela. Deu-lhe esperança.

Seus pensamentos devem ter sangrado porque ele atirou-lhe um olhar de desgosto.

— Só vigio a uma pequena vampira traiçoeira.

Ela rangeu os dentes. Sem saber o que estava acontecendo, ele tinha o direito de alguns tiros.

— É muito bom que você mantenha a mente aberta.

Seu olhar estreitou.

— A menos que você me queira dobrando-a sobre o sofá novamente, você não vai manter escolher uma luta.

Isso não iria acontecer.

— Você não vai me tocar de novo até que a raiva se vá.

— Então é uma coisa muito boa que sejamos imortais. — Pegando sua mochila, ele a atirou por cima do ombro. — Porque isso vai durar para sempre.

Com uma mão no braço, a acompanhou com rudeza até a porta. Ela segurou-se no umbral, freando-os.

— Se você não vai me matar, Jared... — Seus dedos estalaram livre. Ela disparou para a sala e agarrou-se na poltrona. — Existem coisas que você precisa saber.

Ele olhou para a porta da frente e levantou a mão.

— Não agora.

Houve um golpe superficial. Quando a porta não abriu de imediato, Jared sorriu ironicamente.

— E eles dizem que lobisomens não podem aprender.

Como ele havia...? Ela não terminou o pensamento. Sabia. Tinha escaneado. Justo como ela poderia ter feito se tivesse pensado nisso. Mas estava tão acostumada a conservar a energia, que o puro luxo de ter a força para fazer o que desejava quando o desejava era algo ao que acostumar-se.

Uma verificação rápida revelou que Ian e Creed estavam fora da porta. Muito bom. Exatamente o que ela precisava para terminar uma horrível noite, ficar cara-a-cara com os homens



que a tinha visto com Jared. Calor subiu acima de seus dedos do pé, queimando seu rosto. Oh Senhor, ela não tem a sofisticação para isso. Ela apontou por cima do ombro.

— Eu esqueci algo no quarto. Eu vou só...

Ele pegou o braço dela.

— Fique aqui.

Ela não sabia se eram as maneiras antiquadas de moda ou a pura atitude possessiva masculina, mas poderia ter beijado Jared por colocá-la detrás dele antes que abrisse a porta. Beijaria-lhe esses ombros largos deles que atuavam como um escudo. Beijaria-o por tudo o que fosse que estava contendo sua ira o bastante para lhe proporcionar esta cortesia.

— Sinto muito sobre a interrupção anterior. — disse Ian.

— Nenhum problema. — Jared respondeu.

Raisa sentiu os lobisomens combinarem uma varredura mental. Ela deu um passo à frente, colocando os dedos no meio das costas de Jared. Mais uma vez ele a surpreendeu. Em primeiro lugar veio a mão em torno dela para cobri-la e, em seguida a sua energia ao longo envolvendo-a em um manto impenetrável. Ela apertou em suas costas. Vamos fazer todos acreditarem que era porque ela estava mortificada. Ela estava, mas ela também não achava que ela poderia lidar com mais caos agora. Ela estava ficando com dor de cabeça. E não das boas.

— Você vai embora? — Creed perguntou.

— Eu quero levar Raisa para o J. Circle.

— Eu percebi isso.

— Uma coisa boa que eu trouxe isso, então. — Creed estendeu um pacote para Raisa.

Jared interceptou o pacote.

— Minha mulher não aceita presentes de outros homens.

Raisa animou-se.

— É um presente?

Ela nunca tinha recebido um presente. Quando ela era criança, tinha havido nenhum dinheiro. Quando ela ia ficando mais velha, não tinha havido ninguém o bastante próximo para lhe dar um.

A excitação de Raisa caiu em cascata através de Jared como uma cachoeira. Como o inferno poderia ter ninguém dado a ela um presente? Jared cerrou os dentes. O que é isso?

Creed cortejou Raisa com um olhar, um sorriso cúmplice nos lábios.

— O último romance de Jan Vador.

Raisa falou ofegante.

— Como você conseguiu isso?

— Nós temos uma troca de livros aqui. Esta foi uma cópia extra.

A emoção de Raisa aguilhoou a ira de Jared. Ela queria muito esse livro.

— Ninguém tem cópias extras de seus livros.

— Nós temos.

Jared bloqueou seu passo em torno dele com o braço. O aperto de seus dedos em seu bíceps ligou firmando a confusão de emoções dentro de raiva, desejo, o ciúme.

— Você tem certeza? — perguntou o lobo, esse anseio em sua voz que Jared queria rosar. Raisa tinha comprometido o relacionamento dos Johnsons com os D’Nallys, uma aliança que



precisava desesperadamente. Ela tinha traído sua confiança, mas ela ainda era sua companheira e ele ainda queria ser o único a dar-lhe prazer. Mesmo quando ele queria torcer o pescoço dela.

Foi Ian que respondeu.

— Muito certo.

Raisa empurrou Jared.

— Saia do meu caminho.

Sua empolgação com o dom de um livro rolou sobre ele, tornando mais difícil a sua negação. Não.

— É o meu presente.

— De um outro homem. — Que sabia que ela tinha um autor favorito quando ele não sabia.

— E o que? Este é o século XXI.

— E se fôssemos ainda humanos e ele não fosse um lobo, seria diferente? — Ele empurrou o livro de volta para Creed. — Obrigado, mas não, obrigado.

As mãos de Raisa deram um soco em suas costas, seus dedos, deixando marcas pouco de dor.

— Esse é o meu presente.

— Presentes de lobos vêm com cordas.

— Não é um presente. — Creed interrompeu.

— Uh-huh. — Ainda com a vinculação de companheiros em seu lugar, Jared não confiava em Creed por muito que pudesse lhe desconcertar. O were era muito bonito, muito masculino e tinha muita maldita experiência em agradar a mulheres. Como evidenciava ele ter selecionando o presente perfeito para a Raisa. Jared cabeceou para o Ian enquanto bloqueava o seguinte intento e a Raisa por sair de detrás de suas costas — Eu quero agradecer por sua hospitalidade.

Ian sorriu.

— Tem sido divertido ter você aqui.

Apostava que sim.

— A propósito, Caleb diz que já que volta, você poderia entrar em contato.

Jared levantou a sobrancelha.

— Como é que Caleb sabe que eu estou voltando?

Ian deu de ombros.

— Foi um pressuposto lógico que você queira sua companheira segura.

Companheira. A primitiva descrição were do matrimônio que ele tinha posto em movimento tinha coalhado facilmente com seu sentido de possessividade. Essa sensação de familiaridade o irritava enormemente. Não desejava a uma potencial colaboradora do Santuário como esposa. Queria respeitar a sua mulher, confiar nela, não tê-la em volta ao pescoço como uma obrigação.

Então você escolheu a mulher errada.

A intrusão ressentida em seus pensamentos bateu em seu último nervo estável.

Estou bem ciente disso.

Só que ele não estava. Não está em seu intestino. E que estava jogando o inferno com seu senso de lógica.

Silêncio por trás dele, e um lampejo... de dor? Caramba! Raisa não o faria se sentir culpado. Ele pegou a espingarda e guiou-a através da porta. Ele a ouviu fazer sua despedida, mas ignorou-



os, focalizando sua atenção para fora, varrendo com sua energia enquanto o ar gelado atingia seu rosto. Ouviu o farfalhar de papel por trás dele, que só poderia ser Creed oferecendo a ela o maldito livro. Sem olhar, disse:

— Não, Raisa.

Ele a ouviu suspirar.

— Obrigada de qualquer maneira.

Logo depois, ela beliscou o braço dele. A picada não fez nada para disfarçar sua decepção. Ela realmente queria esse livro. Antes que ele se contivesse, deu-lhe um aperto de mão solidário. Ela não o apertou de volta, e quando ele testou sua energia com a dele, ele encontrou um silêncio de pedra.

Ele virou-se quando chegou ao final dos degraus da varanda, o silêncio o cutucando. Ele ergueu a espingarda em uma pequena saudação aos dois lobisomens em pé na varanda.

— Protejam suas costas.

Ian assentiu com a cabeça.

— Proteja sua companheira.

Jared manteve o rosto impassível, apesar de um lampejo passar por ele. Ian suspeitava de algo? Não havia nada na atitude do homem ou nos olhos âmbar a insinuar nada, mas Jared não poderia abalar o sentimento de que Ian sabia muito mais do que ele estava deixando a saber.

— Eu o farei.

Ian falou para Raisa.

— Foi bom te conhecer.

Ela acenou.

— Obrigada por me oferecer abrigo.

Ian balançou a cabeça e um sorriso no rosto só poderia ser descrito como suave.

— Sempre que você quiser, ele é seu.

Jared a envolveu sob seu ombro.

— Ela não vai precisar dele.

Enquanto Jared a virava, ela falou por cima do ombro:

— Mas agradeço a todos mesmo.

Através da gratidão, ele podia sentir o anseio e a perda dentro dela. Ela ainda estava pensando sobre o livro. Cenas aleatórias invadiram sua mente, escorregando dela para ele com uma facilidade que ainda o chocava. As cenas de paixão, amor, emoção. Cenas de livros do passado que ela amava. Cenas que a moviam a ponto de suspiros. Fatias de vida que ela gostava porque eram as esperanças que ela nutria para ela. As esperanças de ser amada. Valorizada. Ele levou-os até o outro lado do pátio, antes que ele não poderia estar a martelar de seu desejo mais. Ele parou na estrada.

— Não se mova.

Jared caminhou de volta para a varanda, amaldiçoando a si mesmo como um idiota enquanto ele pisava os degraus. Ele atirou a Ian um olhar.

— Não diga uma palavra maldita. — Estendeu a mão para Creed. — Dá-me o livro.

— Pensei que você não queria que ela o tivesse.

— Cala a boca.



Jared pegou o livro e virou-se, o riso de Ian e Creed montando a sua volta. Raisal estava diante dele, as mãos cruzadas na frente dela. Sua empolgação o atingiu primeiro, a antecipação chegando à frente de suas mãos para envolver em torno do livro.

Fúria queimava dentro dele, mas antes que pudesse alimentar-se do ressentimento que outro homem lhe dava esse prazer, outra emoção fluíu dela para ele, que pairava sobre a sua ira em um beijo suave de gratidão. Ela sabia quanto orgulho tinha lhe custado.

— Muito obrigada.

— Apenas não espere que eu aja como um dos homens nesse livro estúpido.

Ela piscou e sorriu docemente.

— Não se preocupe.

Seu sotaque estava de volta. Os possíveis "porque" chiando.

— Eu posso ser romântico com a mulher certa.

Ela assentiu com a cabeça.

— Eu apenas não sou a mulher certa.

Mais chiados e ela pulou a essa conclusão.

— Você fez sua escolha.

— Me desculpe, eu tive que...

— Não agora.

Ele não queria discutir o assunto, onde os lobisomens poderiam ouvir. Ele mudou seu rifle acima em seu ombro e segurou a mala aberta para o livro. Enquanto ela o colocava dentro, seu aroma fluía sobre ele. Tudo lhe respondeu com a necessidade de possuir e proteger. Se ela merecia ou não. Os dedos de Raisal tocaram seu pulso, demorando-se. A violência de suas emoções deslizou. Ele arrancou o braço para longe. Ele não queria se acalmar. Queria segurar sua raiva. Ele fechou sua mente para ela, ignorando o rugido de protesto de seu vampiro. Com um "Continue", ele dirigiu-se para o túnel.

Eles estavam no meio do trecho de três quilômetros antes de Jared perceber que algo estava errado. Ele não podia sentir o toque de energia de Raisal e não podia ouvir o roçar suave de suas pisadas. Ela não estava mais o seguindo. Ele se virou. Ela estava uma centena de pés atrás, uma fotografia em preto-e-branco de angústia, de joelhos no chão congelado, com as mãos segurando-lhe o crânio enquanto se dobrava sobre ela.

Os dois segundos que levou para chegar até ela esticaram como horas. Ele caiu de joelhos ao lado dela, erguendo-a em seus braços, a raiva esquecida enquanto seu soluço rompeu contra a garganta dele. Ele colocou a mão sobre seu estômago. Não houve espasmos, sem ecos da agonia.

— O que é isso?

As garras dela agarraram através de sua camisa.

— Minha cabeça. — ela suspirou.

Sua cabeça? Ele levou a mão sobre a dela, sentindo o ponto que emana de um lugar na base do seu crânio. A dor estava errada, discordante. Não era uma dor de cabeça, mas então o quê? Ele deslizou os dedos por baixo dos dela e apertou.

Ela agarrou seu pulso e puxou.

— Não



Havia algo duro sob a pele, do tamanho de uma ervilha, um corpo estranho em anexo no início de sua medula espinal.

— Que diabos é isso?

Ela puxou a mão. Ele permitiu isso porque, até que ele soubesse com o que estava lidando, ele não ia se meter com ele.

Seus olhos castanhos derreteram o coração dele, enquanto encontravam os dele.

— Você tinha razão em não confiar em mim.

— Eu vou decidir o que é certo e o que não é.

E isso definitivamente não estava certo. Havia um dispositivo implantado no crânio de Rai. Seus dedos coçando para voltar a esse ponto. Sua mente e corpo pulsando com a necessidade de remover o objeto.

— Você não pode.

Ele tinha sido projetado. Outra dor tomou conta dela, centralizada, afiada, e dirigida a fazer estragos. Filho da puta, isso o Santuário tinha escrito tudo sobre ele.

— Que diabos eles fizeram com você?

Ela não perguntou o que ele queria dizer.

— É para me controlar.

— Sim, eu percebi isso, mas para quê?

— Eu suponho para conseguir a informação.

— Sobre o que?

Seus olhos estavam selvagens, perdidos.

— Sobre os Renegados, mas eu não sou boa nisso, não sei o que procurar para satisfazê-los.

— O que significa?

— Finalmente, minha cabeça vai explodir.

Ela estava falando sério.

— Como o inferno.

Ele colocou a mão sobre o local novamente, a leitura da energia. Ninguém estouraria a cabeça dela enquanto ela fosse sua companheira.

— Você não pode controlá-la?

— Se eu quebrar a energia, eles vão enviar o sinal de detonação.

— E desde que você não sabe o que é...

— Eu não vou ser capaz de bloqueá-lo.

Outro tiro dor a atravessou. Ele desviou o quanto ele pode, agradecido que ele já estava de joelhos, enquanto o choque o atingia.

— Pode parar com isso?

— Sim.

Ele pensou por um segundo.

— Ao dar-lhes a informação?

Ela assentiu com a cabeça e logo estremeceu.

— É um transmissor.

Ele arriscou um palpite.

— Que é ligado.



Levou-a choramingar como um “Sim”.

Ela agarrou sua mão e apertou com a dor que vinha. Ele segurou a dela, a sustentando, enquanto sua mente trabalhava. Eles podiam usar isso.

— Se você lhes der algo, vai parar a dor?

Ela encolheu os ombros.

— Se eles gostarem, supostamente.

— Você não sabe?

Ela cortou-o com um olhar.

— É minha primeira vez como uma espiã impressionante. Eu não estou familiarizada com todos os prós e os contras.

Nem ele estava, mas ninguém tinha o direito de ferir sua esposa.

— Diga a eles que você ouviu que os lobisomens estão planejando um ataque no complexo a oeste daqui.

Ela olhou para ele por um longo tempo, o seu olhar buscando sua indecisão, nas profundezas. Ela não sabia se devia confiar nele. Ele estava tentado a deixá-la cozer na mesma agonia que o consumia, mas então o Santuário voltou a dor em sua cabeça. Ela caiu contra ele, oscilando dentro e fora da consciência. Ele ergueu-lhe o queixo, sua extrema palidez refletindo um medonho branco em sua visão noturna. Seus olhos estavam quase negros com a agonia, dando a impressão incômoda de um cadáver.

— A única pessoa que você deve temer que a mate sou eu. — E não podia machucá-la, não importava qual a provocação.

Ela piscou. Uma lágrima correu do canto do olho. Alisou o dedo sobre sua trajetória, quebrando-o.

— Assim sendo, você pode enviar as informações. Eles vão gostar.

Depois de uma pausa, ela balançou a cabeça e respirou fundo. Usando o seu ombro, como uma cinta, ela esforçou-se para ficar em pé.

Ele ficou com ela, equilibrando-a com uma mão em seu braço, que a finura de sua constituição enfatizada pela quantidade de dor que ela estava suportando. Ela era muito delicada para toda essa merda.

— Que diabos você está fazendo agora?

Ela apontou para baixo do túnel.

Ele agarrou a mão dela novamente.

— Envie as informações.

Ela balançou a cabeça, gritou, e deu um passo e depois outro. Ele a pegou antes que ela pudesse cair.

— Não aqui. — ela ofegou.

— Por quê?

— Porque eu acho — ela tropeçou novamente, arrastando-o para frente com ela. — Acho que eles podem seguir-me quando eu transmitir.

— Eles podem segui-la de outra maneira?

Ela balançou a cabeça e imediatamente os joelhos fraquejaram.

— Eles acham que é defeito.



Ele destacou o texto.

— Eles acham?

Ela assentiu com a cabeça, lamentando que o movimento enviasse dor espetando através de seu crânio.

— Demorou alguns dias, mas eu descobri como bloqueá-lo.

— Como?

— É um sinal constante. Eu aprendi isso.

Isso fazia sentido.

— Então eles não podem segui-lo dessa maneira?

— Não.

— Mas eles acham que é porque o seu equipamento está com defeito?

— Sim. — O olhar que ela lançou a ele era torto. — Eles não pensam que eu sou muito inteligente.

Ela disse aquilo como ela estivesse compartilhando um segredo entre amigos, lembrando-o de novo do que ele pensava que eles tinham. A confiança que ele tinha quase lhe dado. Como ela o traiu. E enquanto a próxima onda de dor rolava sobre ela, ele fez muito bem não se preocupar com nada disso. Pecadora ou santa, ela era sua, e ela ia parar de sofrer.

— Há uma coisa que eu não entendo.

— O quê?

— Se eles enviaram para fora, porque eles estão caçando você?

Ela lambeu os lábios. Um tremor duro colocado em sua voz. O suor gotejava por sua têmporas.

— O fator: loira desastrada.

— Eu não estou seguindo.

— Eles acham que eu estou perdida. — Seu sussurro era tenso. — Eles estão tentando me levar de volta para o lugar certo.

Eles pensavam que ela estava apenas perdida. Jared balançou a cabeça e olhou para ela com espanto. Uma das mulheres mais inteligentes que ele já conheceu e ela os convenceu que era do tipo que fica perdida.

Ela fez uma careta e segurou sua mão.

— Nós precisamos ir agora.

— Por quê?

O suor escorria de sua testa, pingou sobre as maçãs do rosto.

— Dói muito para mim aguentar muito mais tempo.

— Porra, você é alguma coisa.

Ele levantou-a em seus braços, lutando com seu rifle enquanto ela lançava os braços em volta de seu pescoço.

— Alguma coisa boa ou coisa ruim? — ela perguntou a ele.

— Eu não sei.

— Mas você gosta disso?

Ele balançou a cabeça, chegando a seus pés.

— Neste momento raio de sol, eu não acho que isso é importante.



— Nossa!

Um pequeno ruído de decepção em meio a tanta dor e confusão. Não deve ter lhe importado que seus sentimentos fossem feridos. Diabos, ele nem sequer sabia se ela era o inimigo. Havia também coisas mais importantes a focar, como levá-la a um lugar onde pudesse transmitir a informação para fazer parar a dor. Mas isso não importava, e ele não conseguia que o decepcionado pequeno "Oh" fosse de sua mente enquanto ele corria através do túnel, a digitalização como ele foi, ao ouvir os sons ao seu redor. Ele parou na entrada, manipulou a ilusão cobrindo-o e depois levou-a para o ar gelado.

Ela estremeceu em seus braços, com dor ou frio, ele não sabia. Ela apertou-lhe a boca em seu ombro enterrando sua choradeira contra o peito.

Filho da puta!

— Faça o apelo.

Ela balançou a cabeça.

— Muito próximo.

— Quão longe você tem de estar?

— Eu não sei.

Ele parou.

— Que diabos você quer dizer que você não sabe?

— Eu disse que esta é a minha primeira vez!

Ele está operando sob a suposição de que ela sabia quanto tempo ela tinha antes de as coisas se tornarem letais.

— Você não pensa em perguntar?

Ela balançou a cabeça.

— Isso não importa. Não podemos arriscar os D’Nallys.

Outra pérola de sangue e suor gotejou por sua têmpora. Ele roubou-o com o polegar. Era suposto ser um gesto simples, mas o minuto que ele tocou sua pele, sua necessidade estava para ficar. Acariciar. A mesma necessidade raspou em sua voz.

— Eu não vou arriscá-los.

Raisa bateu na parte de trás do pescoço dele.

— Você me perdoa?

Ele não tinha perdoado, ele não tinha esquecido, mas agora, nada disso importava.

— Está empenhada nisso?

Ela tremia.

— Eu não posso ferir alguém.

Interessante escolha de palavras. O suor deixou uma mancha escura em sua pele pálida e branca. Uma lágrima de sangue fugiu de seu controle, para deixar um rastro brilhante pela bochecha. Porra de mulher teimosa.

— Então, melhor continuarmos.

Ele correu, abraçando as sombras, consciente de que ele estava indo rápido demais, consciente de que não era seguro, mas impotente para fazer qualquer outra coisa. Cada batida de seu coração, a cada gemido que passou em seus lábios era uma contagem regressiva para uma



resolução que não podia aceitar. A meio caminho entre o complexo were e a caverna segura, ele meteu-os em uma queda de rochas. Enterrado nas sombras, ele rosnou:

— Faça a maldita chamada.

Os lábios pálidos e sem sangue formaram uma palavra:

— Onde?

— Longe de tudo bastante pertinente que você não precisa se preocupar. Agora faça a transmissão maldita.

Ela fechou os olhos e alcançou atrás de sua cabeça. Suas sobrancelhas curvaram-se em uma carranca. Ele esperou um minuto. Dois. Ele não tinha sentido uma diminuição de sua dor.

— Bem...

— Dê-me tempo. — Ela franziu o cenho para ele debaixo de seus cílios. — Isso não é tão fácil como eles fizeram isso parecer.

— É melhor não me dizer que você não sabe como fazer isso.

— Tecnicamente, eu sei.

— Você deixou para o último minuto, e você não sabe como transmitir?

— Nós não sabemos que este é o último minuto.

Considerando-se que ela estava prestes a desmaiar, ele tinha certeza que estavam no último nível de qualquer sistema que o filho da puta do Santuário colocou no lugar. De repente, a tensão dentro dela tomou forma.

— Diga-me outra vez, exatamente o que eu tenho que dizer.

Ele não perdeu um segundo.

— Diga a eles que você ouviu que os lobisomens estão planejando um ataque a um complexo secreto a oeste daqui.

Ela focou, lambeu os lábios, e então agarrou.

— Se não for o suficiente, eu só quero que você saiba...

Ele pegou um punhado de neve e limpou o sangue do rosto. O choque da neve, frio, cortou sua declaração.

— Não agora.

— Tem de ser...

A dor parou. Ela congelou, e ele se imobilizou junto com ela. Ele observou, pronto para bloquear qualquer energia recebida, mas não havia nada. Sem dor, sem energia, apenas a calma da noite, envolvendo-os no seu abraço.

Por três batimentos cardíacos, Raisa não se mexeu. Então ela sorriu, um sorriso brilhante como ao sol.

— Isso funcionou.

Ele limpou a neve e o sangue do rosto com a manga, cobrindo a tremor em suas mãos, com movimentos bruscos. Ele não conseguia viver assim, rasgando-se entre a raiva e o medo. Ele jogou um escudo ao redor dela, forte o suficiente para esconder sua presença de alguém que podia estar na área. Com um pouco de sorte, o bastante forte para codificar qualquer sinal que fosse atrás deles. Ou fora deles. Ele olhou para baixo em seu rosto sorridente.

— Eu lhe disse que faria.

Sua sobrancelha arqueou como as linhas que a dor tinha esculpido no rosto aliviado.



— E eu deveria ter acreditado em você porque...?

Era difícil olhar para aquele rosto aberto e vê-la como uma traidora. A colocou em pé.

— Porque eu nunca estou errado.

CAPÍTULO 12

A sensação veio-lhe toda na pressão do vento. Fragmentados traços de energia, sem fonte, nenhuma consistência, bips em seu radar, mas espaçados em um semicírculo em bruto. Eles estavam vindo para ela.

Ela pegou a mão de Jared.

— Hora de ir.

As sobrancelhas dele se arquearam. Sua energia bulindo.

— O problema vindo?

Lampejos de fogo surgiram nos cantos dos olhos. Tudo nela respondia à imagem do puro macho predador com uma declaração extasiada de Minha. Ela estava com problemas desse tipo.

— Definitivamente.

Seu olhar severo aumentou. E direito junto com ele, sua suspeita.

— Quantos?

— Três.

Ele a cortou com um outro olhar. Ela podia sentir a guerra acontecendo dentro dele. Considerando que ele tinha acreditado nela implicitamente antes, agora ele não o fez. Ela ficou em pé.

— Só porque você não pode senti-los não significa que eles não existem. — Ela escovou a neve fora de sua bunda. — Mas apenas no caso de você querer ficar e conversar, esperamos que eles venham até você a partir de... — Ela apontou para a direita. — Ali! — Apontou para frente. — Lá! — Ela apontou para a esquerda. — E lá.

Raisa pegou sua mochila do ombro dele e atirou-a sobre o seu próprio.

— No entanto, eu vou embora daqui. — Ela caminhou na única direção aberta para ela. Vinte metros depois, uma mão a segurou pelo braço. Ela suspirou e olhou para Jared. Sua expressão era ilegível. Frio como a noite, emoções tão difíceis de traçar quanto a energia dos lobisomens se aproximando. Apenas relampejos do que-poderia-ter-sido combinado com o que era. Dúvida, ressentimento, raiva frustrada. Necessidade. Foi a necessidade que deu a ela esperança.

— O quê?

— Você está indo na direção errada.

— Eu estou indo onde tenho que ir.

— O que tem que ir?

O desejo de confiar nele era forte. Ilógico, em face da sua dúvida. Mais do vínculo do vampiro que era muito mais profundo do que um humano. No entanto, Miri foi explícita no preconceito contra ela, o que seria perdido se a pessoa errada descobrisse, e tanto quanto Raisa podia ver, Jared era o anti-lobisomens como qualquer vampiro.



— O fato é que existem três assassinos que vem para mim dessas outras direções.

Ele não largou do braço dela.

— Nós iremos por este caminho.

Naturalmente, a sua direção envolvia acima.

— Não, obrigada.

Ele levantou uma sobrancelha para ela.

— Você está melhor agora.

— Isso não muda o fato de que eu ainda sou moralmente contra a subir.

— Bem, já que estou moralmente oposição a ser conduzidos como ovelhas para o matadouro, eu acho que nós vamos subir.

Ela não havia pensado nisso.

— Você acha que há mais pela frente?

— O que eu acho é que, se fossemos cavalos, e eu quisesse nos pegar, eu ia criar homens em um padrão de ventilador de trás e deixar o cavalo correr para a armadilha que eu tinha definido antes. — Fez uma pausa e levantou a cabeça, ela sabia que esquadrinhando o terreno. — É um inferno de muito menos trabalho.

Armadilha. Ah, bosta! Ela ainda não tinha pensado nisso.

— Eu pensei que eles só queriam nos matar. — "Nós" soava muito melhor do que "você". — Ela tinha certeza de que queriam matá-lo. Todo mundo queria, mas eles tinham um plano para ela.

— Eu não penso assim. — Ele começou a subir a colina, a direção que ele havia escolhido perpendicular ao curso que ela percebeu o inimigo tomar. Desde que ele tinha apertado o punho na mão, ela não tinha escolha a não ser ir com ele. Era muito mais fácil levitando, mas ela não gostava. — Isso não faz sentido. Eles simplesmente me mandaram para fora.

Ela esqueceu-se de ajustar para os obstáculos. Ela chocou-se com um tronco, perdeu a concentração, e pousou a seu lado na neve. Jared arrastou os dois pés antes que ele pudesse corrigir o que tinha acontecido. A neve estava em seu cabelo, nas orelhas, nos olhos e, pior, até no colarinho da sua camisa.

— Filho de um urso.

Pelo menos ele estava de volta à monitoração de sua língua.

— Me desculpe

— Se você está esperando para me acalmar, você tem que pensar em outra coisa.

Inclusive, ela emendou, se ele achava que ela era algum tipo de rameira com duas caras. Sua sombra bloqueou a visão das estrelas. Sob a sombra aba do chapéu, seus olhos brilhavam como duas chamas gêmeas. Ele não estava feliz. Pegou o braço dela. Ela se encolheu. Ele fez uma pausa e se inclinou sobre ela, o tamanho dele bloqueando todo o resto de seu campo de visão. Seus dedos tocaram o rosto e roçou um floco de neve a partir da borda de sua linha fina, antes de correr ao redor e pegar um punhado de neve de seu colarinho.

— O que vou fazer com você, raio de sol?

— Deixar-me ir!

A suavidade deixou sua boca.

— Não.



- Esse é o seu lado vampiro falando.
- Quando se trata de você, querida, não há mais nada.

Isso não era algo que ela queria ouvir. Ela queria a ternura de um ser humano para sua esposa, o cuidado, a consideração, o maior alcance da emoção do que a necessidade de vampiro de possuir. Os dedos de Jared enrolaram em torno de seu pescoço e levantou. Ela estava sob pressão.

- Você sabe como fazer o coração de uma menina palpitar.
- Aparentemente, com você, não é difícil.
- Não, não é.

Sua honestidade lhe deu uma pausa. Ele piscou antes de perguntar:

- Você não tem qualquer sentido de autopreservação, afinal?

Ela sacudiu a neve fora de seu cabelo.

- Sim, mas tendo a guardá-lo para batalhas que valem a pena lutar.
- Você não acha que eu valho a pena?

— Em seu atual estado de espírito, você está completamente sem esperança. — Ela se virou na direção que eles estavam indo e resolutamente começou a subir a colina.

Ele estava bem atrás dela.

- Você é aquela que estava espionando o escritório de Ian.

Ela sacudiu a neve mais molhada do cabelo dela.

- Você é o único que decidiu que era para todas as razões erradas.
- Filha da puta, agora você vai me dizer que havia um motivo certo?

Ela parou e colocou as mãos nos quadris, ele veio até ela.

- Não, porque tudo o que você quer fazer é comprar uma briga e depois torcer as coisas.
- Ele pegou o braço dela e levou-a para frente com ele. Quando ela puxou, ele não deixou ir.

— Eu acho que não tem sequer a dar-lhe um puxão para que a bagunça da sua lógica revelada.

- Como eu disse, comprando uma briga.
- Merda, veja o meu lado.
- Não.
- Que diabos você quer dizer, não?
- Precisamente o que eu disse. Eu não me importo de ver as coisas do seu ponto de vista.

Ele apertou seu braço.

- Você é uma maluca.

Alguns minutos passaram em que eles continuaram sem trégua antes de ele perguntasse:

— Que diabos você teria feito se eu tivesse sido o único a mexer nos papéis particulares de Ian?

— Quer dizer que se tivéssemos passado a noite juntos na cama e eu tinha acabado de decidir que você era digno de ser meu marido e fez você assim e, portanto, tinha declarado a minha lealdade à você acima de todos os outros?

Ele olhou-a com cautela.

- Sim.
- Você sabe exatamente o que eu teria feito.



— Você teria me chamado de filho da puta.

— Não. Isso é o que você teria feito. O que você fez.

— Eu protegi você.

— Ao não revelar a minha suposta duplicidade aos lobisomens? Apertando-me no sofá com toda a conexão emocional que você teria para uma boneca de plástico?

Sobrancelhas arquearam sobre os olhos, e raiva chicoteou em torno deles.

— Sim.

Ela sorriu seu sorriso mais doce.

— Então, eu acho melhor agradecer, não é?

— Não fo... — Outro olhar fulminante, como se sua criação foi culpa dela e então ele disse:

— Não se incomode.

Ele levou quatro passos mais. Passos largos que a forçaram a saltar sobre o terceiro passo para manter-se.

— E eu não fodi você.

Como diabos ele não tinha. Ela manteve a sua paciência com dificuldade. Lutar com ele agora seria levá-la a lugar nenhum.

— Eu tenho certeza que há um termo mais colorido para ela, mas é muito mais semântica.

— Eu estava com raiva.

— Você foi ferido.

Ele olhou para ela duro.

— Eu estava com raiva.

— Tudo bem, você estava com raiva. — O homem ficou gravemente fora de contato com suas emoções. Ela teve que pular de novo. — Você poderia andar mais devagar. Minhas pernas não são tão longas como as suas.

— Isso depende.

— Do quê?

— Quão rápido estão chegando do Santuário?

Como ela poderia ter se esquecido deles? Ela verificou os lampejos de energia.

— Muito rápido.

— Como está a sua força nas mãos?

— Boa, eu acho.

— Você não está certa?

Ela revirou os olhos e respirou fundo para não agarrar a ele.

— Eu nunca fiz isso antes, portanto, eu não sei.

— Nesse caso, — sua mão deixou o braço e colocou-se em volta da cintura — confie em mim.

Ela só teve tempo de agarrar a parte traseira de sua camisa sob a sua mochila antes que ele decolasse. Sob seu controle, seus músculos trabalhavam com precisão enquanto ele suavemente, sem esforço a carregava por toda a distância. Árvores e pedras passavam como um borrão de cinza, fluxos brilharam em barras de preto. E através disso tudo ele levou-a, sem um pinga de esforço. Ela se inclinou para o lado e deixou o seu fluxo de poder sobre ela enquanto a mente dela vagava. Ela queria que as coisas pudessem ser diferentes, que ela o tivesse encontrado antes do



Santuário tê-la capturado, que não houvesse tudo de feio entre eles. Que Miri não dependesse dela. Que ela não tivesse feito sua promessa de manter o segredo.

Está dormindo aí embaixo?

Não. Só apreciando o passeio.

Nada sobre os maus.

Como ele poderia fazê-la esquecer os maus?

É o meu charme masculino.

Certo. Ela perdeu a tal ponto que ela esqueceu de proteger seus pensamentos.

Eles ainda estão seguindo o mesmo curso. Nós somos passamos um deste lado.

Bom.

Seu lado estava começando a doer.

Espere um pouco mais.

Eu estou bem.

Um roçar de sua mente ao longo da dela. Ela pegou o conforto que ele oferecia. Ele devia isso a ela, depois de tudo.

Ela ignorou o rugido de seu pensamento subterrâneo tirou dele e agarrou-se ao momento de suavidade. Cinco minutos mais e ele a colocou para baixo. Ela envolveu o braço em torno de suas costelas.

— Lembre-me de construir a minha força para que eu possa fazer minha própria corrida.

Outro aspecto estranho atravessou seu rosto, e uma contração dos lábios precedeu seu:

— Eu vou ver o que posso fazer para obrigar.

Ela fechou os olhos e contou até cinco.

— Quero dizer, encontrar meus próprios homens para se alimentar, para que eu possa construir a minha musculatura.

— Você não é compatível com mais ninguém, lembra?

Ele foi inteiramente demasiado presunçoso.

— Mas, mas o fato de que eu sou compatível com você levanta todos os tipos de possibilidades. Eu apenas tenho de continuar a experimentar até encontrar um pouco mais.

— Começando com Creed?

O rosnado de advertência predatória subjacente tom tomou a decisão por ela.

— Não neste momento. Uma dor excessivamente macho na extremidade deste lado sempre é suficiente.

Ele agarrou seu queixo e levantou o rosto para o dele.

— Se eu pegar essas presas muito perto de qualquer outro, eu vou ficar furioso.

Ela empurrou o queixo, além da crença agravada quando ela não conseguia clara de seu aperto.

— Eu não acho que você possa ser mais furioso do que você está agora.

Seu polegar roçou o lábio inferior.

— Mostre os dentes para outro homem, e verá o quão rápido eu posso me tornar mais.

Ela bateu a mão dele e descobriu suas presas em um rosnado dela própria.

— Ameaças não vão fazer uma coisa para eu me mover uma forma ou de outra.

Seu polegar pressionou em sua boca.



— Você não acha?

— Não. E se você quiser esses dentes lindos em qualquer lugar perto de você, então você vai ter que aumentar o seu jogo.

— Para qual?

— Para um que eu quero jogar.

JARED a levou para a mesma caverna onde eles passaram sua primeira noite. Desta vez ela não estava tão esgotada que não podia apreciar a habilidade da ilusão de que protegia a porta.

— Bom trabalho. — ela murmurou enquanto ele acenava.

Ele levantou uma sobrancelha para ela.

— Eu pensei que você fosse me dar o tratamento do silêncio?

— Estava. Acaba de conseguir o tratamento completo.

— Tem problemas para permanecer calada, não é?

Ela suspirou e esfregou as mãos para cima e para baixo nos braços. Era frio e úmido na caverna.

— Não. Eu simplesmente não consigo guardar rancor.

— Sério?

— É a maldição da minha existência. — Especialmente com Jared. Ela se moveu para o fundo da caverna, para o quartinho. Seria tão mais fácil se ela pudesse odiá-lo, mas tudo nela só queria estar com ele, porém ele iria levá-la. Quando olhou para trás, a ilusão na frente da caverna foi substituída. Em sua visão noturna, Jared era uma silhueta gritante de força e poder delineada pelo amarelo pálido da energia da ilusão. — Estou trabalhando para corrigi-la.

Só levou três passos para chegar ao lado dela.

— Não coloque isso na minha conta.

Ela viu quando ele abriu a sala, memorizando o padrão de energia que ele usou.

— Eu pretendo fazer isso por mim mesma.

A ilusão desapareceu. O quarto não ficou maior. Se ela ficasse de pé no meio, ela podia tocar as paredes laterais. Longitudinalmente e, assim, a única maneira de Jared caberia era se ele dobrasse os joelhos. Lembrou-se como tinha dormido antes, com ele, como sua cama, ela segura aninhada no berço de suas coxas.

Ela olhou por cima do ombro dele. Ele estava parado lá, olhando para o quarto também. Um músculo assinalando em sua bochecha. Porque ela ainda estava brava com ele e porque era a oportunidade perfeita, ela perguntou:

— Medo que ao estar preso comprometa seus princípios?

Seus olhos se estreitaram.

— Estar perto de você não vai me fazer esquecer o que você fez.

Não. Provavelmente nada poderia. Homens de honra podem ser muito rígidos. Ela estendeu a mão.

— Posso ter minha mochila, por favor?

Ele deu a ela, um conjunto apertado de sua boca.

— Você mentiu para mim.



— Não. — Ela cavou em sua mochila pela sua escova. — Eu não menti. Se você está se sentindo traído, é porque você prefere fazer suposições a fazer perguntas. Parte da decepção de que você está sempre certo.

No minuto em que colocou a escova larga no cabelo dela foi roubado em um rosnado. Ela deu-lhe um puxão. Fora do canto do olho viu a mão de Jared se contraía. Ele ficou furioso. Bem, difícil. Ela também foi ficando irritada mais uma vez.

— Eu não estou errado.

Ela pouco para trás uma maldição que o rosno agarrou a escova e não deixá-lo ir. Ela puxou os fios presos. Seu dia só precisava disso.

— Então você continua me dizendo.

— Você está com o Santuário.

— Como muitas outras mulheres. Isso não significa que esteja dentro dos seus grandes esquemas. — Havia conseguido liberar uma mecha. Ela recostou-se contra a parede. — Caramba, eu não entendo o que é.

— Eles têm a sua foto.

— Elas também têm o meu DNA. Eu não dei a eles de bom grado, mas eles ainda têm isso. — Eles a prenderam no chão e roubaram dela por razões que não compreendia, mas as possibilidades a assombravam. Ela ergueu as sobrancelhas para ele, observando os fogos em seus olhos. — Isso significa que eu deveria ser fuzilada ao amanhecer?

Ele tomou uma respiração lenta e depois outra. Chamas brilhavam em seus olhos. Seus dedos se contorceram novamente.

— Os vampiros mais provavelmente a colocariam ante o pelotão ao pôr do sol.

Ele tinha perdido completamente seu ponto de vista, empunhando uma visão literal, como se fosse uma defesa contra tudo, inclusive ela.

— Você é tão completamente sem emoção. É uma maravilha que você pode funcionar em tudo.

A escova deslizou fora de seu controle, rodou, e envolto em seus cabelos. Do canto do olho, ela poderia vê-lo pendurado. Saiu de lá, um lembrete de pesados quanto ela tinha sujado isso.

— Considerando que você não tem o senso comum que Deus deu a um mosquito. — Seus dedos abriram e fecharam. Seu braço pulou um pouco antes de ele acenou para a escova. — Você vai continuar com isso?

— Acredito que esperarei e verei se ficará em moda.

Procurou dentro de sua mochila até que ela sentiu a lã macia de um cobertor. Ela tirou-o, ignorando o franzido do cenho de Jared enquanto ela puxou-o em torno de seus ombros.

— Você está com frio?

Ela não olhou para ele.

— Não, eu só pensei em ver o quão bem o cobertor combina com a escova.

Na realidade, ela estava ficando fria, o que significava que seu sangue estava começando a se desgastar, o que significava que daqui a pouco ela ia ter um novo conjunto de problemas a enfrentar. Ela dobrou os joelhos e descansou a cabeça contra eles. A escova virou para frente, puxando os cabelos dolorosamente presos. Ela ignorou-o, juntamente com a umidade que trouxe para os olhos. Ela precisava de um momento para obter as suas emoções em conjunto, caso



contrário, quando a dor começasse, ela iria desmoronar como no o caso perdido que estava começando a sentir que ela era.

O sofrido suspiro do Jared foi quase a gota que encheu o copo. Ele se sentou a seu lado. Ela se recusou a olhar para ele.

— Você não pode deixar uma escova no cabelo.

— Eu posso fazer qualquer coisa que eu quero.

Sentiu o peso da escova.

— Então você me disse antes, então por que você não quer isso?

Porque ele ia ter concentração e esforço, e ela simplesmente não tê-lo a poupar agora.

— Eu disse a você.

— Raio de sol, não é tão ilógica para esperar que eu engula isso.

Esfregou a testa contra os joelhos.

— Um carinho e um insulto em uma frase. Qual gostaria que eu respondesse?

— E se você apenas se sentar lá e me deixe cuidar do seu cabelo?

— Por que você iria querer isso?

— E que tal eu apenas dizer que incomoda o meu senso de lógica deixar essa escova lá?

Ela podia acreditar nisso. Ela acenou uma mão.

— Se deixá-lo sentado ali vai te fazer mal-humorado, furioso.

— É definitivamente estraga o meu mau humor.

O farfalhar de suas roupas contra a parede enquanto ele mudava de posição eriçava seus nervos primários. Ela não o queria perto dela. Toda essa proximidade dele a fazia querer atirar-se em seus braços. Como ela poderia ter-se entregado a um homem tão irritantemente insensível? Sua vampira tinha muito a responder.

Ela não disse uma palavra enquanto Jared deslizava os dedos sob a mecha de cabelo preso na escova. Ela suspirou um pouco enquanto ele levantava, puxando os fios de seu couro cabeludo. Ela esperou por seu rugido, maldição, tudo o que poderia indicar a sua frustração com os cachos teimosos que primeiro embaralharam e reembaralharam em seguida, em torno das cerdas. Não houve nenhum. Ele apenas tratou do problema com paciência infinita.

Com o tempo, ela começou a perceber que o tempo ele trabalhou nos nós, o mais tênue a raiva dele se tornava. Aparentemente, o trabalho com o cabelo dela estava acalmando-o. Por essa razão, ela não reclamou quando sua nádega direita começou a sentir-se ferida, apenas sentou lá e aguentou até que ele deslizou a escova de cabelo dela com um grunhido de satisfação.

— Tudo pronto?

— Sim.

Ela mudou seu peso. Ele ainda estava com raiva, mas não tão sensível como ele costumava ser. Sua nádega enviou imediatamente uma pontada de dor abaixo de sua perna.

— Obrigada.

A mão dele em seu ombro a manteve no lugar.

— Não há sentido em deixar o trabalho por fazer.

— Minha bunda implora por discordar.

Sua energia imediatamente derramou sobre ela, buscando, buscando a mágoa que ele tinha perdido.



A enxurrada de preocupação amaciou sua voz apesar de suas melhores intenções.

— Eu estou apenas incômoda no chão duro.

— Eu posso consertar isso.

— Não é necess... — Ela nunca teve a chance de terminar. Com a força mais fácil que sempre a emocionou, ele a ergueu e a colocou para baixo sobre a almofada de suas coxas. — Está melhor?

Isso depende do ângulo que ela olhava-o. Mas se ela estivesse falando estritamente do ponto de vista de sua bunda machucada...

— Sim.

— Bom. — A pressão de seus dedos no meio das lâminas do ombro era suave, mas insistente. — Inclina-se para frente.

Ela o fez, sabendo o que ele queria. Um toque em sua nuca fez sua cabeça cair para frente. Sua mão acariciou da coroa de cabelos à base, deslizando sob as ondas para levantá-los, prendê-los...

— O que está fazendo?

— Só admirando a vista.

Seu comentário a fez sentir sua autoconsciente. Ela chegou a voltar, abrangendo as mechas que ele segurava.

— É apenas cabelo.

Ela sentiu a tremer da cabeça na ligeira vibração que sacudiu seu corpo.

— Com a minha visão noturna é como o luar ondulando na água e na luz... — Outro sacudir a cabeça. — É como todas as nuances do Sol contidas em seda.

Jared Johnson, o poeta? A próxima coisa que ela sabia que ele estaria jogando fora de lógica e indo com o momento.

— Você está obviamente muito cansado.

Sua risada era mais vibração.

— Ou talvez você só precise ver o seu cabelo através dos meus olhos.

— Obrigada, eu vou passar.

— Agora isso é uma vergonha.

Ela suspirou e puxou os joelhos para cima, colocou os braços ao redor das canelas, e descansou a testa nos joelhos.

— Eu sei como você me vê.

— Você sabe?

— Sim, e eu não preciso de qualquer sopro a mais a minha autoimagem, muito obrigado. Levei duzentos e setenta anos, mas eu só estou começando a gostar de mim.

— Acho difícil de acreditar.

— Você encontra tudo sobre mim difícil de aceitar.

— Isso é diferente de acreditar.

— Tenho certeza que há lógica em algum lugar.

Ela sentiu-o recolher a respiração de explicar. Levantou a mão, antecipando-se ao raciocínio totalmente ridículo e completamente sensato que ele abrigava com relação às diferenças entre acreditar e aceitar.

— Você pode também salvá-lo. Eu não estou com disposição para isso agora.



Ela só queria um momento de paz. Nenhum pensamento. Sem discussão, sem lágrimas iminentes. Apenas paz. Como se ele também se mostrasse relutante em perturbar o momento, Jared apenas segurava as escovas de cabelos. Parecia direito natural, inclinar-se um pouco para trás e deixar que ele tomasse o seu peso enquanto ele alcançava a sua coroa, o direito de permanecer em seus braços após o último nó ter deixado seu cabelo. Maravilhoso deixá-lo tirar suas costas contra seu peito, envolvendo-a em sua força e seu poder. O clique suave da escova caindo no chão de pedra quebrou mal o momento. E então seus dedos estavam nas têmporas dela, esfregando suavemente, de forma constante.

Ela se inclinou em sua massagem.

— Eu vou te dar cinco dólares se você nunca parar.

— E aqui eu faria de graça.

Ela se virou para olhar para ele.

— Por quê?

— Você é minha mulher. É o que um homem faz para sua esposa.

Ela virou-se mais, contando com ele para pegá-la enquanto seu equilíbrio deslocado.

— Você é o único que pensa que eu sou escória.

— Eu não acho que você é escória.

— Então o que você acha?

Ele tocou o queixo e, com essa honestidade lógica que foi tanto uma parte dele, disse:

— Eu acho que você é linda. Eu acho que você é mais doce que o mel, louca como um cavalo em plantas alucinógenas, mais frágil do que a porcelana, irritante, corajosa, e...

Ele não terminou. Ela esperou.

— E então?

Suspirou.

— Você só pode ser do Santuário.

— E se eu disser diferente?

— Isso não muda os fatos.

Deus, ela odiava fatos.

— Eu acho que isso diz tudo.

O homem com quem ela tinha acasalado para sempre não confiava nela. Ela podia sentir as câibras apertando no estômago. Como se a situação não fosse ruim o suficiente, agora havia mais isso.

Os dedos de Jared pararam de massagear e moveram-se para seu estômago.

— Você precisa se alimentar.

— Eu estou bem.

A punhalada de dor rasgou um suspiro de sua garganta, fazendo-a de mentirosa.

Ele apresentou o pulso à boca dela.

— Não há nenhuma necessidade de você sofrer.

Seu pulso, como se ela fosse uma estranha. A dor emocional que a esfaqueou mais profundo do que qualquer fome de jejum podia. Tinha sido tão estúpido deixar seu coração se envolver com isso. Ela empurrou o braço de Jared de lado e rolou à sua volta. Agarrando sua mochila e



empurrando-a contra a parede, ela desabou em cima dela, perfurando-o em uma forma mais gorda.

- Eu vou passar.
- Que diabos há de errado com você?
- Além do fato de que eu não gosto de você xingar?
- Sim.

Raiva fervia dentro dela, assim o fez gritos, xingamentos, acusações, mas ela não deixou qualquer um deles. Qual seria o ponto? Dramalhão não mudaria nada. A natureza de Jared iria forçá-lo a acreditar que a lógica lhe disse, e ela sempre estaria do lado errado da mesma. O jeito que ela tinha ficado quando seus pais decidiram vendê-la aos parentes. O jeito que ela tinha ficado quando ela havia sido entregue para o Santuário. O jeito que ela tinha ficado quando ela finalmente encontrou um homem que ela pensava que ela poderia amar.

Oh Deus, ela poderia amar Jared. Raisa fechou os olhos e colocou a mochila embaixo de sua bochecha. Isso foi uma coisa tão perigosa. O Santuário poderia usar isso contra ela, o que o poria em perigo. Ele podia usar isso contra ela, o que a poria em perigo. E, considerando a posição em que ela estava, a missão ainda a completar, o que seria um desastre. Ela trouxe a face de Miri, como ela a tinha visto pela última vez, a mente em detalhes vívidos, o rosto magro, olhos inchados, lábio sangrando. O desespero. Ouviu novamente a advertência de Miri que nada aqui fora era o que parecia e o Santuário tinha espiões por toda parte. Raisa sacudiu a cabeça. Ela não sabia em quem confiar, com quem se abrir. Oh Deus, não havia nenhuma maneira que isto não podia explodir tudo em seu rosto.

Ela deu um soco na mochila. Sem mencionar o fato de que, além da exigência física entre eles, Jared não parecia querer algo a ver com ela. Duzentos e setenta anos, de mortal para imortal, e nada havia mudado. No que se referia à sua vida amorosa, com certeza ela poderia pegá-los.

Com um suspiro, Jared rolou aos seus pés, pisou sobre ela, e depois veio atrás dela.

- Você é uma mulher teimosa, Raisa Slovenski.

Ela estava aprendendo a ser. Mas uma coisa era certa, ela não estava dando mais de si para um relacionamento que ela estava ficando para trás. E se isso significava resistir a Jared, ela mesma, e essa parte de seu vampiro selvagem que não se preocupava com o senso comum, que assim seja.

Ele se curvou em torno de suas costas, a mão espalhando sobre seu estômago, massageando suavemente.

- Você sabe que vai ter que se render.
- Não se eu não quiser.

Seus lábios acariciaram a orelha dela.

- Mas há a captura. Você quer, não é?
- Não.

Sua risada endureceu sua resolução.

- Mentirosa.

— Só pode estar mentindo se eu negar que te quero. Eu não estou negando isso, apenas afirmando que não pretendo me render.

- Você está se colocando no inferno por nada.



— É o meu inferno. Eu vou jogar nele qualquer maneira que eu quero.

Ele apertou seu punho contra a boca dela.

— Alimente-se, Raisa.

— Não. — Não como você fosse um estranho. O pensamento passou na cabeça dela.

Ela deve ter projetado porque a resposta dele veio rápida e certa. *Eu não sou um estranho.*

Ela fechou os olhos, ignorou a tentação, e deu-lhe a verdade. *Assim, você é.*

A dor veio com ela dentro da escuridão, rasgando-a como cacos de vidro quebrado, fazendo picadinho de sua determinação. Um inimigo demônio com garras tão longas que destruíram direto através de todos os seus princípios.

Atrás dela, Jared se agitou. Se ele oferecesse seu pulso novamente, ela sabia que aceitaria. Ela não era uma mulher forte. Nunca tinha sido. Mas ela sempre tentou ser feliz e fazer os outros felizes também. Tinha começado a muito pouco como um ser humano. Muito menos como um vampiro. Ela só não sabia como ser ninguém.

Com um suspiro que agitou os cabelos nas têmporas, Jared puxou-a para as costas. Visão noturna e sombras projetaram em seu rosto austero uma mistura de ângulos e planos. Ainda bonito, só muito mais uma parte da noite. Mais vampiro. Ele tocou o suor em sua têmpora. Por um segundo sua expressão suavizou.

— Ah inferno.

Sua mão deslizou por trás de sua cabeça, puxando-a contra ele. O calor do seu corpo era como uma droga, embalando-a, o cheiro da sua pele um engodo. Sua bochecha roçou a dela.

— Por que diabos você tem que ser tão teimosa?

Ela não tinha uma resposta. Seus nós dos dedos pressionaram contra o peito dela e, em seguida, pressionado em seu próprio. O cheiro de sangue, rico, que dá vida, parando a dor-sangue encheu com a sua próxima respiração. Ele puxou-a para baixo.

Ela balançou a cabeça. Ele a embalou próximo, a mesma suavidade que ela viu em sua expressão se prorrogando a seu toque.

— Shh, raio de sol, deixe-me cuidar de você esta noite. Só... — Sua boca roçou a linha do maxilar e da inclinação de suas maçãs do rosto, a suavidade de sua testa. — Você precisa de mim, e eu quero dar o que você precisa. Basta deixá-lo ser o simples, desta vez.

O cansaço na voz dele encontrou eco dentro dela. Ela deslizou os braços em volta do pescoço e assentiu. Ela fechou os olhos e mexeu os dedos em seu cabelo e abriu a boca sobre o presente. Enquanto ela afundava cuidadosamente as presas em sua pele, seu gemido ecoou em torno dela. Sua testa caiu para o topo da sua cabeça, e sua respiração suspirou fora.

Certo.

A convicção fluía dele para ela, entrando ela, juntamente com a sua essência que fluía através de suas veias, hospedando-se no seu coração.

Sim. Pelo tempo que durasse, isso estava certo.



Pois, pelo tempo que durasse.

Raisa não poderia começar a pensar fora de sua cabeça. A única coisa que durou muito tempo em sua vida era sua esperança de que a próxima coisa boa seria o único a quebrar o molde. Concluindo, os bons tempos na vida eram curtos, e esperar muito era a maneira mais segura de privar-se de gozar o que ela poderia ter. Por toda sua vida mortal e imortal, nunca se sentiu realmente conectada a alguém. Nem a sua família, que eram tão pobres apenas tentando sobreviver pegaram todas as suas energias. Nem com o seu primo, que tinha visto como um meio para um fim, e não como uma vampira, que tinha apenas a colocado na posição de algo para ser usado, tanto para a gratificação sexual ou experiências bizarras.

Agora que ela era literalmente uma bomba-relógio, ela encontrou um homem que, embora a considerasse indigna de confiança, a tratava com respeito e poderia fazer o corpo dela cantar. E ela estava colocando limites em suas relações que assumiu que realmente teria uma eternidade juntos quando, na realidade, ela teria sorte de ter mais vinte e quatro horas. Se houve um processo de pensamento mais idiota do que isso, ela ainda tinha de vir através dele.

Ela fechou a ferida no peito de Jared, com três movimentos lentos de sua língua. A expansão das costelas quando ele chupou em uma respiração rápida foi gratificante. Pelo menos o homem não estava imune a ela.

Seus dedos enfiaram através do cabelo dela.

— O que fez você pensar que eu era imune a você?

Ela tinha que aprender a evitar manter sua mente aberta para ele. Ela encolheu os ombros.

— Sua antipatia geral para o que você vê como o meu código moral.

— Isso, raio de sol, não tem nada a ver com a minha atração por você.

Ela olhou para cima.

— Você não pode ser sério.

— Eu sou sempre sério.

Não, ele não era, por tudo o que ele gostava de dar essa impressão.

— Bem, isso é só nojento.

— O homem ou vampiro, o macho da espécie é uma criatura muito simples.

Raisa se apoiou em cima do peito, enrolando em seu dedo mindinho o cabelo levemente cobrindo o centro.

— Isso não é algo que eu estaria comentando.

Sua mão envolveu ao lado de seu quadril, incentivando-a e mais.

— Isso é porque você é uma mulher curvada sobre a complicar tudo.

Ela seguiu o seu exemplo, dobrando seus quadris sobre a sua pélvis, provocando a nota subjacente à declaração encontrado seu senso de humor como se estabeleceu o seu peso ao longo de seu corpo.

— Isso não é inteiramente ruim. — ressaltou enquanto ela ajeitava o peso. Havia vantagens reais de assumir com um homem muito maior do que ela. As diferenças em suas alturas permitido o rosto para se ajustar naturalmente no oco de seu ombro, a curva de seu peito inchado no oco do seu ventre, a suavidade de seu estômago embalou sua ereção, as coxas caiu naturalmente entre as suas.



— Se você pensar sobre isso, meu pensamento realmente complicou o processos de resgate a sua vida como um homem simples, de tédio terminal.

Sua sobrancelha direita subiu, e mais sexy dos meios sorrisos armou o canto da boca.

— Imagine você vê dessa maneira.

— Você está dizendo que não?

— Eu não estou dizendo nada que vai estragar seu humor.

Ela beijou o queixo dele.

— Homem esperto.

— Basta mantê-lo simples.

Ela poderia trabalhar com simples.

— Isso significa que você pode ser aberto para estender esse momento?

Sua mão aberta em sua nádega, o calor escaldante do algodão através de seu jeans.

— Isso depende de qual momento você está falando.

Ela poderia dizer que ele sabia que ela estava se referindo à maneira da sua pálpebra caiu sobre os olhos, e da forma como a sua expressão ficou pesada com sensualidade.

— No momento em que você precisar, e eu quero cuidar de que precisa.

Seu olhar mediu a reação dela.

— Nada mudou.

Ela encolheu os ombros.

— E talvez nunca no tempo que me resta, então por que deixá-lo estragar o que temos?

Uma determinação sinistra sombreou o desejo. Seus dedos encontraram a base de seu crânio, pressionando o chip.

— Você vai ficar bem.

Desejando que não torná-lo assim, mas um homem como Jared não apenas aceitava o inevitável. Ele lutou contra ele para o túmulo, e assim que ela, mas não hoje. Hoje à noite ela só queria fingir que não existiam complicações.

— Eu sei! — Ela deixou ir a mecha masculina do cabelo sedutoramente. Por que se contentar com um fio de cabelo quando tinha um território muito maior para se jogar? Ela abriu o botão da camisa e depois o outro, espalhando o material com uma extensão de seus dedos, expondo o sulco profundo entre os seus peitorais, o cume de suas primeiras formações abdominais, a pura perfeição do seu corpo. Ela não conseguia tirar os olhos de distância. — Mas agora não é o que eu quero focar.

O botão seguinte soltou. Ela deslizou a palma da mão sobre o peito. Ele estava quente e duro, e o ritmo de seu coração era definitivamente pulsando. Sua respiração empurrou seu peito em seu toque. Ela sorriu, puxando-a para baixo do esterno. Ele estremeceu, e quando ela mexeu os quadris, ele lançou a respiração em um ronco sexy.

Esfregou seu polegar contra sua garganta.

— Você não vai morrer.

Não esta noite, ela não pensava, mas ela não podia ter certeza. Ela inclinou a cabeça para o lado e puxou a unha de volta até seu peito, indo na direção nordeste, não parando até que encontrou a distração do poço raso em torno de seu mamilo. Ela marcou a pequena saliência tentadoramente.



— Mas se nós fingir que eu vou, então nós podemos apenas nos divertir, sem pensar em todos os cargos sobre o Santuário, traição e falta de confiança.

Jared recolheu os cabelos dela em um rabo de cavalo, expondo o rosto. Se não fosse a mudança na sua respiração, o batimento rápido do coração, e a ereção entre as coxas dela, ela acha que seu toque não tinha qualquer efeito sobre ele. Ele estudou atentamente a sua expressão, sem dúvida, procurando algum sinal de um truque ou indecisão de sua parte. Ele não iria encontrar nenhum. Ela começou muito bem ao longo dos anos na vida no momento.

— Você quer jogar "vamos fingir"?

Ele não tinha o som tão cético. Ela desabotoou três botões mais antes de espalhar a sua camisa de lado. Ele tinha um peito bonito, bem musculoso, com apenas um cabelo bastante para intrigar.

— Eu quero jogar com você.

Enquanto ela puxava a camisa das calças, ela percebeu que era verdade. Ela sempre foi o destinatário de amor, aceitando passivamente o que foi entregue a ela, esperando que ele fosse ser no mínimo um pouco de bom, mas com Jared, ela queria ser o agressor, para saber o que lhe agradava a forma como ele sabia o que lhe agradou. Ela queria se divertir com ele. O tipo de diversão que deixava os dois ofegantes, com satisfação.

Raisa preparando-se para cima em seus braços e olhou para ele, os cabelos caindo em volta deles, deslizando sobre sua pele, procurando incrivelmente leve contra sua tez mais escura. Seu assobio de ar a fez sorrir. E o fez novamente, balançando contra ele para que seu cabelo roçasse o peito em açoites de seda de prazer, enquanto seus quadris prometiam-lhe mais. Contra o dedo, o seu mamilo tornou-se um pequeno pico apertado. Ela balançou com sua unha, ampliando o seu sorriso em seu intenso silvo da respiração.

— Então, você vai me deixar jogar?

A linha dura da boca de Jared suavizou. Calor aprofundou o verde em seus olhos. Um meio sorriso passou a residir em sua boca enquanto a sua energia estendeu a mão e acariciou lentamente, deliberadamente, ao longo dela.

— Eu não seria louco, não é?

Oh Deus. Abdome fechado em uma onda de desejo. Quando ele olhava para ela assim, tudo o que ela queria era a atenção sexual. Ele era um homem tão bonito. Robusto, atraente, todo o poder bruto masculino e graça. Ele era o epítome do sex appeal e pouco tinha a ver com ele ser vampiro. Foi muito duro para obter a resposta após a constrição do pescoço.

— Sim, você o faria.

Ela deslizou o lado direito de sua camisa durante e depois à esquerda, expondo totalmente a tensão da tábua de lavar de seus músculos abdominais. Ela cutucou. Não houve dor no homem. Era a máquina perfeita da matança. Um por um, ela deslizou os dedos sobre o peito, centralizando a demanda de seu mamilo para o oco da palma da mão. O amante perfeito. Ela deixou seu outro dedo passear pelos montes e vales do seu estômago, rumo ao sul para a área intrigante ainda escondida por seus jeans, encontrou o seu olhar.

— Aposto que as mulheres têm vindo a perseguir-lhe a sua vida inteira.

— Eu só estou interessado em uma.

Ela piscou-lhe um sorriso rápido.



— Boa resposta.

Ele puxou o cabelo dela, chamando-a de volta ao seu olhar sério.

— Não era piada.

Ela acariciou seu peito.

— Eu sei! — Seus dedos caíam naturalmente sobre a curva do seu peitoral. A aspereza de seu cabelo era emocionante contra as pontas. Ela lambeu os lábios, lembrando como os cachos apertados sentiam contra seus mamilos na noite anterior, rascante, sensibilizando. — É, eu realmente não estou a ser esta noite grave.

— De repente, não eu estou — Sua mão foi até seu peito enquanto ela esfregava os dedos sobre os pelos do peito. Pequenas chamas tremeluziam nas bordas de sua íris. Desejo engrossado seu sotaque natural. — Você gostou desse, hein?

— O quê?

— Meu peito esfregando em seus seios.

Por que soava como muito mais quando ele o dizia em voz alta que quando ela pensava-o? O seio se endureceu ante seu toque. Ela pressionou contra o polegar em um convite lascivo que ele foi rápido em aceitar.

— Sim.

Seu membro subiu, roçando a conjuntura das coxas em um toque ilícito. Seu suspiro ampliou seu sorriso.

— Você gosta assim, também? Você me quer?

— Eu pareço uma idiota? — Ela rapidamente cobriu a boca antes que ele pudesse responder com algo lógico e matando o humor. — Você é um amante maravilhoso, Jared. Qualquer mulher ficaria encantada de estar onde estou agora.

Para provar seu ponto, ela mexeu os quadris para baixo, recebendo um daqueles impulsos eróticos em troca. Ele beijou a palma da mão. Sua língua, quente e úmida, fazia cócegas no centro. Ralisa com cautela, tomou sua mão, revelando a dica de um sorriso e à beira de suas presas apenas visível através da costura dos lábios. Seu desejo afinado com a promessa ao seu alcance.

— Eu não estou interessado em outras mulheres.

Ela alisou a palma da mão sobre o peito. Ele balançou a cabeça, levantando o peito para a pressão das unhas enquanto ela encontrava seu mamilo apertava e ligou-o.

— Só você.

Sim. Satisfação corria sobre ela. Hoje à noite ele era dela, para fazer com que ela quera.

— E eu estou realmente ansioso para me dar.

Essa sobrelha direita dele arqueado para cima, temperando a intensidade do momento, com uma pitada de humor.

— Não recebo uma palavra a dizer isso?

Ela inclinava a cabeça para o lado.

— Não, eu não acho que você faz.

Ele vai deixar seu cabelo, seus olhos como as seguintes mechas enroladas em seu rosto, demorando-se sobre o que ela podia sentir cócegas no canto da boca. Por que não?

— Porque ninguém nunca me deixa jogar, e eu estou cansada de ser a boneca deitada na cama a aceitar o que vem a caminho.



— Você não gosta do jeito que eu faço amor com você?

Dor ricocheteou sobre ela com a memória do tempo passado.

— Com a exceção de que uma vez, eu adoro isso.

Ele empurrou o cabelo para trás, estudando sua expressão.

— Eu pensei que não estávamos indo relembrar o passado?

— Nós não vamos, era apenas uma explicação.

— Explicar o quê?

— Isso eu pretendo tirar vantagem do fato de que eu não acho que isso vai incomodá-lo se eu estou no topo por um tempo.

Agora as duas sobrancelhas subiram, com os cantos de sua boca. Tudo o que ele estava pensando, ele não foi desligado pela ideia.

— Procurando comandar?

De um outro homem, o fraseado da questão poderia ter lhe dado uma pausa, mas a partir de Jared, ela poderia levá-la em valor de face.

— Você vai me deixar?

Tirou o cabelo fora do canto da boca, substituindo a suavidade de seda com a abrasão delicada de seu polegar.

— Diga-me porque em primeiro lugar.

— Ontem à noite você tem que ter o prazer da descoberta. Você tem que descobrir o que me fez ofegar e tremer. — Ela colocou as duas mãos sobre o peito, a dureza do músculo, por amar a firmeza da sua pele, o calor e a força absoluta que ele irradiava. Espalhando os dedos de largura, ela chamou-os em direção a seu estômago. Sua respiração sugada, o aumento da inclinação do passeio. — Eu só quero a chance de conhecê-lo da mesma maneira. — Seus polegares liquidados no cume antes de definir seus músculos deslizar para o bem do seu umbigo, onde roubado e preso. — Você tem alguma objeção?

Ele arqueou em suas mãos, seus quadris levantando os joelhos do chão, pressionando o seu eixo no berço das coxas, e de repente ele não era o único ofegante.

— Nem um. — A curva em seus lábios era quase doce. — Maluco.

Ela seria, tão logo ela tem mais a sensação quase divina de seu pênis pressionando para cima em seu núcleo. Suas garras nasceram livres, e penetra a pele, deixando para trás oito pontinhos de sangue.

— Tranquila.

Ela puxou as mãos dele em seus joelhos conectados com o chão da caverna.

— Eu sinto muito.

Com um movimento hábil levou os dedos aos lábios.

— Não é um problema. — Ele beijou primeiro a mão direita e depois à esquerda antes de substituí-los no peito. — Só quero chegar à parte boa com todos os meus órgãos intactos.

— Serei cuidadosa. — Ela tinha que ser cuidadosa. Ele nunca fez mal a ela quando ele a tocou. Ela seria amaldiçoada se ela o machucasse.

Mais uma vez o toque de seus dedos em sua bochecha.

— Você pode afundar aquelas garras muito pouco em mim o que quiser, raio de sol. Eu só quero você consciente de quando você faz isso.



— Eu vou manter isso em mente.

Com um puxão rápido, ela puxou a parte inferior livre de suas calças. Os vales duplos definindo de seus músculos chamaram sua atenção. Profundo e convidativo, eles tentavam. Trabalhando seus quadris para trás, ela trouxe sua boca até mesmo com o vale à direita, pairando acima da sua pele. Ela tomou um fôlego, dois, deixando o golpe de ar úmido em toda a carne firme. Seu estômago sugado por uma trilha de arrepios pontilhada o caminho de sua respiração. Entre a sua carne e seus jeans uma trilha mais intrigante aberto. Ela tocou a língua em sua pele.

Suas mãos envolveram sua cabeça. Não empurrando, puxando não, mas definitivamente encorajador. Ele queria que a boca dele. Basta saber que, sentindo o golpe de sua energia ao longo de sua pele numa carícia tangível, deu-lhe a coragem para continuar. Raisal explorou o côncavo com provocações rápidas. Ele provou tão bom como ele cheirava. Limpo, com um ligeiro masculino almíscar tingia com tempero salgado que era viciante. Ela se atrapalhou com os botões da calça jeans que ela trouxe os lábios e os dentes em jogo, beliscando e mordiscando a carne firme enquanto ela fez seu caminho para baixo, lutando com seu jeans, querendo morder com a frustração quando os botões não cediam.

Seu queixo bateu o cós. Ela empurrou até que ela não poderia ir mais longe. E ainda assim ela não poderia começar o maldito botão fora.

A mão de Jared deixou sua cabeça. Ela pegou um borrão de movimento a partir do canto dos olhos, e então houve uma grossa e dura do material partiu sob o golpe de suas garras. Ela se inclinou para trás, olhando para o caminho mais denso de cabelo posicionado de forma muito mais baixo.

— Obrigado.

Seu "em qualquer momento" derramado sobre ela em um timbre rouco que acariciou ao longo de sua excitação, abanando as brasas, criando chamas de intensidade dentro.

Ela apertou o dedo à base grossa de seu eixo, apenas visíveis acima do V de sua gola. Uma de suas unhas fez cócegas e ele rosnou, afundando sua energia para ela com um impulso selvagem. Seus dedos apertaram em ambos os lados do material. O toque da mão de Raisal imobilizou sua ferocidade.

— É meu presente. Permita-me desembulhar.

Por um segundo, ela não acha que ele estava indo, sua natureza naturalmente dominante lutando com sua promessa, mas depois os polegares deslizaram por suas coxas, deslizando para dentro, esfregando sugestivamente, de advertência.

— Se você fizer isso, não espere milagres quando se trata de meu controle.

Um tiro furtivo emoção da cabeça aos dedos dos pés, saltando de volta para apresentar em seu centro, onde formigava e cresceu. Ela nunca fez um homem perder o controle antes. Ela beijou o pulso batendo em sua garganta forte, medindo-o com seus lábios, sua língua, antes de responder.

— Eu vou manter isso em mente.

Ela deslizou um pouco para baixo, montando a atração da tentação. Seus pés esbarrou na muralha muito antes de ela chegou no destino. Se ela queria que isso funcionasse, ela ia ter que mudar seu plano. Ela sentou-se sobre os calcanhares. Apoiando as mãos sobre as coxas duras como pedra de Jared, ela tamborilava os dedos.



— Temos um pequeno problema.

O olhar que ele atirou debaixo de suas sobrancelhas estava cheio de uma sensualidade preguiçosa, mas não de muita ajuda. Ela acenou com a mão.

— Você vai ter que sentar-se.

Ele o fez, mesmo que a facilidade, sexy lânguido em cada movimento que disse que sabia como esticar o prazer, fazer isso durar. Para os dois. Ela rastejou por ele, observando o estreitamento de seus olhos quando ela subiu o corpo, o surto de energia girando em torno dele. Ela diminuiu seus movimentos, segurando o seu olhar enquanto ela passava a língua nos lábios, seu ritmo compatível com a profundidade da sua respiração. Um suspiro, um pé. Duas respirações, dois pés.

Sua mão desceu para o ombro, e seu dedo escorregou sob o colarinho da sua gola, jogando com a pele sensível do pescoço.

— Tire sua camisa.

— Eu pensei que este era o meu show.

— É, mas não há nenhuma razão, não posso apreciar a vista dos seus seios lindos, enquanto você está nisso.

Seus seios eram tão pequenos que eram quase inexistentes, mas que apesar de serem lindos?

Claro. Jared fez um gesto com o dedo.

— E se você trazê-los aqui em cima, eu vou provar isso a você.

Ela sacudiu os cabelos para trás sobre seu ombro, arqueando as costas enquanto ela, bela e devassa sentindo sob o toque do seu olhar aquecido, sorrindo, quando o seu olhar seguiu os poucos fios que insistiam em cair sobre os seios.

— Talvez mais tarde.

Ele traçou uma linha do pescoço até onde a saliência rígida de seu mamilo picado por sua camisa. Foi uma pequena viagem a partir da base à ponta. Ele subiu com a diligência de um homem escalando o Monte Everest, certificando-se a cobrir todas as contingências do prazer, demorando-se nas áreas que teve o seu deslocamento, mordendo os lábios, gemendo.

Seu pênis esticado até a coxa, a luta contra a constrição em seu jeans. Sentindo-se ousado e nervoso, ela agarrou a ponta de sua camisa. A forma como Jared congelou imediatamente, sua atenção chegando ao ponto, foi mais potente que o beijo mais profundo. Ela retirou o material que polegada em primeiro lugar.

— Oh sim.

Tudo o que lhe levou completar sua metamorfose a tentadora foi um olhar à expressão de Jared. O homem estava completamente encantado com a perspectiva de ver seus seios.

— Você é fácil, Johnson.

— E você, raio de sol, é linda.

Ela sorriu, puxando a camiseta até um centímetro.

— Você precisa de óculos.

Seus polegares cavalgaram até as coxas, mergulhando o bem entre eles.

— Não, eu preciso de você.



Sua certeza fluiu sobre ela, através dela. Ela puxou a camisa com um floreio e deu um lance. Ela não usava sutiã. Enquanto a camisa era lançada para o chão, ele rosnou e levantou-a e mais, deixando-a ajoelhada ao lado dele enquanto ele estava. De repente, ela sentiu exposta e incrivelmente vulnerável, o que era bobagem. Um farfalhar de roupas e estava ajoelhado na frente dela. Uma mão de correr atrás dela para trás, engolindo o outro peito dela.

— Queridinha, venha aqui.

Ele a puxou contra ele duro, quente e responsável. Sua pele fundida com a dela em um culminar perfeito. Um pequeno soluço de pura alegria jorrou.

— Você sabe que eu gosto, Rai? — Escura e abafada, a voz de Jared sussurrou no ouvido dela, subindo e descendo em notas de rouca sedução que ele balbuciou: — Eu gosto da maneira como seus cabelos roçam em toda a minha pele quando você me beija, o calor de sua boca, a delicadeza da sua forma, a forma como seus mamilos se levantam contra a minha língua com ânsia tão delicada. Mas, principalmente, eu gosto do jeito que você me abraça quando a tomo, toda quente e ansiosa, como se você estivesse segurando o mundo em suas mãos. — Sua língua traçou seu ouvido. — Agradável e com força. — Ele acompanhou a curva interna em rápidos toques que tinha que se concentrar para sentir. — Com muita, muita força.

Seus lábios tocaram ao lado de seu pescoço. Agarrou no seu seio uma vibração selvagem da sensação.

— Oh Deus.

— E isso, — ele murmurou, sugando a pele em sua boca, estendendo os arrepios, o momento. — Eu gosto do melhor de todos.

Ela inclinou a cabeça longe, dando-lhe mais espaço para jogar.

— O quê?

— A culminação perfeita que experimenta cada vez que a toco. Aposto que poderia te dar mil orgasmos diminutos antes de que necessitasse a coisa verdadeira, não? — Ela assentiu com a cabeça. Ele apertou o mamilo entre o polegar e o indicador, e pressionou.

Nossa! Prazer reunido, pouco a pouco, a cada provocação de construção, segundo antes de disparar para fora enquanto rolava o mamilo ingurgitado entre os dedos. Seus quadris roçando contra ele.

— É isto! Deixe-me sentir o que eu faço para você. Compartilhe, meu bem.

Ela estava achando que ela não tinha escolha. Mesmo que fosse completamente embaraçoso para saber tudo o que ela estava passando era transferir para Jared, ela foi impotente para detê-lo. Ele exigiu tudo dela. Outra pitada de seu dedo, outro empurrão dos quadris. Um gemido de resposta dele. Ele a puxou contra ele. Tão perto que podia sentir a batida do seu coração, a profundidade da sua respiração. Ele a queria. Tanto que era uma necessidade, mas sob o desejo, lá estava o zumbido de determinação. Ele estava contando com isso para mudar alguma coisa?

— Jared?

— Eu pensei que não estávamos pensando.

Ele estava certo, hoje à noite era apenas sobre o prazer que eles poderiam dar um ao outro. Ligou os braços em volta de seu pescoço, apertando o peito mais profundo em suas garras, sentindo seu calor e força todo seu torso.



— Nós não vamos...

Bem.

Ela virou o rosto dele. Sua boca encontrou a dela. Ela estava esperando um beijo tão feroz como a energia que emanava dele. Em vez disso, ela encontrou mansidão, paciência, uma isca.

Uma que não pude resistir. Ela mudou de posição para acomodar melhor o ângulo, abrindo os lábios para o pincel de sua língua, a abertura mais ampla, quando ele tocou ao lado de sua boca com o dedo. Dando-lhe o grito de prazer enquanto ele revirou os mamilos com uma pressão firme, mas todos os rastejando em seu colo, em um esforço para se aproximar. Oh, ela precisava estar mais perto.

Com um rosnado profundo, os braços de Jared vieram ao seu redor, transportando-a contra ele, enquanto o beijo se transformava em uma sedução voraz. Um destinado a destruir suas inibições e soltar o desejo pulsando dentro.

Suas inibições foram ridiculamente fracas. Mais simbólico do que de substância. Raisal subiu para os joelhos, empurrando a sua boca à sua, precisando de mais. Mais exigente. Ele deu a ela. Paixão e energia caíram sobre ela em uma onda gigante tão forte que pensou que ia dominá-la, mas algo nela cresceu, também, a responder ao desafio, deitando para o caleidoscópio de emoções que vem com ela, reunião que, combinando-o, encorajando ele.

Ela tinha que ter mais. Ela balançou a cabeça, a compreensão montando duramente nos saltos do pensamento, quebrando o beijo. Não, não tem mais, dar mais. Ela queria dar a ele neste momento. Colocando as mãos contra o peito, ela empurrou. Duro. Ele envolveu a cabeça com a mão. Seus lábios separados por um deslize sibilante de carne na carne.

— O que há de errado?

— Nada. — Ela mordiscou o queixo, encontrando o fio do pescoço, raspando, deixando-o sentir suas presas. Desta vez ele foi o único que estremeceu. Seu aperto puxou dentro. Ela resistiu.

Levando seus pés para trás, beijou o seu caminho no peito magnífico. Fora do canto do olho, ela viu seu mamilo. Embora muito menor do que o dela, estava esticado. Ela se deteve sobre ele, lambendo delicadamente em primeiro lugar, tendo sua sugestão de suas mãos e sua respiração, centralizando-a na sua língua quando Jared dirigiu mais, dobrando-o antes de capturá-lo entre os dentes.

Ambas as mãos envolvendo o rosto. Sua respiração se retendo em seus pulmões. Não havia dúvida de que ele queria isso. Ela o fez esperar até que todo o seu corpo foi amarrado a um fio esticado. E então ela deu-lhe uma mordida suave que perfurou sua complacência e arrastou uma maldição de seus lábios. Ela bebeu a gota de sangue que jorrou, segurando seu escuro olhar enquanto ela lambia os lábios, a paixão por ele girando, girando dentro dela.

Ela rodou a mordida, a cura da punção minúsculo, antes de beijar seu peitoral e beliscando a extremidade superior de seu estômago musculoso. Deslizando mais para trás, levantou sua bunda enquanto sua boca baixou. Um golpe de suas garras, e seu pênis estava livre. Duro, quente e grande, ele saltou para sua mão. Ela tomou-o em sua boca, sugando levemente na cabeça pesada, o desenho de sustento intangível enquanto seu prazer gritava através de sua mente.

Ele segurou-a com ele, batendo os quadris ao ritmo que ela definia, o fôlego nos próximos profundos ofegos. Ah, sim, ela gostava dele assim, no controle, mas generoso. Deixá-la agradá-lo. Dando-lhe prazer em retorno. Um pequeno tapa na face direita de sua parte traseira a fez dar um



salto. Houve tensão no tecido que cobria a sua carne, e depois da corrida de ar frio sobre suas nádegas. Ele cortou o jeans dela. A próxima bofetada adicionou mais calor do fogo entre as coxas. Sua mão voltou para baixo, não para espancar, mas para acariciar. Retirou os lábios das presas, estirando as mandíbulas para

alinhá-los.

— Maldição!

Ambas as mãos pousaram em sua parte traseira em incentivos dual. Ela mordeu sempre tão ligeiramente. Sua mensagem explodiu na pequena caverna. Sua haste seca e espessa. Ela se preparava para a explosão.

— Não, não assim. — Ele arrastou-a para cima, longe do que queria, ignorando seus protestos enquanto ele a erguia. — Abra suas pernas. — Assim que ela obedeceu, Jared foi abaixando-a, lentamente, deliberadamente, até que seu membro pressionava contra sua abertura. Grosso e intimidante.

Ela agarrou seus ombros, sua tensão interna comunicando com ele através da imprensa de suas garras.

— Bonito e fácil, raio de sol.

Ela não queria agradável e fácil. O corpo dela era dele, o apego a carne macia, ondulada, massageando ao longo de seu comprimento, ela pegou o primeiros centímetros. Seus joelhos bater no chão. Ele estabilizou até que ela pegou o seu equilíbrio, e, em seguida, suas mãos estavam na cintura.

— Gentilmente agora.

Ela balançou a cabeça. Ela sabia o que queria.

— Não. Duro.

— Você é nova para isso.

— Não sou nova. — ela suspirou.

— Para mim é.

Ela trabalhou-o mais profundamente, o prazer lançando a sua voz a um gutural como ela conheceu o seu desafio.

— Você me aceitou.

Ele riu, na verdade ele riu, e depois o polegar estava lá, entre as pernas, pressionado contra seu clitóris. Uma vez, duas vezes, recolhendo sua umidade antes de voltar a rodar delicadamente. Muito prazer.

— Oh meu Deus.

Sua sobranalha ergueu, sua diversão corria com seu próprio desejo, defrontar com o dela, borrar a linha entre, apenas fluindo e fluindo, preenchendo seus pensamentos, mesmo que ele enchia o seu corpo.

— Isso, só nós dois, querida.

Sim, foi. Apenas ele e ela juntos. Sua paixão, sua paixão. Seu polegar em seu clitóris, esfregando e acariciando. Seu pênis em seu corpo, pulsando e empurrando, espalhando a queimadura de sua posse, a uma dor que a consumia cauterizada a sua principal antes de disparar para fora em todos os consumidores de ondas de fogo que a chamou para gravar junto com ele. Ela caiu, gritando no cume perfeito.



Ela segurou-os juntos por um instante, uma mistura perfeita de macho e fêmea, o seu corpo para o abrandamento da procura dos seus, o seu batimento cardíaco encontrando o ritmo dele, mantê-los juntos, porque nunca iria ficar melhor que isso e queria saborear o momento. Construir uma memória.

Ela não conseguia segurá-la para sempre, embora, e quando os dedos Jared em seu quadril e seu polegar acariciavam seu clitóris, sua paixão subiu em uma chamada de selvagem ao seu. Um que ele respondeu com um pulso de seus quadris, a sua energia. Ela levantou-se e caiu para trás para baixo, reclamando da perfeição absoluta tecendo o momento. Mais e mais eles se moveram juntos em uma dança perfeitamente coreografada, que misturava tanto prazer e emoção, retorcendo ao seu redor em um brilho dourado de energia que se sentia tão bem, chamou-a tão irresistivelmente.

Raisa escondeu o rosto na garganta de Jared enquanto tornou-se demasiado. Seus lábios roçaram sua orelha.

— Goze para mim raio de sol. — Seu polegar acariciou uma última vez perfeita. — Agora!

A ordem atravessou-a meio segundo antes que seu orgasmo o fizesse. Ela resistia a ele. Ele a pegou com uma mão atrás da cabeça, mantendo o rosto pressionado no pescoço. Seus dentes morderam seu ombro enquanto seu pênis espesso pulsava dentro dela, banhando-a com sua semente, sua paixão. A picada quente e, em seguida, ele foi tirando tudo o que ela queria dar-lhe o sangue, suas emoções, seus pensamentos, seus segredos. Oh Deus, seus segredos. Com um gemido desesperado, Raisa bateu a porta mental fechada. Enquanto as ondas do seu clímax abraçavam com ela, ela rezou para ter tido tempo.

CAPÍTULO 14

Ela estava se escondendo de novo. Jared observou Raisa enquanto ela costurava o rasgo em seu jeans com os itens do kit que ela carregava em sua mochila. Nada do que ela sentia por dentro mostrava-se em seu rosto. Para todos os efeitos, ela parecia serena. Ela não estava, mas ela podia ser surpreendentemente hábil em apresentar uma fachada falsa. Essa habilidade o levou de surpresa no D’Nallys, o fez supor o pior, mas nada era fácil com Raisa. Ela tinha profundidade, e nas profundidades escondia um mundo de dor, mergulhada em segredos e coberta com uma crença de que, se ela apenas continuasse algo que, em algum lugar acabaria por mudar e tudo estaria bem. Não importa o que acontecesse, ela sempre acreditou no bem, em fazer o bem. Mulher que acreditava em fazer o bem não era uma traidora insensível Mas eles poderiam estar desesperados. Ele suspirou mentalmente.

Ela foi apenas um deslize de uma coisa. Tão pequeno que podia atirá-la com um toque de um dedo, dominá-la com um aumento de sua mente, mas nunca nada o fazia se sentir tão vulnerável como ela o fazia. Com um lance de cabeça, poderia fazê-lo esquecer o que ele deveria fazer e fazê-lo queimar com o desejo só para tocá-la, e ele que se dane se ele sabia como lutar contra isso. Ou contra si mesmo.

Jared cruzou os braços sobre o peito e inclinou-se contra a parede. Ele queria rosnar com a frustração. Ele a pegou em flagrante, vasculhando através do escritório de Ian. Por que ele não



podia acreditar que era assim tão simples? Que ela era um plano do Santuário para enganá-lo. Ele culpava o orgulho, se algo dentro dele não se rebelou em que a descrição também.

Uma faixa grossa de cabelo caiu sobre seu ombro. Ela empurrou-o para trás em um gesto agora familiar. As mechas mais leves na coroa brilhavam quase brancas enquanto se movia. Seu próprio pequeno anjo, vestida com uma de suas camisas extra, porque ela ainda era tímida demais para se sentar em suas próprias roupas que deixam suas extremidades descobertas. Ela era uma estranha mistura de ousadia e modéstia. Encantadoramente doce e sedutora, e tão sexy quanto a visão de sua virilha nua, em uma gola alta e nada mais seria. Ele gostava de vê-la em sua camisa de cor verde escura, a barra mal preservando sua modéstia. Ele gostou do fato de que algo seu a cobria, a confortava. Gostava tanto quanto ele não gostava de vê-la sofrendo. Ele suspirou mais uma vez, aceitando o que ele tentou ignorar enquanto se apegava à raiva. Ela estava sofrendo. Porque em algum lugar ao longo de sua vida, ela tinha começado a ideia de que o perdão não era para ela. E, no curso turbilhão de seu relacionamento, ele nunca tinha lhe dado razão para acreditar que tinha alguma para lhe oferecer. Ele tinha acabado de assumir que ela sabia que ela tinha sua lealdade e o que isso significava. Eles provavelmente acharam que ambos sabiam muito sobre os outros, mas os pressupostos pararam agora.

Ela olhou para cima, sentindo o seu olhar, e puxou a agulha através do cós de sua calça jeans. Com um empurrão de seu queixo, ela indicou as calças remendadas, simpatia forçada em sua expressão, também em sua voz.

— Não está contente de que tenha vindo preparada?

Ele mudou de posição, deixando os olhos a vaguear sobre ela a partir do topo da cabeça até a ponta de seus dedos delicados.

— Oh, eu não sei. Eu gosto da maneira que você parece com a minha camisa.

— Ha! — Ela amarrou um nó e mordeu o excesso de fio. — Você teria um acesso de raiva se outro homem me visse dessa maneira.

Sim, ele teria. Ele então olhou para a quantidade de carne branca visível em sua coxa direita. Cremosa e macia, ele chamou as suas presas em uma onda de desejo. Ele gostaria de marcar lá. Uma mordida de amor para enfatizar sua posse. Deixar seu cheiro e energia nela não era suficiente. Um ser humano não os reconheceria. E isso significava que não iriam reconhecê-la como tomada. Ele não queria Raisia vulnerável a qualquer pessoa. Ela era sua.

— Mas, — ressaltou ele, a escuridão elevando de seu espírito, ele aceitou a verdade de que seus instintos gritavam para ele. Rai não iria traí-lo. — Não há ninguém por perto.

O mais leve rubor tocou seu rosto.

— Nós não podemos ficar aqui para sempre e ter relações sexuais. — Ter relações sexuais em vez de fazer amor. A escolha de palavras significativas dela pouco românticas. Ela estava pondo distância entre eles. Construindo um muro com palavras por trás da qual ela pudesse esconder a mágoa que ela esperava que ele provocasse. Ele não podia culpá-la. De volta ao D'Nallys, ele reagiu e não perguntou. Esperava sua confiança, ao invés de deixá-la saber que ela podia confiar. Lembrava impaciente quando ele deveria ter esperado para sair. E a cada minuto que passava, ficava mais e mais a certeza de que ele tinha de realizar do lado errado das coisas, quando ele a acusou de espionagem para o Santuário. Espiões precisavam de uma certa dureza para ter sucesso. Raisia era pura suavidade da cabeça aos pés.



— Eu não vejo porque não.

Ela se levantou e balançou o jeans e enfiou o pé na perna. E ela conseguiu fazê-lo sem lhe dar um vislumbre do doce território em que estava interessado em admirar. Maldição.

— Provavelmente porque eu posso sentir sua impaciência sair por todo o caminho até aqui.

Todo o caminho. Como se de quatro pés foram milhas. Apertando a barra da camisa para baixo, ela enfiou outro pé no jeans. Com um pouco de balançar sexy que um homem nunca poderia imitar, seguido de um pulo que mandou os seios saltando, ela tinha as calças de brim em cima de seus quadris. Ele suspirou quando ela fechou e abotoou e cambaleou.

Ele firmou-a com uma mão em seu braço.

— Eu quero que Slade verifique isso.

Sua mão foi até a parte de trás do pescoço onde o implante foi sepultado.

— Tudo bem, mas não comece suas esperanças acima do que ele pode desfazê-lo. O Santuário está repleto de gênios, e estou bastante convencida de que todos eles têm uma inclinação de suas mentes diabólicas.

— Ah, mas nós temos Slade.

Ela sorriu levemente quando ela pegou a gola.

— Bem, tudo ficará bem, então.

Ela era tão linda quando ela estava brincando com ele.

— Nós pensamos nele como nossa arma secreta.

— Eu pareço que estou defendendo?

Ele acenou com a mão.

— Você cheira ceticismo.

Ela virou as costas. Sua camisa escorregou dos ombros ligeiramente abaixo da queda de cabelos. A camisa continuou o lento deslizar para baixo, revelando o oco das costas acima da cintura, baixo-lance do seu jeans. Ele tomou a medida necessária para frente para pegar a camiseta antes de bater no chão. Ele deixou-a cair sobre a mochila e pegou seus quadris em suas mãos enquanto ele se ajoelhava, pressionando um beijo no doce oco, feminino. Ele deslizou a mão direita ao longo de sua pele macia incrivelmente, colocando seu abdômen, ligando os pontos de ossos de seu quadril com o calcanhar da palma da mão e a ponta do seu dedo enquanto ele a puxava para a carícia. Sua aderência caiu para seu antebraço.

— Jared.

Ele se levantou, deixando a viagem do seu braço para cima, junto com seu corpo, até seu peito repousar na dobra de seu antebraço. Esse dom saboroso pequeno. Seu dom de quem decidiu que os homens tem abençoado. Seu dom do coração machucado, que não entendeu sua importância para ele. Roçou os lábios sobre seu cabelo, respirando o cheiro dela em seus pulmões, ele falou lentamente:

— Eu cometi um erro com você, Raisa, e você vai ter que me perdoar por isso.

Ele sentiu seu coração saltar, a especiaria aromática de sua incerteza.

— Você não pode pedir a alguém para te perdoar.

Ele sorriu para os cabelos.

— Então, considere um pedido.

— O erro que você faz?



— Eu pulei a conclusões.

O enrijecimento de seus músculos era infinitesimal.

— Você me pegou em flagrante.

— Mas eu nunca perguntei o por quê.

Acenou-lhe a mão enquanto ela acrescentava outra camada da parede que estava tentando construir entre eles.

— Será que isso importa?

— É. Importava. — A ponta de sua orelha dobrada ordenadamente na abertura dos lábios. Deu-lhe um beliscão pequeno, então um beijo, antes que ele fizesse uma promessa. — Eu vou cuidar de você, Raisa. De agora em diante você pode contar com isso. Você em primeiro lugar, sem nada entre nós. O que quer que seus segredos sejam, você pode confiar em mim com eles.

Ela foi absolutamente ainda contra ele. Só por um batimento cardíaco, mas ele sentiu. Então ela afagou-lhe o braço e puxou a gola sobre sua cabeça como se nada estivesse errado.

— Obrigada.

Este foi um exemplo, quando ele não estava disposto a ser humorado. Passando em torno dele, ela andou para trás, ficar perto para que ela não poderia trazer-lhe os braços para baixo, não podia desembaraçá-los, apenas tinha que enfrentá-lo com os seios muito expostos, a sua vulnerabilidade exposta, o medo exposto. Ele não parecia menor do que o rosto dela. Prendeu as mãos com um dos seus, de outro, envolvia sob o queixo.

— A única coisa que estamos realizando, escondendo tudo o que você está se escondendo é um perigo para nós dois.

— Não há nada que eu possa dizer-lhe que já não sei.

— Não é uma negação para fora e para fora, mas uma barreira de madeira.

— Você realmente acha que jogos de palavras vão colocar-me fora?

— Eu nunca pensaria isso.

Ele ergueu a sobrancelha.

— E você ainda achava que valia a pena tentar.

Ela puxou as mãos. Ele apenas olhou para ela, esperando-a, não deixando-a ir. Ela suspirou e afundou as costas contra a parede de pedra bruta.

— Significa isto que nosso momento se acabou?

— Você está pronta para confiar em mim?

Seus lábios deslizaram entre seus dentes. Ela mordeu, conduzindo o sangue da carne gorda, deixando-a pálida.

— Eu não posso. Eu prometi a alguém.

— Esta Miri?

Ela assentiu com a cabeça.

Ele soltou o lábio.

— Algumas promessas não são para serem mantidas.

— Eu não posso.

— Então, como falamos sobre outra coisa?

O alívio em sua expressão mostrava quão pouco ela o conhecia.

— Como é que você acabou no Santuário?



Dor brilhou através de seus olhos. O piscar lento permitiu-lhe um vislumbre de humilhação diante de seu olhar enquanto desviava dele.

— Eu fui entregue.

— Por quem?

Ela sacudiu os cabelos para fora de seu rosto. Seu olhar fixo em um ponto sobre seu ombro.

— Meu namorado na época.

Ela disse com essa calma, como se não tivesse importância, não importava, mas que faria três vezes em sua vida as pessoas que ela havia traído sua confiança. A pessoa não apenas andar longe de algo assim, sem cicatrizes.

— Me desculpe

Ela encolheu os ombros.

— Você se acostuma.

— Raio de sol, ninguém se acostuma com isso.

Ela franziu o cenho.

— Como você sabe?

— Porque eu sei o que se sente de ter uma escolha como essa tirada por alguém que você ama.

Sua cabeça inclinou para o lado e se aprofundou a carranca de duplo sulco entre as sobrancelhas.

— Quem te machucou desse jeito?

— Meu irmão o fez.

— Contra a sua vontade?

— Não foi culpa de Caleb. Ele ainda estava louco com a puta que o transformou enquanto ele estava morrendo.

— Você a culpa por sua conversão?

Ela parecia surpresa.

— Ela sabia o que estava fazendo. Caleb não.

Jared tinha visto mil vezes em sua cabeça. Caleb no chão, baleado no intestino, delirando com a agonia e a perda de sangue. E, no crepúsculo, ela se aproximou. Uma sombra que separa das trevas, sem rosto, frio, cruel aproveitando a incapacidade de lutar de Caleb. Transformando-o em seguida, deixando-o sem a menor ideia de como lidar com a conversão. Como lidar com a fome em primeiro lugar, o que o tornou selvagem, porque ele não sabia no que ele tinha se tornado. Inferno sim, ele culpou a cadela, e quando ele a encontrasse, ela pagaria.

Ela lambeu os lábios.

— Talvez ela sentisse pena dele.

Ele não pensava assim.

— E neva no inferno.

— Você estava lá?

— Não.

— Então você não sabe...

Ele a cortou.

— Eu sei!



— Pode haver outras razões para o...

— Não há, e todos os seus pontos de vista de cor bonita não podem pintá-la de forma diferente do que era, porque se ela se importasse nada, nada, exceto sua própria diversão, ela teria lhe dado uma escolha, respeitado quando ele tomou sua decisão. Pelo menos ela lhe teria dito no que ele iria se tornar, em vez de deixar-nos a todos para encontrar a maneira dura.

Raisa empalideceu.

— Ele não sabia o que tinha acontecido?

— Não.

— Isso deve ter sido terrível.

— Nós superamos.

— Eu não vejo como. — Seus grandes olhos castanhos procuraram seu rosto, a simpatia dela brilhando, atingindo a partir dela, como se depois do que tinha acontecido mais de duzentos anos atrás, ele ainda precisaria hoje ser reconfortado. Jared não queria o conforto dela.

— No final, não há escolha envolvidas. A vida continua.

— E você seguiu em frente.

— Sim. Não queria te tirar do gancho.

Ela mexeu na sua aderência agarre.

— Meus braços estão ficando feridos.

— Não, eles não estão.

Ele tinha vindo a acompanhar com muito cuidado.

— Há uma pedra de rocha em minha espinha.

— Eu posso consertar isso. — Ele puxou-a para frente e, em seguida, enfiou a mão entre sua coluna e a parede, facilmente encontrando a rocha saliente e protegendo-a dela. Ela tomou a medida um passo adiante, aconchegando os seios duros encostados em seu peito, lançando-lhe um olhar sob seus cílios tão quente que chamuscou seu cabelo curto.

— Estou com frio.

Ela não estava com mais frio do que ele. Com a pequena quantidade de sangue que ele tinha dado a ela antes, ela poderia facilmente regular sua temperatura. Ele tinha um tempo duro com seu sorriso.

— O que você procura é umas palmadas.

Ela esfregou os quadris contra ele, tocando-lhe a língua no lábio inferior cheio, deixando-o lá por um sopro de roubo, segundo tentadora.

— Promessas, promessas.

Ele a beijou porque ele não poderia ajudá-la, a boca dela, naturalmente, a montagem, facilitando a sua língua entre as curvas exuberantes dos lábios, traçando a sua forma sensual, o gosto dela, deixando-a sentir seus dentes, antecipando sua mordida. Desenhando o momento, enquanto ele pudesse antes de terminar a ligação com um beijo suave. Ela estava tão cheia de insolência e de fogo. E tão determinada a afastá-lo de seu interrogatório, que ele quase se sentiu culpado por continuar. Quase.

— O que aconteceu no Santuário?

Rai piscou para ele, ainda não claramente estável ao ir para trás em pé. Sua energia caiu sobre ela em um convite claro que tudo o que ele passou a aceitar. Seu pênis pulsava, e seus



sentidos inteiramente abertos à sua presença, tendo em seu cheiro, sua essência única feminina, o ritmo do seu coração. Se o filme de sua satisfação não tinha tocado na borda de sua consciência, ele não poderia ter sido capaz de resistir.

Ele repetiu a pergunta.

Raisa franziu o cenho para ele.

— Você era muito mais divertido quando você estava me beijando.

— Diga-me o que eu quero saber, e eu vou voltar para o beijo.

Ela suspirou.

— Não, você não vai. Você só fez isso para me arrumar. E os meus braços estão realmente começando a doer.

Ele levantou-a e deixou cair as mãos no pescoço. As pernas dela enrolaram na cintura dele. Firmou-a contra a parede.

— Cuidado com a rocha.

Ele balançou a cabeça. Ele já tinha sido compensado por isso.

— Agora, não há mais desculpas, diga-me sobre o Santuário.

— Não há muito para contar. Eu não estou mesmo certa porque eles me queriam. Eles realizaram testes inicialmente, e, em seguida, eles só me trancaram em uma sala.

— Por quanto tempo?

— Quatro ou cinco anos, eu acho.

Ele tentou imaginar-se, sendo trancado em um quarto durante anos a fio. Ele não podia. Ele precisava de espaços abertos e espaço para passear. Então ele tentou imaginar ser uma mulher pequena constantemente doente e com dor, trancada em um quarto com os machos do Santuário como seus guardas. Infelizmente, ele poderia muito facilmente imaginar isso. Ele envolveu seu rosto na palma da mão e forçou-a a olhar para ele.

— Será que eles te machucaram?

— Não aconteceu nada que eu não pudesse lidar.

Que não lhe dizia uma coisa mínima. Ela tinha uma tendência a pensar que ela poderia lidar com muito mais do que podia.

— Agora não é o momento para jogar jogos de palavras.

O pensamento de um homem, qualquer homem, obrigando-a o consumia. Ele deveria ter estado com ela. Ele deveria ter estado lá para protegê-la. Ele deveria tê-la conhecido antes.

— Eu não sabia o que eu era.

Apertando seu aperto em seu cabelo, ele ocupou o seu olhar ao dele. Se ela queria brusco, ele daria a ela?

— Será que eles te estupraram?

— Você realmente acha que essa é a pior coisa que eles fazem para uma mulher?

Não. Jared tinha visto os corpos das mulheres que o Santuário tinha acabado de quebrar, conchas pervertida das mulheres vibrantes que tinham sido uma vez. Ele tocou a nuca, sentindo a obscenidade do implante.

— Mas eu achei que era um lugar para começar.

As pontas dos dedos massageavam o topo dos ombros, em um esforço inconsciente para acalmá-la. Ele acha que ela não estava mesmo ciente de fazer o esforço. Ele estava começando a



entender sobre ela. Foi a sua natureza para fazer conforto paz, cultivar. Um alerta interior que tudo ordenou que ela fez. Da mesma forma que era de sua natureza para a guerra, de comando e combate.

— Houve algumas tentativas, mas eles terminaram quando a minha reputação se espalhou.

Por que ele não poderia imaginar.

— Pode explicar melhor?

Para seu choque total, ela corou e desviou o olhar.

— Eu prefiro não falar.

Agora ela o tinha intrigado.

— Por quê?

— Porque você pode pensar duas vezes antes de ser íntimo comigo novamente.

— Querida, não há uma força neste mundo que poderia fazer isso acontecer.

— Os homens sempre pensam isso.

O cansaço com o qual ela disse enviou um arrepio na espinha, que terminou em suas bolas.

— Exatamente o que era essa reputação?

— Você sabe que eu posso manipular a energia, não é?

Ele balançou a cabeça.

— Bem, há todos os tipos de energia.

— Eu não estou percebendo o seu ponto.

Ela ergueu um dedo na frente dele e, lentamente, deliberadamente, enrolou-o para baixo.

Se ele não tivesse estado segurando-a, ele teria cruzado as pernas.

— Filho da puta.

— Exatamente. — Ela encolheu os ombros. — Após as primeiras vezes, eles se contentavam em bater-me um pouco e depois gabar-se apenas do resto.

E agora ele queria matar alguém. Ele sondou sua mente, não se importando com gentileza, necessitando as imagens dos homens que havia tocado nela. Ele teve um vislumbre de rostos rodando juntos, expressões de choque, raiva e mistura de horror em uma colagem de imagens. O suficiente para saber que houve mais do que alguns.

Suas garras cavaram seu ombro antes de se afastar.

— Não é justo, sem tapeação.

— É um direito do marido, proteger a sua mulher. — Seus dedos estendidos a partir de seus cabelos, deixando-o envoltório ondas elásticas em torno de sua mão, deixando-a ligar a ele. — Mesmo quando a mulher faz com que seja difícil.

Aquele toque suave subiu para sua nuca.

— Eu não preciso de proteção do passado.

Embora ele não quisesse, o pincel de sua energia acalmou a violência do seu. E de repente ele teve uma ideia muito boa de seus atacantes experientes. E ele estava disposto a apostar que eles nunca colocaram dois e dois juntos. Rai foi tão longe de ser uma não confiável loira como uma mulher poderia receber.

— Diga-me, eles sequer sabem que era você que estava tornando-os impotente?

Ela ergueu as sobrancelhas.



— Quem, eu? A desmiolada, loira emocional? A vampira fraca e doente, que foi muito bonito o ridículo da coleção? — Ela balançou a cabeça. — Não. Sou completamente inofensiva.

Jared sorriu e tocou o sorriso escondido no canto da boca.

— Quase faz que um homem se compadecer dos doentes bastardos.

Ela inclinou a cabeça contra o peito. Ela se enquadrava muito bem debaixo do queixo.

— Então talvez você poderia deixá-lo ir.

— Não é uma possibilidade no inferno. — Seu início fez sacudir a cabeça. Ela precisava entender alguma coisa sobre ele. — Eu não sou um pequeno urso de pelúcia dócil que você pode envolver em torno de seu dedo ou truque para fazer o que quiser, Rai.

— Eu não quero riscos para mim.

— Eu também não sou uma criança que precisa proteger. Eu sou um homem, e eu tenho grande intenção de ninguém tirar proveito de você.

— Eles quase não tiraram proveito.

Ele colocou o dedo sobre o local em seu lábio superior, onde a memória de um corte permanecia. Ele encontrou o olhar dela, deixando-a ver sua fúria, a sua determinação.

— Eles pagarão para tocar em você.

Sua resposta foi outro rolar de olhos.

— A vida é muito curta para ser pendurada em cima de coisas que não podem ser mudadas.

— Nós somos vampiros. Nós temos sempre, e talvez você tenha razão, o passado não pode ser mudado, mas partes dele se podem ser corrigidas.

Seu sorriso esmaeceu.

— Eu não deveria ter dito nada.

Ela realmente não poderia dar a mínima para os bastardos do Santuário sendo punidos. Em sua mente, ela ainda viu-se como vivendo em tempo emprestado e que fez o irrelevante do passado. Como se alguém ferir jamais poderia ser irrelevante para ele. Como se ele nunca deixe que ninguém iria machucá-la enquanto ele fosse vivo.

— Eu posso te proteger, Rai.

Seu sorriso voltou.

— Eu certamente espero que sim.

— Você estará segura no J. Circle — Ele esfregou delicadamente no implante. — Slade vai cuidar disso.

— Não se sentar aqui jogando vinte perguntas.

Ela tinha um ponto. Ele levantou os braços sobre a cabeça e recuou. Ela desenrolou as pernas. Ele deixou que ela deslizasse para baixo de seu corpo, gemendo enquanto o prazer do contato batia por ele. Seu assobio suave da respiração falou de seu próprio desejo. Ele ajudou a desvendar a gola e puxou-a para baixo sobre sua cabeça.

Quando ela puxou o colarinho para baixo fora de seu rosto, ela disse:

— Você é um homem muito perigoso, Jared Johnson.

— Eu tento, raio de sol. — Ele virou-a na direção de seu material e bateu sua extremidade esperta. — Agora, vá arrumar as suas coisas e vamos começar. A noite está passando.

Ela atirou-lhe um sorriso por cima do ombro que deve tê-lo feito sentir toda quente e macia por dentro. Em vez disso, ele só fez querer abraçá-la para a dor que ela escondia.



- Você é tão previsível.
- Diga-me que mais uma vez esta noite.

Ela parou de meados de curva, dando-lhe uma visão deliciosa de sua bunda. Seu pênis pulsava. O meneio da cabeça era puro desafio, uma ruidosa cobertura para o stress que permaneceram sob a falsa alegria.

- O que você tem planejado para hoje à noite?

Ele fingiu não notar. O dano à sua união necessária reparação. Se o jogo fingindo criou uma ponte, ele levá-la.

- Você vai ver quando chegar ao J. Circle.

O arco de sobrancelhas era um desafio puro feminino.

- Isso deveria ser um incentivo?

Ele agarrou sua camisa no chão e deu de ombros para isso.

- Definitivamente.

A picape SUV de Jared estava escondida em um bosque de árvores de aproximadamente dez milhas abaixo da estrada. No luar fraco, era muito difícil de ver, embora Raisa soubesse onde era suposto ser de abordagem de Jared. Ele caminhou até um espaço vazio entre duas grandes árvores. Ele agarrou algo e puxou. Redes de camuflagem o separavam do mato ao redor. Brilhos de energia imediatamente apareceram.

Parreira Santa. Raisa piscou.

- O que é isso?

Ela fitou o surgimento de compensação misterioso, admiração e entusiasmo correram por ela a chance de examinar o material estranho. Qualquer coisa que mexesse com as propriedades da energia fascinava.

— Algo que Slade inventou para reduzir o roubo de carro, — disse Jared, recolhendo-se as bordas da parte que ocupou.

Ela pegou o pano que repousava sobre o capô e depois parou, olhando para Jared.

- Posso?

Ele sorriu e acenou-a.

- Vá em frente.

Raisa passou a mão em uma borda. O brilho de energia desapareceu em torno de seus dedos e na parte superior da palma da mão. A parte que estava coberta pela rede pesada.

- Você pode querer mover sua mão.

Jared deu um outro rebocador. A rede começou a deslizar para baixo do para-brisa.

- Eu vou ajudar.

- Volte.

Mais rápido do que ela pudesse piscar, ele puxou-a para fora do caminho da malha caída. Ela caiu, deslizando para fora do seu alcance. Uma parte do pano caiu sobre seu pé. Ela pode muito bem ter sido o SUV. Ela não conseguia se mexer. Havia uma qualidade de sucção estranha no peso. Antes que ela foi feita a estudá-la, Jared a puxou. A pressão sobre as articulações era imensa.

- Você está bem? — As mãos dele estavam sobre ela, sondando, procurando.



Ela não tirava os olhos da compensação. Ela empurrou as mãos.

— Eu estou bem.

Ela enrolou em seus joelhos e arrastou os dois pés para a malha estranha. Parecia tão importante como teia de aranha. Ela olhou para Jared enquanto ele agachava-se ao lado dela.

— Não deve ser tão pesado.

— Sim. — Jared pegou no canto e colocou o resto fora do veículo. Ela caiu no chão com uma pancada sólida. — Slade está não muito feliz com isso. Se você quer começar chamá-lo de tolo, basta perguntar a ele como seu problema de malha está indo.

Ela levantou a ponta. Levou toda sua força.

— O que o torna tão pesado?

— Tem algo a ver com a maneira que absorve a energia.

Ele não fez qualquer esforço para rolá-lo acima. Ela arriscou um palpite sobre o motivo.

— Você não pode levantá-lo, pode?

Ele deu de ombros e empurrou o Stetson para suas costas.

— Ainda não. Eu vou ser capaz disso, em um instante. Ela libera a energia muito rapidamente uma vez que o contato é quebrado.

— Não absorver a energia da terra?

— Não. Ela não está sintonizada com a energia natural. Apenas mecânica.

Ela tocou novamente. Assim era ajustável. Ela experimentou com uma sonda de luz. Parecia estranho e dissonante até que percebeu que era porque ela foi usada para a energia emitida um campo que ao invés de projetar. Uma vez ela fez a adaptação, ela podia sentir o padrão.

Jared levantou e deu um passo adiante.

— Isso deve fazê-lo.

Ele tomou a ponta ao lado dela e jogou-o para o outro lado. O tecido flutuou pelo ar. Ela levantou-se e pegou o outro canto. Ela podia levantá-la com um dedo. Ela segurou a vantagem e trouxe-o até Jared, que realizou o lado oposto.

— Isso é incrível!

— Eu disse que Slade era impressionante.

Ela podia ouvir o orgulho em sua voz. Ele tomou as bordas e dobrou longitudinalmente, antes de lançar-se.

— Você ama muito seus irmãos, não é?

— Eles são toleráveis. — Tão seco como o tom era que ela pudesse ouvir o amor. Homens! Tendo sempre para manter as coisas frescas. Ele olhou para ela, aqueles olhos castanhos endurecendo enquanto ele perguntava: — E você? Você tem algum irmão que estava perto?

— Havia um abismo entre minha irmã e eu. Ela tinha apenas dois anos quando eu vim trabalhar para Nicholai. Então, não, há chance não era para realmente formar um relacionamento.

— Eu não acho que eu poderia ter feito isso sem meus irmãos.

— Você quer dizer que viver como um vampiro?

Ele assentiu, caminhando até o caminhão. Ela seguiu quando ele continuou.

— É muito bonito sempre foi o Johnsons contra o mundo.

Ele destrancou a escotilha e jogou o pano em que parecia uma caixa de terracota. Pegando a tampa do chão, ele colocou-o na caixa e em seguida, amarrou-o para baixo.



— O que impede de drenar a energia do carro?

— A caixa.

O recipiente parecia inócuo no que parecia ser uma cama de borracha, sem dúvida, para mantê-lo de ser lançados ao redor das estradas de montanha áspera. Se a energia saindo da malha era intrigante, a energia saindo da caixa era positivamente fascinante. Ela estendeu a mão para ela. Ele pegou a mão dela.

— Você pode estudá-la mais tarde.

A mágoa a pegou de surpresa. Ela havia esquecido a desconfiança entre eles, o tempo na caverna a tinha embalado em uma falsa sensação de segurança.

Jared recuou, levando-a consigo. Ele fechou a escotilha.

— Nós precisamos ir.

O comentário virou a cabeça para cima. Havia perigo? Ela pesquisou, detectou nada.

— Pensei que estávamos a salvo aqui.

Até onde ela poderia dizer, nada se movia.

— Não há tal coisa como mais seguro. — Ele abriu a porta do passageiro. — O treinador espera.

Apenas para a barreira de que ela perguntou:

— O que faz você pensar que eu quero ir com você?

— Você não quer?

— Talvez sim, talvez não.

Ele apontou para um caminho passando pela montanha.

— O próximo complexo Renegado é naquele caminho, por lá.

— No alto da montanha?

— Exatamente.

Ela olhou para ele como se o local da próxima complexo fosse completamente culpa dele.

— Eu te odeio.

— Você me disse isso na primeira vez que nos encontramos.

— Eu não disse uma palavra.

— Você lamentou todo o caminho.

— Eu não!

— Não falou alto, mas você tinha certeza do projeto.

Ela agarrou a manivela.

— Você não pode me responsabilizar por aquilo que você ouve quando você bisbilhota — A meio caminho até ao interior, com a mão envolvendo a bunda dela e deu-lhe um impulso, não se afastando de imediato, demorando para dar a carne sensível um pequeno aperto.

— Mas posso te responsabilizar por insistir. Eu não posso te bloquear.

— Eu não fiz isso. — Ela suspirou, fixando-se no assento de couro.

Ele sorriu para ela, uma mão sobre a moldura da porta, o outro à beira da porta aberta.

— Os diabos você não fez. Você tem um problema real, mantendo-se fora da minha cabeça.

Ela não conseguia pensar em nada para dizer rápido o suficiente. A porta fechou com um clique decisivo que implícita a palavra final. Ela agarrou o cinto de segurança. De jeito nenhum ele teria a palavra final. O problema era que, pelo tempo que ele ficou resolvido em sua sede própria,



ela ainda não conseguiu chegar a uma resposta. Maldição. Principalmente porque era verdade, mas isso não significa que ela gostasse.

O sorriso que ele enfiou a chave na ignição era conhecedor.

— Oh, cale a boca.

— Eu não disse nada.

— Você estava pensando nisso.

Ele ergueu a sobrancelha.

— Como você sabe disso?

— Não é porque eu estava em sua mente.

Sua mão envolveu no queixo dela, virando o rosto para ele.

— Eu não me importo de ter você em minha mente, raio de sol. Ao contrário de você, eu não tenho quaisquer segredos, e há sempre a cabeça.

— Sobre?

Seus olhos brilhavam e seu sorriso voltou como lobo como vampiros poderiam chegar.

— Você tem energia sexy.

— Oh, por amor de Deus! — Ela jogou as mãos para cima, curiosamente embaraçada. — A energia não é sexy. É apenas... energia.

Na verdade, ele riu.

— Diga-me isso a próxima vez que a acaricie, suave e doce, sobre um pênis.

— Eu vou... Eu vou... — Céu santo, o que poderia dizer? Que ela estava arrependida? Isso seria apenas ridículo, porque o som que provavelmente não era um homem vivo que não iria gostar. Outro pensamento bateu. A um horror. Ela não estava sempre no controle da sua energia. — Faço isso a... todos?

Logo que as palavras saíram de sua boca soube que não. Não sabia como, só sabia.

—Não. —O olhar de Jared cortou a partir do canto de seu olho estava afiada como uma navalha. — Esse prazer você reserva apenas para mim.

— E se me escapa alguma vez?

Apertou a mão no volante, antes de relaxar. O SUV poderoso subiu para a estrada com um rosnado baixo que mal cobria o riso que retumbou em sua garganta.

— Isso não é uma preocupação. Eu mantenho um olho muito próximo de sua energia.

CAPÍTULO 15

RAISA apertou mão por cima da porta enquanto Jared virava o SUV para o que parecia ser pouco mais do que um caminho de vacas. Em ambos os lados do veículo, ao longo das bordas da floresta, ela podia ver e sentir flashes de movimento.

— Jared?

— Você vê os lobos?

— Sim.

— Não se preocupe, eles são McClarens.

— E isso significa que...?



— Eles são amigos.

— Você tem uma aliança com mais de um bando de lobisomem?

— O McClarens são malditos parentes próximos. Com o bando de Ian temos uma tolerância recíproca. Enquanto ninguém traz o nome do meu irmão mais novo, nos damos muito bem.

Raisa podia ver "muito bem" o relacionamento entre os vampiros e lobisomens ainda a ser uma coisa assustadora.

— O que ele fez?

Jared deu de ombros e o canto de sua boca se contorceu.

— Ninguém está falando, inclusive Jace. Mas descobrir que é Jace e descobrir que ninguém está falando, é ruim.

— Jace é um causador de problemas?

Jared a cortou com um olhar surpreso.

— Não, apenas um brincalhão selvagem. Nunca se sabe o que vai levar a sua fantasia ou quão longe ele vai levar um ponto.

— E ele fez um ponto com o bando de Ian? — ela arriscou um palpite.

— Essa é a nossa suposição.

— Isso não poderia ter sido conveniente quando o Santuário fez o seu movimento.

— Fez as coisas difíceis até que a teima natural do Ian saiu à luz.

— Ian é o que você chamaria um outro brincalhão selvagem?

Um outro olhar em sua direção.

— Você já encontrou o homem, o que você acha?

Lembrou-se da energia de Ian. Incrivelmente forte e intensamente focado. Ela podia vê-lo tomar uma posição sobre o que era importante para ele e o diabo tomar o derradeiro. Ela também pode ver ele não se envolveria em questões que não lhe diziam respeito. Era definitivamente um homem de tudo ou nada.

— Eu acho que ele seria um inimigo muito ruim de ter.

Ele pareceu surpreso.

— O quê? — Ele deu de ombros. — Isso soa estranho vindo de você. Você está sempre olhando o lado positivo de tudo.

— Esse é o lado positivo da situação.

— Sim.

— Por alguma razão, Ian decidiu não ser seu inimigo. Eu acho que você devia considerar isso uma coisa boa.

Mais sombras apareceram. Não mais escondidos, os lobos corriam ao lado do SUV, passeando-o facilmente. Sua meia boca aberta em sorrisos, que mostravam muito grande, dentes afiados. Rai lançou-lhes um olhar desconfiado.

— Você tem certeza que eles estão do nosso lado?

Jared sorriu.

— Positivo. — Ele ergueu a mão em um aceno casual. O maior lobo com pele de âmbar e olhos claros, sua cabeça inclinada para trás gritou antes de se desviar para a direita.

— E você está certa. Temos sorte de ter Ian ao nosso lado no conflito. Embora ele pudesse ter tomado a decisão um pouco mais cedo do que ele fez.



- Quando ele fez isso?
 - Quando nós estávamos de joelhos para os guerreiros do Santuário e perdendo mal.
 - Isso parece um timing perfeito para mim.
- Seu "Parece" foi seco.

O SUV bateu um barranco, sobre o centenário na curta viagem de carro até a estrada, saltando em torno dela e mordendo os dentes juntos.

- Uh-huh.

Ela cavou as unhas da mão esquerda no assento e agarrou a barra do lado superior da janela mais difícil.

- Você está testando a suspensão do veículo de propósito?

Seus olhos observaram seu agarre no banco.

- Desculpe. — Ele abrandou no acelerador. — Apenas pressa para chegar em casa.

Casa. A palavra virou a atenção dela longe dos lobos. De repente, ocorreu-lhe que Jared estava apenas levando-a para um outro complexo, ele ia levá-la para sua casa. Onde sua família e amigos viviam. Oh diabos. Ela lambeu os lábios com a língua seca de repente. Em sua época, um homem só levava uma mulher para a casa de sua família por uma razão. É claro que já não era sua época. E talvez as coisas tenham mudado, mas ela olhou Jared sob seus cílios. Isto poderia ter ser estranho.

- O que você vai lhes dizer sobre mim?

- A verdade.

A verdade pode ser muitas coisas diferentes, dependendo do ângulo de uma pessoa que olhou para ele.

- E o que seria isso?

Sua energia acariciou mais dela com a suavidade de um toque.

- Que você é minha esposa.

- Isso não é verdade.

- É, se eu disser que é.

- Você não pode simplesmente declarar-me a sua mulher.

Sua sobancelha subiu.

— Querida, quando se trata de vampiras bonitas como você, eu posso fazer o que quiser, e você sabe disso. A escolha da união está nas mãos do homem.

Ela sabia disso. A sociedade vampira era muito mais conservadora. Chauvinista ao extremo. Razão pela qual ela ficou longe de todos os vampiros do sexo masculino que ela pudesse.

— E você quer vínculo comigo? Permanentemente? — Ela não esperava isso. Havia níveis de acasalamento vampiro, desde o mais leve para a ligação permanente que veio de marcação. Ela e Jared estavam jogando em algum lugar no meio.

- Essa é uma ação feita.

Ou assim ela pensava. Seu coração pulsando em seu pescoço, e ela perguntou:

- Desde quando?

— Desde a primeira vez que fizemos amor. — A mão dele em seu pescoço, os dedos deslizando abaixo da gola esticada para tocar o local onde o ombro e o pescoço se juntavam. Pulsou em seu toque, aquecido. — Mas eu fiz isso ontem permanente.



Ele a marcou. Ela bateu a mão de lado.

— Você não. — Ela explorou o local com os dedos, sentiu o calor aumentar. — O que você fez? — Meu Deus, o que ele fez?

Ela derrubou o visor para baixo e abriu o espelho. Puxando a gola da camisa longe, ela olhou. Energia — brilhante e pura — corria de vermelho nas bordas, irradiada fora do local. Oh caramba, ele a marcou. Ela suspirou e girou sobre ele, apenas para encontrá-lo esperando por ela. Sua mão curvada em torno de sua cabeça e puxou-a para ele enquanto se manteve um olho na estrada.

— Você é minha, baby, a partir de agora até o inferno congelar e nós perdermos nossos pés.

Ela preparava as mãos no seu lado. Seus músculos não eram páreos para os dele. Ela ia aonde queria, deslizando pelo banco corrido até o quadril e encontrou seu ombro entalhado sob sua.

— Você não tinha o direito.

Seus lábios roçaram os dela.

— Eu tinha todo o direito.

Ela balançou a cabeça, ignorando o calor de sua boca, seus puxar seus sentidos dela. Ele tinha roubado a sua escolha. Arriscou tudo.

— Você estragou tudo.

Ele balançou a cabeça e deixou-a ir.

— Eu coloquei isso direito.

Ela sentou na poltrona, cambaleando com as ramificações do que isso significava. Ela colocou a mão para trás sobre o local.

— Eu não entendo como eu poderia não saber?

— Eu esperei você estar um pouco distraída no momento.

Ela queria bater-lhe o sorriso satisfeito nos lábios. Não que ele iria fazer nenhum bem. Ele tinha conseguido o que queria. Uma alegação de que todos os seus outros machos reconheceriam. Que o Santuário reconheceria. Ele a marcou, firmou-a como dele. Aprisionou-a. Recostada na poltrona, a raiva começou, a construção no fundo, ganhando força com que surgiu. Ele não tinha o direito.

— Bem, eu não estou distraída agora.

— O que significa isso?

— Eu não estou aceitando o seu pedido.

Ela era a mulher mais ilógica que ele já conheceu, Jared decidiu. Ela se sentou ao lado dele, queixo para cima, olhando firmemente para fora do para-brisa, braços cruzados sobre o peito, em uma declaração de guerra. Uma guerra que não podia esperar para ganhar. A lei imortal era muito seca e cortada quando falava sobre acasalamentos marcados. Eles eram permanentes, sem revogação, o vínculo mais profundo do direito.

— Para uma mulher que afirma ter abraçado a vida de vampiro, com certeza você está escolhendo as leis que você pretende seguir.

— Bem, se casar é algo que eu sempre pretendi ter uma palavra a seguir.

— É por isso que você acabou trabalhando em um bar?

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra.

— Prostituição com certeza teria cortado sobre as opções de seu casamento.



— Da mesma forma que a minha suspeita de ligações ao Santuário de ter arruinado as minhas opções de casamento como um vampiro?

A réplica picou

— Você age como quem não quer.

— Eu não quero

— Mentira. — Ele lutou contra o veículo de volta no caminho em que balançou sobre uma rocha. — Você estava comigo o tempo todo.

— No sexo, sim, mas não me lembro de você me perguntando se eu queria passar a eternidade com você.

Isso foi muito provocador.

— Você concordou em ser minha.

Houve uma pausa e depois, muito deliberadamente, ela esclareceu:

— Durante o clímax apenas.

Durante o clímax apenas, seu burro.

— Certo.

À frente, a ilusão de parede de pedra apareceu. O SUV se abatia sobre ele. Ao lado dele, Raisa ofegou. Apertou a mão dela sobre o banco, unhas enfiando no couro. Pelo menos ela teve a sensação de ter medo de alguma coisa. Jared pisou no acelerador. Sua aderência transferida para a sua coxa. A margem de suas garras eretas em sua pele através de seu jeans. Ela não fez, contudo, dizer uma palavra. Ela apenas olhou para aquela massa de pedra subindo rápido, e soprou pelo nariz, devagar e com firmeza, agarrando-se a ele em seu medo. De repente, ele sentiu como o burro que tinha tudo, mas o acusaram de ser.

— É uma ilusão.

Seu domínio sobre a perna não facilidade.

— Então, é muito bom.

— Obrigado.

Ela ainda estava olhando para frente, mas ele podia sentir sua energia se estender para fora, compreendendo a ilusão, a conclusão da armadilha.

— Não

Ela parou imediatamente de sondagem.

— O que teria acontecido se eu tivesse continuado?

— Você teria explodido nós dois para cima.

— Toque agradável.

— Obrigado.

Ele destrancou a armadilha, não escondendo o segredo de sua mente curiosa. Ela seguiu o seu movimento facilmente através do processo de vários níveis, a construção de excitação quando ele chegou ao último nível, antecipando o movimento correto, antes que ele o fizesse, apenas segurando-se para trás de fazê-lo diante dele.

Foi uma experiência estranha, tendo alguém tão sintonizado com ele. Surpreendentemente, não desejado. De muitas maneiras, a correta. A ilusão titilou, mas manteve-se. O SUV a atravessou a toda pressa. Reparou a ilusão de amparo e deteve o SUV de repente.

— Será que aqueles tolos do Santuário realmente acham que você era uma desmiolada?



Sua atenção estava ainda na ilusão.

— Sim.

— Eles eram idiotas.

Ela encolheu os ombros.

— Eles eram homens.

Aparentemente, seu sexo era todo em água quente no momento. Jared esfregou a mão sobre a nuca. Ela era bonita, mesmo de perfil, a ligeira inclinação do nariz sobre os lábios dando-lhe um olhar duende desarrumado, o ponto de sua mandíbula enfatizando que ela não era a ideia de alguém de fácil.

— Rai?

Ela olhou para ele, então, os olhos castanhos apertando com raiva.

— Não há nada a dizer.

— Nem mesmo, me desculpe?

— Você lamenta?

— Lamento que você não percebeu o que estava acontecendo.

Ela virou-se no assento, seu joelho erguido e para o lado em uma pose puramente feminina que elogiaram a sua beleza. Tudo nela era luxuriante, perfeitamente feminino, do creme de sua pele para a beleza de seus cabelos sedosos. E ela só continuou até a profundidade de seu coração mole.

— Diga-me alguma coisa. Se você tivesse que fazer tudo de novo, sabendo que você iria me encontrar no escritório de Ian, você iria?

Ela queria dizer-lhe que sim. Ela estava esperando por ele para dizer-lhe que sim. Ele podia sentir o quanto.

— Isso não é o que aconteceu.

— Mas, se tivesse acontecido dessa maneira?

Seu olhar procurou o dela, sem dúvida, à procura de algo para segurar. Ele não tinha uma coisa para lhe dar. Nenhum vampiro antes que ele se virou e certamente não depois.

— Não, eu não vou especular sobre o contrário.

— Então me diga, por que você fez isso?

— Porque eu queria você. — Porque o seu vampiro estava no controle. Porque ele não tinha sido capaz de parar mesmo.

— E fez tudo certo?

A raiva e a decepção extrema a pergunta que ele tinha certeza era retórica. Jared agarrou a mão atrás da cabeça e arrastou-a para frente, plantando um beijo duro em seus lábios antes que ela pudesse protestar.

— Não, não, porém está feito e não há nenhuma mudança, assim ambos temos de aceitá-la.

Seus dedos tocaram seus lábios. E então sua língua.

— Como você sabe?

Ele não conseguia tirar os olhos do movimento preguiçoso de sua língua rosada sobre o lábio inferior cheio.

— Saber o quê?

— Saber que não há mudança?



— Ninguém tem.

A forma como os olhos dela se estreitou quando ela disse:

— Há uma primeira vez para tudo., — não lhe deu um calor indistinto.

Assim que o SUV seguiu para dentro do quintal, a porta da frente da casa se abriu. Allie, a esposa de seu irmão, veio correndo para a varanda, seu longo cabelo castanho flutuando na brisa, o sorriso em seu rosto tão amplo quanto sua barriga, que era de cerca de oito meses de gravidez.

Jared praguejou e abriu a porta. Se ela descesse as escadas a essa velocidade, ela ia cair de cabeça para baixo deles. Ele não precisava ter se preocupado. Caleb foi quente correndo atrás de sua esposa impulsiva, e se ele não tivesse feito, os dois lobos de plantão estavam no degrau mais alto antes que ela o alcançasse.

Jared relaxou contra a porta. A expressão de Caleb era sombria enquanto ele deslizava o braço em volta da cintura de Allie e pegava a mão dela na sua. Os rostos dos lobos eram tão sombrios como quando ela deu o primeiro passo.

— Cruzes, você acha que a gravidez arrancou as células do meu cérebro careca. Eu sei como subir e descer escadas. — Allie disse para ele de forma clara.

— Jared?

Jared inclinou-se e olhou para o interior do SUV. Raisa olhou para Allie, o choque evidente.

— Essa mulher é um vampiro.

— Sim.

Jared fechou a porta e deu a volta ao lado de Raisa, abrindo a porta. Ela estava sentada no banco a olhar para Allie, como se fosse a oitava maravilha do mundo. Tal qual os vampiros, ela era. Os poucos que conheciam sua condição, o que é. Raisa tomou sua mão, deixando-o ajudá-la a sair do veículo, ainda olhando para Allie.

— Vampiros não podem engravidar.

— Isso nos disseram.

— Jared! — Allie veio correndo também, andando chacoalhando com seu entusiasmo normal.

Seu estômago alcançou-o em primeiro lugar. Jared firmou-a com as mãos sobre os braços.

— Cuidado com o meu sobrinho aí, Allie.

Ela acenou fora a sua preocupação.

— O bebê está bem. E vai ser uma sobrinha.

Ele se inclinou de modo que ela poderia abraçá-lo, verificando a sua energia mental para certificar-se da pequena colisão não tinha nada chateado. Antes que ele concluísse seu inventário, Allie estava fora de seus braços, abaixando em torno dele.

— E quem é essa?

— Minha esposa.

— Sua esposa? — Ela se virou para trás e deu-lhe outro abraço rápido antes de se concentrar em Raisa novamente. — Estou tão feliz por você.

Ele ouviu um suspiro suave e foi a tempo de ver o choque de Raisa enquanto Allie colidia com ela em um abraço entusiasmado. Ela não estava a olhar para Allie embora. Sua atenção



estava em Caleb, seguindo seu progresso como se estivesse acompanhando o progresso de uma perseguição puma

— Finalmente, um pouco mais de estrogênio para equilibrar o excesso de testosterona por aqui. — Allie a abraçou novamente.

Caleb apareceu ao lado dele.

— Pensa que sua esposa vai sobreviver a saudação?

Jared riu.

— Raisa vai sobreviver, mas talvez você queira chegar lá e salvar seu filho de uma cabeça de panela.

Caleb sorriu.

— Allie insiste em um pequeno empurrão não vai machucá-lo.

— Da mesma forma que ela insiste que vai ser uma menina?

Mesmo o mais velho vampiro não se lembraria de uma menina vampira nascer de um casal.

— Muito bonito. — Caleb estudado ele, seus olhos verdes grave. — Você está bem?

— Sim. Apenas uns poucos tumulto, mas nada para escrever sobre a casa. — Jared olhou para as mulheres. Allie estava falando de uma tempestade. Raisa estava ali com aquela expressão peculiar no rosto.

— Foi Jace capaz de pegar a folga?

— Sim, mas ele acabou de chamar. Foi um desperdício de tempo.

— A reunião não aconteceu?

— Não. Parece que estávamos de mão beijada um pouco de decepção.

— Maldição. — Justo que eles precisavam. Outro mistério do Santuário. — Onde está Jace agora?

— Ele está em seu caminho de volta. Ele deve voltar amanhã ou na próxima noite.

— Bom.

Caleb olhou para Raisa.

— A única coisa que saiu de toda esta viagem é a mulher que você encontrou.

Havia uma nota de voz de Caleb que Jared não gostou. A carranca em sua cara que significava problemas.

— Você pode muito bem cuspir o que está incomodando.

Em vez disso, Caleb inclinou a cabeça para o lado e estudou Raisa com intensidade enervante.

— Apresente-me a sua mulher.

Os cabelos arrepiaram na parte de trás do pescoço de Jared. Ele sondou a mente de Caleb. Estava fechada, um acontecimento imprevisto, o suficiente para causar preocupação.

— Por quê?

— Apenas faça.

Jared entrou no campo de visão de Caleb.

— Por quê?

— Eu estou apenas interessado em fazer o conhecimento da mulher que conseguiu escapar do santuário e de patrulhas Renegadas neste último ano.



O inferno que ele estava. Havia alguma coisa acontecendo. O tempo todo ele tinha falado, Caleb não tirou os olhos de Raisa. E todo o tempo que olhava Raisa, que olhava de volta para ele, olhos arregalados e os lábios entre os dentes, a ansiedade saindo dela em ondas.

— Vem cá, Rai. — Jared ordenou.

Ela não se mexeu, apenas olhou para Caleb, como se ele fosse o Flautista de livros de história. Uma estranha energia girava entre os dois. Jared marcou. Caleb não a tinha cativado.

— Que diabos você está fazendo?

— Eu não estou fazendo nada.

— O inferno não está.

— Uh-huh. — Caleb estendeu a mão. — Allie?

— O quê?

— Venha aqui.

— Eu estou ocupada.

Caleb sacudiu a cabeça, deu a volta Jared, e pegou Allie pelo braço.

Ela olhou para ele em confusão.

— O que está fazendo?

Caleb não lhe deu nenhuma escolha, apenas puxou seus três passos.

— Eu não acho que a nossa convidada é o que você acha que ela é.

— Bem, claro que não. Ninguém é. Isso é parte da experiência de conhecer alguém. Descobrir quem eles são.

Raisa estendeu a mão pairando entre eles uma fração de segundo antes de cair para o lado dela.

Caleb empurrou Allie para trás.

— Derek?

Os grandes lobos vieram imediatamente.

— Levem Allie para dentro.

Allie fincou em seus saltos.

— Banque o Machão comigo, Derek, e você vai engolir suas bolas.

Derek sorriu para o aviso, mas não lançou Allie longe, mais do que provavelmente por medo de machucar o bebê do que qualquer outra coisa. Como líder do McClarens. não tinha medo, mas ele tem um respeito lobo para uma mulher grávida.

— Agora não é hora de começar a ser teimosa, Allie, — Caleb avisou, sem olhar para sua esposa. Toda a sua energia parecia ser projetada em Raisa.

Allie cruzou os braços sobre o peito acima do monte da sua barriga.

— Tarde demais. Passei teimoso três minutos atrás.

Jared moveu-se para o lado da Raisa. Assim perto, ele podia sentir o seu tremor.

— Que diabos você está fazendo, Caleb?

— Você sabe o que é isso, Jared?

Ele pôs o braço em torno de Raisa, absorvendo o fino tremor que a balançou da cabeça aos pés.

— Minha esposa?



Raisa sacudiu a cabeça e caminhou para o lado. Longe de sua proteção. Ela estava negando ser sua esposa ou negando com medo do que Caleb ia dizer?

— Oh, ela é mais do que isso. Não é, Raisa?

Nesse ponto, Jared não realmente muito bem cuidado.

— Volte para o inferno, Caleb.

Caleb tirou o chapéu para baixo, deslocando para a direita junto com Raisa, mantendo-se na frente dela, mantendo seu olhar fechado com o dela.

— Não.

A onda de mal-estar passou entre os espectadores.

Derek pisou entre Allie e Caleb, tocando no braço dela.

— É melhor você vir comigo.

— Não até eu saber o que está acontecendo.

— Caleb não é homem de reagir. Se ele sente uma ameaça em Raisa, você precisa confiar nele.

— Você acha que Raisa é uma ameaça? — Jared perguntou.

— O que devo dizer-lhe, Raisa? — Caleb perguntou.

Em volta deles, outros lobos interviram, apertando o cerco. Jared enviou uma onda de energia, levando-os um passo para trás. Ele alcançou Raisa. Ela não estava lá. Ele olhou por cima do ombro. Ela deu mais um passo para trás. Seu olhar angustiado encontrou o dele. Ela balançou a cabeça, impotente, os belos olhos castanhos inundado em lágrimas.

— Caleb, se uma das lágrimas de merda dela cair, vou fazer um buraco novo no seu traseiro.

Ninguém tinha o direito de fazer o seu raio de sol chorar.

— Você não acha estranho, Jared, que a caminho de uma oportunidade única na vida para acabar com essa guerra civil, que veja em cima de uma mulher não reclamada?

— Não.

Ele ouviu Raisa dar mais um passo para trás.

— Venha cá, Raisa.

Ele não sabia o que estava acontecendo com Caleb, porém queria Raisa perto o suficiente para proteger, se necessário. Raisa não era mais obediente que Allie.

— E você não acha interessante, — Caleb continuou no mesmo tom especulativo, balizando com ameaça, — que esta mesma mulher só passe a ser sua companheira, garantindo que você ia trazê-la aqui no momento em que nós estamos mantendo o maior segredo que já tivemos?

— Caleb, que é simplesmente ridículo! — Allie exclamou, onde Derek a tinha colocado. — A aura de Raisa é tão pura quanto possível.

Jared retrocedeu para a Raisa. A foto de Raisa dobrada em seu bolso rangeu com um silencioso ruído suspeito. Por dentro, um fio de mal-estar se agitou. Encontrou-se com o olhar do Caleb.

— Não.

— Eu sei. — Caleb lançou um olhar rápido sobre seus ombros para Allie. — Não há desrespeito à sua avaliação de sua aura. — Apontou para os lobos. — Assim sendo, ela deve ser confinada.



Não. Jared virou-se e atirou-se o mais próximo estava, bloqueando-o com seu corpo, empurrando Raisa para o lado.

Fique parada.

Ela não o fez. Com um olhar de olhos arregalados de terror para os homens caindo sobre ela, ela saiu correndo, como os pés tivessem asas, em direção à floresta do outro lado do laboratório de esquadro. Dois lobos correram em sua perseguição. Ela olhou por cima do ombro, gritou e correu mais.

O grito ficou na mente de Jared. Enquanto ele sabia que os lobos não iriam machucá-la, Raisa não sabia. Com um golpe de cotovelo, Jared bateu de lado a lado o lobo que veio com ele. Ele ergueu as mãos e não reagiu. Em uma cultura lobo do homem não veio entre si e seu companheiro. Sentimento de selvageria rosa como terror Rai explodiu para fora em direção a ele numa oração em pânico.

Oh Deus! Não deixe que eles me pegarem. Não deixe que eles me pegarem.

Os músculos no rosto doíam enquanto ele se transformava. Caleb entrou em seu campo de visão. Caninos prorrogados, Jared rosnou para ele:

— Não.

Era tudo o aviso de que ele não estava no controle, que ele era capaz.

Raisa desapareceu atrás do laboratório, os dois lobisomens, agora em forma de lobo, para a direita iam atrás. Eles a pegariam em breve. O pensamento deles trazendo-a para baixo, fixando-a, assustando-a, machucando-a, levou a razão de sua mente. Ele estendeu a mão para ela e correu para uma parede. Ela fechou sua mente.

— Pare com isso. — Allie gritou. Fora do canto do olho podia ver seu esforço contra a segurar Derek, uma mão em seu estômago, a outra balançando o homem loiro. Caleb não piscou. — Pense sobre isso, Jared. Como tem sido conveniente? Como repentina?

Os homens circulavam, à espera de uma ordem.

— O compartilhamento não pode ser falsificado.

— O Santuário conseguiu um inferno falso de um monte de coisas mais complexas do que precisamos.

— Mentira. — Ele sabia o que sentia por Raisa.

Você...?

Foda-se. Como tinha Caleb conseguiu passar a guarda?

Porque é mais fraco, veio a resposta imediata.

Inferno!

Um grito realizou em todo o quintal. Ela terminou de forma abrupta. A energia que Jared jogou fora voltou tão rápido que fez sua cabeça girar, bloqueou caminho antes de chegar ao seu destino. As perguntas eram por quem?

O grito frustrado Allie veio quente nos saltos de Raisa. A maldição de Derek ecoou em seus ouvidos. Caleb agarrou seu braço, puxando-o para trás. Com o movimento giratório, Jared deu um soco. Borrifada de sangue do nariz de Caleb como o golpe aterrou. Jared resmungou.

— Ela acha que eles vão matá-la, porra.

Caleb cambaleou para trás e amaldiçoou, mas não desistiu, pendurado, deixando seu sangue encharcar o vínculo entre eles, lembrando-lhe as promessas que tinha feito uns aos outros.



— Ela é uma ameaça.

— Ela é minha esposa. — E ela precisava dele. Instinto tomar um apertado porção, obliterando a razão, ele arrancou seu braço livre. Ele teve que começar a Raísa.

Allie deu um passo adiante, mais nada para ele naquele momento do que uma ameaça potencial. Ele descobriu seus dentes e rosnou. Ela suspirou quando ele pulou. Através da névoa vermelha de sua ira que ele sentiu a gavinha da energia vinda de cima dela. Suave, doce, suave. Compassivo. Nenhuma ameaça.

Números mudaram em sua periferia, circundando-o. Ele girou, pronto.

— Não. Deixe-o ir.

A voz de Caleb. Fim de Caleb. Jared rosnou para ele. Caleb foi o motivo de Raísa pensar que ela estava correndo para sua vida. Os homens recuaram. E então não havia nada entre ele e o caminho brilhante de energia de Raísa.

Segure-se, raio de sol.

A falta de resposta o fez uivar enquanto ele corria atrás dela. Ele ia matá-los. Rasgar suas gargantas para fora e alimentá-los vivos para o Santuário de carniça se um cabelo em sua cabeça fosse perturbado. Jared circulou à beira do laboratório. Um pulso fraco de energia de Raísa o atingiu. Fluiu em torno dela a energia de dois lobisomens e um vampiro. Só a energia do vampiro era forte e vibrando com a tensão.

Slade. E ele estava envolvido em torno de Raísa.

Com um rugido Jared saltou os últimos metros, a limpeza do galpão antes de parar. Os dois lobisomens que estavam perseguindo Raísa estavam no chão, em forma humana, agora, esfregando suas mandíbulas, olhando Raísa, carrancas em suas faces. Na borda da mata ao lado, Slade estava ajoelhado com Raísa em seus braços, a variedade de esqueletos de galhos quebrados pelo inverno eram um cenário escasso para a violência espalhada sobre ele. A imundície manchava seu jaleco e suas traços estavam trocados pela raiva do vampiro.

Slade olhou para Jared enquanto ele se aproximava, os dedos encostada ao lado da cabeça da Raísa.

— É sua? — Slade perguntou.

— Sim. — Completamente. Para sempre. Até que o inferno congelasse e ele desistisse de sua alma imortal ao poder superior que o criou. Jared teve peso ligeiro Raísa contra ele. Sua cabeça pendeu contra o seu braço.

— Ela entrou em pânico quando os dois lobisomens se aproximaram, escorregou e bateu com a cabeça. — explicou Slade, erguendo-se.

Jared olhou para o lobisomem caído e, em seguida, para Slade. Às vezes, ele esquecia o quanto reles bandido ainda morava no homem sob o casaco de laboratório.

— Obrigado.

— Quando quiser. — Slade ficou em pé, todos os seis pés dele irradiando uma mal contida raiva.

Jared moldou sua energia para Raísa, a acalmar o pânico persistente, protegendo-a da dor de cabeça. Ele roçou um beijo em sua bochecha, saboreando a suavidade da sua pele, seu cheiro.

— Acorde, raio de sol.



Slade parecia passado seu ombro para as pessoas se aproximando. Quatro passos e ele estava entre Jared e o grupo, a curvatura de sua mão, o flash de suas garras lembrando que Jared e seu irmão pode ser lento para enervar, quando ele ficou bravo, ele foi o mais mortífero de todos eles, como provável para enfrentar fora de encontro a uma tribo de Sioux irado como ele foi contra um jogador ter acesso de raiva. E quando Slade ficou chateado, isso nunca foi uma questão de probabilidades, mas de certo ou errado. E maltratar uma mulher estava sempre errado, em seu livro.

— Desde quando Johnsons consentem em aterrorizar as mulheres? — ele perguntou a Caleb.

A energia de Caleb era tão desagradável como a sua expressão. Ele ficou lá sob censura de seus irmãos, ajeitar as narinas para parar o fluxo do sangue e demorou uniformemente e com cuidado.

— Desde que uma cadela do Santuário tem suas garras em nosso irmão.

CAPÍTULO 16

— A necessidade de chamar nomes é um sinal de uma mente pequena — Raisa falou rouca, levando sua mão à sua cabeça.

Jared a pegou, trazendo-a para o peito.

— Eu vou ter que concordar com isso. — Allie suspirou.

— Eu lhe disse para ficar longe — Caleb rosnou para sua esposa.

Allie, com seu desprezo usual para as encomendas que ela não gostava, acenou lógica de Caleb à distância. Em vez disso, ela rebolou até ele e ergueu a mão de seu rosto. Cortou com o olhar ao Jared depois de ver a ferida.

— Sorte para você, ele vai curar em linha reta. — Ela, então, Caleb algemado ao lado de sua cabeça. — E o que isso significa chamar o nome de minha nova cunhada?

— Eu tenho autoridade para dizer que ela é do Santuário.

— Eu ouvi distintamente Jared dizer que ela era sua esposa. Isso faz dela a sua cunhada, e é mau carma chamar seu nome nova irmã.

— Allie. — A frustração de Caleb estava prestes a transbordar.

— Não fale Allie para mim. — Ela apertou sua mão para o lado dela. — Eu estou cansada da forma como esta guerra mudou tudo, tudo distorcido. Ninguém sabe em quem confiar, tudo é suspeito para o momento em que seu irmão traz a sua esposa para casa, — ela olhou-o de forma significativa enquanto ela enfatizava a palavra “mulher”, a III Guerra Mundial estoura. — Ela pisou o pé e imediatamente começou a chorar. — Eu não tenho ninguém, Caleb. Você pode me ouvir? — Limpou em seu rosto. — Eu não tenho.

Se Jared não tinha sido tão dividida entre manter Raisa em seus braços e matar todos os homens em torno dele, ele teria rido da expressão de seu irmão. Allie era uma fraqueza de Caleb e sua tendência atípica para chorar o tinha em queda livre desde aproximadamente desde o seu quarto mês de gravidez.

— Este é o negócio Renegado, Allie.



Ela balançou a cabeça, os cabelos castanhos oscilando em torno de seu rosto. Ela não era mulher de beleza clássica, mas ela sempre foi animada.

— Este é um negócio familiar. Minha família, então eu não estou correndo de volta para junto da casa para que você possa obter apenas o direito ideia de sua cabeça.

— Em cerca de um minuto que eu vou tomar a escolha fora de suas mãos, — Caleb rosnou profundamente em sua garganta.

— É isso que eu tenho que ir toda fraca e obediente, porque se for, você deveria saber. Eu planejo a minha falta de sinalização.

A mão de Raisa tocou Jared. Ele olhou para baixo.

— Eu gosto da sua cunhada.

— Você a copia, e eu vou lher dar uma surra na sua bunda.

— Não acredite nele, Raisa, — chamado por Allie. — Caleb puxa a mesma ameaça toda vez que ele não recebe o seu caminho.

Jared olhou para Allie, apenas começando a apreciar como o pensamento livre Allie podia malha até desfavoravelmente com a teimosa suavidade Rai, muitas vezes exibida.

— A diferença seria que eu quero dizer isso.

Para sua surpresa, foi Caleb que bufou.

— Você só vai ver o quão longe o que significa que você recebe.

— Eu posso lidar com minha esposa.

— Agora essas são as famosas últimas palavras, — interveio Slade, o rosto voltando para sua forma normal. As brincadeiras familiares acalmaram a tensão. Todo o mundo sabia que Caleb adorava a sua mulher e se cortaria o braço antes de deixar que nada a machucasse. Fazia o ridículamente possível para assegurar-se de que ela sorria. Jared roçou os lábios nos cabelos de Raisa, respirando o cheiro dela. Ela colocou os dedos sobre o corte na sua junta. Ela imediatamente se sentiu melhor.

Caleb esfregou a mão sobre a nuca.

— Você jura que ela pode ser confiável, Jared?

Era como Caleb para colocá-lo no local. Jared tocou o cabelo de Raisa, onde descansou contra o negro de sua camisa. Se ele dissesse que não, Caleb iria trancá-la. Se ele disse que sim, ele estaria jurando que ela não era uma ameaça, e ele não poderia dizer isso. Não com o chip em seu crânio. A mão de Raisa caiu de seu rosto. O corte começou imediatamente a arder.

— É uma questão bastante simples, Jared.

Sim, era, mas ele não podia levar-se a trair a ambos os lados.

Raisa piscou e depois sentou-se, afastando-se dele no solo congelado. Ele ajudou-a a erguer-se. O lobisomem abatido sentou-se, olhando para ela. Ela se afastou. Jared foi com ela, enrolando os lábios para trás de seus dentes como os homens se levantaram. Slade caiu no passo ao lado dele.

— Merda, agora estavam irmão contra irmão.

— Não.

A negação de Raisa escorregou em sua mente. Triste. Resoluta.

Raisa empurrou os cabelos do rosto e limpou as folhas fora de sua luva.

— Raisa.



Ela ignorou o aviso.

— A pessoa que vai responder a essa pergunta deveria ser eu.

As sobranceiras de Caleb subiam, enquanto ele olhava para Jared.

— Eu posso ver que você tem seu direito sob o seu polegar.

— Cale-se, Caleb.

Caleb fez sinal para Raisa.

— Alegria-me-ei de fazê-lo logo que ouvir o que a mulherzinha tem a dizer.

Allie gemeu ante o comentário de mulherzinha e revirou os olhos.

— Maneira de ganhar amigos e influenciar pessoas. Isso não é politicamente correto. — Ela virou-se para Raisa. — Eu juro que eu tenho trabalhado duro para trazê-lo para este século.

Raisa cruzou os braços sobre o peito. Então, quando um dos lobisomens desmoronou depois de tentar se levantar, deu um passo em frente, instintivamente chegando. Seus dedos roçaram a camisa. Não houve falta de motivação por trás do movimento. O homem precisava de ajuda. Raisa tentou prestar-lhe. Novamente, não é exatamente o comportamento de um espião a sangue-frio.

— Filho de sua mãe, Slade, para um cientista de maneiras apazíveis sim que tem um estilo de luta excelente. — disse, levantando-se. Ele acenou para Raisa, mantendo uma distância segura.

— Você deveria ter escutado quando eu lhe disse para sair. — Slade cortou.

O lobisomem limpou o sangue da sua mão.

— O inferno, Caleb mandou-me atrás dela.

— Caleb estava errado.

— Isso ainda não foi determinada ainda. — Caleb interrompeu.

Derek tomou as medidas necessárias para o lado da Raisa. Ele envolveu o queixo nas mãos e inclinou a cabeça, estudando a formação de hematoma na têmpora. Ele olhou para seus homens.

— Você causou isso?

Ty e Logan, os dois lobisomens que estavam perseguindo Raisa, caíram ao lado dele, olhando para o prejuízo para si próprios, colocando a carranca de pesar em seus rostos.

— Nós não percebemos que ela pensou que nós estávamos indo magoá-la até que ela entrou em pânico no final.

Derek acenou com a cabeça, aceitando a explicação. Ele tocou a contusão com o polegar.

— O McClarens se desculpa pela ofensa e oferecem-lhe proteção.

Uma oferta de proteção dos lobos por tudo inclusive e até a morte, contra todos os agressores. Eles efetivamente ataram as mãos de Caleb. Ty e Logan tomaram uma posição ligeiramente na frente de Raisa, a sua posição claramente de apoio do decreto. A maldição de Caleb foi tão feroz como suave foi a palmada de Allie em seu braço.

— Às vezes, querida, você tem que fazer caso dos seus instintos.

— Esta não é uma democracia.

Slade sorriu.

— Tampouco parece ser uma ditadura.

Jared sentiu pena de seu irmão. Caleb nunca quis ser formar parte de nada disso, mas quando o Santuário foi atrás de sua esposa, ele fez o que qualquer Johnson teria feito. Ele havia assumido a ameaça. Infelizmente, não havia fugir limpo quando o conflito foi uma guerra civil. E a tendência natural de Caleb à prepotência haviam desembarcado como um dos líderes.



Normalmente, seria uma fonte de diversão, mas com o futuro Raissa na linha, Jared não gostou da decisão sobre a mesa.

— Bem, Jared? — Caleb perguntou: — Será que ela é confiável?

Antes que ele pudesse responder, Raissa empurrou os homens.

— Não, eu não sou.

Caleb tomou mais peso Allie enquanto ela mudou incômoda.

— Por que não?

Raissa cruzou os braços sobre o peito.

— Você tem relatórios que lhe dizem por quê.

— Na verdade. — ele olhou para ela, seus olhos verdes de alerta, a sua energia sondagem.

— Eu não acho que eu tenho.

Allie revirou os olhos.

— No passado, ele vê a luz.

Jared sentiu-se atingido por Raissa. Ela bateu em suas mãos antes de levantar esse queixo quadrado e os ombros.

— Você não pode me proteger contra isso, Jared.

— O inferno que não posso.

A grande mão de Caleb ficou sobre o enorme estômago de Allie, protegendo o futuro de ambos quando disse:

— Você ficaria surpreso com o que um Johnson pode fazer quando ele coloca a sua mente para isso.

— Além do mais, você não deveria me proteger. — Raissa o olhar caído de barriga para Allie. Seus lábios chegaram entre os dentes. Ela apoiou-se, cortando-lhe um brilho acusando. — Você não tinha o direito de me trazer aqui. Nenhum

— Esta é minha casa.

— É mais do que isto. É tudo o que eles querem.

— 'Eles' é o Santuário? — Caleb perguntou.

Raissa retrocedeu outro passo.

— Sim.

Por tudo o que ele parecia relaxado, Jared sabia que Caleb estava estudando da mesma maneira que Slade estava, e ele estava faltando nada. Houve uma explosão no interior do edifício Raissa. Uma impaciência e frustração que borbulhava e rolaram.

— Você não é do Santuário, você é, Raissa?

— Eu sou pior. — Ela olhou para Allie. — Eu sinto muito.

Jared agarrou-a e puxou-a, ciente de todos os olhos sobre eles, a especulação.

— Chega, querida.

Ela pressionou o rosto em seu peito, unhas cravadas através de sua camisa.

— Mas é um segredo. Um grande segredo, e agora que eu sei, é apenas uma questão de tempo antes que eles saibam.

Jared envolveu a cabeça nas suas mãos. O polegar pousou no local do implante.

— Isso não é um dado.



— É mais provável que não seja verdade. Você sabe disso. Você tem que me trancar, me drogar, então, quando eles me chamarem, eu não posso responder.

E ver como a faziam explodir?

— Não é uma possibilidade no inferno.

Ele sentiu um peso em seu ombro. A mão de Caleb. Seu irmão apertou uma vez.

— O que está acontecendo, Jared?

— O Santuário colocou um implante em sua cabeça. — Manteve a face de Rai pressionado contra o peito e se encontrou com o olhar de Caleb. — Se ela não alimentá-los com informações que achem satisfatórias, rápido o suficiente, eles a machucam. Se ela não responder ou dar-lhes o que eles querem, eles vão detoná-lo.

— Filhos da puta.

— Essa foi minha reação.

Raisa ficou rígida em seus braços. Ele acariciava suas costas. Ela não precisa se preocupar. Ele poderia, e iria protegê-la.

Allie se aproximou, tocando para trás de Raisa.

— Penso que temos que recuperar toda essa coisa de linchar, tão popular em sua época, Caleb.

— Tem suas vantagens. — Houve uma pausa durante a qual Caleb olhou para Raisa. Sua mão se moveu como se fosse tocá-la, então caiu para trás. — Ela está certa, Jared, que ela não pode ser confiável.

— Eu disse, ela pode.

Outro longo silêncio, e então Derek interveio discretamente.

— Não ao princípio.

Raisa só ficou nos braços de Jared, sem condená-lo, nem rejeitá-lo, basta aceitar sua falta de fé, como se fosse esperado. Simplesmente uma pessoa mais lhe devendo lealdade, mas vendendo-a..

— Você não, porque você sabe que ela está certa, e que estamos certos.

— E esse segredo é grande demais para ariscar. — Derek acrescentou.

—Não.

As presas de Jared subiram enquanto Derek seguia em frente. Sendo lobisomem, Derek iria colocar a vida da criança de Allie acima de tudo.

— Para trás!

— Você mesmo disse, não posso ser de confiança. — ela lembrou-lhe por cima do ombro enquanto ela se esforçava para fugir.

— Eu não disse nada.

— Você não precisava.

Seu silêncio disse tudo. Raisa não tentou se concentrar nisso. Tentou ficar na fundamentação lógica. Ela tinha uma bomba estúpida em sua cabeça, mas não a impedia de desejar, no fundo, que apenas uma vez em toda a sua vida, alguém poderia colocá-la em primeiro lugar. Será que ela ia crescer?

— Se todos são feitos com o drama, eu gostaria de fazer uma sugestão.



Todo mundo virou-se para enfrentar Slade. Respingado de lama e vestindo um jaleco que deveria lhe dar um aspecto inofensivo, era de algum modo o mais temível dos irmãos pela energia que se vertia dele. Implacável. Era implacável.

— O que você propõe?

Slade encolheu os ombros.

— Estava pensando que simplesmente deveríamos tirá-lo. Nenhuma bomba, nenhum kaboom.

Observar a aproximação do Slade era como observar a um puma espreitando a sua presa. O fazia com a mesma intensidade, a mesma intenção imperturbável

Allie fez a pergunta que Raisa tinha na ponta da língua.

— Você pode fazer isso?

— Não com você dentro de uma centena de quilômetros. — Caleb respondeu.

Slade não tirava os olhos de Raisa.

— Tudo pode ser feito.

— Seguramente. — Jared esclareceu.

Raisa não se preocupava com a segurança, ela só queria a bomba fora.

Slade chegou a parar na frente dela, a cabeça inclinada para o lado. Sua energia estendeu, testando.

— É uma bomba. Seguramente é um termo relativo.

A resposta de Jared foi sucinta.

— Merda!

— Quanto tempo temos antes que contatem com você de novo?

— Se eles fazem o que eles fizeram antes, poucas horas.

Ele estendeu a mão para a cabeça. Suas mãos estavam cobertas de cicatrizes de meia-curadas feridas. Ela recuou.

— O que aconteceu com suas mãos?

— Um dos meus experimentos não deu certo. Deixe-me ver o seu pescoço.

Não era o tipo de informação que queria ouvir justo antes de que ele planejasse operá-la.

— Como você soube do implante no meu pescoço?

Ele deu de ombros.

— O lugar mais lógico para colocá-lo seria a base de seu crânio.

Atrás dela, Jared deu um suspiro e segurou-a. Todas as pessoas ao seu redor fizessem o mesmo, um esforço instintivo para adiar o desastre inevitável que todos temiam.

Um dos lados da boca de Slade chutou em um sorriso irônico.

— Vocês todos podem respirar, estou verificando de onde está, e sua profundidade.

Raisa não participou da risadinha nervosa que ecoava no ar. Ela podia sentir a sonda que se estende do lado de Slade. Sutil, era quase o equivalente a um truque mágico da mão. Ela pegou seu pulso.

— Não com Jared aqui.

Se Slade a fazia voar, Jared não ia estar nas imediações. Já tinha bastante dor em sua vida. Ela não ia deixá-lo ferido, ou pior, com a culpa de vê-la morrer e pensando que podia ter feito algo a respeito.



Slade encontrou o olhar dela.

— Concordo.

— Concordo, o inferno.

O antebraço de Jared se fechou através do peito dela, lhe cravando as costas contra ele.

— Não se aproximará menos de três metros dela a menos que eu esteja presente.

— Isso não é sua decisão. — salientou Raisa, lutando para não ser livre, porque ela podia sentir o desespero no Jared, a necessidade de protegê-la em guerra com a necessidade de proteger sua família. Era uma situação sem vitória. Ela entendeu que, mesmo que ele não pudesse aceitá-lo. A resposta de Slade surpreendeu.

— Eu sei o que ela significa para você, Jared. Eu não correria o risco sem necessidade.

— Eu não acho que você deve arriscá-la em tudo. — Allie cortou.

— Ela tem uma bomba na cabeça, baby. É tudo sobre o risco.

— Cale-se, Caleb.

Em vez de ficar irritado, o homem apenas ergueu a sobrancelha para Allie.

— O quê? Isso não é verdade?

— Não é do jeito que eu estou pintando-o, muito obrigada — Raisa interrompeu. — E se você continuar quebrando minha opinião, com lentes cor de rosa da minha situação, estou sujeita a perder o bom senso.

Imediatamente, Jared chamou a atenção.

— Você contou, Raisa. — Allie saltou. — Assim que ele não pode colocar tudo em perspectiva.

— Nesse caso, seria melhor colocá-la no laboratório. — Slade deslizou o braço entre o peito de Jared e as costas de Rai, separando-a habilmente do abraço de Jared. — Porque seguro como um tiroteio, Caleb vai colocar a pata nos próximos segundos.

— O que te faz dizer isso?

— Ele precisa ter a última palavra.

Isso proveio de Jared. Caminhava ao lado dela, nada em sua expressão ou em sua energia insinuavam felicidade. Ela desejava tanto acalmá-lo, mas o que podia dizer? Se sentia como se estivesse sendo varrida por um tornado de eventos.

— Eu vou ficar bem, Jared.

— Você está com medo.

— Claro, estou com medo. Como toda as pessoas apontaram, eu tenho uma bomba na minha cabeça. — Junto com um par de segredos que não ousava revelar. — Mas, Jared, eu não quero você comigo.

Ele olhou para ela.

— Pois irá se chatear.

Ela claramente não estava indo a lugar nenhum desse jeito. Ela virou-se para Slade.

— Eu não o quero lá.

Ele olhou para Jared, em seguida, Caleb, depois de volta para ela.

— Não é pedir muito.

— Só peço o que preciso.



Ele estudou-a por um segundo. Se ele estava questionando a sua determinação, ela só tinha uma resposta para lhe dar. Ela quis dizer isso. Ele suspirou e acenou com a mão. Derek e os dois outros lobisomens agarraram Jared por trás. Descontraído, na companhia de sua família, ele foi facilmente tomado de surpresa, mas ainda teve força de Caleb adicionado aos lobisomens para subjugar Jared.

— Filho da puta, Raisa.

— Esta é uma dessas coisas que tenho que fazer a meu modo. — Foi uma explicação e pedido de desculpas ao mesmo tempo.

O “um inferno que o fará” de Jared a seguiu enquanto ela se afastava.

— Então o que exatamente estamos fazendo? — Slade perguntou logo que entrou na frieza estéril de seu laboratório.

Ela olhou ao redor da sala. Ele teria feito um filme de James Bond orgulhoso com todas as luzes de sinal sonoro e impressionante linha de monitores, computadores e outros aparelhos que ela não conhecia. Ela respirou fundo e esfregou as mãos para cima e para baixo nos braços. O terror e a fuga tinham tomado a sua porcentagem sobre a sua força. Ela não estava muito esgotada, mas estava definitivamente fraca.

— Você está se sentindo bem?

— Sim, por que você pergunta?

— Você está esfregando seus braços, o que sugeriria que você está com frio. — Exceto que os vampiros não tem frio. Os saudáveis, pelo menos.

— Tique nervoso.

— Hmm. — Isso avelã seu olhar, tanto como Jared, correu sobre ela. — Há quanto tempo é um vampiro?

Ela sabia onde estava indo, mas não viu nenhuma maneira de evitá-lo.

— Duzentos e setenta anos.

— Muito tempo para manter um costume.

Os homens inteligentes, ela decidiu, de uma vez por todas, eram irritantes.

— Não tem sido por muito tempo.

Fez-lhe um gesto para uma cadeira de escritório ao outro lado de uma tela de aspecto muito sofisticado.

— Nossa!

Ela se sentou na cadeira, escoltando de volta e descansar os pés no fundo pedestal.

— Eu sou provavelmente o vampiro mais doente da história.

Ele pegou uma outra cadeira com rodas e se aproximou. Ele girou ao redor e por cima dela, dobrando as mãos na parte superior.

— Como?

Ele parecia muito relaxado. Muito descontraído.

— Você não quer dar uma olhada no meu implante?

— Agora, estou mais curioso sobre esta doença.



A tela ao lado dela, passavam em um padrão de explosão, o estouro de luz fazendo seu salto.

— Não é relevante.

— Como você sabe? O implante pode estar ligado à sua química.

— Não.

— Você sabe disso porque...?

— Porque o sangue de Jared me fez melhor, mas o implante não foi alterado.

Ele se endireitou.

— Melhor como? O que aconteceu antes?

— Basicamente, tomar sangue tem sido sempre uma experiência terrível para mim. Ele me manteve viva, mas faz-me violentamente doente. Quase como se eu fosse alérgica.

— Você não parece doente agora.

— Aparentemente o sangue de Jared não tem esse efeito em mim.

Os olhos do Slade se entrecerraram, suas espessas pestanas sombreavam os processos mentais em marcha sob suas pálpebras baixas. Algo que a deixava muito incômoda.

— O quê?

— Nada. Só estou pensando.

— Importa-se de pensar em voz alta?

Ele balançou a cabeça.

— É ruim para meus processos de pensamento.

Ela tinha suspeitas de que não fosse verdade, mas ela não o conhecia bem o suficiente para discutir isso.

— E o que os seus processos de pensamento, dizem a você?

— Que entre suas dificuldades em aceitar sangue e sua capacidade de manipular a energia, você vai ser interessante para estudar.

— Por que de repente eu sinto como um grão sob um microscópio?

Sua cadeira rangeu quando ele se levantou. Seu sorriso era tão sutil quanto a sua energia, uma vez que patinou nas bordas dela.

— Eu não tenho ideia. — Ele fez um círculo rápido com o dedo. — Abra a boca e diga: Aaah.

— Ele não estava falando sobre sua boca.

— Se você mexer com o implante, ele irá enviar um alarme de volta para o Santuário.

— Não se auto detonará?

— Não é que me disseram, mas...

— Isso não significa nada quando se trata do Santuário — ele terminou para ela. Ele acenou com a mão. — Serei cuidadoso.

Obrigou-se a relaxar e a abrir a mente. Seu primeiro toque foi leve. Ela se preparou para a sonda mental que todo homem se permitia, mas Slade estava decidido em sua aproximação, concentrando-se na energia que zumbia do aparelho. Tocando a energia com a que ela respondia ao sinal inicial.

—Você está bloqueando o componente de monitoramento. — Ele olhou para cima, com os olhos mais azuis do que verde. — Será que eles sabem?

Ela balançou a cabeça.



— Eles acham que é defeito.

Suas sobrancelhas piscaram para cima e depois para baixo.

— Bom trabalho.

Ele parecia sincero.

— Obrigada.

Era estranho estar falando com alguém como eles sondaram sua mente, mas a maneira puramente analítica como Slade foi sobre isso tornou menos ofensivo do que normalmente seria.

— Faz-me um favor, enquanto eu estou fazendo isso?

— O quê?

— Respire meu cheiro e me diga a sua reação instintiva.

Ela o fez. Ele cheirava limpo e ligeiramente metálico das coisas que ele trabalhava. Perfumes, rastro de sujeira dos respingos em seu casaco misturados. No fundo, era um agradável aroma masculino. Nada realmente a incomodava. Mas a voz interior gritava, errado.

— Você está cheirando muito bem.

Suas sobrancelhas se levantaram. Ela sentiu-lhe o teste de vibração no ponto de fixação para sua coluna vertebral.

— Essa foi a sua reação instintiva?

Ela encolheu os ombros.

— Isso é tudo o que é importante.

Ele inclinou a cabeça para o lado, pressionando o dedo em sua nuca.

— E você me deixa ser o juiz de que?

Ele apertou em um ponto sensível. Ai!

— Desculpe. Agora dá. Qual foi a sua reação instintiva?

Ela afastou-se e fechou sua energia, esfregando o local em seu pescoço.

— Você está cheirando mal.

— Interessante.

O que era interessante era que não estava surpreso.

— Por que você não está surpreso?

— Allie tinha o mesmo problema, quando ela ficou grávida.

— Eu não estou grávida.

Sentou-se escarranchado na cadeira de novo, exsudando esse agradável encanto Johnson que, ela se precaveu, era tão inerente nas maneiras dos irmãos. Provinha de uma confiança interna que se transferia de suas vidas anteriores. A diferença dela, que transferia um legado de incerteza.

— Eu sei, o que só torna mais interessante.

— Por que estou me sentindo como essa bolinha sob o microscópio de novo?

Ele sorriu.

— Eu não tenho ideia.

— Então, você pode levá-lo para fora?

— Sim.

Ela congelou.

— Então porque é que continua lá?



- Porque eu quero conversar sobre alguma coisa antes de Jared venha correndo aqui.
- O que faz você pensar que ele está correndo para cá?
- Porque ninguém pode manter Jared longe do que ele quer, e ele definitivamente a quer.
- Ele nem sequer confia em mim.
- É um estúpido.
- Não para mim.
- Isso é só porque não entende o homem.
- O que não entendo?

Ele sorriu.

- Isso é o que eu sei e você tem que averiguar.
- Você é tanto uma dor na bunda como o seu irmão.

Ela apontou com um movimento preguiçoso de mão.

- Isso teria um impacto muito mais se você colocar um ou dois palavrões lá.

Ela suspirou.

- Nunca soa bem quando eu tentar.

— Provavelmente não soa um direito mais do que Jared se casar com uma mulher que ele não confia.

Ela não estava indo lá. Ela não era deixá-lo criar falsas esperanças nela. Ela tinha muitas no passado, e que nunca havia trabalhado fora.

- O que você quer falar?
- Por que você não me quer que eu remova o implante?
- Como você sabia?
- Havia coisas que eu deveria ter visto que eu não estava vendo.

Talvez quando ela estava na biblioteca, ela deveria ter passado mais tempo na seção de ciência.

- Já mencionei o quanto eu odeio os homens inteligentes?
- Não em voz alta.

Ela revirou os olhos.

- Eu pensei que você não estava prestando atenção.
- Sempre deixa sangrar.
- Assim diz Jared.
- Eu tenho certeza que ele não é o mesmo.
- É melhor que o inferno não pode ser.

Raisa se girou. Jared. Estava de pé na porta, a luz da lua projetando nele uma silhueta de poder. Moveu-se, avançando a compridos passos. Quando deu um passo à luz, os hematomas em seu rosto e o corte sobre o olho esquerdo fizeram irrelevante sua primeira pergunta de como tinha entrado. Tinha lutado para abrir caminho a seu lado. Porque estava preocupado por ela. Ainda estava preocupado por ela. E não o merecia.

- Merecendo ou não, ele é o seu problema. — Slade disse secamente.

Droga, ela tinha projetado novamente.

Slade empurrou sua cadeira para longe, deixando-a rolá-lo para outro computador na mesa de vidro adjacente ao lado de um dispositivo de aparência estranha.



Ela olhou para Slade e, em seguida, olhou para Jared. Olhou com raiva o suficiente para cuspir balas.

— Mas... obrigada.

Nenhuma mulher em seu juízo perfeito conhecia um homem tão irritado como Jared em desvantagem. Ela fez metade do caminho para os pés antes de Jared chegou a ela. Ela se preparava para gritar o seu, deixando-a totalmente despreparada para o seu beijo. Ele enganchou o braço em volta de sua cintura. Ela surpreendeu-se com as mãos em seus ombros enquanto ele a levantava. Sua cabeça caiu para trás em seu ombro. Ela se preparava para a descida da boca. Quando ele chegou, ela tirou sua raiva e medo. Ele estava vindo em sua direção muito rápido, muito difícil para ela dar-lhe outra coisa, mas compreensão.

Ela abriu a boca ante a carícia da língua, pendurando-se em seus ombros quando inclinou-a para trás, dominando seu corpo, sua boca, sua mente e justo no momento em que ela estava a ponto de passar da compreensão à ira, suavizou-se e se converteu em algo mais. Algo mais suave, mais faminto, algo que chamava a todos os sentimentos que ela estava tentando tão arduamente manter ocultos.

— Eu provavelmente deveria apontar, antes que vão muito mais longe, que vocês dois não estão sozinhos.

Jared apertou os dedos em seus cabelos, segurando-a ainda para a última varredura da língua antes de desenhar um fôlego. Seu olhar travado com a dela, seus olhos castanhos agora quase completamente verdes das emoções derramadas através dele.

— Se você tentar manter-me longe de outra vez, — sussurrou ele, — não vai gostar das consequências.

— Pare de me ameaçar

— Isso não era uma ameaça.

Com um suspiro, ela tocou uma contusão em sua bochecha.

— Você está machucado?

— Apenas uma briga.

Seus dedos tocaram sua têmpora e seguiu o formato de seu rosto até o queixo.

— Você está bem?

— Nenhuma marca em mim.

Ele franziu a testa.

— Isso não respondeu à minha pergunta.

Caramba. Ele estava começando a pegar a suas táticas evasivas.

— Não estou machucada absolutamente.

Slade apertou alguns botões no teclado.

— Mantenha essa linha de questionamento, Jared, e você está indo ferir meus sentimentos.

— Sentimentos feridos não são minha preocupação.

— Ótimo. — Mais toques no teclado. — Então possivelmente possa fazer disto uma prioridade porque até que obtenha uma resposta, não posso tirar o implante. — Ele virou a tela na direção deles. — Quem é Miri?



CAPÍTULO 17

SLADE tinha espreitado depois de tudo.

Rai olhou para a tela, congelada no horror da gravidade de sua falha. A face de Miriam olhou de volta para ela, sem marcas, com bochechas cheias, que falava da saúde. Sua versão de sonho de Miri. O jeito que ela preferiu pensar nela. E nos olhos dela, meu Deus, em seus olhos havia tanta alegria, como o amor pela vida que Raisal quase não a reconheceu. Nessa imagem, estava muito distinta à pálida, torturada e mal lúcida mulher que Raisal conhecia. Mas havia algo nessa imagem que não reconheceu: fortaleza.

Miri era a mulher mais forte que Raisal conhecia. O desgaste dos golpes que teriam devastado a outras mulheres, Miri os aguentou, acreditando no companheiro que abandonou-a, acreditando que se aguentava o suficiente, poderia salvar a sua filha. A filha que agora, graças a este deslize, talvez não tivesse esperança. Afastou-se de Jared e Slade. Isolando-se.

Sinto muito, Miri.

A necessidade de fugir era quase insuportável. O segredo se revelou. Para bem ou para mau, tinha saído à luz. Só parcialmente, mas não importava o muito que andasse com rodeios, ao final eles se intrometeriam ou averiguariam o resto.

Deveria andar-se com rodeios? Confessar? Mentir? Por que não podia ser normal ante isto? O que se supunha que tinha que fazer?

— Quem é Miri? — Jared perguntou, segurando o seu olhar, toda a sua personalidade formidável focado nela.

— Ninguém importante para você.

Não era mentira. Ela prometeu que iria encontrar o companheiro de Miri e só revelar seu segredo para ele. Jared não era companheiro da Miri.

— Ela está em apuros? — Slade perguntou.

Tanto problema, mas confiar na pessoa errada iria colocar o prego em seu caixão. Miri foi enfática a esse respeito, enfática sobre o preconceito e política que teria mais preferindo que ela e seu filho morto. Raisal olhou desamparadamente para Slade. Com o canto do olho, ela viu Jared. Levou apenas um passo para ele chegar até ela, um passo para ele pegá-la em seus braços. Um passo para ele para erradicar a distância emocional que ela tentou colocar entre eles. Seu poder embrulhado em torno de seu mais sedutor do que seus braços.

— Ela precisa de nossa ajuda, Raisal?

— Sim, ela precisa.

Raisal fechou os olhos contra a vontade de lhe contar tudo. Para colocar o problema em seus pés.

— Diga-me.

— Eu não posso.

— Diga-nos. — Slade repetiu.

Eles estavam lendo sua mente. Oh céus, ela estava caindo aos pedaços. Pensamentos que derramam sobre a barragem estavam colocando sobre eles. Pelo menos o essencial não tinha derramado. Ela ainda teve a oportunidade de honrar a sua promessa. Ela abriu as mãos espalmadas contra o peito de Jared.



— Eu realmente não posso te dizer.

— Porque você fez uma promessa? — Slade perguntou, sua voz tão suave como a seda, reverberando com um tom sobrenatural.

— Sim. — E porque não poderia ser responsável pela morte de uma criança inocente e que a criança tinha apenas uma esperança. Seu pai. Um homem que não estava na sala.

— Às vezes, quebrar uma promessa é a única maneira de mantê-la. — afirmou Slade num tom perfeitamente razoável que ressoou com a lógica. Isso fazia sentido tão perfeito. Tentação deslizou ao lado de sua determinação. Jared e seus irmãos nasceram salvadores. Muito mais adequado para esse tipo de coisa que ela. Se ela entregou-lhes esse fardo, não teriam tropeços junto com ela enquanto ela estava fazendo. Eles sabem exatamente em quem confiar e, mais importante, em quem não confiar. Ela abriu a boca. Jared colocou seu dedo sobre ela.

— Pare com isso Slade.

A insidiosa necessidade de revelar tudo morreu de súbito, desaparecendo tão rapidamente como chegou, deixando atrás um sutil rastro mental de energia que levava diretamente ao Slade. Raisa piscou e saiu dos braços do Jared. Estes caíram afastando-se com relutância, as pontas dos dedos ficaram sobre sua pele enquanto ela lutava com entendimento.

— Você me hipnotizou.

Slade cruzamento com o queixo em um gesto ligeiro.

— Muito eficaz, também, se me permite dizê-lo.

Ela teria dito tudo a Slade, se Jared não tivesse parado de seu irmão. Cruzando os braços sobre o peito, olhou para Jared e Raisa. Tudo o que eles tanto queriam saber. Ela deu mais um passo para trás, ela reforçou as barreiras mentais. Não faz sentido que Jared tivesse parado Slade.

— Por quê?

— O único com o direito de mexer com a sua mente sou eu.

Encantador. Significava isso que podia esperar dele que começasse a foder com isto imediatamente? Lambeu-se os lábios, o olhar revoando para o Slade e logo de volta ao Jared.

— Eu não teria percebido o que estava fazendo no momento.

Jared não discutiu.

— Não, você não teria.

Ela só poderia voltar a perguntar.

— Por quê?

— É o seu segredo, sua promessa.

As coisas não estavam ficando mais claras. Um aperto interior voou ao longo de sua consciência. Ela segurou mais em suas barreiras mentais. O aperto continuou. Na próxima pulsação, ela o reconheceu. Fome. Sua fome estava retornando. Como se as coisas não fossem ruins o suficiente. Ela cravou seus dedos em seus braços.

— Você pode mover-se além do formato de resposta curta?

— Eu sou seu marido. Forçá-la a quebrar uma promessa por meio de um estupro mental não fica bem comigo.

Então, ele a protegia. Às vezes ela achava que nunca iria entendê-lo. Slade, no entanto... O outro homem sorriu para ela, uma mudança de músculo que não foi além de seus lábios.

— Eu não estou sobrecarregado desnecessariamente com um código de honra.



Só que ele tinha tomado em dois lobisomens-amigos, simplesmente porque eles estavam perseguindo-a, e então ele ficou com ela, protegeu-a até que Jared havia chegado. Sim, ele era destituído de honra.

— Eu vou manter isso em mente.

— Eu aprecio isso.

Calçado de Jared no chão estremeceu seu redor.

— Você não está mais sozinha, Rai. É o meu trabalho para proteger a sua honra, bem como a minha.

— Mesmo quando não é conveniente?

Ele assentiu, sem esconder nada dela.

— Mesmo assim.

Ela nunca conheceu ninguém como ele. O frio do laboratório penetrou em sua pele.

— Deve estar pensando, por agora, que é uma completa merda ser meu marido.

— Não.

— Mesmo quando eu não posso dizer o que você quer saber?

— Até então, mas você faria bem em lembrar que você é uma Johnson agora, e isso significa que você tem parentes com quem compartilhar seus problemas.

— Os mesmos parentes que açularam a um manada de lobos contra mim quando chegamos?

— Supunha-se que os lobisomens só a levariam de volta. Sua fuga desencadeou suas ações.

— Então você diz.

— E para ser justo, foi um parente quem se encarregou do assunto, e até os weres puseram-lhe sob sua proteção. — acrescentou Slade. — O que significa que você pode contar com eles para ajudar esta mulher Miri se ela precisar.

— Isso você diz

Ele deu de ombros.

— Então eu digo.

Jared trouxe de volta a seu rosto com um toque do dedo indicador ao lado de sua mandíbula.

— Não importa o que alguém diz. Eu te dou minha palavra, Rai. Vou fazer tudo o que precisa ser feito para manter sólida a promessa que fez.

— Mesmo que pudesse causar-lhe problemas com os lobisomens Renegados e outros?

Sua sobrancelha direita subiu.

— É esse tipo de promessa?

— Sim.

— Merda!

— Cale-se, Slade. — Jared agarrou fora.

— Desculpe, só de pensar como estamos mal na borda do aceitável, agora, com a maioria deles.

Isso não era bom. Raisa sabia quão forte era o Santuário e quão pequeno número de renegados eram, comparativamente.

— Não se pode dar ao luxo de ser envolvidas neste processo, Jared.



Ele fechou a distância entre eles.

— Eu já estou.

Ela inclinou a cabeça para trás para ver seu rosto.

— Mas se só me deixa ir embora daqui, não acontecerá nada. As coisas seguirão com normalidade. Seria como se eu nunca tivesse existido.

Dor nos braços dela alertou para o fato de que suas unhas estavam cortando sua pele.

Jared sorriu, o canto de seus lábios se contraindo enquanto ele deslizava os dedos sob o dela, esfregando as costas dos dedos indicadores sobre as picadas de pequeno porte.

— Esse é o melhor fora que você tem para me oferecer?

— O que mais você precisa? Você não foi exatamente feliz em estar comigo.

— Há todos os tipos de emoções.

Deslizou as mãos pelas costas de Raisa.

— Você não gosta mesmo de mim!

— Você é muito doce, tem um humor afiado e uma mente inteligente. O que não está gostando?

Ela cruzou os braços sobre o peito, necessitando a barreira entre o seu calor e sua fraqueza para ele.

— Você não confia em mim.

— Eu não posso justificar a razão para confiar em você, isso é verdade.

Para uma mulher que evitava mentir matizando a estrutura da oração, isso era uma expressão significativa.

Provavelmente, não parece mais do que qualquer direito Jared casar com uma mulher que ele não confiava.

Podia em efeito Jared confiar nela a nível visceral mas estar tendo dificuldades para aceitá-lo porque não podia racionalizá-lo?

Ela enrolou os dedos em torno de seu pulso, colocando as pontas dos dedos em seu pulso. Foi firme. Constante. Como o próprio Jared. Se o envolvia nisto, não piscaria. Faria o que pensava que tinha que fazer.

— Você não quer se encarregar disso.

Ele virou a mão e pegou os dedos na sua, levando a palma da mão sobre os lábios. Seu beijo gravado no centro.

— Eu já tenho.

A cadeira Slade rangeu quando ele recostou-se.

— Se por acaso não se deram conta, basicamente estamos esperando que nos conte em que tipo de merda estamos colocados até o pescoço.

Isso não era tudo sobre eles.

— E se Caleb se opõe?

— Oponho a que?

Ela virou-se para a porta. Caleb estava lá. Ela lambeu os lábios, fortalecendo suas barreiras mentais, e preparou-se contra o peito de Jared. Caleb saiu da sombra para a luz artificial. Como enfrentar Jared, o que ela podia ver da sua sob a aba do chapéu estava machucado e cortado. Ao



contrário de Jared, não havia nenhuma suavidade de saudação com ele. E o sorriso nos lábios só poderia ser descrita como fria. Na mão trazia um chapéu preto.

Slade perguntou:

— Onde está Allie?

— Minha esposa está descansando.

— Descansando? — Slade zombou. — O que você fez, a amarrou?

Caleb deu de ombros e atirou o chapéu. Raisa vacilou como chegou a ela. Caleb arqueou a sobrancelha no gesto instintivo. Jared pegou o chapéu.

— Nada tão drástico. — Caleb respondeu, ainda olhando para ela. — Mencionei que tinha provado uns pães-doces de canela na cidade vizinha que tinham um sabor único cítrico.

— Isso foi um golpe baixo. Sabe que não vai ser capaz de descansar até que os reproduza.

Caleb se inclinou seu quadril em uma das mesas.

— Qual vai ser difícil de fazer sem um exemplo.

— O que significa que ela vai estar cozinhando a noite toda. — Jared balançou a cabeça, fixando-se o chapéu na cabeça. — Isso não é apenas cruel, é evidência de uma tendência à maldade.

— Não é minha culpa, a mulher tem uma natureza competitiva.

— Apenas sua culpa que você alimentá-lo.

Raisa fechou os olhos enquanto a brincadeira continuava. A fome estava crescendo. Suas defesas foram enfraquecendo. Era apenas uma questão de tempo antes de Jared notar.

— Bem, — Caleb tirou o chapéu para trás. — Foi isso ou amarrá-la, e eu não tenho estômago para o estardalhaço que ela chuta se eu a amarrar.

— Inferno, — Jared concordou. — Ninguém tem o estômago para isso.

Caleb acenou para a tela.

— Então, quem é a moça bonita?

— A complicação. — Jared respondeu, pegando o braço de Raisa, impedindo o seu movimento para longe de Caleb e dele. Não pela primeira vez em sua vida, ela desejou que tivesse mais força, a força para lutar fisicamente ao invés de mentalmente, porque, francamente, ela estava fora de ideias frescas, e tudo o que levaria para os Johnsons para saber o que eles queriam saber era para os dois para combinar os seus poderes psíquicos. Com a sua ligação para Jared para abrir uma fenda em sua armadura, eles conseguem.

Providência veio na forma de dor. Profundas, cólicas, abençoadas, não-é-uma-dor-de Deus. Ela arrancada de Jared, dando dois passos antes de tropeço foi varrida em braços de outra pessoa. Slade foi longe demais, que só deixou Caleb. Ela abriu os olhos para vê-lo olhando para ela, sua expressão de preocupação.

— Você está sofrendo. — Ele estudou-a por uma fração de segundo antes de esclarecer, a sua mente roçar a dela. — Você precisa se alimentar.

— Não é nada.

— Porque é que vocês mulheres sempre dizem que quando você está com fome?

— Estamos preocupados que você nos verá como glutões?

Sua risada foi uma surpresa. Assim foi a maneira que um sorriso fez olhar tão acessível.

— Agora, você me faz lembrar da minha mulher.



— Vou levar isso como um elogio.

— Você faz isso.

Ele levou-a para a mesa de trabalho de Slade. Ela pegou o seu peso sobre as palmas das mãos enquanto se sentava na beira. Com um movimento da mão mandou papéis voando. O protesto de Slade esperado não veio. A dor veio. Dura e cruel, dobrando-a sobre. Ela teria caído de cima da mesa, se Caleb não a pegasse. Ele deitou facilmente, travando a cabeça antes que ele pudesse tocar o aço frio.

— A única coisa que as mulheres nunca parecem perceber é que nenhuma quantidade de dor é muito bem conosco. Jared?

— Bem aqui.

— Quando foi a última vez que você se alimentou?

— Dias atrás...

— Quando foi a última vez que se alimentou?

— Antes de sairmos. — Ele veio para o outro lado da mesa.

— E antes disso?

Enfiou a mão sob a cabeça, apoiando-a, felizmente familiar, infundindo-a com a ilusão de força.

— Antes nós descansamos.

A cabeça de Cali chicoteou ao redor.

— Ela está grávida?

Seu "Não" coincidiu com o de Jared.

— Não há necessidade de arrancar minha cabeça. É uma pergunta válida.

— Apenas uma conclusão inválida. — Slade murmurou.

Raisa olhou para a esquerda. Slade foi ocupado no computador, franzindo a testa em tudo o que ele viu na tela.

— Isso, pelo menos, explica por que eu era capaz de perfurar o escudo, — Caleb disse Jared.

— Você está dando-lhe muito.

Era ele? Raisa estudou o rosto de Jared enquanto Caleb colocou a mão em seu estômago, absorvendo a próxima contração de seus músculos abdominais. Ele parecia um pouco pálido, mas poderia ser a iluminação, tanto quanto a perda de sangue.

— Você está me dando muito?

— Não.

Jared virou-se para Slade.

— Isto é como o que acontece com Allie.

Slade tocou um pouco mais sobre o teclado.

— Eu sei!

Ele não desviou o olhar da tela. Raisa tinha um forte desejo de jogar alguma coisa com ele.

Ela chamou a atenção de Jared.

— Alguns o ajudam a transformar-se.

Ele estava observando muito atentamente Slade.

— Dê-lhe tempo.



— Eu não tenho muito disso. — Ela enrolou sua mão em um punho e pouco para trás um gemido.

— Você vai ter toda a eternidade.

Dizendo que não fazê-lo assim, da mesma forma que desejam longe a agonia da fome não fazê-lo parar. A dor agarrava dentro dela, rasgando seu controle, suas reservas, deixando as terminações nervosas sua primitiva hipersensibilidade. Ela não podia suportar o toque de suas roupas, o peso da mão de Caleb, ou o roçar dos dedos das mãos de Jared em seu rosto. Ela puxou o pulso de Caleb. Não fazê-la de bom. Como Jared, ele tinha ossos grandes, musculosos, e tão teimoso como uma mula. E ele acreditava que estava ajudando.

— Porque é a mesma coisa? — Caleb rosnou para Slade.

— Se eu soubesse, — Slade respondeu: — certamente estaria em posição de encontrar a solução a todos os probleminhas da vida.

— Nós não precisamos de uma solução para todos eles, apenas um presente.

— Então você vai ter que esperar... — Ele bateu três teclas em rápida sucessão. — Até eu encontrá-lo.

— Merda!

Raisa ecoou o sentimento. Outra onda de dor veio com ela. Ela se preparava para a sua chegada, ela piscou quando chegou a ela em um eco suave de sua força habitual. Acima dela Caleb se retraiu. Os músculos nos braços, empurrou. Ela piscou novamente. Ele estava desviando a dor. A facilidade com que ele falava de familiaridade com o processo.

Ela não tirava a mão do seu pulso.

— Será que Allie sofre assim, também?

— Não mais.

— Como você parou com isso?

— Ao dar a ela o que ela precisava. — Ele apertou seu punho em seu dedo polegar. O rosnar de Jared encheu a sala, um aviso real e mental. O cheiro de sangue flutuava ao seu redor. Fresco e poderoso. Errado.

Ela virou a cabeça.

Os olhos de Caleb procuraram o rosto dela enquanto sua mente da dela.

— Assim como Allie.

— Allie não gosta de seu sangue?

Ele sorriu, mostrando até os dentes brancos.

— Ela gosta muito do meu sangue.

Ele recuou, fechando a ferida em seu pulso.

A fome germinou após a barricada que ele tinha deixado para trás. Ela pode não ser capaz de beber sangue de Caleb, mas o perfume serviu para lembrá-la de que ela estava faltando. Com brutalidade sucinta.

— Eu odeio isso. — Foi um protesto contra o vazio inevitável.

Jared revirou sua direção com uma mão no quadril.

— O que há para amar? — Ela colocou as palmas das mãos sobre o peito dele enquanto a levantava, ofegante através do pior da dor antes de sacudir a cabeça, muito consciente dos homens que assistiam. — Não aqui.



Ele puxou a camisa aberta. Dois dos botões de bater na mesa de ping-pong de luz.

— Agora não é hora de ficar mimada.

— Não há como. Eu já estou lá.

— Você pode também conservar sua respiração, Jared. — Caleb observou, desviando o olhar da tela que realizou Slade hipnotizado. — Você teria sorte melhor fazê-la se despir em público, em seguida, levá-la para se alimentar em público.

— Você é meu irmão.

— Eles não são meus. — Raisa resmungou, aborrecida com a forma como ele estava sendo denso. A alimentação era tanto sexual como qualquer outra coisa. Ela não faria isso na frente de outro homem.

— Você vai se assim posso dizer.

Ela balançou a cabeça, envolvendo os braços em volta de seu pescoço, acariciando os dedos em sua nuca como a fome aumentou para um rugido e seu cheiro englobou-a em seu abraço perfeito.

Certo.

Seu corpo era grande e rígido contra ela enquanto a necessidade crescia entre eles.

— Trata-se de algo particular entre nós.

Ele não discutiu, apenas levantou-a e se dirigiu para a porta.

— Então, raio de sol, teremos privacidade.

— E você, Slade. — disse Caleb por trás deles, — pode dizer-me sobre a complicação adorável em sua tela.

O ar frio da noite beliscou seu nariz. Raisa estremeceu. Jared levantou-a mais.

— Onde estamos indo?

— Para casa.

A casa onde Allie estava assando e, presumivelmente lobisomens e outros estavam reunidos. Ela apertou sua mão no nó em seu estômago.

— Não há um lugar mais privativo onde podemos ir?

Se sua cabeça explodisse depois, ela não queria ter alguém com ela.

Jared parou, seu corpo indo com força contra o dela. As chamas chegaram perto do seu olhar.

— Quanto ruído você está pensando em fazer?

Levou um segundo para perceber que ele não estava falando sobre o "big bang" em que sua cabeça explodiria. Imagens dele surgiram para ela. Imagens dos dois entrelaçados, a boca em seus seios, sua cabeça inclinada para trás, uma expressão de carnalidade completa em seu rosto enquanto seu corpo misturava com o dela.

Ela suspirou.

— Eu não quis dizer isso!

— O infer... você não quis.

Calor queimava a partir de seus dedos enquanto mais imagens surgiam em sua mente, imagens de todas as maneiras que ele viu, todos eles de uma mulher que ela nunca viu no espelho. Uma mulher sensual e exuberante que ela nunca pensou que poderia ser.



— Oh, pelo amor de Deus, eu estou velha demais para corar.

Ela teria batido nela se o sorriso de imediato não fosse tão atraente vê-lo sorrir.

— Mas você é tão encantadora.

A única saída era blefe.

— Você percebe que isso é uma expressão muito antiquada?

Seu caminho inclinou para a direita.

— Sorte para você, eu sou um cara à moda antiga.

Enfiou as mãos dentro da camisa, encontrando o tapete do cabelo, deslizar por ela até que ela encontrou seu mamilo, que era tão fascinantemente diferente do dela, mas tão semelhantes. Ela balançou. Seu suspiro era música para seus ouvidos.

— Por isso faz-me com sorte?

Seu sotaque era visivelmente mais grosso enquanto ele respondia.

— Porque você é uma garota à moda antiga.

— Mulher. — Algumas das alterações dos últimos séculos ela altamente aprovou.

— Minha mulher. — ele elaborou.

Ela não tinha um argumento para isso. Pelo menos que mantenha a água em função da forma como ela foi acariciando-o. Eles pararam em frente a uma pitoresca cabana de troncos.

— Onde nós estamos?

— Uma das Casas de hóspedes. Eu acho que você vai encontrá-la privativa o suficiente. — Debruçou-se, rindo enquanto seu rubor se intensificava. — Abra a porta.

Ela o fez. Ele ligou as luzes. Ela piscou enquanto sua visão regular entrava em jogo. O brilhante, sabor alegre sudoeste da decoração a acalmava.

— Nunca vou me acostumar com isso, — ela confessou enquanto ele a colocava de pé.

— Com o quê?

— A visão noturna. Tenho saudades das cores.

Tão brilhante como o verde de seus olhos poderia ser ou como a mancha azul maior profundidade a inteligência e a força que ela viu quando ela olhou para eles.

— Eu amo as cores. — ela suspirou, pegando as costas de um sofá com uma mão e sua barriga com o outro enquanto o próximo espasmo de fome construída.

— Eu também. — Jared alcançou seu braço por um segundo. — Você está bem?

— Muito bem.

O levantar de seus lábios poderiam ter sido impaciência ou diversão.

— É quase amanhecer. Eu quero assegurar o lugar antes de eu cuidar de você, porque depois disso, eu duvido que eu estarei pensando em tudo.

Não havia dúvida do seu significado. Ela pegou sua mão fora do sofá para a fração de segundo que levou para ele um aceno.

— Segurança em primeiro lugar.

Ele olhou para seu rosto. Ela podia sentir o suor lá, só podia imaginar que ela se parecia.

— Talvez seja melhor sentar-se.

Onde ela estava, estava bem. Em pé, com sua propagação dos pés, as costas curvadas, e seu punho pressionando em seu intestino parecia ser reconfortante para a besta por um minuto.

— Isso é trabalho.



O olhar que ele atirou nela acrescentou o "por agora", ela havia parado. Com uma hesitação, ele dirigiu-se. Ela seguiu com seus sentidos, confiar mais pesadamente sobre o som. Ela podia ouvir as persianas sendo abertas e fechadas. Portas abertas e fechadas. Demasiadas portas para um lugar tão pequeno. Ele estava verificando os armários? Um ponto de disparo do alarme por meio dela. Imediatamente, sua energia sobre ela acariciou com o conforto de um toque.

Eu sou o tipo cauteloso.

Lógicos e prudentes com uma tendência a sorrir. Sua personalidade não somava a menos que ela consignado no trauma de sua conversão. Ele não queria isso. Ser convertido contra a sua vontade por um irmão que ele obviamente adorava teria deixado-o, como dissera esses dias, em conflito. Ele, obviamente, reconciliou-se com seu irmão, transferindo a culpa, e ele lidou com a traição, sendo determinada a não confiar novamente, mas de onde que deixá-la?

— Esperando por mim?

Ele ficou na porta, o ombro encostado ao umbral da porta, um pé cruzado sobre o outro, sua camisa aberta, escancarada para mostrar a ampla extensão do seu peito, deixando o seu auge na perfeição do tanquinho de seu abdômen. Sob o chapéu, seus olhos brilhavam com a promessa, e abaixo da sombra da aba, a boca arqueou num sorriso sensual.

Sim. Ela estava esperando por ele, nesta vida e no passado. Antes de ela se transformar, ela imaginou-o como seu cavaleiro de armadura brilhante, o homem que ela esperava entrar no inferno da sua vida fragmentada e tira-la dos escombros, porque isso é o que as mulheres esperavam naqueles dias. Esperava, rezava, ou enganava um homem para salvá-las. Depois de ela se tornara vampiro, ela só conheceu a dor da fome para mais agitado do que o que ela tinha. A necessidade de preencher o vazio dentro dela. Ela pensou que era porque ela não conseguia encontrar uma dieta adequada, mas agora, vendo-o em pé no corredor, ombro encostado no batente da porta, acariciando sua energia ao seu redor, percebeu a verdade. Ela se endireitou e estendeu a mão.

— E eu acho que você me deixou esperando por muito tempo.

Sua sobrançelha subiu na suavidade de sua voz. Ele se afastou da parede com uma graça lânguida. Como entrelaçados como sua energia foi, ela não poderia faltar o início de surpresa e desejo. Ela sorriu e encolheu os dedos no convite. Seu sorriso alargado.

Ele entrou com ela em passos largos mesmo. Um, dois, três, e com cada passo a certeza cresceu dentro dela. Este era o homem que ela passou a vida procurando, o homem que ela sempre quis ter, o motivo de sua energia tinha a chamado para o oeste americano em primeiro lugar. Cada passo que ela deu em sua vida tinha sido projetado para trazê-la aqui, neste momento.

Ela inclinou a cabeça para trás enquanto os braços de Jared chegaram ao seu redor. Seu corpo enquadrava-se perfeitamente ao dele. Para esta realização. Jared era dela. Por que ela não tinha sido capaz de resistir à dor de Caleb quando ele tinha sido tão difícil pensar de seus irmãos e preocupante. Ela piscou. Oh Deus, ele não sabia que ela era a pessoa que tinha convertido Caleb. Ela lambeu os lábios, lembrando como ele olhou pela primeira vez que ela o tinha visto, um anjo vingador dobrado em entregar a justiça, como ele ajudou o jovem casal, porque ela pediu-lhe que, como ele mantinha morna. Ela lhe devia mais do que uma mentira. Mesmo que seja por omissão.

— Há algo que eu tenho para te dizer.

Ela não queria mais a interação entre eles, sem ele saber.



Seus lábios deslizaram por seu rosto, o canto da boca. Sua necessidade de atenção para ela, sua necessidade para ela derramou sobre ela em uma chama de fome que encontrou um anseio de responder por ela. Ela levou as mãos até as costas, abraçando-o para ela. Ela veio até aqui, tomado todos estes anos para encontrá-lo, e no segundo seguinte, quando ela confessou tudo, teria sido tudo por nada.

— Jared.

— E se eu te digo que não quero ouvir isso?

Ele pegou sua orelha entre os dentes.

— Então eu tenho que dizer, você precisa.

Ele mordeu delicadamente.

— Mas eu não quero. Não se vai tirar isso.

Um arrepio sacudiu da cabeça aos pés. Ela virou-se os lábios em seu pescoço, respirando o perfume, limpo almiscarado de sua pele.

— Você sempre cheira tão bem.

— Não é quase tão bom quanto você. Você cheira a doce de mel picante.

— O mel é muito pegajoso.

Ele riu.

— Vou trabalhar em uma analogia melhor.

Ela lambeu os lábios e reuniu coragem. Outra passagem de sua boca em seu rosto. Outro beijo no canto da boca.

— Lembre-se como a outra noite que você queria apenas esquecer que tudo fora da caverna existia? — Jared perguntou.

— Sim.

Seus dedos tocaram com o fundo de sua gola, levantando-o e deixando-a cair, provocando-a com a promessa de seu toque como ele tentou-a com a opção de não divulgar.

— Eu estou pedindo, por favor hoje à noite.

— Eu acho que não pode oferecer isso para você.

A palma de sua mão deslizou sob a blusa para descansar contra o vazio de sua coluna, o calor do seu toque se estende do lado para o outro. *Por que não?*

— Porque você vai me odiar por isso mais tarde.

— Eu nunca poderia te odiar.

— Só porque você não pode imaginar, não significa que não pode acontecer.

Sentiu-se a nitidez de suas garras.

— Uh raio de sol?

— O quê?

Essa garra afiada cortou para baixo, cortando o pano e convicção.

— Sim, é verdade.

O cóis de sua calça jeans deu um sussurro de protesto, deslizando seus quadris enquanto a fome escavava em seu intestino, de encontro para uma nova greve.

Sua boca se fechou sobre a dela, suavemente, docemente, completamente, de ponta a ponta, seduzindo seu senso de seu passado comum, além do que ela sabia que deveria fazer, além do que era certo e errado.



— Isso é certo.

O pensamento empurrou através de seu conflito.

— Isso não é real. — ela respondeu de volta.

— Isto é tudo que eu quero.

Ela sabia que ele não estava falando de sexo. Ele estava falando sobre a mistura perfeita que acontecia quando eles estavam juntos, a forma como sua energia trabalhava, os seus pensamentos em conjunto, a forma como a sua mera presença afastou o vazio que ela temia ao longo dos anos mais do que a dor da fome. Esta foi a perfeição que escoou em sua alma quando ele a abraçou.

Ela envolveu seu rosto em suas mãos, puxando-o para longe de sua boca, tendo como sua respiração dela enquanto ela sussurrou:

— Você tem que prometer, mesmo se você me odeia, mais tarde, você vai lembrar que você não quis ouvir-me agora. Que a culpa é sua.

Ele não vacilou.

— Eu prometo.

Essa garra roubou a parte de trás da sua camisa. Não caiu tão facilmente como o jeans, o elástico trabalhando contra um corte limpo, mas Jared não pareceu ocupar-se, na verdade, em vez parecia gostar da luta. Ele era um homem contraditório.

Ela trabalhava com as mãos até ao pescoço, esticando-se na ponta dos pés para ligar os dedos atrás do pescoço. O material deu com um rasgo escalonado. O ar fresco acariciava as costas. O calor de sua respiração acariciou-lhe a boca, o calor do seu sorriso aquece a alma enquanto ele largou a mão à retaguarda, apoiando-a.

— Precisa de uma ajudinha?

— Claro.

Com uma eficiência que poderiam ter levantado a testa em qualquer outro momento, ele arrancou pelo resto de sua camisa. As metades caíram longe dela de volta. Suas mãos estenderam-lhe a cintura. Ele levantou-a. Ela enrolou as pernas em torno de seus quadris e se aconchegou em seu abraço. Apertando a testa em sua garganta, virilha em sua ereção, ela deixá-lo de apoio. Suas unhas se afundaram em seu pescoço. O cheiro de seu sangue temperava o ar. O perfume de sua excitação subiu ao seu próprio coração.

Sua mão envolveu no fundo de sua cabeça, embrulhou nas costas de seu cabelo.

— Pequena doce raio de sol, me aqueça.

Ela dá-lhe alguma coisa.

— Apenas me diga como.

— Você está indo bem do jeito que você está, mas se você pudesse ver a sua maneira de deslizar os braços para fora das mangas, a temperatura subiria um grau ou dois.

Ela sorriu. Ele queria sentir sua pele nua contra a dele.

— Eu aposto que sim. — Ela raspou seus dentes sobre a artéria no seu pescoço. Absorvendo o tremor contra os pontos de sua conexão, aumentando sua expectativa dela. Ela puxou a manga direita fora e depois à esquerda. Não é puxar o material longe de entre eles, apenas deixá-lo por entre seus peitos, amando o seu rugido na negação insubstancial. Com outro rosnado chegou entre eles. Com um puxão para cima, sua camisa voou pelo ar e caiu no chão. Sua estreita seguia



atrás, e depois foi a vez de tremer, enquanto os seios afundou-se no tapete crespo de cabelo em seu peito.

— Sim. — Jared arrastou o seu peito e para trás contra o dela, atormentando seus mamilos com a abrasão requintado. — Dê-me isso.

Fechando as mãos na parte de trás da cabeça dela, sujeitou-a quieta enquanto dava três passos para trás, a repercussão de cada passo outro acalorado pulso para a fome pulsando entre suas coxas. Os ombros de Jared bateram contra a parede, golpeando-a. Ela piscou quando o mundo se enfocou.

— Não, querida. Fica comigo. — Com um roçar de seus dedos calejados para baixo em sua coluna, Jared centrou seu foco sobre o arco de energia entre eles. — Morda-me.

Seus dentes formigavam e doíam, mas ela não obedeceu imediatamente. Ele não era o único que gostava de provocar. Ela passou a língua nos lábios.

— Não é suposto ser um insulto?

Ele inclinava a cabeça para o lado, pressionando a boca para a garganta.

— Entre nós, é um convite.

— Um elemento erótico — sussurrou ela contra seu pulso, sentindo-o parar e logo acelerar quando assimilou seu significado.

— Oh, inferno sim.

Arrepios surgiram contra os lábios. Ela testou a rugosidade intrigante com a língua, sorrindo quando Jared arqueou o pescoço, dando-lhe acesso gratuito a correr solto. Ela lambeu delicadamente, preparando-o, enquanto deleitava-se com o sabor salgado de sua pele, a sensação de seu coração batendo contra sua boca.

— Filho da puta. — Outro tremor sacudiu a estrutura grande, e ela sorriu enquanto o prazer feminino puro corria por ela no conhecimento de que ela poderia fazer um homem tão grande e forte deste fraco, de joelhos.

Algumas de suas alegrias deviam ter derramado sobre ele, porque uma onda agressiva de procura masculina veio de volta para ela. Quente e grossa com vontade, fundiu-se com a sua própria cobiça, dirigindo-a maior. A mão dele puxou presas ao pescoço. Que sabor maravilhosamente viciante que era tão singularmente derramou nela.

Foi tudo para ela depois. Ela não podia segurar, não poderia importunar. Necessidade bateu seu intestino, apoiado por um outro impulso da procura masculina. Ela mordeu. Sua mensagem de sim ricocheteava por sua mente. Ele a segurou próxima, de encontro a ele enquanto ela se alimentava, surpreendentemente, a ternura, mais do que a luxúria no curso de sua energia, com as mãos. Ela agarrou-se a suavidade que a fome e a paixão a inundavam, esperando a ligação entre eles fosse o suficiente para levá-los através da revelação que ainda estava por vir. Ela mergulhou as mãos na nuca de Jared e apertou-se mais perto. Tinha de ser. Ela não sabia se poderia sobreviver se tivesse de regressar a essa terrível solidão.

Nunca.

Ele puxou-a quase dolorosamente perto.

— Você nunca estará sozinha novamente.

Ela fechou os olhos e esperou que fosse verdade.



CAPÍTULO 18

RAISA estava mole e saciada ao lado dele, o esgotamento puxando sua salvaguarda. Sua mão direita sobre o peito coberto. Seus dedos traçando padrões de preguiçosos em seus cabelos no peito. Jared cobriu com sua mão, sentindo o seu sorriso contra o peito. Ele teve o impulso ilógico de ficar assim, para não trazer qualquer coisa que precisava falar. Para apenas descansar aqui na cama, deixando a intimidade isolá-los do mundo real.

— Seria bom, não é?

Aparentemente, as guardas Raisia não foram os únicos que foram rebaixados.

— Sim.

— Mas nós temos que conversar.

— Sim, nós temos.

Uma pequena picada no peito enquanto o seu dedo capturava em seu cabelo e depois de uma volta da cabeça como ela apertou um beijo apologético à seu peitoral.

— Você precisa saber sobre Miri.

— Entre outras coisas.

Ela o beijou novamente.

— Ela é uma lobisomem.

— Não vejo a razão para o sigilo.

— Ela é ligada a um vampiro.

O choque o fez imobilizar-se. Vampiros e lobisomens tinham uma relação de concorrência. E nos últimos seis meses em que as alianças se tornaram uma necessidade, ele aprendeu muito sobre a história de ambos, e um fato se destacou. Os dois nunca acasalavam. A razão era simples. Liderança no mundo lobisomem passava através do sexo feminino para seu companheiro. Um vampiro macho casando com um do sexo feminino de uma família de Alpha seria colocar o poder da matilha fora da espécie. Não é algo que ninguém estava à vontade.

— Respire, Jared.

Ele estava segurando a respiração.

— De que manada é Miri?

— Eu não sei. Nós pensamos que era mais seguro assim.

— Parece excessivo.

Seus dedos envolveram em torno dele, apertando.

— Você não vai dizer que quando você ouvir o resto.

Quanto pior o resto poderia ser?

— Apenas despeje.

— Miri teve um bebê.

— Filho da puta! — Pior ainda não começaram a cobri-lo. Se a criança era do sexo feminino, cada líder do bloco do mundo iria querer o bebê e o pai morto por causa da ameaça que representavam. Um potencial vampiro regendo a sociedade were. Como uma fêmea fértil, se o



encontraria outro companheiro, tanto se queria como se não, mas esse emparelhamento não seria permitido. Ela olhou para ele, seus grandes olhos castanhos abertos e articulados.

— Eu não sei ao certo.

— Mas...

— Eu não penso assim, caso contrário, Miri não seria tão inflexível quanto a mim, não dizer nada a ninguém. — Raisa unhas fincaram a mão. — Eles pegaram o bebê, Jared. Eles levaram o bebê para adoção logo que ele nasceu, e as coisas que eles fizeram com ela desde...

Ele beijou o topo de sua cabeça, acariciando sua energia ao longo dela em pulsos de conforto.

— Eu sei o que fazem.

E não foi bonito.

O resto do que não foi, tampouco. Se o santuário tinha se livrado do bebê, que resolveria o problema e as alianças dos Renegados tinha formado permaneceria sólida. Pelo menos, talvez o suficiente para vencer a guerra. Ele queria pensar nisso como uma solução, mas os bebês eram para ser mimados, não torturados. E as mulheres foram criadas para ser valorizadas, não abandonadas a perseguições fanáticas de ninguém.

A energia de Rai foi suavizada por cima dele. Em um pedido de desculpas e uma liberação de responsabilidade.

— Sinto muito.

— Não há nada que pedir desculpas.

— Esta não é a sua luta.

— É a luta de todos.

— Isso vai estragar tudo.

— Então ele irá arruiná-la. Mas quando ele é feito, Miri e o bebê estarão seguros.

Ela foi ainda assim, ele duvidava que ela era mesmo a respiração.

— Você vai tentar?

— Nós todos vamos tentar.

Ela estava balançando a cabeça antes de ele terminar de falar.

— Você não pode dizer aos lobisomens.

— Nem todos eles. — Ele estava de acordo sobre isso. Ninguém fora do círculo J poderia saber. — Mas vou dizer a meus irmãos e a McClarens.

Ela empurrou-se para cima.

— Eles podem ser confiáveis?

Cortou-lhe alguma folga sobre a questão, considerando sua primeira apresentação para eles, a resolução de um sucinto

— Sim.

— Mas Caleb...

— Eu nunca deixaria uma mulher ou criança em perigo, — completou, puxando-a para baixo.

Ela tremia e mexia ao lado dele. Tanto para desfrutar da intimidade remanescentes.

— Rai?

— O quê?

— Você está esmagando meus dedos.



Logo, ela largou.

— Eu sinto muito.

Ele pegou a mão dela novamente. Gostava segurá-lo.

— Nada a pena. Você tem razão para estar nervosa. Sua amiga em uma situação ruim que pode piorar uma vez que resgatá-la.

— Nada é pior do que onde ela está.

Ele poderia pensar em algumas coisas que eram piores para uma lobisomem.

— E se a família virar as costas para ela?

Ela balançou a cabeça, sustentando-se de volta.

— Nada é pior, Jared.

Ela provavelmente tinha um ponto, mas a amiga que ia ter problemas reais chegando. Provavelmente ajudaria se ela tinha família grande ou um companheiro forte.

— Assumo que o seu companheiro está morto?

— Não.

Que fodido companheiro abandonava a sua mulher grávida? Jared lançou-se de volta na cama, sentando-se, puxando-a com ele até que ela se ajoelhou ao lado dele.

— Então onde diabos ele está?

— Eu não sei, mas tenho de encontrá-lo.

— Qual é seu nome?

— Eu não sei.

— Então como você vai encontrá-lo?

— Por sua energia.

Ele piscou para a ingenuidade pura dela. Se Raisa tinha o nome de um homem, ele poderia ser levado para fora dela, roubado dela, mas como uma pessoa viu a energia, que foi único para aquela pessoa. Roubo de que seria um desperdício de tempo. Exceto por um raro pouco, como Raisa, que era extraordinariamente sensível, não seria a transferência.

— Você pensou em tudo.

— Eu tive muito tempo para pensar.

Enquanto ela foi prisioneira do Santuário. A vontade de explodir em sua mente e descobrir a verdade de sua experiência levou-o novamente. A única coisa que reteve foi a confiança que ela estava mostrando a ele. E a ansiedade de decantá-la em ondas.

— E quando você encontrar o companheiro de Miriam, o que você deveria fazer?

— Eu tenho que convencê-lo a salvar Miri.

— Nós não vamos esperar por ele por mais tempo.

— Bom.

— E quando temos Miri e seu bebê seguros, nós vamos encontrar seu companheiro. — E então Jared estaria tendo algumas palavras com ele sobre o motivo que ele deixou em tal situação, em primeiro lugar.

A mente Raisa foi aparentemente viajando pelo mesmo caminho como o dele.

— E se ele for um canalha?

— Então eu vou chutar seu traseiro, e vamos mantê-la segura aqui conosco.

Ela dobrou os joelhos no seu mais profundo, os olhos procurando o seu.



— Por que vocês estão dispostos a fazer tudo isso?

Ele balançou a cabeça na loucura da causa, dando-lhe um aperto de mão pequena.

— Porque você é minha mulher, porque isso interessa a você, e porque é a coisa certa a fazer.

Ela assentiu com a cabeça.

— Mais do que a superabundância de honra Slade mencionados.

Como Slade não têm o mesmo código e não estar fazendo a mesma coisa, logo que soube da situação de Miri.

— Aparentemente.

Ela acariciou-lhe a mão para baixo do braço, o orgulho e a possessividade no gesto. Bem. Ele descobriu que gostava mais do que ele gostava dela paixão.

— Como é que vamos encontrá-lo?

— Tem certeza que ela quer que ele a encontre?

Ela encolheu os ombros, humor irônico perseguir a tristeza do canto de sua boca, seu dedo rastreamento através de sua clavícula.

— Talvez apenas para matá-lo, mas, sim, ela quer que ele a encontre.

— Eu posso ver isso. A mulher tem o direito de esperar um pouco mais de seu companheiro que o seu amigo parece ter começado.

Claro.

Há poucos dias, ele poderia ter pensado seriamente que ficou intrigado com a forma do ombro enganchado até a clavícula, mas há poucos dias, ele não tinha conhecido as inseguranças que se escondia sob sua frente otimista. Ele curvou seu dedo indicador ao redor do ponto do queixo e chamou de volta seus olhos para o seu. A resposta foi no reflexo da insegurança sombra o seu olhar. Ela foi se colocar na posição de Miri e perguntando.

— Apenas para o registro, portanto não há mal-entendido entre nós, não há nenhuma maneira no inferno que você nunca estará na posição de Miri.

Ela lambeu os lábios, deixando-as úmidas e brilhantes, em um convite inconsciente ele aproveitou, cabendo-lhe o lábio superior ao dela, alinhando o seu centro com cuidado preciso.

— Você não pode saber disso.

— Eu sei disto. Se você fosse tirada de mim, Rai, eu rasgo o Santuário de distância, pedaço por pedaço membro, por um membro, até que eu encontra-la.

Raisa piscou como toda a força de vontade de Jared derramada sobre ela. Imagens de destruição e sangue bateram em sua consciência, a mistura violenta oscilando em torno do perímetro de sua consciência em uma hemorragia mental dele para ela. Ela reuniu-o. Mudou-o. Absorveram. E quando ela foi feita, ela não tinha dúvida. Ele viria para ela. Ela perguntou se ele sabia o quanto ela significava para ela, sabendo que tinha alguém para contar a esse ponto? Provavelmente não. Ele sempre teve essa segurança. A pergunta escapou dela, uma dica de som que circulam em sua respiração para ele.

— Por quê?

Ele não piscou, não hesitou.

— Porque você é minha.



A descida da boca pontuou a declaração, alegando a boca dela, a profundidade de sua fome surpreendendo-a, como sempre fez, deixando-a uma fração de segundo de imobilidade, antes de encontrar uma resposta dentro de sua corda, que fluiu facilmente nas bordas serrilhadas da sua paixão, alisando-os em algo maior, mais forte. Ele respondeu com um grunhido que rondavam pela cabeça dela.

— Minha!

A descida da sua boca pontuou essa declaração, a boca reclamou a dela, a profundidade de sua fome a surpreendeu como sempre fazia, aturdindo-a durante uma fração de segundo de imobilidade antes de encontrar um acorde de resposta dentro dela, um que fluiu facilmente nas bordas trincadas de sua paixão, as suavizando em algo maior, mais forte. Ele respondeu com um grunhido que rondou por sua mente.

Minha!

Uma declaração de posse, não de amor. Ela tentou que fosse suficiente, mas em seu interior, a parte faminta de sua alma gemeu um protesto. Não queria ser possuída. Tinha sido possuída muitas vezes no passado. Queria ser amada. O espírito prático lhe disse que não se estirasse em busca da lua, que estivesse satisfeita com o que tinha, que era melhor que nada que tivesse tido antes, mas umas lágrimas irracionais arderam em seus olhos. Lutou para retê-las, deslizando os braços em torno do pescoço de Jared, desfrutando, dando a boa-vinda à flexão dos músculos ante seu toque, saboreando sua força quando ele a empurrou contra ele.

Aceitando a dominação que era tão parte dele, deleitando-se nela porque encaixava tão bem com essa parte dela passada de moda que tinha sido educada para esperar ser a suavidade no dia de um homem, e porque alimentava sua tendência natural a dar consolo a esses que amava. OH Deus! Amava. Seu ofego ao dar-se conta foi tão involuntário como seu estremecimento.

Com outro grunhido que reverberou por sua espinha dorsal, Jared a seguiu, desequilibrando-a. Ela caiu de lado. Jared não a agarrou, mas bem caiu com ela, um predador grande e mau com a caça em sua mente.

O grunhido se converteu em risada quando baixou o peito sobre ela, um delicioso centímetro a centímetro enquanto a seguia abaixo ao colchão. Agarrou um cacho nos dedos, levantando-o do ombro, esfregou-o entre seus dedos enquanto perguntava:

— Faminta, raio de sol?

Qual seria o ponto de negá-lo?

— Eu estou sempre com fome de você.

Ele tomou o longo fio de cabelo e envolveu-a em torno de seu peito, puxando-o tenso. O homem parecia fascinado por seus cabelos. Cortou-lhe um olhar, o sorriso arqueando um lado da boca, sensual e zombeteiro.

Ela suprimiu a necessidade de cobrir o peito com a mão, mas o "me desculpe" só veio trotando por sua conta.

A sobrancelha direita Jared balançou-se como o seu olhar encontrou o dela.

— Por que demônios?

Ela iria desviar o assunto, mas decidiu que não. Quem era ele para ridicularizá-la de qualquer maneira?



— Para o que colocou o escárnio em sua expressão.

A sobrancelha esquerda se juntou ao primeiro batimento cardíaco antes de ambos vieram para baixo em uma careta. Então, surpreendentemente, aquele sorriso que ela puxou seus sentimentos profundos propagação de seus olhos para os lábios. Beijou-a rapidamente, o sopro de ar contra os lábios riso, provavelmente.

Tão logo a boca separou dela, ela avisou:

— Se você está rindo de mim, eu vou te machucar.

Ele recuou, humor espreita nas dobras ventilando para fora dos cantos dos olhos.

— Bem, se eu não estava antes, estou agora, depois de ouvir essa ameaça. Um pouco de uma coisa você não poderia me machucar.

— Confie em mim, eu tenho os meus caminhos.

Jared poderia pensar que ele sabia tudo sobre ela, mas se a provocasse, ele só poderia ir contra o seu lado menos agradável. Ela tocou o vinco na bochecha direita.

— Eu gosto quando você sorri.

— E eu gosto quando você me seduz.

— Você quer que eu a tentá-lo novamente?

— Sua existência é mais tentação que eu possa resistir. — Ele mais uma vez puxou a fita grossa de cabelo esticado ao redor da base do peito, a tensão em seu couro cabeludo, o peito, como foi levantado, despertou pouco interesse regalias dentro. Mamilo formigou e ficou viçoso. Sua cabeça abaixada. — O que poderia explicar esse escárnio que você viu no meu rosto.

Ele beijou a ponta sensível uma vez, duas vezes.

— É difícil para um homem aceitar que ele não tem qualquer força de vontade quando se trata de uma mulher.

Ela ofegou e arqueou as costas, oferecendo-se para ele.

— E você não tem força de vontade quando se trata de mim?

— Zero.

Raisa embaralhou os dedos entre os fios de seu cabelo fresco cor de chocolate.

— Eu gosto disso.

Ele aceitou o convite, enrolando a língua ao seu redor do mamilo, sorvendo suavemente, seu sorriso medida da pressão em torno do cerne.

— Por que não estou surpreso?

Ela puxou-o para ela, o desejo substituindo o cansaço, a fome substituindo a preocupação. Necessidade da ternura dentro de seu toque o ímpeto por trás de seu suspiro de satisfação, enquanto ele abria a boca, tendo que ela ofereceu, ligá-los para este momento único. Talvez o último que teria antes que a verdade os quebrasse.

JARED caiu da cama. Rai agitava-se. Ele acariciou sua cabeça sobre a dela.

Durma. Ela virou o rosto no travesseiro com um pouco de aconchego. Ele agarrou o cobertor, o que significa para puxá-lo por cima dela. Sombra cobriu o ombro com o movimento, oferecendo mais profundo contraste para a sua visão noturna. Sua pele brilhava acetinada branca na escuridão. Incrivelmente suave, deliciosamente arredondadas, as curvas tentando-o para tocar,



explorar, para acompanhar a atração sensual do que varrer para baixo do braço para o local apenas para dentro de seu cotovelo que o fez suspirar e estremecer. Ele gostaria de não atrasar um pouco, que provoca suspiro pouco de seus lábios novamente, o que ela fez para a direita antes que ela baixou suas defesas e se entregar a ele. Ele queria que o inferno em chamas, mais agora, quando ela estava em risco a partir do Santuário, a partir da bomba em sua cabeça, da promessa que tinha feito que poderia colocá-la em maior perigo. As promessas que ele foi forçado a respeitar por causa de seu código de honra e dela.

Ele quis acordá-la e vê-la sorrir aquela pequena feiticeira enquanto ele deslizava nela, sentir suas mãos suaves nas costas, enquanto ela aceitava sua posse. Seu gemido de satisfação, enquanto as suas energias se misturavam e que o possuíam também. Inferno, ele só a queria, toda.

Ele se forçou a queda da cobertura sobre os ombros e passo longe da cama. Essa primeira etapa foi sempre o mais difícil, a separação inicial de uma dor pungente, mas uma vez feito, ele achou mais fácil de gerir o convite para voltar. Ele chegou em sua camisa e puxou as calças enquanto a observa dormir, parte dele controlando tudo sobre ela, de sua saúde para as suas emoções, como se ela fosse uma extensão de si mesmo. Que ele estava começando a acreditar que ela era. Ele tinha que saber se todos os pares acasalados sentiam-se assim ou se a sua ligação e Raisa era única. Ele teria que conversar com Caleb sobre isso. Às vezes, quando o homem não estava tão à flor da pele com desconfiança e a necessidade de protegê-lo.

Jared deslizou para fora da porta de volta para o beco fechado que ligava a casa de hóspedes para a principal. Ele abriu a porta para a cozinha. O aroma dos ricos rolos de canela enchia o cômodo grande. Ele respirou fundo, a fragrância mistura de antigo e novo para ele: os dias antes da conversão em casa tinha sido apenas uma esperança e hoje se isso significasse casa e o sorriso de sua cunhada.

— Bom dia.

— Bom dia.

Ele acenou para Derek, que estava sentado à mesa da cozinha tomando uma xícara de café, olhando o forno.

— Allie está assando de novo?

Quanto mais perto chegava a hora de o bebê nascer, Allie inquietava-se mais sobre todas as pequenas coisas, cozinhar, limpar, decorar.

Derek franziu a testa

— Sim. Quase tinha tirado algo desse chocolate quente mexicano dela antes de Caleb levá-la para a cama e me deixou com meus próprios recursos.

— Ele está preocupado que ela esteja exagerando.

Derek balançou a cabeça.

— Ele vai levá-la de tudo para mimá-la quando ela está repleta de energia.

— Eu imagino que ele encontra maneiras para gastá-la.

Os olhos do were se obscureceram com fome, recordando ao Jared que o lobo estava só durante muito tempo, e estar só era mais duro para um were que para um vampiro. Enquanto que um vampiro possivelmente soubesse que poderia encontrar uma companheira algum dia, um were nascia sabendo que estava incompleto até o ponto que esse conhecimento deixava loucos a



alguns. Derek tomou um sorvo de café. Quando baixou a caneca, a fome se foi e sua máscara tranquila usual estava em seu lugar.

— Eu imagino que ele faz.

Jared derramou café em um copo e Derek se juntou à mesa.

— Quando os rolos que vão estar prontos?

— Três minutos. — Derek estava contando.

Isso significava que Caleb estaria aqui em cerca de dois minutos e meio. O homem era viciado em rolos de canela de Allie. Mesmo que ele tivesse que vomitá-los depois porque o seu aparelho digestivo já não apreciava a escolha dos alimentos. Slade não seria muito para trás. Havia apenas algumas coisas que eram muito nostálgicos para desistir. Sentado à mesa tomando café e comendo pães doces ao discutir os acontecimentos do dia era um deles.

Bem na hora, a porta para a escada de volta aberta. Caleb passou Nenhum sinal da sua luta anterior em sua pessoa. Havia, no entanto, um olhar satisfeito de sua expressão que tinha Jared bufando com nojo.

— Meu Deus, cara, a mulher está grávida de oito meses

Caleb lhe dirigiu uma expressão irônica.

— Ouça, oponho resistência.

— Se fosse algo parecido com o que você colocou na noite passada na sala de estar, — Derek sorriu: — Eu diria que quase não conta.

— Conta. — Caleb abriu a porta do forno e respirou profundamente o aroma inundando a sala. —Perfeito.

Jared balançou a cabeça.

— Você tende a encurtar a sua vida com esse vício.

Caleb puxou os rolos do forno. Ele fechou a porta fechada com o joelho.

— Eu vou ter uma chance.

A porta traseira se abriu. Slade entrou. Ele tinha as características mais duras do seu tio, e sem o jaleco e seu cabelo caindo sobre a testa, ele parecia muito com o irmão Jared tinha montado com nos velhos tempos.

Jared viu como Caleb espalhava gelo sobre os rolos, colocando o dobro do montante em que Allie fez. Ele mal suprimiu um estremecimento. Não era doce e então não era doce.

— Vá devagar com a crosta de gelo no meu.

Caleb ergueu uma sobancelha para ele.

— Quem disse que você estava recebendo algum?

Jared arqueou uma sobancelha de volta para ele e tomou outro gole de café. Quente, forte e amargo, iria perfeitamente com os rolos.

— Quem disse que eu não receberei?

— Eu, por exemplo, — Slade declarou, caindo em uma cadeira à esquerda do Derek.

— Eu também, — Derek atirou, assistindo a rolo como um falcão.

Caleb trouxe a assadeira com a carga até a mesa. Ele tirou um rolo. Slade sorrateiramente por trás, pegando a bandeja. Com a imagem-borrão de velocidade, Caleb e viraram para trás e bateu-lhe mais. Sua cadeira caiu no chão com um barulho estrondoso. Como um, os homens olhou para a porta interior.



— Eu juro que se você tem essa mulher aqui de novo, — Caleb solo, — Eu, pessoalmente, chutarei o seu traseiro daqui para domingo.

Após trinta segundos em que não havia nenhum sinal de chamada e de Allie, os homens relaxaram.

Slade levantou-se e ajeitou a cadeira.

— Supõe-se que uma mulher faz um homem amadurecer. — informou Caleb, como se fosse uma verdade antiga.

— Quem disse que eu não amadureci? — Passou os rolos. Todos tomaram dois, menos Caleb. Allie sempre cozinhava treze e o excesso sempre era para ele. Uma regra que Allie tinha estabelecido logo. Uma das pequenas considerações que uma mulher fazia por um marido. Jared olhou o segundo rolo. Agarrou um guardanapo da pilha no centro da mesa e pôs seu segundo rolo nela. Raisa possivelmente o quisesse quando despertasse.

Caleb olhou para o rolo.

— Para que sua esposa?

— Sim.

Derek sentou em sua cadeira. A madeira rangeu sob o peso de grande lobisomem.

— Ele é um caso perdido, com certeza se ele renunciar o rolo.

Jared tomou um pouco de seu rolo, permitindo a propagação do sabor pela boca.

— Talvez.

Caleb fez a última mordida do seu rolo em sua boca.

— Quanto custa um caso perdido? — A xícara que levantou a sua cara escondeu a sua expressão, mas Jared sentiu a sonda da mente de seu irmão.

— Todo o caminho foi. — Ao ponto de ele proteger Raisa de quem ameaçou, até mesmo seus próprios irmãos.

— Bem, — Slade murmurou, — que vai complicar as coisas.

Jared nivelou-lhe um olhar.

— É, sim.

— Facilidade fora, Jared. Nós estamos apenas olhando para você.

A ordem veio de Caleb.

Jared se virou contra ele, seus dentes cortando sua gengiva em um formigueiro selvagem.

— Você se lembra o que você disse quando eu decidi usar Allie para fazer você querer viver?

A agressão chegou ao Caleb em um arco selvagem na memória.

— Sei.

— Multiplique isso por dois, e você terá uma ideia do que está esperando por alguém que ameaça Rai.

— Ninguém vai machucá-la, Jared.

— Eu sei! — Ele colocou seu copo sobre a mesa. — Ela me garantiu isso.

— Ela tem-nos, também. — Caleb inseriu em silêncio.

— Não importa as suas suspeitas sobre ela?

— Diga-me como se sente seu instinto e seguirei com isso — Jesus! Ele iria perguntar isso.

Era uma coisa para arriscar-se em um palpite, mas seus irmãos?



— Por que vale a pena, — Slade colocou, — eu confio mais do que seu instinto lógico frio de qualquer maneira.

Caleb cortar-lhe um olhar.

— E nos velhos tempos, fez isso.

— Eu gostaria de tê-lo conhecido na época. — Derek disse casualmente. — Embora seja difícil imaginar ao Jared abandonando a lógica por algo.

— Ele era alguém conhecido pela certeza.

— Eu sou a mesma pessoa. — Jared disse a Caleb.

— Não, não o é. Você separou com um muro toda a emoção e se converteu em uma máquina.

— E de quem diabo é a culpa?

— Minha. — Caleb suspirou um suspiro de ossos cansados. — E eu desejo para o inferno que tinha acabado de me culpar, como você deve e superar.

— Não há nada para culpar por isso.

— Eu sou o único que converteu você.

— Você não teve escolha.

Caleb bateu o punho na mesa.

— Por última vez, eu o fiz! Não tinha que te converter. Poderia ter permitido que morresse de morte natural, mas não estava em mim o deixar ir. É tão simples e egoísta como isso.

— Foi culpa daquela cadela.

— Não, não foi, e é preciso aceitar a maldita em breve.

— Por quê?

— Porque as coisas não podem continuar do jeito que são.

— Por que não?

Caleb abriu a boca e em seguida, agarrou-a fechada.

— Porque não pode. Nós dois temos esposas. Eu tenho um filho a caminho, o conjunto da coalizão maldita Renegada está à beira de quebrar, e nós simplesmente não temos tempo para seus delírios mais.

Bem... Jared se inclinou para trás na cadeira.

— Fiquei muito ligado a eles.

Caleb compartilhou um olhar com Slade. Jared olhou para Derek, que encolheu os ombros, indicando que ele não tinha ideia do que estava acontecendo.

Caleb empurrou o rolo extra.

— Repito, supere.

Jared tomou-a, inclinando-a para os lados.

— Que é isso, oferecendo uma paz?

— Chame-lhe o que quiser. Agora, me diga, qual é o seu instinto sobre Raisa? Podemos confiar nela ou não?

Jared balançou a cabeça. Caleb foi uma merda teimoso.

— Não é de Raisa deliberadamente ferir ninguém. — Lembrou-se da maneira que ela desintegradas do Santuário foram. — Pelo menos sem causa.

— O que quer dizer?



— Significa que derrubou a um were que conseguiu saltar sobre mim.

— Eu estou gostando dela mais ainda. — Derek terminou seu rolo.

— Como eu. — Caleb bateu os dedos na mesa, a aura de comando que ele usava com tanta facilidade muito no lugar.

— Por quê?

— Porque você precisa de uma mulher forte, caso contrário, você vai andar todo sobre ela.

Raisa era forte. Ela parecia delicada, era mais confortável do que deixá-lo assumir qualquer área que não se preocupam, mas quando se importava com ela, ela tinha um núcleo de aço.

— Então você vai amá-la.

— Bem.

— Averiguou qual é seu segredo?

— Sim. Ele olhou para Derek. — Manterão os McClaren sua promessa de protegê-la?

Derek balançou a cabeça.

— Claro.

— Inclusive se o que digo são assuntos were?

Derek sentou-se reto.

— Que tipo de assunto were?

— Assuntos de ascensão.

— Merda!

Jared esperou as informações para resolver antes de perguntar:

— Vocês ainda estão de pé pela sua promessa? Raisa não tem proteção integral do McClarens?

Derek inclinou a cabeça.

— Sim.

— E o que eu vou dizer não vai além desta sala?

Derek balançou a cabeça.

— Sim.

— Bom, porque temos uma bagunça em nossas mãos.

CAPÍTULO 19

A batida na porta acordou Raisa de um sono profundo. Ela chegou do outro lado da cama para Jared, sentindo que ele não estava lá muito antes de bater a palma da mão no colchão vazio. A batida veio novamente. Ela resmungou em aborrecimento. Ela rolou para fora da cama e pegou as roupas dela, arrastando em seu jeans e pegando sua gola. Os restos esfarrapados não iriam cobrir tudo. Ela caiu de volta no chão. Ela não tinha outro top. Ela puxou o cobertor do pé da cama e envolveu-o em torno dela. Um cansaço causado seus ossos se sentir como o chumbo, enquanto se dirigia para a porta. Ela nunca fez bem quando o sol já estava alto. Ela colocou a mão sobre a armação de madeira, metade para testar a energia do outro lado e metade para sustentar-se acima. A energia foi brilhante, feliz e feminino.

— Quem é?



— Allie Johnson.

Isso é o que ela pensava. Raisa chegou na porta e abriu-a, abraçando a folha em torno de seu torso.

— Oi.

Allie estava lá, um monte de roupas nas mãos. Ela observou o lençol e jeans. Seus lábios um sorriso lutou e perdeu.

— Os homens Johnson são brutos no guarda-roupa, não são?

— Só um pouquinho.

Ela estendeu as roupas.

— Então, eu escolhi a oferta de paz correta.

Raisa olhou para as roupas.

— Eu não sabia que estávamos lutando.

— Acredito em cobrir todas as contingências, no caso de sustentar a meu super protetor marido contra mim.

Raisa olhou para além do beiral. O sol estava chegando.

— Eu não faria isso.

— Então, por que você não me convida antes de do meu marido perceber que eu não estou escondida na cama onde ele me deixou.

— Então, você não deveria estar aqui?

Allie encolheu os ombros, o rosto comum a tornar-se bela com seu sorriso irresistível.

— Não vou dizer se você não for.

— Eu tenho uma bomba na minha cabeça.

— Eu tenho um milagre em meu ventre. Ambos são assuntos delicados, o que você deseja abordar em primeiro lugar?

Raisa piscou.

— O milagre, definitivamente.

— Neste caso, terá que abrir a porta, porque o mencionado milagre está matando minhas costas.

Raisa abriu a porta e ficou para trás.

— Caleb não vai gostar de você estar aqui.

— Provavelmente não.

— Ele vai descobrir onde você está, mais cedo ou mais tarde.

— Vamos esperar mais tarde. — Allie acariciou sua sobressalente redondeza. — Você não tem ideia do que é estar presa vinte e quatro horas os setes dias da semana com toda essa enfurecida testosterona.

Raisa seguiu Allie para a sala. A testosterona de Jared assola uma vez ou duas.

— Eu tenho uma ideia.

Allie estendeu-lhe as roupas. Raisa não teve escolha senão levá-los.

— Uh-huh. — Allie colocou a mão em seu proeminente ventre. — Você só teve que lidar com Jared. Tentar lidar com todos os quatro irmãos Johnson ao menos uma vez e depois adicionar os fanáticos e protetores McClarens. — estremeceu, inclinou-se para trás e a um lado, tomou forças na borda do sofá, afofou as almofadas e levantou as sobrancelhas.



— Você sabe que eles são fanáticos a cerca de bebês, certo?

Allie se apoiou no braço do gigantesco sofá e se sentou no bordo, agarrando a manta antes que pudesse cair.

— Os Johnsons?

— Não, os lobisomens. Embora eu tenha que admitir, os irmãos não estão muito atrás.

Allie mexeu nas almofadas até que ficou confortável.

— Eu não suponho que há alguma chance de você ficar grávida em breve para tirar alguma da pressão fora de mim?

— Eu não penso assim. Tanto quanto sei, os vampiros não podem engravidar.

— Assim, todos continuam a dizer-me. — Ela acariciou sua barriga com um sorriso. — Aparentemente, o montinho não concordou.

— O montinho?

— Não deixarei que Slade diga o sexo do bebê ao Caleb. Ele continua com seu intento de me enganar, assim que me ocorreu um termo neutro para o bebê.

Raisa não pôde evitar mover nervosamente os lábios.

— E ele não pode conseguir a informação por si mesmo?

— Poderia, mas não o fará. Não seria honorável.

— Os irmãos são muitos suscetíveis com sua honra.

Allie assentiu.

— Se eles dão-lhe a sua palavra em algo, vale tanto quanto o ouro. — Ela olhou ao redor. — Você não teria, por acaso, algum café próximo, você teria?

— Eu não sei. Eu não tive a oportunidade de olhar ao redor.

— Você se importaria de verificar?

— Claro. — Ela levantou-se e olhou por cima do ombro enquanto se dirigia para a cozinha. — Eu pensei que vampiros não poderiam comer.

— Pode, mas pouco, mas Caleb me cortou o café, diz que não é bom para o bebê.

— Então talvez eu não devesse fazer nada.

— Ei, nós mulheres temos para ficarmos juntas. Além disso, o montinho anseia a bebida — Ela fez a cara mais triste que Raisa jamais tinha visto. — Você não vai negar a um monte em crescimento o que ele almeja, não é?

— Bem, considerando que eu nunca fiz o café, a negação pode ser o melhor curso de ação.

Allie continuou fazendo esforços no sofá.

— Céu Santo, não pode ser. Esta poderia ser a última xícara que obtenha antes de que o bebê nasça.

Raisa viu sua batalha com a almofada por alguns segundos. Finalmente, ela não aguentava mais.

— Posso ajudar?

Sem um pinga de orgulho, Allie estendeu a mão.

— Maldição, sim!

Raisa a puxou. Allie ficou de pé com um sorriso.

— Caleb estava certo, você tem um coração mole.



— Mais como uma cabeça mole, — Raisa resmungou, agarrando uma camiseta azul e puxando-a sobre a cabeça antes de seguir Allie na cozinha.

— Ouvi isso. — Allie gritou por cima do ombro enquanto ela começava a abrir as portas do armário. — Tem que ser café aqui em algum lugar.

Raisa abriu a geladeira.

— O que a faz ter tanta certeza?

— O McClarens bebem como se fosse água, e eles são os únicos que normalmente se alojam aqui.

Raisa não viu nenhum café na geladeira, mas logo que ela abriu a porta do congelador, viu que tinha acertado na loteria.

— Consegui!

Para uma mulher que caminhava balançando-se como um pato, Allie encurtou a distância entre eles em um piscar de olhos. Ela agarrou o pacote da mão Raisa e olhou para a marca.

— Ah, as coisas boas.

Pessoalmente, Raisa não sabia como alguém poderia pensar em café tão bom, mas enquanto Allie estava feliz, ela estava bem.

Allie fez um rápido trabalho de preparar o café, a única interrupção, em seus movimentos no momento em que abriu o saco e respirou profundamente.

— Oh, isso é bom.

— Será que vai satisfazer o montinho?

— Definitivamente. — Outro sorriso, e Raisa podia ver por que o sério e muito bonito Caleb tinha caído apaixonado por Allie. Havia uma luz sobre Allie, uma vontade de rir perpétua combinado com uma inteligência profunda, que era muito atraente.

Allie olhou por cima do ombro de onde ela estava medindo os grãos de café.

— Você está se perguntando o que Caleb viu em mim, não é?

Não havia um vestígio de crime em sua voz.

— Na verdade, é o contrário.

— Você está brincando, não é? — Ela olhou por cima do ombro de novo. — Por acaso você não percebeu a largura desses ombros ou não jogou uma olhada naquele traseiro lindo?

Não havia nenhuma boa maneira de responder a isso.

— Eu estava um pouco distraída com outras coisas no momento.

Como ter um par de lobos atacando sobre ela.

Allie derramou água dentro do depósito, colocou o copo de volta por baixo, e apertou o botão com um floreio. O moer do grão fez um ruído retumbante. Raisa queria cobrir seus ouvidos. Allie acariciou as faces de plástico preto da cafeteira com amor, quase abraçando-a enquanto ela fazia ruídos ecoando.

— Shh, querida. Nós não queremos que Caleb ouça, não é?

Raisa olhou por cima do ombro em direção à porta da cozinha.

— Sua audição é tão boa?

— Ou isso ou ele colocou um microfone sobre mim. Juro. — ela afastou-se da máquina e apoiou suas mãos sobre o balcão — toda vez que chego perto de uma lufada de cafeína, ele aparece e destrói o meu dia.



Lembrou-se de Caleb, seus brilhantes olhos verdes tão frios e duros quando ele a olhou, a sua desconfiança e raiva envolvendo ela.

— O que ele faz quando ele a pega? — Se ele machucar Allie, ela teria que fazer... alguma coisa.

Allie revirou os olhos e gemeu.

— Ele me faz palestras. Para um homem que tive que aprisionar uma vez— ela espalmou das mãos em concha na frente do peito, — os seios em um sutiã apenas para levá-lo para conversar comigo, pode fazê-la realmente derramar uma lágrima.

— Caleb era tímido? — Isso não poderia retratar.

Allie balançou a cabeça.

— Jogar duro para conseguir. Ele pensou que eu teria algum tipo de preconceito contra os vampiros.

O jeito que ela havia formulado as coisas tirou um sorriso de Raisa.

— E você não tem?

A maioria dos seres humanos, caso fosse dada uma escolha.

Allie levantou as sobrancelhas, seus olhos azuis brilhavam com humor. Fez um gesto com a mão.

— Repito, você não deu olhada naqueles ombros e naquele lindo traseiro?

Raisa não pôde reprimir o riso. Ela poderia realmente começar a gostar de Allie.

— Vou levar isso como um não.

Allie balançou a cabeça e empurrou a franja fora de seus olhos.

— Sinceramente? Quando fui consciente de que era um vampiro, teve que me converter ou ver-me morrer. —Ela dirigiu a Raisa um olhar cortante de debaixo de suas pestanas enquanto verificava o café— Caleb não é bom vendo morrer aos que ama.

Aquilo foi um aviso?

— Eu não planejo machucá-lo.

Allie mudou seu peso contra o balcão, apoiando-se nos cotovelos.

— Bem inferno. Eu só não sou muito boa nisso tipo de subterfúgio.

Tudo dentro Raisa correu muito ainda como alarme queimado através dela.

— Subterfúgio?

— Em caso de que não o tenha notado, essa foi uma tentativa de levar o assunto para o fato de que sei que é a vampira que converteu Caleb.

Oh Deus, isso era ruim. Raisa lambeu os lábios, mantendo o pânico afastado por pura força de vontade.

— Deus gracioso.

— Deus gracioso? Meu Deus, mulher, deixar ir. Esse tipo de anúncio vale uma merda ou uma maldição, pelo menos.

Raisa se agarrou em uma cadeira, enquanto as possíveis consequências a invadiam.

— Eu não sou realmente boa em palavras. — Sentindo como se toda a esperança que tinha abrigado por alguém especial se rompia de um único golpe, ela perguntou: — Você vai dizer a Jared?

— Claro que não. Caleb e eu concordamos que era entre vocês dois.



Raisa assistiu os nós dos dedos ficarem brancos enquanto ela segurava o encosto da cadeira cada vez mais forte em um esforço para manter suas emoções sob controle.

— O que você quer em troca?

Sempre era assim, alguém querendo algo dela.

— Bem, Caleb não quer nada, e ele entende que você nunca diga a Jared. — Acenou-lhe a mão. — Caso você não tenha notado, o homem é completamente irracional sobre o assunto.

— E você? — Raisa forçou as palavras de sua garganta. — Como você se sente sobre isso?

Allie serviu-se de uma xícara de café e veio para a mesa. Com uma calma que Raisa não poderia imitar em mil anos, Allie puxou uma cadeira e sentou-se. Seu olhar, quando se encontrou com Raisa, foi completamente desprovido de humor.

— Acho que se tivesse deparado com Caleb morrendo, ouvido a sua angústia e preocupação em deixar seus irmãos, eu teria dado a ele o seu desejo em um segundo.

— Como você sabia?

— Que ele foi consumido com a preocupação de deixar os seus irmãos?

— Sim.

— Eu conheço o meu marido, e eu sei de sua vontade de se sacrificar por seus irmãos. Maldição, para quem ele ama. E eu imagino seu desespero para ficar com eles foi bastante impressionante.

Quando a velha dor e a culpa cresceram, Raisa lutou por suprimir a angústia que a alagaram como aquele dia.

— Era.

Allie deu uma olhada em seu rosto e acenou para a cadeira onde ela estava se segurando.

— Sente-se antes de cair.

Raisa piscou, percebendo que suas pernas tremiam. Ela sabia. Nunca tinha falado do que tinha feito essa noite. Agarrou um guardanapo na metade da mesa porque lhe dava algo que fazer com as mãos. Começou a triturar um canto, sentindo que estava arrancando partes de sua alma enquanto o fazia.

— Eu só queria que sua dor parasse, ele estava sofrendo tanto. — Ela sorriu ironicamente, encontrando os olhos de Allie. — Ele pensou que eu era um anjo em primeiro lugar.

— Ele me disse isso.

—Não soube como lhe dizer quem era na verdade, o que era. Só queria ajudá-lo, mas eu mesma estava tão doente, que nem sequer sabia se poderia fazer algo, mas tinha que tentar.

—E teve êxito.

Assentiu, recordando cada agônico e terrível detalhe.

—Seu sangue me deixou tão doente, que quase não pude completar a transformação.

As sobrancelhas de Allie se arquearam para cima.

— Seu sangue torna a pessoa doente?

— Aparentemente qualquer tipo de sangue o faz, exceto o de Jared.

— Quanto tempo você tem sido um vampiro?

— Cerca de duzentos de setenta anos.

— Isso é muito tempo para morrer de fome.

— Sim. — uma eternidade.



— Eu tenho o mesmo problema, agora que estou grávida.

Raisa olhou para cima.

— Eu não estou grávida.

Allie sorriu.

— E aposto que essa pequena característica fascina sem fim ao Slade.

— Parece que sim. — O qual realmente não acreditava que fosse uma coisa boa. Parecia que Allie se esqueceu do café, girava a xícara entre suas mãos, observando com atenção a negra poção como se os segredos do universo brilhassem em suas profundidades. Quando elevou a vista, estava completamente séria.

— Eu sei exatamente como se sente ao ter sangue incompatível, a agonia incompreensível, então eu quero que você saiba como eternamente grata eu serei sempre que você fizer esse sacrifício para o meu marido. É uma dívida que nenhum de nós vai esquecer jamais.

Raisa não queria nenhuma mentira entre elas.

— Eu não fui nobre, apenas fraca. Eu não poderia andar longe de sua dor.

— Acha que isso não conta? Que possivelmente se supunha que tinha que estar nesse lugar, nesse momento com essa escolha para fazer?

— Não.

— Bem. — Allie levantou a taça aos lábios. — Talvez você devesse.

— Minha esposa é um grande crente na sorte e destino.

Allie suspirou.

— Disse-lhe que ele tinha radar.

Raisa virou-se para a porta da cozinha. Caleb estava lá, enchendo a abertura com ombros largos e do magnetismo puro de sua presença. Atrás dele, Jared. Ela não queria nem saber o que aquilo significava. Ela agarrou a borda da mesa, seus instintos de sobrevivência gritando para ela correr.

— Não, Raisa. — Aquele rosnar era Jared. Ela obedeceu, simplesmente porque não havia nenhum lugar para ir que ele não iria pegá-la.

— E não se atreva a tomar mais um gole desse café, Allie. Você me fez uma promessa.

Ela arqueou as sobrancelhas com Caleb, com um rastro de nervosismo no seu tom.

— E essa promessa era não beber café quando não estivesse no quarto.

— Não estou ainda no quarto.

Jared deu-lhe um empurrão, empurrando-o para a sala e fora de seu caminho.

— Agora você está. — Enquanto empurrava e afastava Caleb, Allie tomou um gole, suspirando de felicidade exagerada quando ela engoliu.

— Droga, Allie.

Raisa não olhava para Jared enquanto ele se aproximava. O calor de sua energia, os pedaços rasgados de seu controle, foram suficientes para lhe dizer tudo. Ele veio ao lado dela. Ela amassou o guardanapo na mão, apertando com força.

— Você ouviu.

— Eu não preciso. Está projetado em cada pensamento como você sempre faz quando está chateada.



— Eu realmente devo conseguir controlar isso. — Era aquela sua voz soando tão calma e racional quando o mundo tinha acabado de desfazer-se? Do outro lado da mesa, Caleb removia a xícara de café da mão da mulher e puxou a cadeira para trás. — Vamos esposa. — Inclinou-se e deslizou a mão pelas costas e sob os joelhos. — Hora de ir receber o seu castigo.

Allie bocejou e deslizou as mãos em seu pescoço.

— Estou cansada.

— Se você tivesse ficado na cama onde eu a coloquei, você não estaria. — Caleb e Jared assentiram para Raissa. — Boa noite a todos.

Não parecia que houvesse algum rastro de cólera na voz do Caleb ou gesto contra seu esposa; de todos os modos perguntou em um sussurro ao Jared:

— Será que ele vai machucá-la?

— Não.

Isso era bom. Ela arrancou um pedaço do guardanapo para logo apertá-la no punho.

— Você vai me machucar?

Na porta Caleb fez uma pausa.

O "Boa noite, Caleb" de Jared empurrou-o completamente. Raissa não olhou para cima quando a porta se fechou. Ela não podia. Ela não queria ver o ódio no rosto de Jared. Ela preferia lembrar dele como ela tinha visto pela última vez, sorrindo para ela com diversão e excitação.

Ele suspirou e colocou um pacote envolto em guardanapo sobre a mesa.

— Precisamos conversar.

— Bem. — Ela despedaçou o guardanapo e o deixou cair na mesa e logo pescou outro. A mão do Jared cobriu a dela. Pura emoção chegou a ela com o contato... raiva, frustração, velhos ódios, nova confusão.

— Olhe para mim.

Ela puxou a mão livre.

— Eu prefiro não.

Ele assinalou o vulto envolto com um guardanapo que cheirava a canela sobre a mesa junto à mão de Raissa.

— Eu trouxe-lhe um rolo de canela.

— Obrigada.

— Maldita Raissa.

— Não há nenhuma necessidade de xingar.

— Há cada necessidade. Por que você não me contou?

Ela deu-lhe a verdade.

— Eu não tinha pressa para vê-lo me odiar.

— Raissa. — Seus dedos passaram por sua cabeça. Ela se encolheu. Ele xingou novamente. Ele não removeu sua mão. — Eu não odeio você.

Tampouco a amava, o qual a deixava em alguma zona intermédia aonde a necessitava e a tolerava enquanto ela... só queria muito mais.

— Vou partir assim que escurecer.

— E Miri?

Ela fechou os olhos e respirou fundo.



- Eu vou pensar em alguma coisa.
- Você já tem a solução. É assunto Renegado agora.

Justo como o destino a tinha feito dela. O problema era que, embora Jared cumprisse ambas as responsabilidades, não desejava nenhuma; e ela era, por dizer o menos, uma carga.

Ela piscou rapidamente.

- Eu vou aliviá-lo da responsabilidade.

Sua mão foi ficando mais pesada.

- Não é assim tão fácil.
- Não é tão difícil.
- Raio de sol, olhe para mim.

O guardanapo tinha desaparecido, o último pedaço era muito pequeno para triturá-la. Brincou com ela entre seus dedos.

- Não me chame assim.

Ela tinha construído tantos sonhos estúpidos ao redor desse apelido, era muito mais que a casual e tola expressão de carinho que era. Ele afundou os dedos em seu cabelo, as diminutas picadas de pressão de seu apertão encontraram um eco na dor que estalou dentro dela.

- Chamarei você como me agradar.
- Você não vai me chamar assim.
- Você é minha.

O puxão em sua nuca era uma ordem. Ela ignorou-o.

- Não da forma o que importa.

Seu rugido retumbou sobre sua cabeça, um aviso de tempestade para vir, se ela continuava empurrando-o. Ela não se importou.

- Resmungue tudo o que quiser. Isso não muda nada.
- Quem disse que eu quero mudar algo?

Ela deu um tapa em sua mão quando ele puxou a cabeça para trás.

— Você quer que eu seja tudo diferente do que eu sou. Mais forte, mais engraçada, mais resistente.

- Quero que seja como é.

— Droga. — Ele irritou ainda mais que ela não tivesse usado um palavrão. O aperto de Jared não relaxou e nem a demanda. Bem, ela não estava olhando para ele agora. Não quando ela tinha lágrimas em seus olhos estúpidos que só iria fazê-la parecer ainda mais patética. Ela agarrou seu pulso, enrolando os dedos de modo que suas garras penetrassem profundamente. O cheiro de seu sangue temperou o conflito entre eles. — E preferiria que fosse alguém mais além da fria... bruxa que converteu o seu irmão.

— Você está certa, não sai direito quando você xinga. — Seus dedos enrolados debaixo do queixo. — Olhe para mim.

Ela sacudiu a cabeça e puxou seu pulso. Deveria ter sabido que essa batalha era inútil. Jared tinha muito mais músculo que ela e não duvidava em usá-los quando desejava algo. Ao final Raisa não teve nenhuma opção, salvo olhá-lo. Jared fez retroceder a cadeira quando ela levantou a cara. Seus olhos eram de um verde turbulento, sua boca uma linha dura que se rendia nos cantos quando viu a expressão dela. Ele tocou a umidade reunida no canto de seus olhos.



— Ah inferno. Venha cá.

E logo a tirou da cadeira, para seus braços, seu olhar fixo no dela, sua expressão não dava nenhuma resposta sobre como se sentia ele, sobre o que queria, só a inexorável atração de seu corpo. Em um instante esteve contra ele, os dedos dos pés mal tocavam o chão, a maioria de seu peso se apoiava no antebraço em meio de suas costas. A brandura de seus seios pressionou seu abdômen superior, e logo ele a levantou ainda mais acima, atraindo-a para as chamas de seus olhos, a esses estúpidos olhos que-deviam-ter-algo para que ela não pudesse tirá-los da cabeça. Jogou-lhe a cabeça mais atrás quando baixou a boca. Ela se preparou para a força de seu beijo, para a insipidez de sua cólera que envenenaria tudo o que havia existido antes.

Nada poderia havê-la preparado para a total suavidade que sua boca empregou com a dela, a ternura que infundiu o seguinte toque de seus lábios contra o canto de sua boca, atrasando-se com estremecedora emoção ali. O entendimento debruou com

impaciência, absorvendo a emoção que emanava dela em uma onda que não podia controlar.

Um soluço anunciou a ruptura em sua resolução. Jared também tomou junto com seu peso, levantando-a completamente em seu abraço, tomando toda a responsabilidade de apoiá-la, consolando-a. Ah Deus, ele a consolava. Raisa envolveu os braços ao redor de seu pescoço e as pernas ao redor de sua cintura, e se colou com mais força contra ele. Certamente isto significava algo. A súplica veio do lugar mais

profundo de sua alma.

Não me odeie. Não me odeie.

— Por favor, não me odeie.

O último suspiro em sua boca. Em um gemido, ele terminou o beijo. Sua bochecha contra a dela deslizou em uma escova sensual de esperança quando ele apertou o rosto para o lado do pescoço.

— Eu nunca poderia odiá-la, raio de sol. — ele murmurou, os tentáculos de sua respiração amaciando a aspereza da declaração.

— Então o que você sente?

— Eu não sei, mas não é o ódio.

Que estava longe do amor.

— Transformei o seu irmão.

Jared suspirou.

— Que apenas vai mostrar como a realidade pode destruir um foco muito bom para a raiva de um homem.

Quando o controle sobre suas costas afrouxou, Raisa agarrou seu pescoço e segurou por tudo que ela valeu a pena.

— Basta dizer tudo o que você tem a dizer.

— Eu gostaria de olhar para você quando eu faço isso.

— Eu não faria isso.

Enquanto Jared não a obrigasse a retirar os braços de seu pescoço, não conseguiria que fosse a sua maneira. Durante um batimento do coração ela se preocupou porque ele planejasse fazê-lo simplesmente assim. Sua intenção estava ali, na calma de seu corpo e na tensão que corria



por seus músculos, mas então ele deu um passo para trás, seus ombros golpearam a parede quando se afirmou nesse lugar. Só sustentando-a, lhe deixando fazer as coisas a sua maneira.

— O que você está te preocupando, Raisa?

Que olhe meu rosto e que o ódio que alimentou durante duzentos e cinquenta anos arruíne todas suas boas intenções.

— Nada.

— Certo, nada.

Algo perturbou o cabelo no alto da cabeça. Um beijo?

— Ajudaria se te dissesse que cheguei a conhecê-la muito bem nestes poucos dias? E que mal posso ver uma mulher que se preocupa com o grau de crueldade que aplico ao matar um homem a sangue frio convertendo a um homem contra sua vontade?

— Teria sido cruel para fazê-los ver.

Seu sopro de riso afastou seu cabelo.

— Isso só faz o meu ponto. Você tem um coração mole, Rai. Mole o suficiente para que eu possa ver você converter um homem por causa disso.

— Você não é louco?

— Eu estava trabalhando em não ser louco nesse ponto muito antes de você entrar na minha vida. Eu simplesmente não estava disposto a dar em cima dele.

Ela lambeu seus lábios, sua língua passando pela pele quente de seu pescoço. Seu gosto se infiltrou em sua boca.

— E agora você está?

— Quando eu tiver que escolher entre manter ou segurar uma raiva irracional, não é difícil de todo.

— Não pode ser assim tão fácil.

— Eu não vou deixá-lo ser tão difícil.

Céus, ela esperava que fosse verdade, que ele não iria odiá-la amanhã. Memórias que não poderiam suprimir abateram sobre ela. Ela virou o rosto em seu pescoço, tendo a força de seu perfume.

— Ele estava tão frio, Jared. Tão frio e com tanta dor. Eu não ia parar. Eu juro que não ia. Eu só queria sair do vento antes que a dor ficasse muito ruim, mas ele manteve o juramento de Deus e do Diabo. Negociou com os dois para ajudar. Ele estava deitado ali no meio da pradaria, em agonia, o último de seu sangue deixando-o, e tudo que ele conseguia era pensar em você e em seus irmãos, e como alguém tinha que avisá-lo sobre o amigo que ia matá-lo.

— Maldição!

— Eu estava realmente doente mesmo, e eu nem sabia se eu poderia ajudá-lo. Eu só... — Ela encolheu os ombros.

Ele terminou para ela.

— Você tinha que tentar.

— Sim.

— Da mesma forma que eu teria.

Isso trouxe a cabeça para cima. Ele não recuou de sua surpresa.

— Acaba-me de ocorrer que se você tivesse sido a que jazia nessa pradaria, agonizando, e



que lhe converter a salvaria, o teria feito sem duvidar.

— Não, você teria que segurar minha mão, mas você não teria...

Ele a interrompeu, sua voz lenta era uma simples declaração do fato.

— Eu teria convertido se você quisesse ou não.

— Por quê?

— Porque isso teria equilibrado a balança, faria as coisas mais justas. — Ele envolveu com a mão sua cabeça quando ela se inclinou para trás, apoiando-a quando suas pernas se deslizaram para baixo por suas coxas. Sua energia a envolveu junto com seus braços — Mas sobretudo, porque não poderia ter suportado sua dor.

Ela deixou que isso impregnasse junto com o calor de seu corpo. Sob sua bochecha, seu coração pulsava lenta e constantemente. Ele sempre era tão quente.

— Eu ainda acho que você não teria me convertido.

Seu dedo deslizou sob o queixo, levantando seu rosto.

— Então tem que trocar de ideia. Não sou esse homem agradável que segue acreditando que sou. Sou um bastardo egoísta, somente um olhar e teria feito o que fosse para mantê-la comigo.

— O que o faz dizer isso?

Seu olhar nunca saiu dela. As pontas dos dedos de uma mão passeavam pelas costas, flertou com o fundo de sua camisa, deslizou por baixo. Elas estavam deliciosamente ásperas contra sua pele nua. Tremores perseguiram até sua espinha. Jared levantou a mão para colocar um dedo no oco de sua garganta, durante o pulsar de seu pulso.

— O fato de eu já o faço.

Ela fechou os olhos.

— Não é seguro para você ficar perto de mim.

— Eu não me importo.

— Eu me importo. — Ela acariciou seus braços. — Eu não poderia suportar a ser a causa de sua morte.

Ele bateu a parte inferior do queixo. Ela abriu os olhos. Chamas queimavam em seus olhos.

— Você nunca vai se livrar de mim tão facilmente.

CAPÍTULO 20

Ao cair da noite, não havia ainda zumbindo em sua cabeça, sem pedido de informações, e os nervos de Raisa foram fuzilados.

— Quem espera, se desespera. — Jared ofereceu de onde ele se sentou ao lado da cama, colocando suas botas.

— Que diabos isso significa?

Ele se inclinou sobre o local onde ela estava contra os travesseiros, apoiando o braço do outro lado de seu torso. Beijou seus lábios levemente, se afastando uma polegada para murmurar:

— Se me desse a oportunidade, você pode encontrar estes momentos muito mais gratificantes.



— O que me satisfaz seria começar uma dor cabeça.

— Isso não me satisfaz. — Ele empurrou o cabelo desgrenhado pelo sono fora de seu rosto, seguindo o cenho que lhe enrugava a testa. — Assim que você se alimentar, vamos nos dirigir para o laboratório. Slade tem algumas experiências que ele quer fazer, mas se você quiser, podemos tentar tirar a bomba.

Ele sentiu a tentação de lhe tirar o consentimento. Instintos exigiram que ele forçasse o que seria mantê-la segura. Por um segundo, passou do seu controle. Raisal piscou, sentindo sua presença.

— Não, Jared.

Levou uma quantidade considerável de esforço para refrear o instinto, especialmente quando ela estava olhando para ele, os lábios inchados de seus beijos, o perfume do seu amor perfumando o ar, sua mordida de amor marcando seu pescoço.

— Se não provocarem o zumbido, nunca vai saber.

— E se eles não me zumbirem, eles vão matar Miri.

— Não leve a mal, mas quando chegar o momento, eu estou mais preocupado com você.

— Não é só ela. Há um bebê, também.

Ela não tinha que lembrá-lo. Ele cobriu a mordida com três dedos. Perto de seu toque, a energia dourada brilhava, as piscadas mais escuras ao redor da borda eram suas, como se sua energia fosse uma mancha que não podia misturar-se com a pureza dela.

— Eu sei!

Assim como ele sabia que ela nunca arriscaria um bebê. Ele se afastou, dando um tapa leve para o lado de seu quadril. Ele se levantou.

— O que significa que você precisa se levantar e começar o banho, para que possamos ver o que Slade trabalhou durante a noite.

Em vez de levantar-se ela se aninhou mais fundo no cobertor.

— O que faz você pensar que ele descobriu alguma coisa?

— Este é Slade. O cérebro do homem nunca para.

— Uh-huh.

Ele abotoou a camisa. Ela parecia tão à vontade na cama, ele odiava perturbá-la.

— Eu vou aquecer o chuveiro. Quando eu voltar, você vai ter que dizer adeus para a cama.

O preguiçoso gesto da mão de o pôs a caminho. Sorriu e se dirigiu ao banheiro e abriu a água quente. Era interessante olhar como uma sensação de segurança trocava os hábitos de Raisal. Era como um gatinho adormecido agora, despertando por graus, brincando com ele, confiando nele. Provou a água. Estava

quente, mas não ardendo. Retornou ao dormitório. Nos três minutos que havia estado fora, ela tinha conseguido amontoar as mantas e estava aconchegada sob elas, perseguindo o sono outra vez.

— Vamos Raí, hora de levantar e brilhar.

Ela abriu uma pálpebra para ele.

— Apenas alguns minutos a mais.

Ele tinha jogado este jogo com Jace com frequência suficiente para saber como dois minutos esticavam para duas horas. Ele puxou as cobertas de cima dela. Por uma fração de segundo, ele



teve uma vista panorâmica da perfeição do seu corpo, os ossos delgados, as curvas ultra-femininas, que elogiou ligeira construir em vez de oprimi-lo, a pele acetinada branca que brilhava como o creme à luz em cima, e o saudável rosa de suas unhas nos dedos esguios. E então ela estava em movimento, o mergulho para os cobertores. Enquanto ela estava segurando para eles, ele carregou-a em seus braços. Outro suspiro, uma bolha de riso, e depois vieram os braços ao redor de seu pescoço e ela estava aninhada em seus braços. Onde ela pertencia.

Esticando o polegar para cima, ele poderia tocar no local onde o implante ameaçava. Raiva brotou junto com um estranho pânico. Ele não iria deixar o Santuário levá-la dele. Imediatamente, o curso de sua energia calmante encontrado, abraçando-o quando ele a abraçou.

— Vai ficar tudo bem, Jared.

— Eu sei! — Era uma mentira. Ele não sabia absolutamente nada, e depois que ele conversou com Slade hoje sobre estar jogando roleta russa com sua vida. O Santuário não era previsível e mudava tudo. Ele colocou Raisa do lado de fora do banheiro. A maneira como suas mãos permaneceram no peito acalmou a agitação que rondava dentro.

— Não há tempo para isso. — brincou ele, colocando um rosar na sua voz que sempre trouxe esse bater de pálpebras pequenas de interesse para as pálpebras e um sorriso nos lábios.

Sua primeira reação era previsível. Um rubor rastejou até o seu tronco, mas seu segundo foi o mais intrigante. Suas pálpebras desceram sobre os olhos lindos dela em convite puro, e arrastou seu dedo após o cós baixo do seu jeans.

— Há uma cama confortável no quarto ao lado.

Ele riu, o desejo crescente dentro dele a tentação o convidando.

— Há um chuveiro quente aqui.

Com um empurrãozinho, ele mandou-a para o jato quente. A água derramou sobre sua cabeça e descer a encosta dos seios em cachoeiras minúsculas, deslizando abaixo dos picos para umedecer o emaranhado castanho-claro de cachos entre suas pernas. Ele fechou a porta à tentação que ela apresentava.

Seu "Covarde" veio a ele com facilidade sobre o som da água.

— Eu sei quando eu estou vencido. — ele respondeu, admirando a mancha de sua silhueta através do vidro. Ela empurrou o cabelo do rosto, as costas arqueadas, apresentando a curva dos seios para os olhos famintos enquanto ela se virava para o jato. Porra, ele ansiava por ela como uma droga, e ao mesmo tempo que deve assustá-lo todo, não. Precisando ela, querendo-a, era tudo de bom.

— Eu vou esperar por você na cozinha.

— Você está fazendo café?

— Por que, você quer alguma coisa?

O aroma sutil de gardênia veio até ele. Exótico, como ela. Ele podia imaginar como o cheiro ficaria em sua pele mais tarde, quando ele cobrasse as promessas que ela estava fazendo a ele agora.

— Eu pensei que eu poderia tentar algum, agora que estou mais forte.

— Você já fez isso antes?

— Não.



— Nesse caso, você pode querer chegar até à casa principal. Allie tem uma mão mais leve com os grãos.

Uma pausa e, em seguida.

— Posso ter o meu rolo de canela, também?

Porra, ele tinha esquecido sobre isso. Primeiro ele teve de ver seu banho, e não tocar, e agora ele ia ter de vê-la comer e não ter o gosto.

— Eu não vejo porque não.

Seu riso flutuou para ele sobre a névoa de gardênia e calor.

— Se você esfregar as minhas costas, eu vou compartilhar com você.

Ele se virou e desabotoou a frente da camisa. Um homem não poderia resistir a tanta tentação.

— Bem, se você coloca dessa maneira.

Pela carranca na cara de Slade, ele não estava satisfeito com o atraso na sua chegada.

— Qual foi o motivo da demora? — ele perguntou, impaciente, olhando para cima da tela do computador, onde estava sentado em frente.

— Nós dormimos demais. — Jared respondeu de forma uniforme. O rubor que se levantou a partir do colarinho da camisa de Raisa e inundou o rosto com um fundo rosa era uma oferta inoperante de sua mentira.

Slade arqueou uma sobrancelha para eles.

— Uh-huh. Houve qualquer contato do Santuário?

Jared apertou sua mão no meio das costas de Raisa, movendo-se mais em seu quarto.

— Não.

— Bom.

— Bom. — Raisa ecoou. — Eu não acho que isso é bom.

Slade rolou a cadeira longe da tela do computador para o outro lado do corredor para pegar um volumoso aparelho retangular.

— Bem, possivelmente não de um ponto de vista para a paz mental, mas tendo em conta com o que estamos tratando e as ramificações para sua... —se deteve e então obviamente reformulou— Saúde. Queria ter isto preparado antes que entrasse o seguinte sinal.

Não houve entusiasmo nos passos de Raisa.

— Ele não vai te machucar, querida.

— Logicamente, eu sei disso. — ela sussurrou de volta.

— Mas...

— Eu tenho uma aversão a ser experimentado, e seu irmão tem aquele certo brilho nos seus olhos.

— Aquele que diz que não posso esperar para testar o seu novo brinquedo?

— Sim.

Slade levantou o olhar e sorriu quando pararam diante dele. Levantou o dispositivo, que tinha um par de pontas de metal de aspecto malvado debaixo.

— Quer que eu o teste primeiro em Jared?



Jared sentia o sobressalto de Raissa enquanto ela olhava para os pontos de metal, e então, incrivelmente, ela pisou na frente dele.

— Não. Tudo bem.

Jared a colocou firmemente por trás dele.

— Claro, porque não.

Slade assistiu a mímica com diversão aberta.

— Vocês dois estão bem adaptado no departamento de suspeita. Isto — ele apontou para o dispositivo— é um pequeno bastante primitivo bloqueador de energia. Se funcionar, vou criar um design muito mais suave.

Ele virou um interruptor ao lado. Jared não sentiu o pulso do poder que ele esperava. Slade interceptou seu olhar.

— Muito bonito, hein? Eu tenho um neutralizador de energia ligada a ele, razão pela qual eu estava preocupado sobre o seu funcionamento. Criei-o para gravar a energia recebida durante negação de saída, mas a premissa é pura especulação. — Slade segurou o dispositivo para fora. — Foque alguma energia em mim.

Jared enviou um raio. Raissa adiantou-se e deslizou os dedos através dele. Slade olhou para a agulha e, em seguida, verificou a tela do computador. Ele franziu a testa.

— Raissa, um passo para trás. Não, Jared. Você mantém o foco.

A carranca de Slade aprofundou. Ele bateu em algumas teclas no teclado.

— Pare de se concentrar, Jared. Vem cá, Raissa.

Depois de um olhar ansioso, Raissa foi, o conjunto de seus ombros lembrava a Jared o de uma mulher que enfrenta seu algoz.

Slade colocar o dispositivo em seu colo.

— Toque-me.

Jared deu um passo adiante, o rosar jorrando dentro.

Isso rendeu-lhe um olhar exasperado de seu irmão.

— Na minha mão está bem.

Logo que a mão Raissa o tocou, Slade começou a escrever com a outra, voando em seus dedos no teclado, a carranca com aprofundamento em cada segundo. A agitação da atividade terminou com um "Maldição".

Slade sentou em sua cadeira e olhou para a tela.

— Bem, isso vai complicar as coisas.

— O quê? — Raissa virou-se para Jared, que apenas deu de ombros.

Slade poderia chegar a explicações, quando ele tivesse todos os elementos separados em sua própria mente. Raissa deu um passo para trás. Jared colocou seus braços ao redor dela e deixou cair um beijo no topo de sua cabeça enquanto ela recostava-se contra ele. Ela estava definitivamente ficando mais confortável com ele. Ela estendeu a mão e agarrou seu braço.

— Eu não gosto de olhar no seu rosto. — Mal ela falou isso, Slade disse:

— Fique onde está.

Nenhum deles se moveu. Ele socou um comando no teclado e, em seguida, aproximou-se com o medidor de energia na mão. Ele correu para ele em cima deles e, em seguida, apontando-os à parte, fez isso de novo. Ele então voltou para o computador, sem dizer uma palavra.



— Você está se sentindo tão bem como um inseto bastante atraente preso sob o microscópio, como eu estou? — Raisa perguntou.

— Fala para si mesmo. Estou me sentindo como um inseto bastante bonito, esta manhã. — Ele a puxou de volta para seu lado. — Graças a uma certa pequena vampira que se atirou comigo no chuveiro.

Ela enrubescou e deu um tapa no ombro, mas ele percebeu que ela não se afasta.

— Venham até aqui e olhem para isso. — chamou Slade.

Apesar de toda sua conversa nervosa, Raisa lhe agarrou da mão e esteve ao lado de Slade mais rápido do que podia dizer “cuspir”.

— A mulher estava tão curiosa quanto um gato.

Slade acenou para a tela onde residiam três gráficos com diferentes alturas de linhas vermelhas.

Mesmo que ele não tinha ideia do que ele estava olhando, Jared assentiu.

Raisa olhou para a tela e depois para ele.

— Não há nenhuma maneira que você sabe que na terra você está olhando.

— Não há?

Ela pôs as mãos nos quadris e olhou mais. Ela sacudiu a cabeça e fitou-o por cima do ombro. Não.

— Prove isso.

Isso teve um ronco dela e um riso de Slade.

— Ela provavelmente não, mas eu posso.

— Eu sou seu irmão. Sua lealdade deve ser para mim.

Slade se recostou na cadeira.

— Mas ela é muitíssimo mais bonita.

Raisa dirigiu ao Slade seu sorriso mais doce. O olhar de Slade se atrasou em sua boca. Embora soubesse que não era pessoal e que a atenção de seu irmão era só a apreciação de um homem por uma mulher bonita, o ciúmes golpearam Jared.

Slade, maldita sua imagem, sorriu-lhe antes de orientar a tela plana para eles.

Assinalou ao gráfico à esquerda.

— Esse é o padrão da energia natural de Jared. Observe todos os pontos. Geralmente, um padrão de vampiros é uma linha constante em alguma frequência única, mas Jared tem uma habilidade natural para jogar energia que ele nem sempre tem controle, nem sempre permanece em sua faixa de frequência.

O olhar de Raisa que cortou-o era de conhecedora.

— Rebelde.

— Ei, eu sou o puritano dos irmãos.

— Uh-huh. — A quantidade de cepticismo que Raisa conseguiu meter nessas duas sílabas fez que o ego do Jared se orgulhasse.

— Na verdade, — Slade acrescentou — ele é.

— Isso não quer dizer muita coisa para todos vocês.

— Acho que isso diz muito. — rebateu Jared. — No entanto, agora que você é uma de nós, você terá que aumentar o seu fator estranho. Como diz Allie, para manter-se.



Slade apontou para o gráfico com as linhas gravadas em vermelho e azul.

— Eu não acho que ela precisa de qualquer coisa.

Jared franziu o cenho, tentando entender o que estava vendo.

— Esse é o gráfico de Raisa?

— Sim.

— Como é que eu tenho todos os pontos azuis misturados com os meus vermelhos?

— Porque, como Jared, você pode lançar a energia, mas não é a sua verdadeira força.

Raisa voltou-se para Jared. Deixou cair os braços sobre seu torso. Ela levou as mãos para cima e esfregou os dedos no antebraço. Ele acha que ela não percebeu que ela estava fazendo isso.

— Que é?

Embora sua voz fosse a mesmo, ele podia sentir a energia dela puxando o seu. Ele cobriu a mão dela com a dele.

— Nem todas as notícias são más notícias, raio de sol.

Slade parecia surpreso com o próprio pensamento, que não era surpresa. O homem vivia para a descoberta.

— Quem disse alguma coisa sobre más notícias?

— Não tendo a meu fator estranho não soa bem.

Ele balançou a cabeça.

— Você, minha querida cunhada, é uma condutora.

Jared esperou por Raisa perguntar por que, para uma explicação. Ela não o fez.

— Você pode dizer isso a partir daquele pequeno dispositivo?

— Sim. — Slade inclinou a cabeça para o lado e acenou para Raisa. — Mas você já sabia disso, não é?

— O que faz você perguntar isso?

— Porque quando eu estava na noite passada a trabalhar no seu problema, eu não poderia ajudar, mas querer saber como você sobreviveu a todos esses anos.

— Eu não vejo a correlação.

Nem Jared.

— Qual é o seu ponto?

— Meu ponto é que, quando você fica chateado, Jared, você tende a perder o controle de sua energia e os ajustes em torno de você como um choque elétrico. E você estava muito chateado ontem, ainda Raisa, que estava mais próximo de você, nem sequer se beliscou.

Ele não se deu conta de que sacudia às pessoas. Literalmente. Deslizou instintivamente a mão sob a de Raisa. Afundou-lhe as unhas. Ele tinha uma opção, ser arranhado ou permanecer quieto. Optou pelo último.

— Talvez ela me entenda.

— Se eu fosse um romântico, eu acreditaria nisso. — Slade continuou. Em seguida, ele apontou para o terceiro gráfico. — Mas quando você olha aqui, você pode ver o que acontece com o aumento de sua energia quando ela está perto de você, somente a tocá-lo.

O gráfico de ambas as suas energias era uma linha, mesmo com os pontos nivelados.



— Isso também explica por que Raisa sempre está com fome. Ela gasta muita energia equilibrando-o. — Ele deu de ombros. — Na verdade, um equilibra o outro.

— Parece-me que é apenas mais um sinal que, como um par, significava que estávamos a destinados a ser. — Jared ofereceu.

Raisa lhe disparou um olhar assustado. Sua surpresa lhe golpeou no mais fundo. Que demônios tinha pensado ela que lhe tinha estado dizendo durante as últimas vinte e quatro horas exceto como se sentia a respeito dela?

Slade fez uma pausa, considerado o assunto, e depois deu de ombros.

— Essa é uma maneira de olhar para ele.

Por isso ao Jared concernia, era o único modo de olhá-lo, mas podia dizer pela tensão em Rai e a concentração com a que Slade a estudava que havia algo que estava perdendo.

— O que outra maneira haveria?

— Que tem em torno de seus braços o vampiro potencialmente mais mortal jamais criado, vendo como sua capacidade para drenar energia é quase ilimitada.

— Pelo amor de Deus, até uma semana atrás, a mulher não podia nem mesmo levitar.

— O que pôde salvar muitos vidas no Santuário, acredito.

Não. Raisa sussurrou, não querendo passar por isso novamente.

— Eu não quero machucar ninguém.

— Ninguém disse que quisesse apenas que você poderia.

Isso era semântica. Uma vez que a gente soubesse que um corpo podia sugar a energia fora dele e que apesar de todas as intenções e propósitos, eles fazia explodir a vontade, tingiria o modo em que olhassem à pessoa.

— Eu não faria isso.

— Raisa? — A voz arrastada do Jared rodou sobre ela ante a familiar ordem.

Oh Deus, ela não queria olhar para ele. Jared era um homem à moda antiga, do tipo que gostava de ser mais forte que uma mulher. Isso iria mudar tudo entre eles a menos que pudesse aceitá-la. Seu aperto transferiu para os ombros. Suas mãos estavam quentes e fortes, criando uma ilusão de proteção e suavidade. Ela fechou os olhos e saboreou a sensação, valorizando ainda mais para saber como passageira que ia ser. Ele empurrou com uma mão, tirou com a outra, e ela virou. Uma etapa de cada vez, o coração na garganta. Seu dedo sob o queixo derrubou em que o gesto que era tão familiar era outra forma de carinho.

— Isso é verdade?

— É claro que é verdade. — resmungou Slade. — Olhe o que aconteceu com a minha energia quando ela me tocou.

Jared não olhou, mesmo na tela.

— Importa-me uma merda seu experimento.

— O que você quer saber? — Raisa perguntou a ele. — Vocês querem saber se eu matei alguém com o meu toque?

— Você matou?

— Uma vez.

— Quem?

O nó na garganta tornou difícil de falar.



— Seu irmão.

Slade ficou de pé.

— Você é a puta que matou Caleb?

Ela se encolheu. Jared se moveu. Com uma batida de mão para o centro do peito de Slade, ele bateu para trás na cadeira. Ele rolou três metros sob o impacto, antes que ele pegasse o seu equilíbrio.

— Fique fora disso Slade.

— O inferno que eu vou. — Seus pés tocarem o chão com batidas irregulares. — Caleb é meu irmão, também.

— E se ele o fizesse, eu não.

A nova voz puxou de volta. Jared xingou, pegando o braço dela. Ela quase não sentiu a restrição. Toda a sua atenção foi sobre o homem aproximando-se dela. Ele tinha a mandíbula Johnson, a forma Johnson, e a confiança Johnson. Três passos para mais perto e ela também viu que ele tinha o temperamento Johnson. Seus olhos azul-ardósia cintilaram com chamadas que desmentia sua forma fácil.

Selvagem. A descrição brilhou em sua mente. Este irmão era um selvagem. Seus lábios se curvaram em um sorriso fácil, que enviou um frio abaixo de sua espinha.

— É essa pequena vampira que tenho procurado todos estes séculos, Jared?

Raisa preparando sua espinha e levantou o queixo em desafio.

— Quem está perguntando?

Jace tocou o dedo até a borda de seu chapéu cinza.

— Jace Johnson.

Ela advertiu que omitia o "senhora" que os outros homens teriam acrescentado para mostrar respeito. Não acreditou que fosse accidental. Jared a empurrou de volta a seu lado. O pelo dos braços lhe arrepiou quando a energia de Jared buliu.

— Você está falando com minha esposa, Jace.

— Pelo que eu ouvi, eu estou falando com a mulher que matou meu irmão.

Ele deu outro passo em frente. Sua energia estendeu. Atrás dela, Jared respondeu à ameaça com uma reunião da força. Se ela não fizesse algo, isso ia ficar muito feio, e por tudo o que Jared sentiu que tinha que protegê-la, ela não poderia ser responsável por ele ferindo o seu irmão.

— Eu também salvei sua vida. — ressaltou.

— Não com a sua permissão.

— Ele não estava exatamente reclamando, ele o fez?

— Não, ultimamente. — Slade intercedeu, observando os irmãos. Olhando para ela.

— E se eu dissesse que eu particularmente não me importo?

Com um puxão do braço, Raisa esteve onde não queria estar. Detrás de Jared e fora do caminho.

— Então eu diria que você e eu temos um problema.

Raisa colocou a palma no meio das costas de Jared. Os músculos estavam tensos e preparados, contradizendo a postura relaxada que tinha adotado.

— Não sei por que se incomoda em fingir — murmurou ela só para seus ouvidos — Ninguém acredita que esteja relaxado.



Levou-o mais longe do que desejava. A última coisa que esperava foi o bufido de risada de Jace.

— Ela é sempre tão direta?

Curto e direto ao ponto, a resposta de Jared foi simples:

— Não.

O clack macio de um teclado era o único som para os batimentos cardíacos mais próximos. A tensão na sala era espessa o suficiente para cortar. Raisia tentou processá-lo, mas tudo o que podia sentir era Jared. Sua energia a rodeava, lotando-a, distraíndo-a enquanto Jace olhou para os dois, fazendo sua própria avaliação.

Finalmente, Jace quebrou o impasse.

— Ver como está definido em mantê-la, eu acho que não posso continuar guardando rancor.

— Especialmente porque Caleb não está morto. — Slade murmurou distraidamente.

— Ele parece um teor de agora, — Jace reconheceu. Ele deu outro passo à frente e estendeu a mão.

— Parece bastante contente agora mesmo — reconheceu Jace. Deu outro passo para adiante e lhe estendeu a mão. Raisia se aproximou ao lado de Jared. Este assentiu. Ela, de má vontade, aceitou o apertão de mãos. A energia do Jace se verteu sobre ela, alcançando profundamente as sombras da memória, golpeando um acorde familiar. A sensação foi familiar, mas ela não pôde situá-la.

— Já nos encontramos antes?

Seu sorriso era pura sensualidade.

— Isso, eu teria lembrado.

Ela piscou para o puro carisma em seu sorriso. Jace Johnson não só era selvagem, foi o que, no seu dia, eles teriam chamado de libertino. Um homem das senhoras. Confiante na sua capacidade de agradar a uma mulher.

— Eu acho que eu teria, também.

Outro jorro de reconhecimento fluiu sobre ela. Agarrou a mão de Jace antes que ele pudesse retirá-la, atraindo sua energia, sondando-a contra a memória implantada.

— Rai — Jared perguntou. — Você quer soltar-lhe a mão?

— Não. — Ela segurou mais apertado enquanto o passado se reunia com o presente em sua mente.

— Importa-se de me dizer por que não?

Ela balançou a cabeça enquanto os homens olhavam para ela, cenhos franzidos formando em seus rostos muito semelhantes. As bordas da energia de Jace sobrepuseram-se à memória perfeitamente. Borda a borda, curva a curva, travessão a travessão. Era ele. O homem a quem Miri deu seu coração, seu corpo. O bastardo cruel que era pai de seu filho e deixou-os desprotegidos para o Santuário encontrar e torturar. Era Jace. Raiva bloqueou sua visão. Seus dentes de corte em sua boca. Suas garras se estendiam por seu sangue.

— Seu bastardo!

Ele recuou. Ela o seguiu.

— Rai?



Ela ignorou Jared e empurrando Slade com o dispositivo de energia. Ela só tinha olhos para Jace.

— Seu bastardo horrível, egoísta.

Ela deu um tapa na sua cara com toda a força que tinha. Suas garras capturadas em sua bochecha, que estava aberta. Pegou o braço dela. Jared gritou:

— Não toque nela.

— Então, chame-a.

— Não até que ela diga o que tem a dizer.

Jace esfregou o rosto, olhou para o sangue em seus dedos, e estreitou seu olhar.

— Bem, estou preparado para escutar.

— Não, não o está. — A palma da Raisa picava pela bofetada. Não era suficiente. Não lhe tinha ferido o bastante. Nada poderia jamais. Miri tinha sofrido tanto por causa dele. Deu um passo mais perto, as pontas de seus sapatos tocaram as pontas de suas

Botas — A abandonou. Ela não tinha aonde ir. Não podia retornar com sua manada grávida e eles a agarraram. — Jogou a mão atrás para esbofeteá-lo outra vez, se paralisou a meio caminho e colocou a mão sobre seu peito. Havia melhores maneiras de fazê-lo pagar — Por sua causa, eles a pegaram. — sussurrou.

— Ele é companheiro de Miriam? — Jared perguntou. Ele não poderia ter soado mais chocado se ela tivesse dado um tiro na bunda.

Jace agarrou seu braço, transportando-a na ponta dos pés.

— Você sabe onde Miri está?

— Não a toque.

— Está tudo bem. — Ela recolheu seu poder em uma ponta fina.

Jared lançou mão Jace está fora dela.

— O inferno que é. — Jared, advertiu Slade. — Se você não a parar, Caleb não será o único irmão que ela matará.

Jace bateu Jared de lado, pegando de surpresa, enviando-lhe o voo para trás. Num piscar de olhos sua mão estava em torno da garganta de Raisa, espremendo enquanto ele a levou para trás em direção à parede.

— Ela não vai fazer absolutamente nada, mas diga-me onde o inferno Miri está.

Raisa golpeou a parede com força suficiente para machucá-la. O ar saiu com rapidez de seus pulmões, reunindo-se em um nó doloroso na constrição da garganta. Podia ver Jared aproximando-se rapidamente, ouviu a advertência de Slade a Jace, mas não importava. Eles não estariam a tempo de lhe salvar. Débil, era um processo longo. Forte, só tomaria um batimento do coração e então o dele já não funcionaria. Deus, desejava poder matá-lo.

Jared pousou a mão no ombro de Jace. Jace relaxou os dedos em sua garganta. Ela abriu mão sobre o coração de Jace, e deixou o seu poder fazer o que fazia de melhor. Em um impulso forte ela tiraria a vida dele.

Jace soou seco como se tivesse sido atingido por trás, um barulho horrível vindo de sua boca. Slade chamou o seu nome. Jace apertou na garganta apertada com poder de esmagar, cortar-lhe o ar por um segundo antes de ele cair, levando-a para baixo com ele. Ela bateu o ombro e a cabeça. Estrelas explodiram diante de seus olhos. Ela ouviu alguém chamar seu nome e, em



seguida Jace. Quando as estrelas desmarcadas, Slade dobrava Jace e Jared ajoelhou ao lado dela. Nem parecia feliz.

Jared ergueu do chão, apoiando-a contra a coxa como a mão foi para sua garganta, sua expressão de uma fúria e medo. Seus dedos sondaram os lados do pescoço. O fogo queimou em seu olhar. Seu toque era suave.

- Quão ferido gravemente está Jace?
- O que faz você pensar que eu não o matei?
- Eu conheço você, Rai.
- Eu queria matá-lo. — Ela ainda queria.
- Mas você não podia.
- Eu fiz uma promessa.
- E porque você não podia.

Ela olhou para Jace onde ele estava deitado no chão, inconsciente, com seu chapéu sentado desajeitadamente ao lado de sua cabeça.

- Estou pensando em trabalhar nisso.

Jared levantou a mais contra o peito, deslizando o braço sob seus joelhos.

- Você faz isso, mas há algo para se lembrar.
- O quê?

Ele roçou um beijo em sua cabeça enquanto ele estava.

- Jace ama as mulheres.

Então? Ela deslizou as mãos em torno de seu pescoço.

— Ele estava a ponto de matá-la para descobrir onde está Miri. Um homem não vai tão longe exceto a menos que ele esteja desesperado.

Raisa olhou para Jace novamente. Ele estava se mexendo. Slade estava pairando sobre ele com o seu dispositivo, olhando para a tela e murmurando "*Perfeito*" a cada dois segundos.

- Ou talvez ele seja apenas patético.
- Tomo isso que não está pasmada por sua bonita beleza?
- Ela balançou a cabeça e descansou seu rosto sobre o peito.
- Ele não é meu tipo.
- Agora que poderia ser um problema.
- Por quê?
- Porque ele vai insistir em fazer parte da equipe que está saindo amanhã para resgatar Miri.

CAPÍTULO 21

Homens com armas estavam em toda parte. Testosterona e energia inundavam o ar em uma combinação irresistível enquanto Renegados preparavam-se para a missão de resgate. Jace supervisionou tudo, frio e mortal, com a mente focada em sua determinação de trazer Miri para casa. Raisa poderia gostar dele só por isso.



Allie veio junto de Raisa no alpendre de madeira do fundo da cabana de hóspede, abanando o ar na frente do rosto como se isso pudesse remover a aura opressiva.

— Faz-lhe náuseas, não é?

Raisa olhou para ela.

— Não haviam dito a você que se mantivesse afastada de mim?

— Caleb me diz para fazer um monte de coisas. — Allie disse, olhando totalmente despreocupada.

— E então?

Allie descansou seus braços sobre o montículo de seu estômago.

— Enquanto ele pode escorregar e esquecer que século ele está vivendo, eu sou muito mulher do século vinte e um, as vinte e quatro do dia os sete dias da semana tomo minhas próprias decisões sobre o que vou fazer.

— Realmente não é seguro estar próxima de mim.

— Porque você pode explodir a qualquer momento?

Raisa com a cabeça.

— E porque eu posso sugar a vida fora de você em um segundo.

Allie sorriu.

— Bom, eu posso dobrar sua mente na metade desse tempo, mas como nos vejo ambas muito por cima da escala evolutiva para semelhantes indulgências irrefletidas, acredito que as duas estamos a salvo.

— Você pode embaralhar as mentes?

— Na maioria dos casos é uma habilidade inútil, mas veio a calhar quando o Santuário me prendeu.

— Eu não sabia que você foi uma prisioneira do Santuário.

— Eles provavelmente não iam anunciá-lo. — Ela inclinou a cabeça para o lado. Seu cabelo oscilou ao redor de seu rosto, captando a luz da lua antes de acrescentar uma sombra a seu sorriso— Não fui a mais cordial das convidadas.

Raisa descansou as mãos sobre o trilho da varanda.

— Agora, por que eu tenho a sensação que é provavelmente o eufemismo do ano?

— Provavelmente porque você é uma mulher astuta com instintos bem afiados.

Apesar de suas preocupações, Raisa não podia deixar de sorrir. Allie tinha um caminho sobre ela que era ao mesmo tempo confiante e irônico.

— Você está louca.

— Minha família certamente pensa assim.

— Você tem família?

O sorriso Allie sumiu.

— Seis irmãos e um pai.

Raisa piscou enquanto ela absorvia as ramificações disso.

— Isso deve ser difícil.

Allie esfregou a barriga.

— E é. Todos pensam que estou morta.

Quando Raisa morreu, não tinha havido ninguém que a chorasse. Raisa não se podia



imaginar o que tivesse feito se ainda tivesse havido alguém amado no lado mortal.

— Como você lida com isso?

— Por agora, como não encontrei uma maneira de que nenhuma outra coisa funcione, estou deixando que acreditem que estou morta.

— Mas está tramando algo que sim funcione?

Allie olhou através do complexo para Caleb.

— Claro.

Raisa chegou à conclusão, por como Allie apertava a mandíbula quando observava a seu marido, que Caleb se sentia confortável com o cenário da morte.

— Pois estou muito segura de que conseguirá.

Allie cortou-lhe um olhar irônico.

— Obrigado pelo voto de confiança.

— Oh, eu quero dizer isso. Se alguém pode fazê-lo, você pode.

As sobrancelhas de Allie subiram.

— Isso foi um insulto ou um elogio?

— Definitivamente um elogio. Quem pode segurar Caleb pode lidar com qualquer coisa.

O sorriso de Allie voltou com toda sua força.

— Você faz parecer como tal tarefa, quando, na realidade, é divertido.

Foi a vez de Raisa para olhar surpreso.

— Diversão.

— Sim. — Ela esfregou a barriga. — Meu marido é um dos poucos homens que podem envolver-me em uma batalha de inteligência e apreciá-lo.

Raisa não poderia envolver sua mente em torno disso.

— Então eu acho que ele não faz parte da família que acha que você é louco?

— Caleb? Não. — O sorriso de Allie suavizou-se da mesma maneira que seu olhar quando ela procurou seu marido que estava lendo agora o ato de motim para alguém sobre o cuidado que ele demonstrou em direção a uma arma. — É como um gatinho em minhas mãos.

Raisa não pensava que o were que estava atualmente enfrentando ao mau gênio de Caleb o visse como um gatinho.

— Uh-huh.

Allie inclinou-se contra o apoio do telhado. Sua expressão era conhecedora.

— Mais ou menos como Jared no que se trata de você.

Raisa fez uma careta.

— Provavelmente não é um bom momento para ir por aí.

— A outra mulher olhou fixamente para os hematomas no pescoço de Raisa.

— Por quê? Porque ele e Jace estão em desacordo?

— Porque tudo o que trouxe para esse homem é desastre, e antes ou depois vai ver que não sou precisamente uma vantagem.

— Não vai.

Raisa estava igualmente segura de que sim. A tensão entre o Jared e Jace era evidente inclusive a esta distância.

— Ele ama seus irmãos.



- Sim, mas ele precisa de você.
- Só a parte dele que é vampiro.

Allie revirou os olhos.

— Porque eu sou a única que não compartilha sentimentos? Não há Jared vampiro e Jared humano. Eles são uma e a mesma pessoa, e essa pessoa cuida e precisa de você.

- Vocês não entendem.

— Oh suficiente. — Allie interrompeu, tirando a franja dos olhos. — Eu entendo muito. Eu entendo que se o seu último nome é Johnson e você é homem, você prosperará em conflito e estresse. Eu entendo se o seu último nome é Johnson e você é homem, seu coração é intocável até encontrar uma mulher, e depois cair como uma rocha, à primeira vista. Eu entendo se o seu último nome é Johnson e você está no amor, não há nada que segure mais caro do que sua mulher, mesmo se você é um idiota autocrático de mostrar isso.

- Caleb não me parece como um idiota.

Caleb voltou naquele momento preciso. Ele se acalmou quando ele notou a presença de Allie na varanda ao lado de Raisa. Allie sorriu e acenou. Caleb franziu a testa e estalou uma ordem por cima do ombro antes de ir caminhando na direção delas.

- Então, preste atenção. — Allie ordenou.

Tão logo percebeu Jared ir em direção a Caleb, ele mudou de curso. Raisa suspirou.

- Caleb está protegendo você, não colocá-la contra seus irmãos.
- Ele o fez.

Raisa realmente queria ouvir essa história.

- O que você fez sobre ele?

Allie olhou para ela como se ela tivesse perdido a cabeça.

- Deixá-los pensar. Eu tinha outras coisas em minha vida para fazer.

Deixe-os pensar. Allie disse que, como se fosse a única coisa lógica a fazer, mas a lógica não tem nada a ver com esta situação. Caleb fechou a distância entre eles rapidamente. Jared fechou do outro lado do pátio com a mesma velocidade. Ambos os homens usavam chapéus que jogava suas expressões na sombra, mas nada podia disfarçar a agressão no conjunto de seus ombros ou a determinação em seus passos.

- Caleb não parece feliz.

Allie era extremamente despreocupado com a enorme raiva do vampiro.

- Ele está apenas fora das sortes, porque ele tem que ficar em casa e perder a diversão.
- Ele está ficando em casa?

Ela acariciou sua barriga.

— Eu só posso ter o seu sangue, e eu preciso me alimentar muitas vezes, então ele não pode se afastar muitas horas.

- Ele não se importa?

— É obvio que se importa, mas lhe importa muitíssimo mais que sua mulher e filho sofram. E se houver uma coisa que os Johnson entendem à perfeição, é a necessidade de chegar a um acordo.

— Um acordo no que? — perguntou Caleb, seu olhar percorrendo o corpo de seu esposa antes de dirigi-lo a Raisa.



— Relacionamentos. — Allie virando o rosto para um beijo.

Caleb deu-lhe, os olhos ainda vigilantes sobre Raissa.

Só para chatear, Raissa inspirou e inchou o peito. Ele girou e se encurvou, protegendo Allie.

Raissa podia ouvir o suspiro de Allie. Seus dedos eram brancos contrastando com casaco castanho-escuro de Caleb enquanto ela acariciava suas costas, antes de pisar em torno dele.

— Você se preocupa demais.

Caleb deu-lhe um olhar irritado.

— Você não se preocupa o suficiente.

O degrau do alpendre rangeu. O aviso tinha de ser intencional.

— Pelo amor de Deus, Caleb. — Jared resmungou com exasperação. — Raissa nunca colocaria Allie em risco.

Seu braço saía em torno de seus ombros. Familiar, pesado e quente. O calor se afundou mais profundo do que a pele dela quando ela percebeu que ele não estava mentindo. Ele realmente acreditava que ela não iria deixar Allie ser ferida. Ela se inclinou para o lado dele, sentindo o seu início e, em seguida, a sua satisfação como sua energia mista. Era bom saber.

— Não intencionalmente. — Caleb concordou.

— Você realmente acredita que, tão hábil quanto ela está com a energia, que Raissa não sabe se um sinal de morte estava sendo enviado?

— Ela só tem uma fração de segundo.

— Ela é um vampiro! — Allie cortou, apoiando as mãos no peito do marido, a saliência da barriga forçando-a para trás do arco. Caleb tomou o seu peso facilmente. — Como é muito mais alerta que ela precisa?

— Boa pergunta. — Caleb caiu um beijo na bochecha antes de alisar e olhar para Raissa. — Mas isso ainda era uma coisa de merda para fazer.

Ela encolheu os ombros.

— Basta cumprir as suas expectativas.

— Serve-lhe bem, — Jared cortou, — para reagir ao invés de pensar. O implante é em sua cabeça, não no peito.

Allie olhou para ela.

— Eu pensei que era engraçado.

O “Bem” de Caleb misturado com “obrigada” de Raissa.

— Que, naturalmente, torna tudo bem. — Allie continuou como se o desagrado de Caleb não a estivesse a rodeando.

— Não, não.

Allie olhou incisivamente ao redor.

— Você realmente quer discutir comigo aqui? Com todo mundo assistindo?

Caleb fingiu estar considerando.

— Sim.

— Você vai perder, você sabe.

Sua grande mão envolveu o rosto pequeno. Havia tanto amor no gesto.

— Eu vou arriscar.

— Bom, pois por uma vez preferiria que não o fizesse. — interrompeu Jared.



— Desmancha-prazeres. — Allie atirou de volta.

Jared apenas sorriu.

— Eu sei quanto tempo vocês dois podem recorrer a estas discussões, e nós precisamos ir.

Para resgatar Miri. Rai olhou para o quintal para os homens de olhar duro se preparando para a batalha. O momento de humor morreu, e a fria realidade da impossibilidade de que eles estavam indo para tentar se afundou em seus ossos.

— Eles sabem que não vai ser fácil, não? — Raisa perguntou.

Jared ficou sério instantaneamente e assentiu com a cabeça.

— É por isso que eles estão usando armas pesadas.

O sarcasmo pousou em sua insegurança.

— Eu sei que eles pensam que sabem, mas o Santuário tem muitos vigiando Miri. Eles não vão deixá-la ir sem lutar.

— Nem nós o faremos.

— É só que ela não é como as outras mulheres que já foram capturadas. — Raisa esfregou as mãos para cima e para baixo nos braços, frios por dentro, sem olhar para Jared, não olhando para Caleb e Allie, apenas incidindo sobre os homens no quintal. Jace em particular. A esperança de Miri. — Eles acham que porque eles poderiam coletar amostras de DNA de hormônios e por toda a sua gravidez que ela é sua melhor chance de criar o primeiro Super bebê do Santuário, e eles não vão recuar, mesmo que as chances se voltem contra eles.

— Raisa. — A voz familiar deslizou em seus nervos.

Não era surpresa quando Jared deslizou o dedo sob o queixo e inclinou o rosto para cima. Sua expressão era absolutamente séria enquanto os olhos encontravam os seus.

— Confie em mim.

Ela só bateu para fora.

— A maneira como você confia em mim?

Sua sobrançelha direita levantada, e com o dedo enrolado apertado sob o queixo.

— Eu confiei em você o suficiente para trazê-la para minha casa. Quanto mais você precisa?

Ela nunca tinha pensado nisso dessa forma. Para Jared, sua família era tudo, mas ele a trouxe aqui, para o lugar onde os Renegados se escondiam, onde a esposa grávida de seu irmão esperava para dar à luz, para onde Slade tramava todas as suas invenções. Ela só tinha uma coisa para perguntar.

— Por quê?

Seu dedo acariciou o rosto para baixo. A agitação de sua cabeça era infinitesimal. Ele estava balançando a cabeça para ela ou a si mesmo?

— Porque meus instintos me dizem isso e porque você é minha família agora. Entendo que se seu sobrenome for Johnson e está apaixonado, não há nada que aprecie mais que sua mulher.

Jared estava apaixonado por ela? Raisa acalmou o galope de seu coração, agarrou-se à possibilidade, ocultando-a como um tesouro que devia ser explorado em momentos mais seguros, e perguntou:

— Isso significa que terei que viver com estresse?

Jared piscou. Allie riu.



— Há maneiras de contornar isso.

— Graças a Deus. — Ela encontrou os olhos verde floresta de Caleb. Talvez porque ela se sentiu mal sobre a sua piada mais cedo ou talvez porque ela só precisava fazer algo de bom, ela lhe disse: — Eu nunca deixarei o Santuário ferir qualquer um de vocês por mim.

— Sua palavra?

Ela assentiu com a cabeça.

Caleb soltou Allie, sujeitando-a um momento enquanto ela recuperava o equilíbrio, e então estendeu a mão. Durante um segundo Ralisa não se pôde mover. Caleb

esperou. Jared estava de pé detrás dela. Dando-lhe apoio, deu-se conta, seja como fosse que ela decidisse tomar o gesto. Como se supõe que você pode resistir a um homem que te dá sua aceitação incondicional? Não pode.

Bom, perdão se não saber o que fazer com algo que jamais tive antes.

Poderia aceitá-lo.

Isso seria arriscado. Tinha acreditado em pessoas no passado, e tinham acabado traindo-a, livrando-se dela quando gostou. Isso lhe tinha ensinado a pensar nas relações como colaborações a curto prazo. Com isso se sentia cômoda.

Agora, Jared queria que voltasse a ver as coisas do modo que a tinha deixado devastada tantas vezes.

—Ajudaria se dissesse que os únicos que mordo ultimamente são os weres e Allie? — perguntou Caleb, com um gesto divertido na boca e sua estúpida mão ainda estendida, uma grande tentação para que ela cedesse a seus velhos costumes auto-derrotistas. Pelo amor de Deus! Acabava de conseguir convencer-se neste último século que não necessitava de ninguém mais que a si mesma.

— Talvez.

Caleb olhou para Jared. Eles estavam obviamente, se comunicando telepaticamente. Caleb retirou a mão, e ele estudou-a em uma forma que era muito parecido com Slade, quando estava no meio de uma experiência.

— É a verdade.

— E eu tenho que acreditar nisso?

—Em algum momento terá que acreditar em algo. —interrompeu outra voz masculina do pé das escadas .A raiva residual de Jace enviava calafrios aos braços de Ralisa. O irmão de Jared. O homem que ela pensava ter abandonado Miri. O homem que movia céus e terra em um plano louco para resgatá-la.

— O jeito que você acreditou em mim?

Parte dela ainda manteve um rancor que ele tentou estrangulá-la. Ele não recuou de seu brilho.

— Miri acreditou em você. Isso é bom bastante para mim.

— Eu poderia estar mentindo.

— Você não está.

— O que o faz ter tanta certeza?

— Você não iria trair Jared.

— Você não tem absolutamente nenhuma prova disso!



Ele empurrou o chapéu para trás, revelando o propósito frio, duro em seus olhos e do humor irônico afiando sua boca.

- Eu tenho o meu instinto. O que mais eu preciso?
- A prova positiva.
- Não há tal coisa nesta vida.
- Assim sendo, nós decidimos colocar os ovos na cesta. — Caleb interveio.

E essa fé poderia ter algum valor se o Santuário acreditasse na mensagem que ela ia enviar. Se não decidiam lhe voar a cabeça dos ombros só por divertir-se. Se já não tinham matado Miri. Se o invento de Slade funcionasse. Se, se, se...

Ela mordeu o lábio. A mão de Jared veio ao redor de sua cintura, firme e forte. Peito pressionado em suas costas, sólido e com espessura do músculo poderoso. E tudo ao seu redor, tanto em uma capa invisível, a sua energia se enroscou com o dela, tão entrelaçada que ela não sabia onde a sua começava e onde acabava a dele. Ela piscou. Quando havia acontecido isso? Quando ela tinha se comprometido com ele tão completamente que qualquer coisa que ela dissesse o contrário agora, era apenas um jogo de palavras?

Diabos, estas coisas sempre aprontavam com ela.

- Imagino que se for pôr nesse plano não vou poder continuar ressentida com você.
- Eu apreciaria se você não fizesse. — Jared murmurou acima dela, sua sombra se estendendo sobre ela enquanto ele se inclinava para baixo. — Jace é um dos meus irmãos favoritos.

- Todos são seus favoritos. — ela resmungou.
- Verdade.
- Mas não meus.
- Acabaram sendo.

Ela apoiou sua cabeça atrás, no peito dele para ver sua cara; não tinha bom ângulo. Tudo o que podia ver era a parte externa de seu chapéu. Manchas de seus dedos abundavam na borda. Definitivamente merecia uma lavagem. Ela levantou a mão e tocou a sombra de barba na parte baixa de seu queixo.

- Você está muito confiante sobre isso.

As pontas de seus dedos lhe acariciaram a bochecha antes que sua mão tomasse a dela, fazendo que ambas descansassem no ombro dela.

- Você tem um coração muito mole.
- Não por muito tempo. Estou trabalhando em endurecê-lo.
- Então nós vamos ter que trabalhar rápido na vitória sobre você. — exclamou Caleb.

Não ia ser tão difícil.

- Basta tirar Miri e você pode chamá-la um negócio feito.
- A liberdade de Miriam é a minha dívida. — Jace corrigiu em silêncio.
- Ela é minha amiga. — rebateu Raisa, apenas no caso de ele pensar que sua reivindicação era maior.
- E a minha responsabilidade.



— Oh, pelo amor de Deus — exclamou Allie, as mãos nos quadris. — Reparta a obrigação entre os dois e já basta. Temos muito que fazer para estar brigando entre nós para ver quem lhe interessa mais.

Era por isso que eles estavam lutando? Raisa não tinha certeza. E a partir da centelha de emoção que atravessou o rosto de Jace, nem ele.

Allie se equilibrou com a sua mão sobre o trilho e enfrentou Jace.

— Agora, eu assumo que Slade se juntará a nós em breve?

— Assim que ele colocar os retoques finais no último de seus dispositivos.

— E não houve quaisquer alterações de última hora para o plano? — O arco da sobrancelha de Allie estava subindo.

— Apenas um — Caleb reconheceu.

— E o que seria isso? — perguntou Raisa, sabendo o que era antes que o dissesse pelo modo em que olhava para Jared e não a ela.

— Você vai ficar aqui.

— Não, não vou.

Jared tinha se dirigido nesse sentido na reunião, mas a realidade era que só ela sabia o caminho de volta ao recinto, e explicá-lo não era o mesmo que estar ali. E se o lugar tinha sido cheio de armadilhas no ínterim, só ela o reconheceria. Além disso estava esse outro aborrecido detalhe.

— Você esqueceu que eu sou a única que pode sentir os bandidos quando eles estão camuflados?

A mandíbula Jared era teimosa.

— Nós vamos passar por eles.

— Você precisa mais do que apenas passar por eles. Você precisa passar por eles sem ser detectado.

— Vamos conseguir.

Ela abaixou-se para fora de debaixo do braço.

— Você só não me quer em perigo.

— Nenhum de nós. — Que, surpreendentemente, veio de Jace.

Ela afastou a preocupação.

— Eu não sou a única que precisa de proteção. Miri também.

— Miri precisa ser resgatada. — Jared não veio atrás dela como ela esperava, mas sua energia sim, segurando firmemente a dela, mantendo-os conectados. — Você, raio de sol, como todos os tesouros, precisa de proteção.

— Meu Deus, Jared Johnson jorrando poesia, agora eu vi tudo. — a voz de um homem chamou.

Derek e Slade se aproximaram da casa. Ambos eram de ombros largos e magros arqueado, com o passo mais fácil de guerreiros. As armas apoiada sobre os ombros apenas completava a imagem.

Jared nem mesmo olhou mesmo para Derek.

—Fala comigo quando tiver sua própria mulher. —envolveu a bochecha dela com a mão. — Verá que não há nada que tenha mais valor.



Ao contrário dos Johnsons, os McClarens nunca usavam chapéus. O cabelo curto cortado de Derek brilhava um bronze profundo sobre o seu rosto bonito e de queixo quadrado.

— Não há dúvida de que eu estarei valorizando-a, mas não ao ponto que eu estarei jorrando poesia.

Raisa não pôde afastar seus olhos dos de Jared enquanto este lhe acariciava o lábio inferior com o polegar. Sua energia se estendeu e a dela o abraçou com entusiasmo. O toque de sua mente foi depois, e pela primeira vez, ela a abriu conscientemente a ele.

Sentiu sua surpresa e logo, pura satisfação masculina enquanto avaliava sua resposta.

— Mais uma vez, Derek, fale comigo quando tiver encontrado sua mulher.

Houve um breve silêncio. Caleb quebrou.

— Vou preparar os homens. — girou para ir. Sua bota tocou o degrau de cima, logo o seguinte. Raisa o observou partir, dizendo-se que estava bem, mas sabendo que não. Devia isso a Jared. Agarrou o polegar de Jared com os dentes, o beijou e disse:

—Continue com essa ideia. —Correu para o Caleb, alcançando-o a cinco passos do alpendre.

Ele se girou quando a ouviu detrás dele. Agora que tinha sua atenção, não estava segura do que fazer com ela. Esfregou a palma da mão nos jeans e logo a estendeu.

A sobrelha direita de Caleb se arqueou de uma maneira que recordou muito ao Jared. Ela lambeu os lábios secos.

— Se a oferta seguir em pé, eu gostaria de começar do zero outra vez.

Seu enorme mão engoliu a dela.

—Bem-vinda à família.

Jace e o pequeno grupo de homens corriam através da noite, levando-a com eles no centro do grupo, um exército de sombras mortais atravessando silenciosamente o bosque, deixando-se ver agora sim e agora não sob a tênue luz da lua.

Havendo-se saído com a sua, Raisa levitava junto à formação de homens que a flanqueava, sentindo seu descontentamento a cada passo do caminho. Nenhum a queria ali. Ela gostava de pensar que se saiu com a sua graças à lógica de sua argumentação, mas a verdade era que Slade não estava seguro de que o invento que tinha criado para bloquear o mortal sinal do Santuário funcionasse a tempo se o sinal estava debilitado pela distância. Portanto, sua presença entre os weres armados com o suficiente equipamento eletrônico a fazia sentir a rainha guerreira de uma novela futurista. Chegou-lhe uma ligeira vibração que a recordou que tinha um trabalho a fazer.

—Patrulha à esquerda a um quarto de quilômetro —sussurrou ao auricular.

Houve um murmúrio nos auriculares dos homens a seu redor.

—Repete isso .— se ouviu claro como a água da equipe em sua cabeça. Os aparelhos de comunicação, que otimizavam a oitava profunda de um homem, tinham problemas com sua voz mais alta e suave.

Raisa revirou os olhos e enviou a mensagem ao Jared telepaticamente. Então ele repetiu a mensagem com um baixo sussurro. Jace dirigiu seu curso para a direita. Era para ficar pasmada



que um homem como Slade não tenha imaginado que uma mulher talvez precisasse usar um destes aparelhos.

As mulheres vampiro e were não vão às batalhas, informou-lhe Jared com um ponto afiado.

Pode ser que fosse assim, mas há casos nos que obviamente temos nossa utilidade.

E se sentia malditamente bem. Apesar do aborrecimento, apesar do fato de que provavelmente não sairia desta com vida, Raisa estava encontrando genial ser parte da equipe para salvar Miri. Durante muito tempo tinha sido uma vítima indefesa, mas agora era parte integral de algo maior e se sentia bem ao sê-lo.

Não se torne muito viciada nesse sentimento. Logo que Slade tire esse aparelho de seu crânio, vou rodeá-la com bolas de algodão e a prender em um dormitório assim que voltemos para o Circulo J.

Ela poderia ter discutido isso, mas não tinha energia suficiente. Embora os homens estivessem ajustando sua velocidade a dela, em realidade não estava na melhor das condições físicas e estava se esgotando. Conformou-se lhe mostrando a língua. Um gesto que Derek notou, o que produziu um eco em sua orelha de uma cálida e masculina risada. Ela piscou. Os aparelhos de surdez pareciam estar muito bem ajustados às vozes masculinas. Distraída, não calculou bem o passo sobre um arbusto.

Seu pé ficou enganchado entre os ramos. A neve caiu a seu redor quando seus joelhos golpearam o chão.

Droga!

Antes que sua cara se plantasse na neve, umas mãos a agarraram pelos braços e a elevaram. Jared e Derek carregando-a como se não pesasse nada até que encontrou seu próprio pé.

De verdade eram tão fortes?

—Não, é que você não pesa nada. —Houve um murmúrio que concordava com isso pelo canal de comunicação e um montão de olhares desaprovadores.

Soprou os flocos de neve de seu lábio superior e esfregou a bochecha contra seu próprio ombro.

—Deixem disso. —disse ao microfone— Não vou para casa.

Isso a fez ganhar mais olhares.

—Machucou-se? —perguntou Jared.

Ele sabia que não. Havia sentido sua energia percorrendo-a quando caiu, assim que sua pergunta devia ser para aplacar a preocupação que o estava comendo vivo. Não gostava que ela estivesse ali, não gostava do risco que estava correndo, não gostava que fosse necessário. O fulminou com um olhar, injetando um pouco de humor na tensão.

—Meu orgulho levou um bom golpe.

O gesto torcendo os lábios de Jared poderia passar por um sorriso. Uma gargalhada ou duas lhe chegaram pelo intercomunicador.

—Se você tivesse ficado em casa, onde deveria estar, seu orgulho seguiria intacto.

Ela ignorou os grunhidos de solidariedade de sua orelha.

—Era minha escolha.



— Isso não significa que eu tenha que gostar.

Levavam tendo esta discussão desde que Slade tinha anunciado que não estava seguro de que o aparelho bloqueador funcionasse com um sinal debilitado pela distância. Jared tinha estado mais que disposto a arriscar-se, optando pelo risco menor. Raisa não.

— Não, não tem por que.

— Se você se machucou, poderia te dar um beijinho para curá-la. — ofereceu-se inexpressivo Derek, do outro lado.

Jared imediatamente grunhiu um aviso ao were. Derek não girou a cabeça, mas as rugas juntando-se no canto do olho indicavam sua diversão. O costume do chefe dos weres de provocar Jared normalmente a irritava; mas nesse mesmo momento não. Algo que distraísse Jared de sua preocupação lhe pareceria bem.

— Porra, cara, você está ficando tão previsível, não há muito ponto em que você mais provocar, — Derek acrescentou.

— E o seu ponto seria?

— Bem, com Caleb fora do jogo, você também, e Jace seguindo o mesmo caminho, eu estou correndo para fora de fatores de diversões.

— Consiga um cão.

— Não seria o mesmo.

— Consiga uma mulher.

— Ela está jogando duro para conseguir.

— Ela está brincando de esconde-esconde, — uma voz masculina, ela reconheceu como o novo lobisomem no grupo disse. — E ela não quer ser encontrada.

— Como o seu companheiro. — disparou Derek de volta.

— Silêncio. — Jace sibilou nos fones de ouvido.

Os homens caíram imediatamente de volta para o silêncio intenso. Raisa forçou um sorriso nos lábios na mudança, apesar da dor iniciar de novo em sua cabeça. Aversão sádica do Santuário de "toc-toc".

Eles estavam tentando obter a sua atenção pela última hora. Ela não poderia enviar uma mensagem agora sem revelar sua localização. Ela não podia dizer a Jared porque não tinha confiança que o Santuário continuaria a esperar por ela para dar-lhes o que eles queriam e, portanto, insistiam que ela transmitisse, o que nunca iria acontecer.

Fim da linha, não seria ela a única a pôr em risco esta missão. Miri necessitava de Jace. Jace necessitava de Jared, e todos eles precisavam dela para guiá-los através das patrulhas do Santuário. O que significava que o Santuário apenas vai ter que tolerar sua espera no terminal.

Um fio de energia veio quase de frente. Raisa incidiu sobre ela, tentando separá-lo em tópicos.

Há gente do Santuário em frente.

— Jace, temos companhia. — Jared murmurou em um segmento de som para o comunicador.

— Quantos?

Raisa sacudiu a cabeça.

Dois, talvez três.



— Dois ou três.

— Eles estão nos monitorando?

Jared olhou para ela, aguardando a sua resposta. Como ela deveria saber isso? Ela encolheu os ombros.

— Desconheço.

Jace levantou a mão. Os homens chegaram a parar. Raisa se sentou em um tronco podre, na esperança de que iria segurá-la, porque as pernas não queriam. Jared deu um passo em sua direção. Ela levantou a mão, mantendo-o a uma distância enquanto ela se concentrava sobre a energia que fluía para ela em bandas sutis. As bandas não se mexerem por momentos intermináveis, apenas realizadas a uma distância constante. Será que o Santuário suspeitava que eles estavam vindo? Na última mensagem que ela enviou, disse que os Renegados sabiam sobre um complexo para o leste e eles estavam dirigindo para o oeste, mas ela poderia ter escapado algo. Ela estava tão nervosa, que poderia ter ido além, também, e despertou as suas suspeitas. Ela esperou em uma agonia da dúvida para essas bandas para lhe dar uma ideia do que eles estavam fazendo. Ela nunca superou a espera.

Sem nada para distraí-la, ela não podia ignorar a pulsação seguinte aviso na base do seu crânio. Quem estava no comando do botão que ia levar a sério em breve. Ela enviou um outro pulso de energia para o implante, interrompendo a frequência em que ela esperava parecia estática. Como antes, quando ela tentou fazê-lo, a dor diminuiu antes de voltar, pouco alterada, mas não tão forte. Como se fossem testes.

Jogando com retorno comprou-lhe uma hora, até agora, mas mais cedo ou mais tarde, o Santuário ficaria desconfiado. E sabendo do Santuário, quando o fizeram, eles seriam vingativos. Raisa respirou, para acalmar o pânico no pensamento. Ela nunca foi capaz de se ajustar a dor ou aumentar seu nível de tolerância. Ela temia o momento em que se decidissem puni-la. A única coisa que ela mais temia era deixar Jared novamente.

Com o Santuário sob controle, ela poderia reorientar a energia da patrulha. Ela estava se afastando e um pouco perpendicular ao seu curso atual. Eles estavam em movimento.

Raisa tocou o braço de Jared. No movimento de vários do patrulha olharam para ela com expectativa, esperando em seu decreto. Foi tanto inebriante e assustador saber que confiava nela com sua segurança. Ela fez um movimento de corte em seu pescoço. Jared balançou a cabeça e falou em seu com.

— O caminho está livre novamente.

Outro fio de energia veio com ela. Um que não tinha dificuldade em reconhecer. Ela rapidamente fechou sua mente para dividir com Jared um segundo antes da dor lancetar em seu crânio. Ela cobriu o suspiro, fingindo abafar a tosse. Os homens recuaram em formação, a impaciência irradiando deles como ela teve um segundo extra trabalhando até poucos a capacidade de suporte. Derek estendeu a mão. Ela colocou a dela na dele. Não havia nenhuma maneira ele poder perceber o tremor nos dedos. Seus olhos azuis estudaram seu rosto. Ela forçou um sorriso, sabendo que ele viu o tremor nos cantos.

— Estou um pouco fora de forma.

— Nós só temos uma hora a mais. — Ele olhou para Jared, que estava conversando com Jace. — Você precisa de ajuda, ou você pode fazer isso?



Ela rapidamente levantou-se.

— Eu posso fazer isso.

— Eu só vou dizer a Jared.

Ela pegou o braço dele.

— Não

Se Jared a tocasse, ela não seria capaz de esconder nada dele.

— Ele deveria saber.

— Ele vai saber em breve.

Mas esperemos que não mais cedo do que ele precisava.

Derek olhou por alguns segundos, o que levou Jared chegar até eles.

— Pronto para prosseguir? — Jared perguntou.

Raisa fitou Derek no olhar, pedindo-lhe silêncio. O aceno de cabeça quase imperceptível.

Ela deu um sorriso brilhante a Jared através do consumo de dor prédio dela.

— Sim.

Pelos olhares que os outros homens lhe jogavam, talvez tivesse exagerado o entusiasmo. Pelo modo em que todos a observavam enquanto retomavam o ritmo devorador de quilômetros, estava segura de que sim.

Trinta minutos mais tarde, quatro patrulhas evitadas com mais sucesso e mais uma a frente, ela queimava os pulmões, as pernas doendo, trazendo a cada passo uma lágrima ao olho, Raisa correu para fora do tempo. O Santuário permitiu a ela o luxo de saber que estava vindo, deixá-la sentir o acúmulo de poder a maneira de sentir o sorteio de uma onda antes que ela desabou. Ela tropeçou na antecipação da agonia uma fração de segundo antes que ela chegasse, agarrando em Jared. Ela viu as sobancelhas pressionando para baixo em uma carranca, ouviu sua maldição e, em seguida, uma pressão de agonia golpeou através da base de seu crânio, baixando para baixo através do oco de sua coluna vertebral, cortando como se fossem navalhadas de dor, muitíssimo pior que antes.

O braço de Jared veio ao seu redor.

— Raisa!

Ela sentiu seu apelo contra a sua orelha, ouviu o espancamento batendo nos escudos que tinha colocado em torno de sua mente. Ela não podia responder, paralisada pelo tormento sem fim que rasgou todas as suas terminações nervosas. Um borrão de preto fechava em torno dela. A banda de aço comprimido suas costelas. O mundo inclinado. Ela enterrou seu grito contra o lado de Jared, cavando suas garras em sua carne. As mãos presas em torno de seus pulsos e puxou-os.

— O cheiro do sangue vai chamar a patrulha do Santuário. — disse Jace, seu sotaque duro mal audível por causa do fone de ouvido. Ele estava certo. Ela tinha que retrain suas garras. Ela não podia. A dor era muito intensa, o seu instinto de sobrevivência, levando à necessidade de defesa.

— Espere, raio de sol. — voz profunda Jared deslizou como um bálsamo sobre sua angústia, acalmando as arestas mais ásperas. — Apenas cinco minutos.

Ela não iria sobreviver cinco minutos disto. Ela agarrou seu lado e segurou. Corte suas garras através de seu casaco e uma camisa ao invés de sua pele, ele levou-a consigo. Foi o melhor ela poderia fazer.

— A patrulha. — ela conseguiu suspirar.



— Foda-se a patrulha. — Isso foi Jace.

— Tão perto. — Eles estavam tão perto de resgatar Miri. Eles não poderiam ser detectados agora, não por causa dela. Os músculos de Jared se apertaram. Sua energia queimava para fora. Árvores passavam em um borrão enquanto ele colocava mais velocidade.

Ela arrastou-se contra seu corpo, orientada para passar pela agonia, e a batalha para não chamar. Ela podia sentir o suor escorrendo pelo rosto.

— Sangue.

O sangue dela. Sentiram o seu sangue.

Não se preocupe sobre isso.

Enxugou o rosto em sua camisa, tentando evitar as gotas de bater a neve, deixando um rastro.

— Quão ruim ela está? — Derek perguntou.

— Muito ruim.

Bosta! Eu sabia.

A energia de Jared afiou a um ponto de navalha.

— Sabia o que?

— Sabia que ela não estava bem na última parada.

O “e você não me contou?” de Jared coincidiu com o “Isso vem acontecendo em quase uma hora?” de Jace.

— Ela disse que estava cansada.

Jared rangeu os dentes em que a revelação de como as mãos de Raisa subido ao ombro. Ela não iria querer fazer algo para arriscar o salvamento de Miri. Ela tinha uma coisa, como Allie iria colocá-lo, por não decepcionando as pessoas. Droga, ele deve ter visto os sinais.

Ele envolveu a cabeça na mão, apoiando-a enquanto ela enfraquecia.

— Dê-lhes alguma coisa. — Ele apoiou o pedido com todos os bits de compulsão que ele conseguia. Ele correu para a parede viva de sua vontade. Ela balançou a cabeça e logo gemeu. Seu corpo ficou rígido. Merda! Ela não ia fazer, e ela era teimosa o suficiente para ter certeza que ela não o fez.

Jace.

O quê?

Ela não vai fazer isso.

Maldição. Isso foi uma pausa em que Jared podia sentir mente de Jace de trabalho e reformulação do plano.

Se nos separamos, e se ela puder aguentar mais dez minutos, ainda temos uma chance. Ela pode esperar?

Não.

Débil e frágil, o “posso aguentar outros dez minutos” de Raisa superou a negação dele. A resposta de Jace foi imediata e assinalou a seus homens para que se dividissem, correndo todos, exceto Derek e Slade. Seu turno, Jared.

O “temos que tentar de Raisa lhe cravou na culpa, a convicção. Se fosse ele, diria “venha, vai”, mas não era ele, era Raisa, e nada era mais importante que ela. Olhou para baixo. Estava sangrando pelos poros, os olhos, os ouvidos e nariz. Não ia aguentar dez segundos mais, muito



menos dez minutos e ainda assim, sua determinação o alcançou, o rodeou. Não, não podia.

Não falharei com você. O pensamento imediatamente empurrado em sua mente, um grito de seu coração.

Maldição. Era por isso? Pensava que tinha que provar-se ante ele?

Jared envolveu Raisa em sua energia, lutando para manter sua fúria na baía longa o suficiente para dar para trás alguma da paz reconfortante, ela sempre lhe deu tão livremente.

— Dê-lhes alguma coisa. — A ordem de silêncio caiu em sua cabeça, nenhuma acusação na voz de Jace, apenas aceitação.

O protesto de Raisa foi imediato. *Não. Nos localizarão.*

Houve uma pausa dura em relação a Jace, um momento de desespero e perda, e então ele estava de volta em controle de si mesmo. *Faça, Raisa.*

Dentro de Jared, a negação jorrava. Jace merecia a sua felicidade.

Jace não permitiu que o chegasse a expressar. *Sua companheira está aqui.*

E a sua pode já estar morta.

Jace foi mais longe agora. *Faça o que você tem que fazer para salvar Raisa. Se eu puder tirar Miri, eu vou.*

E se você não puder?

Eu vou morrer tentando.

Sempre foram os irmãos Johnson juntos contra o mundo.

Foda-se. Eu não estou indo para a eternidade sem um irmão.

Você tem a sua esposa.

Ele era o tipo egoísta. Ele queria tudo.

Às vezes você apenas tem que tomar o que você começa, Jace respondeu antes de cortar a ligação, deixando Jared sem nada para segurar, exceto a mulher em seus braços.

À direita, uma sombra mais escura brilhou entre as rochas. A caverna?

— Slade? — Jared murmurou no comunicador então Derek poderia entender.

— Eu o vejo. Vamos esperar que seja grande o suficiente.

Derek olhou para Raisa, a boca definida em uma linha sombria.

— Vai ser grande o suficiente, mesmo que eu tenha que fazer isto.

Jared concordou. Eles estavam fora do tempo e opções.

A caverna era pequena, quase grande o suficiente para protegê-los do sol. Derek ficou de guarda na entrada. Raisa gemeu, quase inconsciente.

Jared olhou para Slade.

— Você pode retirar o aparelho de sua cabeça?

— Sim, mas ela poderia entrar em choque.

— Não pode ser pior do que o que ela está passando agora.

Slade suspirou, seu olhar simpático.

— Sim, isso seria difícil de superar. — Ele abriu um pacote cirúrgico e colocou-o no chão. — Segure-a firmemente. — De sua mochila, ele tirou o aparelho da energia de bloqueio que ele criou e pôs ao pé dela. — Se ela se move no tempo errado, todos nós poderíamos explodir.

Slade configurou o equipamento com rápido, movimentos eficientes. Não era rápido o suficiente.



— Depressa!

Slade olhou para Raisa. Sua boca em uma linha sombria.

— Estou indo.

Jared embalou a cabeça da Raisa com sua mão, deslizando-se facilmente pelas poucas proteções que ela podia manter, rastreando a dor até a fonte, encontrando a frequência do transmissor em seu interior, piscando surpreso ao dar-se conta de que ela ainda bloqueava a frequência de envio.

— Você é uma mulher incrível, raio de sol. — Sua surpreendente, incrivelmente forte mulher, única. E a eles tinham torturado e humilhado. Usado, e abusado dela, e a convencido de que ela era dispensável. Malditos, todos para o inferno.

Ela deve ter sentido a sua presença.

Jared. O sussurro mental era muito fraco.

— Bem aqui.

Amo você.

O grito mental que marcou essa declaração rasgou seu coração. Ele não lhe daria permissão para deixá-lo, respondendo na mesma moeda.

— Diga-me novamente quando você estiver se sentindo melhor.

A agitação de sua cabeça estava mais uma contração do músculo do movimento.

O que... digo a... eles?

Jesus, ela ainda estava tentando ganhar tempo para Jace. Ele roçou os lábios em seus olhos, a vibração de seus cílios um sussurro de asas de borboleta de encontro lábios, sua força vital de um pulso irregular.

Eles a estavam perdendo. Luto e fúria em volta do seu medo, apertando-a até que não havia nada dentro, mas a raiva gelada.

— Diga-lhes que estou indo atrás deles.

CAPÍTULO 22

Ela estava em uma caverna. O odor tenebroso do interior parecia infiltrado em seus poros, o que significava que ela esteve aqui por algum tempo. Raisa manteve os olhos fechados, avaliando sua condição física. Não era mais agradável do seu ambiente. Ela estava fraca, a boca seca, e na base do crânio, havia um pulsar constante.

Eles conseguir retirar o dispositivo do Santuário? Ela começou a levantar sua mão e logo reconsiderou quando um choque agudo de dor abateu de seu ombro e sobre o peito. Inventários posteriores revelaram que todos os músculos do seu corpo doíam ao ponto que o movimento ia ser agonia. Ter de remover o dispositivo causou danos? Era por isso que ela estava tão fraca e por isso foi tão difícil para ela se mover?

Ela ficou lá, ouvindo o som da água escorrendo à distância e tentou se lembrar do que tinha acontecido. Lembrou-se de Jared dizendo-lhe para dar algo ao Santuário, em seguida, tentar e estar fraca demais para fazer isso. Lembrou-se a intenção, o frio mortal dentro de si unindo enquanto ela lutava para enviar a mensagem. Lembrou o sentimento de Jared assumir quando ela



falhou. Lembrava de ter ouvido seu sotaque ressoar dentro dela ao mesmo tempo que repercutiu no exterior uma promessa letal.

Eu estou voltando para você.

Ela estremeceu com a lembrança. Era uma coisa saber que Jared foi capaz de matar. Foi outra a intenção de se sentir dentro dele, para saber as profundezas do que era capaz. Mesmo que fosse pelos motivos certos. Havia algumas ilusões que ela prefere manter.

— Você está pronta para se juntar a nós novamente?

Raisa lambeu os lábios secos com a língua também seca. Ela não conseguia colocar a voz.

— Depende.

— Do quê?

Slade. Era Slade que estava conversando com ela. O núcleo de irracionalidade que se apegava à esperança que Jared tinha ficado com ela ao invés de seguir o seu irmão murchou. Ela disse a si mesma que estava muito bem. Disse a si mesma que fez mais sentido para ele deixar Slade com ela do que ficar mesmo. Ele não era médico. Ele era um guerreiro, e Jace precisava de um guerreiro na batalha. Dizendo-se tudo o que não fez o fato de que ela não tinha chegado pela primeira vez com ele doer menos.

— Você conseguiu tirar o implante? — Sua voz soava como uma lixa deslizando em metal, arranhada e irritada.

— O quê? — perguntou ele com uma facada no humor. — Você não acredita no que a dor no seu pescoço está lhe dizendo.

Ela apreciou sua tentativa de humor, embora ela não pudesse tocar junto.

— Não tome isso como algo pessoal.

— Eu vou tentar não tomar.

Ela ouviu o raspar de sua palmilha na sujeira enquanto ele mudava de posição. Sua energia a atingiu em um golpe irritante.

— Você está pensando em abrir os olhos a qualquer momento em breve?

Não. Se ela o fizesse, poderia rebentar em lágrimas. Ela estava ferida, e ela só queria Jared. E quando ela abriu os olhos, ele não ia estar lá. Senhor, era patético.

Ele suspirou.

— Bem, isso vai complicar minha visão de como suas pupilas reagem.

Esse foi um chamariz.

— Por que você precisa para ver como minhas pupilas reagem?

— Esse implante foi anexado à sua coluna. Há uma chance de eu ter danificado algo na retirada.

Ele disse isso tão calmamente, como se não fosse grande coisa, mas ele estava falando de sua coluna vertebral, os nervos. Ela tentou conter a inundação de pânico.

— Que tal você tentar mover seus braços?

— Que tal eu não fazer. — Ela não tinha ideia de se regenerar nervos vampiro como seus corpos faziam. O pensamento de viver por toda a eternidade paralisada era aterrador. O pensamento de tentar mover-se não foi pior.

Um golpe de propagação calma sobre ela em pânico.

— Raio de sol?



Jared. Uma fração de segundo depois que ela sentia em sua mente, ele estava na caverna, deslocando o ar de pânico e enquanto ele se instalava ao lado dela, enchendo o espaço com seu cheiro, sua energia, sua força.

— Maldição, Slade, eu lhe disse para não acordá-la antes que eu voltasse da alimentação.

Ela abriu os olhos. O rosto de Jared está virado quando ele olhou para seu irmão, presenteando-a com o contorno em negrito do seu perfil.

— Eu era perfeitamente obediente. — Ele acenou para ela. — Ela é a pessoa que quebrou as regras.

— Dedo-Duro.

Mesmo a sua voz soou rouca. Jared se virou e Raisa prendeu a respiração. Ela gastou todo o seu anseio de vida natural e artificial para que alguém a queira. Olhar para ela como os heróis de romances olhavam para a mulher que amava. Como ela era o sol a sua lua, o coração em sua alma. No momento em que os olhos de Jared encontraram os dela, ela sabia que não tinha sonhado bastante grande.

Ajoelhou-se acima dela, a pele sobre as maçãs do rosto branco, com a emoção que ele estava tentando suprimir. Emoção que transpassaram as bordas de seus pensamentos. Medo, preocupação e algo mais, algo tão intenso que ela estava com medo de nomeá-lo. Ele estendeu a mão para seu rosto. Sua mão tremia, tremia a transferência dele para ela enquanto ele sussurrava asperamente.

— Bem-vinda de volta.

Ela não conseguia desviar o olhar de seus olhos. Eles eram muito verde, muito quente.

Ela tinha que se concentrar para trazer-lhe a mão para cima, mas ela conseguiu. Ela enrolou os dedos em torno de seu pulso e segurou com força.

— É bom estar de volta.

Ele mudou seu aperto, envolvendo a cabeça.

— Como você se sente?

— Como eu fosse atropelada por um ônibus.

Seu polegar roçou sua bochecha.

— Eu aposto.

— Não a mova. — advertiu Slade. — Eu preciso verificar como ela se cura em primeiro lugar.

— Bem, se apresse. — Jared agarrou, olhando para ele novamente.

— Por que, você está com pressa?

— Sim.

Ela tinha que perguntar.

— Para quê?

Jared abriu espaço para Slade para o trabalho.

— Você está atrasando para que surre seu traseiro.

Slade bufou.

— Por quê? Eu não fiz nada.

— O inferno, você não fez. Comprometeu a sua segurança.

— Eu comprei tempo para Jace.

— Você arriscou sua vida!



A sobrelha direita de Slade arqueou enquanto ele colocava as mãos nos lados do pescoço. A pele aquecida e uma estranha sensação trabalhou para fora.

— Eu pensei que você fosse esperar.

— Estou esperando. — Jared falou.

Ele poderia estar esperando, mas seus pensamentos não estavam. Eles estavam inundando em sua mente, e junto com eles vieram imagens do seu rosto pálido, na sua visão da noite, o sangue cobrindo o rosto em uma mancha escura, lacrimejamento dos olhos, escorrendo de seus ouvidos. E junto com a imagem chegou a marca de sua angústia. Total e completa. Absolutamente devastador. Ele não queria viver sem ela. Porque ele a amava. O conhecimento floresceu dentro dela, espalhando e crescendo, enchendo-a com carinho. Ele a amava.

Ela fechou os dedos ao redor dele, segurando-se enquanto Slade deslizava suas mãos sobre seu corpo, sondando com a sua energia para as respostas certas.

— Eu vou ficar bem, Jared.

Seu rosar foi eloquente.

— Você diria que não importa o que era a verdade.

Sim, ela faria. Porque ela não gostava dele se preocupasse. Era doce que ele conhecia tão bem.

Sua carranca ficou mais profunda.

— Não há nada de doce em mim.

Ele estava espreitar em sua mente novamente. Ela apertou sua mão.

— Então você vai ter que começar a ver a si mesmo através dos meus olhos.

A expulsão do ar poderia ter sido um grunhido de desgosto ou de riso.

— Você romantiza tudo.

— Desde que ele trabalha a sua vantagem, porque você está reclamando?

Slade riu enquanto ele inclinou lentamente a perna.

— Ela tem um ponto, lá. — Seu olhar encontrou o dela. — Isso dói em qualquer outro lugar dos seus músculos? — perguntou ele.

Ela balançou a cabeça. Sua mente sondava a dela, verificando a resposta. Um segundo depois sentiu Jared intrometer, também.

— O quê? — Ela olhou entre eles. — Você não confia em mim?

O “mal” de Jared se sincronizou perfeitamente com o “Não” do Slade.

— Bem, isso não é muito lisonjeiro.

— Não era para ser. — Jared enfiou a mão sob a cabeça e olhou para o irmão. — Posso segurá-la agora?

Slade mandou-o antes de recolher o seu equipamento.

— Maluco.

Jared a levantou com cuidado, unindo seu peito com cuidado ao dela. O suspiro da Ralisa se mesclou com o seus quando seus corpos fluíram juntos em perfeita simetria. Ralisa acariciou a energia de Jared com a dela, encontrando essa mesma simetria ali, saboreando sua resposta imediata.

Minha.

Sim.



O beijo do Jared foi tão apaixonado como suas emoções, não lhe deu tempo a respirar nem reagir, lhe reclamando a boca, o fôlego, seu amor. Ele a atraiu a seu interior como se não pudesse conseguir o bastante, como se não pudesse acreditar que estivesse ali. Ela o sustentou através do fluxo de emoções, lhe acariciando as costas com pequenos e suaves movimentos.

Seus lábios se separaram dos dela.

— Filho da puta, eu te amo, Raisa SLOVENSKI, e se você sempre fizer algo tão altruísta e abnegada de novo, eu vou ter seu bumbum para o café da manhã.

— Perverso.

— Eu estou falando sério, Rai.

— Eu sei que você está.

Ele agarrou o ombro dela, seus dedos mordendo no músculo de uma forma que nunca teria se não estivesse tão chateado.

— Eu quero dizer isso. Nada, nada neste mundo é mais importante para mim do que você, e que você não machuque a si mesmo de novo.

A pura intensidade de suas emoções cegou. Ela agarrou os pulsos.

— Eu vou manter isso em mente.

— Eu vou ter que concordar com ele sobre isto. — Slade interrompeu, fechando a sua maleta. — Isso foi muito perto. E Jared, se você não aliviar, a mulher vai ter contusões.

Bosta! Jared soltou seu aperto, mas suas emoções ainda agitado.

Raisa olhou em seus olhos.

— Será que eles entram? Pegaram Miri?

— Eles entraram.

Seu estômago afundou, ouvir o que ele não disse mais alto do que o que ele fez.

— Mas o quê?

Jared apenas balançou a cabeça, seus olhos se encheram com uma tristeza que não podia aceitar. Ela deu um tapa no peito.

— Não! Diga-me que eles saíram.

Ele continuou olhando para ela com aquela tristeza horrível. Ela bateu-lhe novamente.

— Pare com isso. — Ele não parou, não podia parar. E ele não fez nada para proteger-se, apenas disse: — Eu sinto muito.

— Nós não sabemos o que aconteceu depois que a encontrou, — Slade disse de seu lado, pegando a mão dela. — Houve vários tiros e depois o silêncio.

Ela puxou a mão livre, sentando-se em linha reta, ignorando a dor.

— Chame-os naquele comunicador.

— É muito arriscado.

Raisa congelou, a mão dela caindo lentamente sobre o coração de Jared.

— Eles não estão mortos?

Desta vez, Jared respondeu.

— Nós não sabemos. Nós tínhamos um plano B e C, caso as coisas dessem errado, mas a única maneira que nós vamos saber se eles conseguiram é se Jace e Miri aparecerem no ponto de encontro.

Desta vez, ela deu um tapa por uma razão completamente diferente.



— Por que você deixou-me pensar que eles estavam mortos?

— Eu não. Você me perguntou se eles saíram. Eu não pude dizer.

E ele não lhe daria uma falsa esperança. Ela levou uma respiração calmante.

— O que você acha?

Sua mandíbula ergueu.

— Que, até encontrar um corpo, eu não estou acreditando em nada.

O "Amém" de Slade foi um resmungo de aprovação.

Ele não estava fazendo sentido.

— Então por que você diz que está arrependido?

— Eu prometi que eu ia resgatar sua amiga.

E ele não podia dizer-lhe que ele tinha feito. Ela piscou.

— Meu Deus, você acha que eu estou confundido-o com o Superman?

O rosnar Slade não era delicado.

— Aparentemente.

A expressão no rosto de Jared confirmou suas suspeitas.

— Você pode muito bem saber que eu não vou ter isso.

— Ter o quê?

— Não vou tê-lo totalmente macho sobre mim em momentos inoportunos. Eu não sou tudo o que importa. Você importa, também! E se pensar que me esqueci que é seu irmão quem está perdido, também, tem outra coisa da qual preocupar-se. Você tem que ser tão chateado como eu estou com um inferno de uma razão muito mais assim... assim...

Ela calou-se com uma gagueira.

A sobrancelha direita do Jared se elevou de um modo que rogava que lhe esbofeteassem.

— Raisia Johnson, que você acabou de xingar?

Ela tinha. Ela girou para fora do seu abraço.

— Veja até onde você me levou? E meu nome é SLOVENSKI não, Johnson.

— Não será a primeira vez que ele conduz a uma mulher xingando. — exclamou Slade.

Os ciúmes, miseráveis e urgentes, golpearam-na além de seu escudo enquanto colocava os pés sob ela. Esqueceu-se dos doloridos músculos. A caverna girou quando seus músculos apresentaram um protesto ante o repentino movimento. O engano lhe custou segundos preciosos, roubando parte do trovão de sua declaração.

— Bem, será melhor que eu seja a última!

— Fato. Sente-se antes de cair. — Jared pegou sua mão esquerda na sua, abaixando-a com cuidado. Girou a palma para cima e logo abriu os dedos, deixando a palma da Raisia suspensa sobre a dele, muito maior. O polegar descansou no terceiro dedo, esfregando justo debaixo do nódulo, esquentando a pele, marcando-a com seu calor. Seu olhar se encontrou com o dela, mortalmente sério. — Quer se casar comigo, Raisia?

Ela olhou fixamente para o polegar, dedo, rosto. Ele estava pedindo-lhe para casar com ele porque ele sentia que devia isso a ela, ou porque ele realmente queria?

— Não há outra mulher para mim.



Não havia outro homem para ela, tampouco, mas se ela aceitasse agora, nessas circunstâncias, ela sempre se perguntaria. Por três segundos não sabia como responder e, em seguida, um fragmento de uma memória de dar a resposta.

— Pergunte-me novamente quando estivermos fora daqui.

Ele não estava esperando isso.

— Que inferno de diferença isso faz?

— Tudo para mim.

Sua boca se abriu em seguida, e fechou de repente. Ele soltou e sua mão. Derek mergulhou na caverna.

— Odeio ser o portador de más notícias, mas nós temos companhia.

Slade colocou sua mochila a tiracolo.

— Você os cheirou?

— Não, mas eu tenho um inferno de um visual. — Ele acenou com seu rifle.

— Parece ser uma dúzia subindo a encosta.

— Hora de ir. — Jared jogou sua mochila e o rifle de Slade.

Ele pegou-os facilmente.

— Você conseguiu pegar tudo?

— Sim. — Ele pegou Raisa no colo.

Ela agarrou sua garganta.

— Eu posso andar.

Ele passou por ela para Derek.

— Mas eu preciso de você para correr.

Ela não estava preparada para isso. Não sem alimentação. Derek segurou-a como se ela fosse uma peça de porcelana cara até Jared sair da caverna e, em seguida, passou-a de volta.

— Que caminho, Rai?

Ela abriu a mente, a triagem através de todos os campos de energia. Ela apontou para baixo e para a esquerda.

— Dessa forma, é claro.

Jared piscou-lhe um sorriso.

— Não é para cima?

Ela enganchou o braço no pescoço.

— Não se eu puder ajudá-lo.

Seu riso não era o som cheio que ela gostava de ouvir, mas pelo menos ele ainda tinha o seu senso de humor. E enquanto o homem pode rir, ele poderia curar.

— Em seguida, estabelece que é.

Árvores turvavam enquanto corriam. Ela podia sentir os vampiros do Santuário continuando a subir por trás deles. Eles estavam muito próximos. Muito perto. Todos eles tinham que fazer para identificá-los foi olhar para baixo. Ela conferiu ao redor. Não houve cobertura de um quarto de milha. Ela olhou para trás por cima do ombro de Jared. Dois homens do Santuário saíram da caverna.

— Jared?

— O quê?



Os homens assinalaram e gritaram ao grupo que fugia. Mais homens saíram da caverna.

— Eles nos viram.

Bem.

Seu braço deslocado abaixo dela. Músculos flexionados. Ele parou e se virou. No instante seguinte, uma parede de fogo explodiu na frente dos lobisomens. Ela foi seguido rapidamente por uma explosão de som e rochas que vomitou no ar como confete jogado em uma festa.

Quando a fumaça e a poeira baixou, a abertura da caverna e os homens Sanctuary não eram vistos.

Ela recostou-se na medida em que ela se atreveu a ver o rosto de Jared.

— Estávamos carregando explosivos?

Ela se sentia um pouco enjoada com o pensamento.

— Mais ou menos.

— O que você quer dizer, mais ou menos?

Raisa olhou para trás, à área vazia onde os três homens do Santuário haviam estado parados e logo voltou a olhar ao Jared.

— Tudo isso estava em minha cabeça?

— Sim.

Se o Santuário o tivesse detonado, o dispositivo não só a teria explodido, mas sim a todos os que estivessem a seu redor, Allie, Jared, Caleb, e Deus sabe quem mais.

— E o deixou para eles?

— Pensei que mereciam um presente.

Os homens se dirigiram montanha abaixo. Ela olhou a destruição por cima dos ombros de Jared, tudo o que-podia-ter-sido se representava em um grotesco vídeo em sua mente. Isto poderia ter sido ela, teria sido ela, se o destino não a tivesse lançado no caminho de Caleb. E logo no de Jared. Possivelmente Allie tinha razão. Possivelmente as coisas aconteciam por uma razão.

— Jared?

— O que?

— Pergunte-me isso agora.

Ele franziu o sobrecenho.

— Agora?

Ela não podia ver o topo da colina agora. Descansou a bochecha contra seu peito e escutou o batimento constante do coração de Jared.

— Sim.

— Por que?

Ela sorriu e apertou a ponta dos dedos no pulso que podia ver no espaço de sua garganta. Levá-la nem sequer o cansava. Desfrutava de sua força.

— Porque é mais tarde.

— O que, se eu não estiver preparado agora?

— Está.

— O que o faz estar tão segura?

— Porque te amo.

A leve interrupção em sua marcha foi satisfatória. Substituiu as pontas dos dedos com os



lábios.

—Vê, disse a você que era mais tarde —cochichou contra sua garganta.

O pulso de Jared disparou então, um rápido ritmo de desejo e necessidade.

—Não estamos sozinhos.

Ela fez uma pequena mudança de posição que atraiu a cara de Jared a sua linha de visão. Todo o resto desapareceu de sua vista. Deu-lhe seu sorriso mais enfeitiçador enquanto baixava o dedo pelo peito.

—Por isso está ainda vestido.

Sua energia a abraçou. Sua risada a empurrou. Com uma brutalidade que a fez agarrar-se com força, ele deixou de correr. O corpo de Raisa roçou o dele deslizando-se tentadoramente quando ele deixou cair seus pés até que encontrou uma rocha. De pé na rocha, ela quase tinha sua altura. Vamos, viu que os outros paravam, viu-os olhar para, atrás, viu-os lhes dar as costas, lhes outorgando intimidade.

—Então o que a faz ser descarada é uma proposta de matrimônio? — perguntou Jared, enredando os dedos no seu cabelo.

— Absolutamente não. — Ela acomodou-se mais confortável em seus braços, entrelaçando as mãos em seu pescoço. — É preciso muito mais do que isso. É preciso uma promessa de mais tarde. Muito mais tarde. — Ela beijou seu pescoço, queixo, bochecha dele. — mais tarde em que você promete amar-me e eu prometo te amar. Para sempre.

Ela levou sua boca à sua, respirando o passado em seu beijo como sua energia envolvida em torno dela no abraço mesmo aquecida, o seu amor.

— Mais tarde em que nós construímos sonhos, esperanças e um futuro.

O dorso da mão envolveu sua cabeça, inclinando o ângulo de sua cabeça para cumprimentar a inclinação dele. Sua boca fundida com a dela.

— O inferno sim.

Ela separou os lábios, acolhendo o impulso de sua língua, gloriando-se na posse, reivindicação. Jared não fez nada por meias medidas e que incluía amá-la. Graças a Deus.

Ela levantou-se na ponta dos pés, aprofundando o beijo que a fração de uma polegada que assinalou o seu compromisso, para ele, para eles, porque ela não fez nada por meias medidas, quer.

— Eu te amo.

Ele gemeu e puxou a boca da dela, apenas o suficiente para que eles pudessem respirar tanto, suas respirações se misturaram, seus corações correndo em sincronia.

— Eu também te amo.

Ela acariciou sua bochecha.

— Obrigada.

Seu riso macio aquecia o último canto de sua alma.

— Você não agradece a um homem por amar você raio de sol.

— Não. — Ela afagou sua ereção entre as coxas dela e inclinou a cabeça para trás. — Então o que eu faço?

Não havia nada mais quente ou mais segura do que ver a emoção colocar as chamas em seus olhos.



- Você me ama, daqui para a eternidade.
- Eu posso fazer isso. — Seria tão fácil de fazer isso. — O que eu recebo em troca?
- Eu te amar com tudo que tenho.
- Isso é muito.

Sim. Jared descansou sua testa contra a dela, segurando-a perto, mais perto do seu espírito.

— Quer se casar comigo, Raisa Slovenski? Você vai me deixar te amar e te dar prazer todos os dias da sua vida?

Ela juntou os dedos pelo cabelo, batendo o chapéu. Ele caiu no chão com um golpe macio. Ela sorriu para os olhos, dando-lhe o seu coração, sua confiança, sua alma. Sabendo que na parte mais profunda dela que todas as decisões que já tinha feito, cada passo que ela nunca tinha tido em sua vida tinha sido projetado para trazê-la para este momento, neste momento, com este homem. Ela acariciou sua energia ao longo da dele.

— Maldição, sim.

Fim



Comunidade: <http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>

Grupo: <http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Blog: <http://tiamatworld.blogspot.com/>